

**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Rita Miranda Pereira

**Toponímia do Centro Histórico  
de Guimarães : Evolução Histórica**





**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Rita Miranda Pereira

**Toponímia do Centro Histórico  
de Guimarães : Evolução Histórica**

Relatório de Estágio  
Mestrado em Património Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação do  
**Professor Doutor José Manuel Morais Lopes  
Cordeiro**

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### ***Licença concedida aos utilizadores deste trabalho***



### **Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal**

### **CC BY-NC-SA**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

## **Agradecimentos**

“Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe” (Clarice Lispector).

É com esta premissa que inicio os meus agradecimentos, precisamente, por acreditar que o caminho não teria sido o mesmo, se não me rodeasse das pessoas “certas”.

Começo por prestar o meu agradecimento ao meu orientador, Professor José Manuel Lopes Cordeiro, pela sua constante prestabilidade e cooperação.

A toda a equipa do Hereditas, por tão bem me terem acolhido e integrado. Reiterando o agradecimento a toda a equipa, não poderei deixar de destacar a Arquiteta Teresa Costa, que sempre se mostrou disponível e amavelmente me acompanhou ao longo de todo o decorrer do Estágio Curricular. Ainda no contexto da elaboração do estágio, não posso também deixar de mencionar, o Senhor Jaime Filipe, por sempre se ter prontificado a ajudar.

Ao meu núcleo de amizades, que ao longo dos anos se vão revelando as melhores *cheerleaders* que alguém pode ter, obrigada. Às minhas Ritas e à Maria, por serem tão boas amigas e as mais ativas “mentoras emocionais”. Estarei também infinitamente grata à Laura, ao Bruno, ao Diogo e à Rita, por terem sido uma ajuda, incalculável, na elaboração deste relatório. Sempre ouvi dizer que, “melhor que fazer novos amigos, é manter os “velhos””.

Ao Zé Pedro, por me motivar diariamente e acreditar em mim, mesmo quando eu própria não acreditei. Por me fazer rir, sempre que quis chorar e por ser, também ele, um mentor emocional.

Por fim, mas verdadeiramente em primeiro lugar, sou eternamente grata a toda a minha família, por serem a base sólida que nunca me deixou cair.

Dizem que se aprende com os exemplos, e que ótimos exemplos eu tenho a sorte de ter. O meu pai, que é o meu maior exemplo, sem o saber. Que sempre me apoiou em todo o meu percurso escolar (e não só), e que é o maior “espaço” de aprendizagem que conheço. A minha mãe, que é o porto seguro, que soube sempre manter-me calma e elevar-me ao meu melhor. É, também ela, um exemplo de resiliência e força de vontade. Aos dois, que me deram a liberdade de ser o que eu quisesse ser, devo o meu percurso académico.

Não menos importante, agradeço à minha irmã, pelo companheirismo, cumplicidade e amizade.

Às minhas avós (a “Vovó Luísa e a Vovó Teresa”), por terem sido motivadoras constantes e por me incentivarem sempre a ser melhor e a querer aprender mais. Ao meu avô Miranda, por me ensinar tanto sobre tanta coisa, por se interessar pela temática da minha investigação, tanto quanto eu, e por ter vivido essas conversas com o entusiasmo que demonstrou. Ao meu avô Pereira que, se estivesse entre nós, estaria, certamente, orgulhosíssimo do meu percurso.

Às minhas tias, Carmo, Manuela e Elsa. À Dália e ao tio Alberto, por sempre me apoiarem e ajudarem, em tudo o que fui precisando ao longo da vida acadêmica

Por fim, não posso deixar de agradecer ao meu tio Pedro, cuja gratidão aqui expressa nunca será suficiente, para reconhecer e realçar, o seu papel essencial, na conclusão deste mestrado. A ele, coube-lhe todo o *design* do roteiro que aqui apresentei. Um “obrigada” imenso.

A todos aqui mencionados, Obrigada!

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## Resumo

O presente trabalho é, essencialmente, a base para a criação de um roteiro da cidade de Guimarães, que aborda a evolução da toponímia da mesma, roteiro este, que também aqui se apresenta.

Apoiou-se, fundamentalmente, na consulta e análise bibliográfica. A recolha de informações relevantes e que determinaram posteriormente o caminho investigativo a seguir, começa por ser feita em âmbito de estágio curricular, realizado na Câmara Municipal de Guimarães, na Divisão de Centro Histórico.

Analisando a oferta turística existente no município, verifica-se uma lacuna no acesso a este tipo de informação bem como no seu aproveitamento enquanto potenciador do turismo histórico e cultural, que tão importante é para a cidade de Guimarães. Do mesmo modo, pretende-se que os percursos turísticos possam ser alargados para incluir outras ruas, com base na sua curiosa história toponímica, assim como, tentar motivar os visitantes da cidade a visitas menos apressadas, precisamente porque deixarão de restringir-se a um percurso pré-definido com informações quase “telegráficas” sobre as praças, respetivas edificações e alguns eventos históricos muito sucintos. Isto parece então trazer notórios benefícios para toda a economia local.

Assim, o mesmo consiste numa abordagem da evolução toponímica da cidade (enquadrada, sempre que possível, numa contextualização sucinta do desenvolvimento urbano de Guimarães), nomeadamente do Centro Histórico e a Zona Especial de Proteção (ZEP), permitindo que a oferta turística existente passe a conter mais dados históricos ou sobre o património intangível e as tradições culturais da cidade.

**Palavras-chave:** toponímia; Guimarães; roteiro; evolução histórica.

## **Abstract**

The present work is the basis for the creation of an itinerary guide, addressing the evolution of the toponymy of the city of Guimarães, since the very first mentions found.

It was essentially based on consulting the most diverse documentation, from the Municipal Archive, City Council Meeting minutes, literary works and historical articles.

It must be said that, the early collection of relevant information which, subsequently, determined the investigative path to follow, began with the curricular internship carried out at the Guimarães City Hall.

Through a critical analysis to the current tourist offer, one can see that this kind of information is mostly overlooked (which should be considered a gap) hence, it is not being used to enhance the historical and cultural tourism that is, so crucial to the city of Guimarães. Likewise, it is intended that touristic routes can be extended to include other streets, based on their curious toponymic history as well as trying to motivate the city visitors to slower paced visits, precisely because they will no longer be restricted to a pre-defined route with almost “telegraphic” information about the squares, their buildings and some very succinct historical events. This change will have remarkable benefits for the entire local economy.

Thus, it consists of an approach to the toponymic evolution of the city (framed, whenever possible, in a brief contextualization of the urban development of Guimarães), namely of the Historic Center and its Special Zone of Protection, allowing the existing tourism to provide more data on the history and cultural traditions of the city.

**Key-words:** toponymy; Guimarães; itinerary; historic evolution.

# Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
Lista de Abreviaturas e Siglas .....	1
Índice de Figuras.....	2
1. Introdução.....	3
1.1. Objetivos .....	5
1.2. Metodologia.....	6
2. Revisão de Literatura .....	8
3. Breve Contextualização Histórica .....	12
3.1. Evolução Urbana .....	13
3.2. Evolução da Toponímia.....	19
4. Toponímia Histórica Vimaranense.....	24
5. Roteiro Toponímico.....	105
6. Valorização Turística.....	222
7. Conclusão .....	225
8. Anexos .....	226
8.1. Anexo I–Lista de Topónimos: Passado e Presente .....	226
9. Referências Bibliográficas .....	235
9.1. Fontes.....	235
9.2. Bibliografia .....	235
9.3. Webgrafia.....	237

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

**AMAP:** Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

**CMG:** Câmara Municipal de Guimarães

**CTT:** Correios e Telecomunicações de Portugal

**GTL:** Gabinete Técnico Local

**PIDE:** Polícia Internacional e de Defesa do Estado

**ONU:** Organização das Nações Unidas

**UNESCO:** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

**UNGEGN:** *United Nations Group of Experts on Geographical Names*

**ZEP:** Zona Especial de Proteção

## Índice de Figuras

<i>Figura 1: Zona Classificada pela UNESCO e ZEP, Zona Tampão 2020. (Fonte: Imagem cedida pela DCH)</i>	24
<i>Figura 2: Canto superior direito da Figura 1 (Fonte: Imagem cedida pela DCH)</i>	25
<i>Figura 3: Canto superior esquerdo da Figura 1. (Fonte: Imagem cedida pela DCH)</i>	46
<i>Figura 4: Canto inferior direito da Figura 1. (Fonte: Imagem cedida pela DCH)</i>	50
<i>Figura 5: Canto inferior esquerdo da Figura 1. (Fonte: Imagem cedida pela DCH)</i>	89

## 1. Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito de um estágio curricular para o Mestrado em Património Cultural na Universidade do Minho. O referido estágio foi desenvolvido na Câmara Municipal de Guimarães (CMG), integrado na equipa do projeto *Hereditas*.

O projeto *Hereditas*, terá sido criado com o objetivo de elaborar uma base de dados do património cultural, incluindo assim, o património edificado, o património natural e imaterial, abrangente a todo o concelho de Guimarães. Desenvolvendo a valorização e inventariação da oferta patrimonial do concelho e alargando, desta forma, o destaque que até à data era (quase) só dado ao Centro Histórico. Procura-se então, não só um registo, como a preservação e um possível aproveitamento turístico da maioria do património inventariado no âmbito do referido projeto *Hereditas*. Este projeto, embora integrado na autarquia do município de Guimarães, trabalha em constante colaboração com a Direção Regional de Cultura do Norte.

Note-se que, a elaboração do presente trabalho não se focou de todo no desenvolvimento fisionómico e urbano da cidade, tampouco nas suas edificações, ainda que, sempre que possível e justificável, o mesmo seja sucintamente mencionado.

Assim, a finalidade da investigação, cujo resultado aqui se apresenta, tem por objetivo a elaboração de um Roteiro Toponímico focado nas ruas do Centro Histórico de Guimarães e sua envolvente, isto é, no carácter histórico associado às mesmas e na evolução dos seus topónimos ao longo do tempo, bem como, sempre que possível, na contextualização das razões dessa mesma evolução toponímica.

Pretende-se, desta forma, alargar o interesse cultural pelas mesmas e, conseqüentemente, potenciar o seu aproveitamento turístico enquanto parte integrante do Património Imaterial da cidade.

Com efeito, o enfoque foi única e exclusivamente descrever e contextualizar a evolução e o carácter histórico das denominações toponímicas das ruas históricas de Guimarães.

Desta forma, procurou-se abordar arruamentos que se inserissem na área classificada como Património da Humanidade (Centro Histórico) e a ZEP, ou Zona Tampão do mesmo Centro Histórico de Guimarães. Não descurando que, nem todos eles se encontram aqui mencionados, quer pela falta de informação encontrada como pela pouca atratividade que alguns demonstraram ter, considerando a temática em

---

<sup>1</sup> Costa T. , 2016.

questão. Não obstante, ao longo do relatório são apresentadas algumas ruas cuja localização é desconhecida, assim como, algumas que, atualmente, já não existem.

De forma a facilitar a leitura, o conteúdo encontra-se organizado com base no carácter prático, seguindo uma lógica da proximidade das ruas, de maneira a que o leitor possa acompanhar a leitura com o percurso pelas mesmas. Podendo ainda acompanhar a localização das vias pela planta que lhes corresponda.

Importa ainda referir a vasta oferta literária que existe já publicada sobre algumas das ruas e locais aqui mencionados. Literatura essa que é detalhada, extensa e rigorosa, a qual foi extensivamente analisada e consultada e a cujos autores se agradece desde já. Porém, este projeto visa utilizar esta temática enquanto recurso turístico e cultural, dando ao tema um ênfase que, considerando os seus objetivos gerais, é inovador.

Dado o, já referido, enfoque no aproveitamento prático e turístico deste trabalho, o mesmo reveste-se de um carácter mais objetivo e sucinto, sem prejuízo da informação nele contida.

É, portanto, o principal objetivo do presente trabalho que o mesmo desperte o interesse para esta temática, que visa valorizar o património cultural vimaranense no seu sentido imaterial, tentando assim que a abordagem não se limite apenas aos pontos mais populares e conhecidos da cidade e, desta forma, dando-a a conhecer, mais aprofundadamente, nas suas raízes e evolução.

Ou seja, a toponímia de um local (cidade ou vila) e as várias mudanças que vai sofrendo ao longo dos tempos, podem ser extremamente reveladoras sobre a forma como um povo ou uma comunidade evoluiu, quais as suas tendências sociais, económicas, políticas e religiosas<sup>2</sup>.

Assim, se no início dos tempos uma determinada rua ou viela era conhecida por alguma característica prática que a distinguisse, desde a sua proximidade a alguma edificação (como é o exemplo das inúmeras e ainda hoje existentes “Ruas da Igreja”<sup>3</sup>), à profissão da maioria dos seus residentes ou mesmo pela oferta de serviços aí existentes, com a evolução histórica essas mesmas ruas passaram (na sua maioria) a homenagear datas, eventos ou personalidades que ganharam destaque num dado período histórico. Porém, não raras vezes, com mudanças políticas, de regime ou sociais, os referidos topónimos são novamente substituídos de forma a homenagear as “novas” datas ou os “novos” heróis<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Chaves, 1952.

<sup>3</sup> Fonte: base de dados CTT.

<sup>4</sup> Meireles, 2000.

## 1.1. Objetivos

Conforme referido já muito sucintamente na introdução, o objetivo essencial do presente trabalho é a realização de um roteiro toponímico da zona histórica da cidade de Guimarães, proporcionando um conhecimento mais aprofundado da mesma, quer na sua história como nas suas estórias populares, o que proporcionará um olhar diferente sobre a cidade “visível”.

Procedeu-se a uma extensa recolha de dados sobre os diferentes nomes das ruas ao longo do tempo. Inicialmente definiu-se uma época de análise, porém esta abordagem limitada a um espaço temporal foi desconsiderada visto que se justificava, em termos de interesse histórico, incluir toda a informação pesquisada sobre a evolução toponímica. Isto é, incluir na análise todos os topónimos que foram sendo encontrados desde os primeiros registos ou referências, de forma a permitir um enquadramento histórico mais abrangente sobre a história da cidade.

Assim, pretende-se com este roteiro alargar o percurso tradicional dos visitantes da cidade, o conhecimento dos mesmos sobre Guimarães e a forma como a sua toponímia nos explica a sua evolução e as suas transformações. Do mesmo modo, este pretende igualmente ser um roteiro para vimaranenses que, sendo reconhecidamente orgulhosos da sua cidade, vejam nesta abordagem uma forma de terem eles próprios mais informação sobre a cidade de que tanto se orgulham.

Nesta conformidade, o objetivo específico do presente trabalho é a elaboração de uma base de dados sobre toponímia da cidade de Guimarães, as suas origens e as suas alterações; este é, com efeito, o ponto de partida para o objetivo geral que pretende preencher uma lacuna existente na oferta turística da cidade, através da realização de um roteiro (inicialmente digital) que pretende simultaneamente alargar o âmbito mais restrito dos locais mais visitados e conhecidos do Centro Histórico da cidade e envolvência, mas também fornecer informação ao visitante sobre os nomes por que determinada rua passou, desde as suas origens até aos tempos atuais.

Posto isto, pretende-se proporcionar ao visitante mais informação e, simultaneamente, mais curiosidade sobre a cidade de forma a que a sua visita seja mais demorada porque é, também ela, mais enriquecedora.

Procura-se, assim, responder às seguintes questões: o que justifica as denominações que as ruas da cidade têm e foram tendo ao longo do tempo? Em que contexto ocorrem alterações nestas denominações e o que as justifica e por fim, que topónimos existiram no passado e o que é que isso nos diz sobre os primórdios sociais, culturais, económicos e políticos da evolução de Guimarães?

## **1.2. Metodologia**

A metodologia utilizada para o presente documento compreendeu várias fases, conforme se descreve de seguida.

Num primeiro contacto com o tema, inicia-se a fase da pesquisa bibliográfica relativa à temática geral da toponímia e, igualmente, à toponímia e à história da cidade de Guimarães. Efetuando-se uma pesquisa de documentação e, posterior, seleção, da que se considerou mais relevante para a elaboração do presente documento; nomeadamente, mapas e plantas da cidade, desde a mais antiga de que há registo, até à cartografia atual, atas de reuniões camarárias, presentes quer no Arquivo Municipal como (as mais recentes) em formato digital, na página *on-line* do município, a corografias e monografias.

De seguida, procedeu-se à estruturação do projeto, começando por fazer-se uma recolha geral sobre o foco desta temática, no âmbito da oferta turística existente. Confrontou-se a oferta turística disponível na cidade de Guimarães, com a existente no restante território nacional, analisando-se ainda, a vertente de exploração da toponímia enquanto recurso.

A compreensão da evolução histórica, social, cultural, política e da fisionomia do espaço urbano, foram, igualmente, um dos temas de análise, de forma a ser possível entender, ainda que, não aprofundadamente, a evolução da cidade. Permitindo assim uma contextualização e introdução adequada à pesquisa que aqui se apresenta.

Após a recolha de informação, procurou fazer-se uma ligação entre os topónimos antigos e o seu correspondente atual. Numa fase inicial desta recolha, e ainda não estando clara esta correspondência entre topónimos antigos e topónimos correntes, sentiu-se a necessidade de cruzar informações de diversos autores, uns mais em concordância do que outros. Esta correlação entre topónimos, atuais e antigos, foi sendo registada - para mais fácil consulta - numa tabela, anexa ao presente documento. Revelou-se também de extrema importância, entender de que forma e em que contextos, as alterações toponímicas se foram realizando, ao longo do tempo, para entender também a importância da temática, para a compreensão de um local ou comunidade e para a decisão do rumo a seguir, na elaboração do roteiro.

No desenvolvimento do presente relatório e, após um trabalho apurado de pesquisa e análise de toda a documentação e bibliografia pertinente encontrada, abordar-se-ão todos os arruamentos que se consideraram de alguma forma relevantes, localizados no Centro Histórico ou na “Zona Tampão” (zona

circundante do Centro Histórico), sejam estes existentes ou, entretanto desaparecidos em consequência da evolução urbana da cidade.

Este foi então o ponto de partida para a seleção dos arruamentos com interesse histórico (e num segundo plano, com interesse turístico), numa perspectiva da temática toponímica, que norteou todo o presente trabalho e de forma a integrá-los no roteiro turístico que aqui se apresenta.

## 2. Revisão de Literatura

A toponímia decorre da necessidade das populações “etiquetarem” os locais de forma a poderem identificá-los e localizá-los. De certo modo, poderá mesmo dizer-se que a toponímia é a criação de uma espécie de “linguagem comum” que permite que toda uma comunidade se refira do mesmo modo a um local e, obviamente, saiba a que lugar se refere um determinado nome (topónimo).

Segundo M.Conedera *et al.*(2007), podemos rastrear a origem de alguns topónimos em locais europeus até períodos anteriores ao pré-Romano. Para além da identificação imediata do local, a escolha de um determinado topónimo tem, na sua origem, um determinado significado; seja referente à sua propriedade, topografia, hidrografia, fauna, flora ou mesmo à sua propriedade.

Ainda segundo os mesmos autores, o topónimo acaba por ser uma simplificação das características do local o que, com as mudanças decorrentes do evoluir dos tempos, essa associação (e, por conseguinte, a origem do respetivo topónimo) se possam tornar menos transparentes e imediatas.

Estas mudanças podem dever-se a alterações nas características do local que deram origem ao seu nome inicial, alterações de linguagem (como é o caso de alguns topónimos de origem celta, no centro e sul da Europa) ou mesmo distorções fonéticas derivadas da transmissão oral. No entanto, os topónimos, e a sua origem, são uma forma de documentar a história refletindo assim a sua herança cultural (M.Conedera *et al.*(2007)).

Segundo Duncan Light & Craig Young (2014) a toponímia tem, desde há bastante tempo, um grande peso em áreas de estudo como a história. Porém ocupa ainda um papel residual no estudo da geografia urbana. Se até um determinado período se podia interpretar um dado topónimo baseado na origem etimológica da palavra e suas evoluções, o que nos permitia informações relativamente precisas sobre a geografia de um local e a cronologia da sua história, passou a ter de considerar-se, no estudo da toponímia, a envolvente social e política da comunidade visto que, naturalmente a escolha de um topónimo em detrimento de outro é um ato social, político e que envolve relações de poder.

Certos topónimos são escolhidos a uma dada altura por serem considerados “apropriados” em detrimento de outros que são relegados por, nesse momento da história, serem considerados menos “apropriados”. Com efeito, muitos dos nomes atribuídos aos locais raramente são “acidentais” ou politicamente neutros. Um estudo crítico da toponímia permite-nos retirar muitas conclusões sobre as relações de um determinado espaço urbano com a comunidade e dessa mesma comunidade com o poder e com a identidade.

Ainda segundo Duncan Light & Craig Young (2014), a clara e inequívoca identificação de um determinado local ou rua (entenda-se que, neste caso, até ao detalhe da numeração das habitações aí existentes) permite aos estados uma clara identificação das características populacionais, permitindo-lhe a gestão de serviços essenciais nessa área geográfica específica, mas, igualmente, de policiamento e mesmo de geração e cobrança de impostos. Ou seja, a toponímia é também uma ferramenta para uma mais eficaz rendibilidade (no caso aludido dos impostos) e governabilidade das cidades. Uma breve consulta à base de dados dos Correios e Telecomunicações de Portugal (CTT) (s.d), que, além de listar concelhos e distritos portugueses, inclui a enumeração dos arruamentos existentes no território nacional, disponibilizada na sua página *on-line*<sup>5</sup>, permite corroborar a afirmação destes autores.

Não obstante, e ainda segundo Duncan Light & Craig Young (2014), há igualmente uma parte da toponímia em geral, que se foca na celebração e na memória. A “eternização” da lembrança de um personagem com um papel crítico num dado momento da história; a referência a uma data que remeta para um acontecimento historicamente importante. Ou seja, a criação e preservação de uma memória coletiva que se mantenha como a narrativa preponderante da história.

Este tema remete para um artigo publicado por Rui Passos Rocha, intitulado “De Cunhal a Salazar. Há ideologia nos nomes das ruas de Portugal (e muito mais)” (2018), segundo o qual existem em Portugal “276 mil artérias com 82 mil nomes distintos no país”.

Segundo o mesmo autor (2018), os topónimos mais frequentes em Portugal são de cariz religioso; Igreja e nomes de santos estão entre os topónimos mais frequentes no país, o que expressa bem o profundo “enraizamento” do catolicismo na cultura do país e do seu povo. Estão ainda presentes com muita frequência topónimos alusivos ao período monárquico de vários séculos que o país atravessou desde a sua fundação, bem como topónimos alusivos a datas e personagens históricos da 3ª república.

Regressando às publicações de Duncan Light & Craig Young (2014), note-se que, a partir da segunda metade do século XX, nos primeiros passos de uma globalização efetiva, com o surgimento e crescimento do turismo de massas, as cidades passaram a adotar uma visão mais empresarial de si próprias, competindo entre si pelos mais variados eventos internacionais; a modificação da paisagem urbana com a construção de edifícios icónicos e gentrificação dos centros ou de zonas específicas, além de serem uma “ferramenta” para contrariar perceções de declínio económico ou de degradação da cidade, deram igualmente um contributo para a mudança toponímica das cidades (veja-se o exemplo de Nova Iorque

---

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.ctt.pt/feapl\\_2/app/restricted/postalCodeSearch/postalCodeDownloadFiles.aspx](https://www.ctt.pt/feapl_2/app/restricted/postalCodeSearch/postalCodeDownloadFiles.aspx).

<sup>6</sup> Disponível em: [De Cunhal a Salazar. Há ideologia nos nomes das ruas de Portugal \(e muito mais\) – Observador](#).

em que a zona do *World Trade Center* passou a ser comumente referida por *911 Memorial* ou *Ground Zero*, ou mesmo de Barcelona, em que uma área da cidade adotou permanente o nome de Porto Olímpico por ter acolhido as provas de desportos náuticos nos Jogos Olímpicos de 1992; porém os pioneiros destas estratégias de *branding* foram, efetivamente, os clubes de futebol ingleses; pode-se dar-se como exemplo que já teve o nome de vários patrocinadores corporativos: *Reebok Stadium*, depois passou para *JJB Stadium* e atualmente é o *Macron Stadium*. O mesmo se passa com a maioria dos estádios britânicos). Neste sentido, estes autores acreditam que não faltará muito tempo até que as cidades (dependendo do seu tamanho e de inúmeros outros fatores) possam tornar a sua toponímia num ativo intangível, porém comercializável.

A confirmar a relevância mundial da toponímia, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou o *United Nations Group of Experts on Geographical Names* (UNGEGN) (Grupo de Especialistas das Nações Unidas em Nomes Geográficos) que redigiu o *"Toponymy Training Manual"* (2012-2017), (Manual de Toponímia em tradução livre).

Assim, de acordo com a publicação acima mencionada, Helen Kerfoot (2012-2017) afirma que, de acordo com uma resolução da primeira conferência para a Estandarização de Nomes Geográficos da ONU, em 1967, a responsabilidade de tomada de decisões sobre a toponímia em cada país, corresponde a cada país no âmbito da sua jurisdição. Com efeito, não existe um modelo único de atribuição de topónimos pelo que a tipologia de governo de cada país, a existência ou não de múltiplos idiomas reconhecidos, a distribuição da população e o seu contexto histórico e cultural podem estar entre os fatores que influenciam a criação e procedimentos das autoridades locais para atribuição da toponímia.

Não obstante, independentemente da metodologia que cada país utilize para a estandarização toponímica, esta é de vital importância. Com efeito, Helen Kerfoot referiu na mesma publicação as dificuldades de prestação de apoio humanitário às populações aquando do terramoto ocorrido nos Himalaias, na região norte do Paquistão em 2005 por falta de informação sobre a localização das povoações, dados demográficos e dificuldades no acesso a mapas.

Do mesmo modo, uma passagem não estandarizada da comunicação oral para a comunicação escrita resulta em topónimos com diferentes ortografias (como no caso da Somália, apontado pela autora), o que resulta em dificuldades na tomada de variadas decisões, quer quotidianas quer de planeamento político para as referidas áreas, com a consequente perda de alocação de recursos.

Helen Kerfoot, refere também (reiterando o que anteriormente havia sido abordado por Duncan Light & Craig Young) que, a ausência de toponímia contribui fortemente para a impossibilidade de obtenção de

uma identidade (não só no sentido de “identidade cultural”, mas igualmente de “identidade jurídica”); segundo um relatório do Banco Mundial de 2005, mais de 50% dos centros urbanos na África Subsaariana careciam de um sistema eficaz de moradas. Ainda que, inicialmente, as referidas cidades tivessem um sistema toponímico bem definido, a sua densificação populacional e consequente expansão da zona urbana provocaram um não acompanhamento toponímico o que impediu cidadãos de ter conta bancária por não terem um endereço identificável; o Banco Mundial aconselhou a criação, em coordenação com as populações, de listas de topónimos elegíveis para posterior escolha de um pelas respetivas municipalidades.

Ainda no mesmo documento (“*Toponymy Training Manual*”), Roman Stani-Fertl (2012-2017) sugere que a toponímia tem também como função promover viagens interculturais que permitam a criação de um encontro (e nunca um confronto cultural) entre o viajante e os locais e a sua cultura para o que será conveniente uma preparação prévia à viagem. O viajante deverá ser “colocado” perante essas diferenças culturais ainda no processo de preparação da sua visita. Assim, os mapas turísticos são um excelente meio de tomar perceção dessas mudanças cultural.

A utilização do topónimo local (na sua forma e ortografia original) mas também do topónimo na sua versão “traduzida” são uma excelente forma de esbater, porém preservando-a, a diversidade cultural; são, segundo Roman Stani-Fertl (2012-2017), uma forma de atrair o visitante enquanto este ainda está a planear a sua viagem.

Com efeito, o turismo é, por definição, orientado para o turista (o visitante) o que deverá fazer com que quaisquer publicações de carácter turístico devam ser tão entendíveis quanto possível, de modo a que possam, elas próprias, expressar as várias diferenças culturais.

### **3. Breve Contextualização Histórica**

No século X, a Condessa Mumadona Dias, ficando viúva de seu marido Hermenegildo Mendes, herda terrenos que este possuía, a Quinta de Vimaranes. Esta, mudando-se para estes terrenos, manda construir um mosteiro, que acolheria tanto frades como freiras, dedicado ao Divino Salvador e à Virgem Maria, onde se pudesse recolher. Este terá sido edificado estrategicamente, no local que a mesma considerara mais conveniente, nomeadamente, no curso de uma estrada medieval, que faria a ligação entre Braga e Lamego. Em torno deste polo religioso começou então, naturalmente, a desenvolver-se um aglomerado populacional, o que levou a que Mumadona, como forma de proteção do mesmo contra as invasões normandas, mandasse erigir um castelo (entre 950 e 957). Este castelo, construído na zona alta da vila, por aí se adequar às necessidades adequadas para a proteção do mosteiro, gerou a formação de um outro núcleo populacional em torno do mesmo. Começando, desta forma, a ser notável o crescimento da Vila de Vimaranes.

Com a chegada do Conde D. Henrique a esta vila, que lhe fora deixada, no século XI, pelo Rei Afonso VI de Leão e Castela, traz com ele os francos que aqui viriam fundar a capela de S. Tiago. Conde D. Henrique, e D. Teresa, foram os pais de Afonso Henriques.

Afonso Henriques, que viria a lutar contra a sua mãe, a 24 de junho de 1128, pela independência do Condado Portucalense, vencendo esta batalha (Batalha de S. Mamede), torna-se o primeiro Rei de Portugal. Em 1179, o Papa Alexandre III reconhece D. Afonso Henriques enquanto Rei de Portugal.

A vila começa a desenvolver-se e, com isto, surge um conflito entre o núcleo que se desenvolveu em torno do castelo e o do mosteiro, chegando estas a caracterizarem-se como duas vilas distintas, a Vila Alta e a Vila Baixa. O meio de ligação entre estes dois polos era a Rua de Santa Maria, justificando-se, desta forma a importância que esta rua teria, desde cedo.

A construção do primeiro pano de muralha no reinado de D. Sancho (que cercava a Vila Alta) e o segundo cerco de muralhas, iniciado por D. Afonso III e terminado por D. Dinis, foram também pontos marcantes para a evolução da vila. Assim como as respetivas, progressivas, demolições.

Como forma de melhor organização e gestão do território, em 1807 divide-se a vila em bairros definindo um juiz responsável por cada um deles.

Em 1853, a Rainha D. Maria II, concede à Vila de Guimarães o foro de cidade.

Ao longo do tempo as edificações vão sendo melhoradas e cada vez se vai tendo mais em consideração o fator estético. Ainda assim, a configuração da cidade não sofre grandes alterações, o que justifica o facto de as queixas relativas à falta de higiene nas ruas e vielas muitas vezes se associarem à sua “pequenez” e consecutiva falta de circulação de ar suficiente para que, no mínimo, se dissipassem os odores.

O foco operário vai sendo mais comum na indústria do que na agricultura (como até aí acontecia) e a cidade vai crescendo para os seus arrabaldes.

O século XIX marcou-se como um ponto de viragem na cidade, abriram-se novas ruas, expandiu-se a cidade e ligou-se a mesma à estação ferroviária, aproximando-a dos concelhos vizinhos.

Surge, aqui, a necessidade de ordenar este crescimento exponencial e, desta forma, começam a surgir os Planos de Urbanização. O primeiro foi realizado entre 1863 e 1867 pelo Engenheiro Almeida Ribeiro, distinguindo-se também a Comissão de Melhoramentos, os projetos de Mariano Felgueiras, e o plano de Luís Pina, como alavancas para a cidade que hoje se conhece.

O século XX distingue-se pela crescente valorização patrimonial acompanhada de uma instabilidade política que se fazia notar na toponímia, que de seguida se aprofundará.

Recentemente, as mudanças mais relevantes que terão existido em Guimarães marcam-se pelas modificações feitas na cidade, quer para a sua Candidatura a Património da Humanidade (classificação obtida em 2001), quer para a Capital Europeia da Cultura em 2012.

A valorização do património histórico, levada a cabo pelos Arquitetos Fernando Távora e Alfredo Matos Ferreira no Plano Geral de Urbanização entre 1979 e 1986, assim como, as intervenções que surgem da criação do Gabinete Técnico Local (GTL), podem considerar-se, precisamente, os principais impulsionadores desta elevação, a 13 de dezembro de 2001.

### **3.1. Evolução Urbana**

A cidade de Guimarães, ao longo do tempo, manteve uma configuração muito constante. Isto verifica-se, sobretudo, no Centro Histórico, correspondente ao interior das muralhas. Esta zona acabou por se manter praticamente intacta com o decorrer do tempo.

O crescimento urbano e a afirmação de Guimarães enquanto cidade, marcou-se por alguns projetos e acontecimentos. Desde o derrube (quase total) da muralha, até à classificação pela Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a posterior Capital Europeia da Cultura em 2012, a cidade expandiu-se e aperfeiçoou-se.

No final do século XVIII, a realeza, considerando a inutilidade da muralha que cercava a vila, ordena a sua demolição, de forma a potenciar também a expansão urbana.

Ao longo do século XIX e XX a muralha vai então sendo destruída e a sua pedra reaproveitada para diferentes utilizações.

Por volta de 1800 começa a sentir-se a necessidade de ordenar, reformar e melhorar a cidade, e com isto surge também a ideia de expandir os espaços, alinhar as edificações, abrir novas ruas e melhorar o abastecimento de água da cidade.

Começa a manifestar-se uma preocupação com a higiene, as condições de vida e o valor estético da cidade. Também aqui, surge uma atenção ao carácter prático do trânsito e da fluidez que o mesmo deveria ter.

A necessidade cultural e educativa começa a distinguir-se.

Desta forma, em 1863 o Engenheiro Manoel de Almeida Ribeiro apresenta o *Plano de Melhoramentos*, que consistia numa planta da cidade em que o mesmo propunha os respetivos melhoramentos a realizar.

Em 1869, já estaria formada a *Comissão de Melhoramentos*, à qual coube a responsabilidade de avaliar e fazer as necessárias modificações, no plano de Almeida Ribeiro.

O *Plano de Melhoramentos* de Almeida Ribeiro focar-se-ia no alinhamento das edificações, no alargamento das vias, a demolição de construções consideradas prejudiciais ao aformoseamento da cidade. Procurava-se ligar as diferentes artérias que correspondiam a saídas da cidade com a abertura de uma semicircular. Propunha-se também a ligação do terreiro de S. Francisco à Praça da Oliveira. Surge assim a proposta de abertura de uma via, que corresponderá à atual Rua de Gil Vicente, melhorando-se, paralelamente, a Rua de Santo António.

Este plano propõe também o melhoramento da zona envolvente do castelo, assim como as ruas que o circundam, manifestando-se aqui a ideia do Parque do Castelo, que só mais tarde se viria a realizar. Isto incluiria o Largo do Carmo.

---

<sup>1</sup> Disponível em: AMAP, cota 8-3-3-1.

<sup>2</sup> Fernandes M. G., s.d.

Este terá também projetado uma rua, que iria desde a Rua da Porta de Santo António (atual Rua do Conde D. Henrique) até ao Picoto. Porém, isto não se chegou a desenvolver.

Este projeto, ainda que o efeito não tenha sido imediato, foi o responsável pela abertura da Praça de S. Tiago.

Este chegou também a projetar uma ampliação da Judiaria (atual Rua Dr. António Mota Prego), não tendo, uma vez mais, chegado a realizar-se.

Falava-se ainda do alargamento da Rua das Lamelas (atual Rua João Lopes de Faria), assim como em melhoramentos no largo, à data, com mesmo nome (atualmente designado de Largo Dr. João da Mota Prego).

Projetou, igualmente, o alargamento do Largo dos Laranjais e o Largo da Misericórdia estaria também incluído nos projetos.

Ainda que só se tenha concretizado durante o estado novo (assim como muitas das propostas do engenheiro), este propôs uma abertura entre a atual Rua Alfredo Guimarães, até às Carvalhas de S. Francisco (que se localizariam, muito provavelmente, na atual Alameda de S. Dâmaso).

Foi também neste plano que surgiu, pela primeira vez, a ideia da ligação entre o Toural e o Largo República do Brasil, assim como, a primeira referência à construção de um bairro operário.

Projetou uma rua que visava modificar a fisionomia da Rua dos 120 (atual Rua de Vila Verde), mas isto, mais uma vez, não se realizou.

Traçou também uma ligação entre as Carvalhas de S. Francisco e o Largo República do Brasil e melhoramentos na Rua do Relho (atual Rua de Vila Flor).

O Engenheiro Almeida Ribeiro propôs reformas para praticamente toda a área da cidade, até mesmo zonas aqui não enunciadas. Não obstante, houve ruas em que este alegou não se justificar qualquer intervenção, como é o caso da Rua das Trinas, Rua Escura (atual Rua Gravador Molarinho), Viela dos Laranjais e Rua de Santa Maria, entre outras.

Tal como mencionado anteriormente, muitas das propostas do *Plano de Melhoramentos*, ou não se chegaram a realizar, ou só se realizaram passados vários anos. Como é o caso do Parque do Castelo e da Alameda de S. Dâmaso.

Este plano, definiu-se como um fator substancial na compreensão da localização de alguns arruamentos e o respetivo topónimo que teria à data. Simultaneamente, aqui se viram referenciadas algumas vias sobre as quais já não haveria notícias há vários anos.

Como já referido em cima, em 1869 forma-se a *Comissão de Melhoramentos da Cidade*, que surge precisamente no seguimento do *Plano de Melhoramentos* de 1863. Esta comissão vem dar expressão aos melhoramentos que o Engenheiro Almeida Ribeiro anteriormente apresentou.

Desta comissão fez parte, Francisco Martins Sarmiento, personagem, hoje, tão acarinhada pela cidade. O autor das propostas apresentadas por esta comissão fora José Taveira Carvalho Pinto de Meneses. Todavia, as propostas deste engenheiro iam, assumidamente, de encontro ao anterior plano de Almeida Ribeiro.

Além da execução das ideias do *Plano de Melhoramentos* de 1863, propuseram-se outras reformas. Desde o prolongamento e alargamento da via de articulação entre as saídas da cidade, à abertura da Rua de Serpa Pinto e a abertura da atual Rua Nun' Álvares. Esta fora também a responsável pelos principais ajardinamentos da cidade. A comissão fora também responsável pelo melhoramento do atual Largo Dr. João da Mota Prego.

Pinto de Meneses, propõe a instalação dos serviços da Câmara Municipal no Convento de Santa Clara. Esta comissão levava a cabo o desmoronamento da igreja de S. Sebastião, assim como, a edificação do bairro para operários.

A abertura das duas avenidas de ligação à estação (por volta de 1890 e 1900), a Avenida da Indústria e a Avenida do Comércio (atuais Avenida D. João IV e Avenida D. Afonso Henriques), foi também um ponto marcante na evolução urbana da cidade, tendo como consequência, não só a expansão em direção à Penha, como a ligação a outros concelhos.

Mariano da Rocha Felgueiras chegou a ser presidente da Câmara de Guimarães e antes teria já sido Vice-Presidente (até 1911). Durante a primeira república, teve também um importante papel na evolução urbana<sup>9</sup>. Uma vez mais, este ia de encontro aos planos de Almeida Ribeiro, que não tivessem ainda sido executados. Este, recuperou a proposta do bairro operário, sugerindo que este se instalasse onde já, Almeida Ribeiro o teria colocado, no seu projeto. Este bairro seria elaborado pelo Arquiteto José Luiz Ferreira, que teria um especial cuidado estético e de o desassociar do típico aspeto de habitações para a classe baixa.

---

<sup>9</sup> Fernandes M. G., s.d.

Este, marcou as alterações toponímicas da cidade, lutando pela distinção da Implantação da República na toponímia, ao invés da valorização de individuais.

Procura-se combater a falta de higiene da cidade e remover o gradeamento do Largo do Toural. Volta a mencionar-se o projeto do Parque do Castelo e da edificação de uns novos Paços do Concelho. Chegou a ponderar-se a sua construção na Rua de Paio Galvão, mas isto não se chegou a realizar.

Avança-se então com o processo que levaria à construção dos Paços do Concelho e o responsável nomeado seria o Arquiteto Marques da Silva. Inicialmente, ter-se-á tencionado edificar este espaço na Praça de S. Tiago. Entretanto, o Presidente Mariano Felgueiras é afastado do poder e os seus projetos acompanham-no. Anos mais tarde, o Dr. Francisco Moreira Sampaio, que presidia a comissão executiva, em 1921 tencionava resgatar os projetos de Felgueiras.

Mariano Felgueiras, após a queda do curto regime, conhecido como Monarquia do Norte, e o retorno dos republicanos ao poder, recupera também ele o seu cargo político. Retoma-se então a ideia do bairro económico, agora num projeto ligeiramente mais contido, assim como a dos paços do concelho, que se propõe agora num outro local (correspondente ao atual Largo da Mumadona). Este mesmo projeto dos Paços do Concelho, em 1934, é interrompido e nunca chegaria a ser concluído, acabando por se demolir todos os vestígios da sua construção.

Em 1925, Mariano Felgueiras, apresenta o *Plano Geral de Alargamento da Cidade*, autoria de Luís de Pina<sup>10</sup>. Este, começa por fazer alterações no projeto do bairro operário, intencionando agora, localizá-lo nas imediações da Rua Dr. José Sampaio. Daqui, ainda que posteriormente alterado no *Anteplano de Urbanização da Cidade de Guimarães*, surge o Bairro do Liceu.

Urgia assim o crescimento da cidade.

Deste plano de Luís de Pina, surge também o local que hoje se conhece como o Largo da Mumadona. O propósito é, de facto, a expansão urbana, sobretudo focando um alargamento em torno do projetado Largo da Mumadona. A manutenção do burgo e do seu carácter histórico eram um fator a valorizar. E as projeções feitas aqui são, uma vez mais, em maior número do que aquelas que, de facto, se concretizam.

Vão surgindo planos de outros arquitetos, como por exemplo do Arquiteto Moreira da Silva e Arménio Losa.

---

<sup>10</sup> *Ibidem*.

Sabe-se ainda que, as comemorações centenárias da nacionalidade (de 1940), promovidas por António Oliveira Salazar, originaram e melhoraram muitas zonas da cidade, como é o caso da zona envolvente do Castelo.

Posteriormente, surge então o *Anteplano*, referido em cima, apresentado em 1949 e que originou as mais notáveis mudanças.

Pode, ainda assim, concluir-se que, todos os planos, projetos e melhoramentos que foram sendo feitos ou estruturados, surgem como “consequência” do plano de Almeida Ribeiro. Este, à data que fora projetado não teve o devido impacto, tendo-se, contudo, verificado que, ao longo dos anos, as ideias iriam, constante e assumidamente, de encontro à planta projetada em 1863, aumentando, progressivamente, o valor do património e do sentido histórico, aliado ao sentido estético.

Em resposta ao estado de degradação que se verificava no Centro Histórico de Guimarães até ao final do século XX, que representava também o centro da cidade enquanto um local de circulação evitável, associado, essencialmente, à criminalidade, em 1985, a Câmara Municipal formou o GTL<sup>11</sup>, que ficaria encarregue da recuperação e manutenção da zona (Centro Histórico), tanto a nível material como social, intervindo em equipamentos públicos e privados. Desta forma, o GTL, surge com o objetivo de potenciar a manutenção daquele que hoje é o principal património cultural da cidade e do seu carácter histórico, mantendo a preocupação de o manter um local frequentado e habitado pela população.

Desde cedo que o GTL mostrou uma constante preocupação em manter este núcleo urbano um local de pessoas e para pessoas. O Centro Histórico é, de facto, um local com vida, e é também o ponto de encontro dos vimaranenses, o que o torna distinto de muitos outros.

O foco era então a preservação dos materiais e do aspeto das construções, iniciando-se o trabalho desta qualificada equipa por aquela que se conhece como a “Casa da Rua Nova” e que se mostrou um exemplo de recuperação a nível europeu. Seguiu-se a restante área histórica.

O Arquiteto Fernando Távora, precisamente o responsável pela recuperação da “Casa da Rua Nova”, terá integrado a equipa do GTL, representando uma das figuras que mais impulsionou a classificação do Centro Histórico como Património da Humanidade, a 13 de dezembro de 2001.

O trabalho levado a cabo pelo GTL tornou-se um exemplo a nível internacional. E a constante “inclusão” da população na reabilitação, assim como, o cuidado com os materiais utilizados, foram dois dos fatores diferenciadores.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.cm-guimaraes.pt/municipio/camara-municipal/servicos/urbanismo/divisao-centro-historico>.

A elevação do Centro Histórico de Guimarães a Património da Humanidade, marca um ponto de viragem da cidade, sobretudo a nível cultural, económico e turístico. A este crescimento, que se fez sentir na cidade de berço, seguiu-se a sua seleção para Capital Europeia da Cultura em 2012. Guimarães torna-se assim, uma cidade com uma oferta cultural distinta, que se mantém até aos dias de hoje.

Como consequência direta, observa-se um crescimento exponencial do turismo e da valorização patrimonial do município. Isto leva a que, de facto, cada vez mais se procure distinguir as diferentes áreas patrimoniais. É aqui que surge o progressivo reconhecimento do património imaterial e intangível, enquanto objeto de estudo, de preservação e atração turística.

Esta classificação marcou-se pelo carácter social, enquanto processo que incluiu a comunidade como, também ela, um “bem” essencial à cidade. Isto levou a uma participação ativa dos vimaranenses na “vida da cidade”. Não fosse o *slogan* escolhido “Tu fazes parte”.

Valorizam-se e exaltam-se agora as tradições da comunidade, como é o caso das festas Nicolinas. Afirma-se o património industrial enquanto memória de uma tradição operária, tão característica de Guimarães, como se pode verificar pela reabilitação da Zona de Couros e pelo processo de inclusão da mesma na zona classificada, que está em curso.

Em 2013 a cidade distingue-se ainda enquanto Capital Europeia do Desporto, o que destaca também a oferta do concelho nesta área, assim como respetivas infraestruturas disponíveis, procurando estreitar a relação da população com a prática desportiva.

Guimarães mantém-se então, uma cidade cuja preservação do seu miolo histórico e dos monumentos, associados à fundação da nacionalidade, se distingue das demais. Sendo ainda uma cidade cuja oferta cultural parece crescer progressivamente. Desse crescimento e prevendo uma saturação das habituais atrações turísticas (que tem vindo já a acontecer nas mais variadas cidades europeias, e não só), procura-se então, neste trabalho, apresentar uma outra abordagem, utilizando o património imaterial enquanto recurso. Pretendendo-se então, tratar a toponímia da cidade, assim como, a evolução da mesma. Almeja-se suscitar no leitor um interesse no carácter histórico de uma temática, pouco ou nada, abordada enquanto recurso turístico e de valorização do património intangível, em Guimarães.

### **3.2. Evolução da Toponímia**

Ao estudo da denominação dos locais chamamos toponímia.

Como se poderá confirmar, a toponímia poderia ser considerada, no passado, o fator mais importante para o conhecimento prático de uma cidade/vila.

Inicialmente, as ruas eram denominadas muito com base no carácter funcional das mesmas, de forma até a orientar quem circulasse pela vila que, na grande maioria das vezes, saberia o que o esperaria em cada rua sabendo apenas o seu topónimo. Isto fazia com que as ruas adotassem nomes de mesteres que aí habitavam ou de ofícios que aí se realizavam, ou até de algum outro fator que caracterizasse tanto a via como a sua proximidade.

Por exemplo, sabe-se que em torno de uma edificação religiosa, os arruamentos e espaços teriam nomes cuja origem se relacionaria a referida edificação. Um exemplo disto é a anterior Igreja de S. Paio, que se localizaria entre o atual Largo Condessa do Juncal e o Largo A.L. de Carvalho, no Centro Histórico de Guimarães. Em torno deste ponto localizar-se-ia o Largo de S. Paio, a Rua Trás de S. Paio ou a Rua de S. Paio. O mesmo acontecia em torno da anterior igreja de S. Sebastião antes da sua demolição, na década de 80 de 1800. Existiria, de facto, o Largo de S. Sebastião e a Rua de S. Sebastião. Ou até a anterior Rua Trás Misericórdia também por se localizar nas traseiras da Igreja da Misericórdia<sup>12</sup>. Esta influência era geral e notava-se quer por toda a vila como por todo o país. A Rua de Santa Maria, tem o seu nome devido à proximidade do mosteiro que surgira em honra da mesma santa. A Rua dos Açougues e o Largo do mesmo nome por aí se localizarem, precisamente, os açougues da vila (local de venda), entre outros exemplos.

Tal como acontece atualmente, muitos dos nomes de vias eram comuns a outros municípios. Isto justifica-se, tal como referido em cima, por se intitular os lugares pelas suas características, não valorizando as personalidades individuais, pelo menos até ao século XIX. Isto, torna compreensível o facto de os topónimos Rua Escura, Judiaria ou Rua dos Açougues, serem verificáveis também noutros municípios.

A partir de meados do século XIX esta ideia de associar as ruas à sua função começa a deixar de fazer sentido e começa-se a homenagear personalidades atribuindo os seus nomes a arruamentos. Já no fim do regime monárquico se começavam a notabilizar os personagens, a valorizar o individualismo e o carácter histórico, glorificando acontecimentos e datas célebres.

A partir do 5 de outubro de 1910 (data da Instauração da República), a toponímia muda consideravelmente e começam-se a valorizar indivíduos, tanto os da cidade como os nacionais. Os

---

<sup>12</sup> Azevedo, 1692.

topónimos alusivos ao 5 de outubro, a Miguel Bombarda (distinto médico e republicano) e Cândido dos Reis (militar e antimonárquico) surgem um bocadinho por todo o país e Guimarães não é exceção.

A partir daqui, torna-se claro que a toponímia acompanhava as variações políticas que iam acontecendo. Sendo que cada regime valorizava os seus ideais por meio da toponímia, como é o caso da Rua da Rainha D. Maria II, que chegou a ter o nome de Rua da República. Este regime caracterizava-se por distinguir os políticos famosos, datas e personagens nacionais.

O Estado Novo, como era de esperar, trouxe também mudanças na toponímia, caracterizando-se pelo seu carácter conservador e a sua vontade de impor o regime, eliminou os topónimos que se remetessem ao anterior regime e recuperou vários nomes de ruas anteriores. Em Guimarães destacou-se o ano de 1943, data em que se recuperam inúmeros topónimos antigos, como é o caso da Rua da República que recupera a sua alusão à Rainha D. Maria II e da Rua Elias Garcia que recupera o nome original de Rua de Santa Maria.

O ano 1943, como já referido, representa uma reforma na toponímia vimaranense e isto é verificável, inclusive, através da análise das atas das reuniões de Câmara desse mesmo ano, nomeadamente a de dia 10 de dezembro<sup>13</sup>. Nesta, se enumeram as reformas toponímicas propostas por Alfredo Pimenta a pedido do presidente Dr. João Rocha dos Santos. Desta forma, propõe-se (concretizando-se por unanimidade) que a Avenida Cândido Reis passe a Avenida D. Afonso Henriques- O Fundador de Portugal e que, a Avenida Miguel Bombarda passe a Avenida D. João IV- O Restaurador.

Também a ata de 17 de julho de 1962<sup>14</sup> refere alguns topónimos a fixar. Sendo que muitos dos topónimos aí mencionados seriam de existência anterior, parecendo que, essa mesma deliberação, não passaria de uma reafirmação dos mesmos, agora após aprovação de uma Comissão de Toponímia. Esta mesma ata, diz que uma Comissão de Toponímia se terá constituído por meio de deliberação camarária de 12 de janeiro de 1960.

Terá sido esta mesma comissão que propôs a atribuição do topónimo da Rua Dr. Avelino da Silva Guimarães, em julho de 1962 ao arruamento que, ainda hoje, se conhece com esta denominação.

Da duração desta mesma comissão toponímica pouco se conhece, sabendo-se que, atualmente, a mesma não existirá.

---

<sup>13</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

<sup>14</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1922.

Após o 25 de abril de 1974, com o fim do Estado Novo, substituem-se os locais de invocação ao anterior regime, passando estes a invocar a data da Revolução dos Cravos, tendo isto acontecido um pouco por todo o país. Vejamos o exemplo da Ponte 25 de abril, na capital, que seria anteriormente denominada Ponte Salazar, também ela renomeada após a mudança governativa.

Não só as adaptações pós-25 de abril se fizeram sentir por todo o território nacional. Ao longo dos tempos, as mudanças políticas e de regime que iam acontecendo e marcando a toponímia vimaranense, eram comuns a todo o país e desta forma, tal como se vindo a mencionar, as alterações toponímicas também o seriam.

Atualmente, de facto, as ruas continuam a partilhar topónimos ao longo do território nacional, como consequência da homenagem de heróis, personagens e marcos nacionais, por meio da toponímia, como é o exemplo da Rua de Camões ou da Rua da Liberdade, nomes de arruamentos que são familiares a qualquer português.

Sabendo que, a toponímia tem vindo a ser uma variável instável e moldável, chegaram e chegam a existir sítios na cidade cujo topónimo, por tantas vezes se ter alterado, não é claro para a população. Como é o caso do Largo da Misericórdia, que tantas vezes variou entre Largo da Misericórdia e Largo João Franco que, questionando qualquer vimaranense, a dúvida entre o atual topónimo é espetável.

Outro fenómeno é verificável. Alguns locais continuam a ser conhecidos pela sua anterior função ou anterior topónimo, independentemente de há quantos anos poderá o local ter um outro nome. Um exemplo disto mesmo é o Campo da Feira (oficialmente Largo República do Brasil), a Feira do Pão ou do Leite (Largo Condessa do Juncal), a Tulha (Rua Avelino Germano), os Palheiros (Avenida General Humberto Delgado) ou até a Avenida Velha (Avenida D. João IV), entre outros exemplos. Constatase, desta forma, que no geral tendem a prevalecer os topónimos populares entre os habitantes da cidade, o que nos indica também que ainda hoje se dá, entre a comunidade, relativo destaque ao carácter prático de alguns locais, seja este atual ou passado.

Pode-se então concluir que, a toponímia acompanha uma sociedade e a sua realidade, sendo um reflexo da evolução histórica, política e social de uma cidade e/ou país, perpetuando aquilo que de marcante existira.

Atualmente, e segundo a Lei nº 75, de 12 de setembro de 2013, artigo 33, alínea ss), cabe aos municípios a denominação dos locais, sendo, ainda assim, necessário o parecer da respetiva Junta de Freguesia.

No município de Guimarães sabe-se que, atualmente, as alterações toponímicas surgem da proposta das respetivas freguesias, passando depois a avaliação e aceitação para o Departamento de Serviços Urbanos e Ambiente, Divisão de Mobilidade e Transportes e respetiva vereação. Não existe qualquer tipo de Comissão Toponímica, como acontece noutros concelhos, como é o caso do Município de Cabeceiras de Basto, Porto, Angra do Heroísmo, entre outros.

Sabe-se que, no presente, o processo estará mais simplificado do que aquilo que anteriormente seria. Sendo que, antes, as respetivas propostas toponímicas teriam de passar quer por Assembleia de Freguesia, quer por reunião de Câmara, para que se desse a sua aprovação. Facto que se pode comprovar analisando, por exemplo, a ata da reunião ordinária de Câmara de 23 de julho de 2009<sup>15</sup>, assim como algumas atas de outras datas.

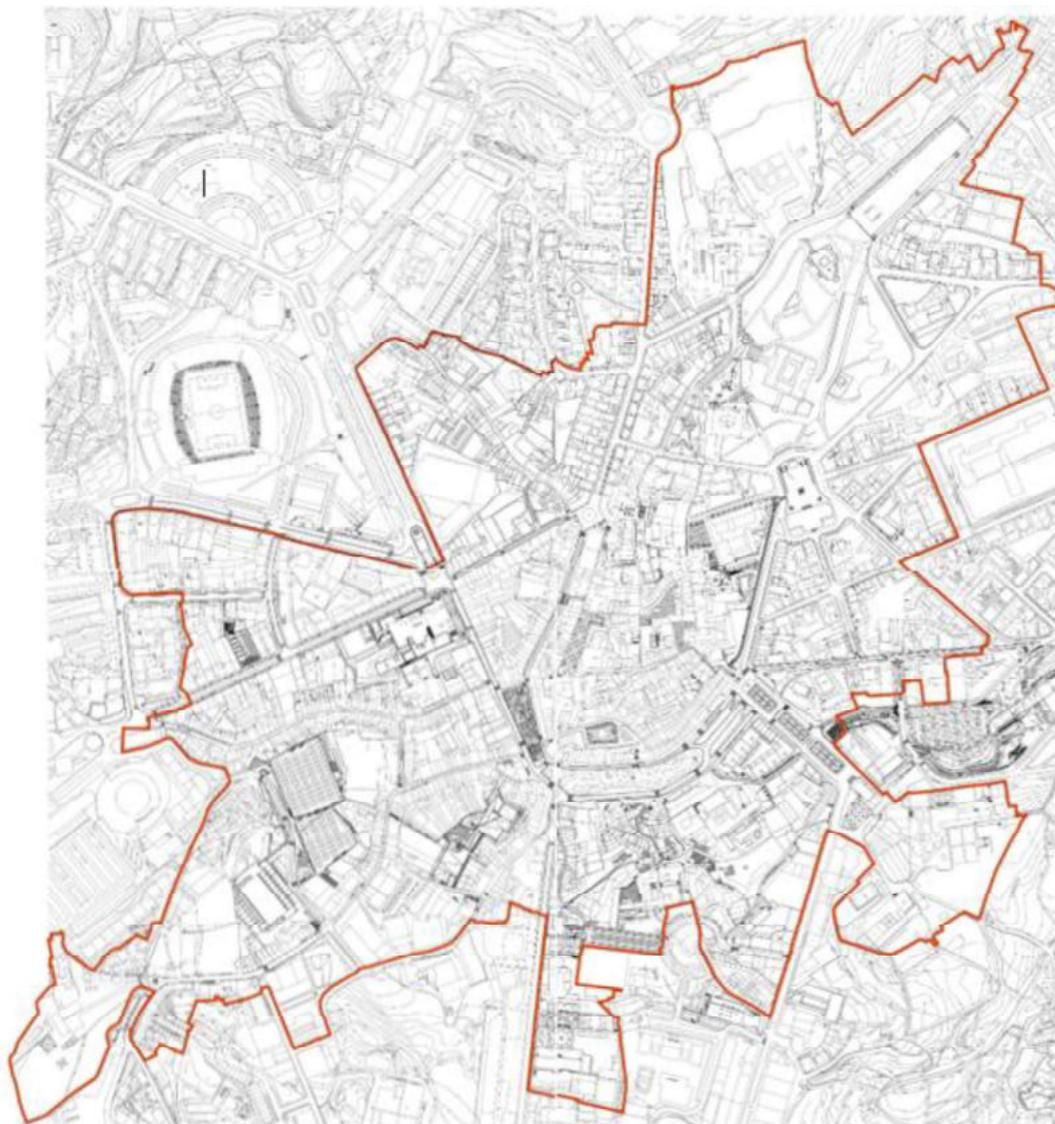
Parece ter sido a partir de 2014 (certamente no seguimento da lei número 75, em cima mencionada) que, as alterações toponímicas deixaram de ser apresentadas em reunião de Câmara, passando este poder para o respetivo vereador. Isto sendo que, na ata da Reunião Ordinária de Câmara de 17 de abril de 2014<sup>16</sup>, o Vereador Amadeu Portilha terá referido que a decisão caberia agora à vereação.

---

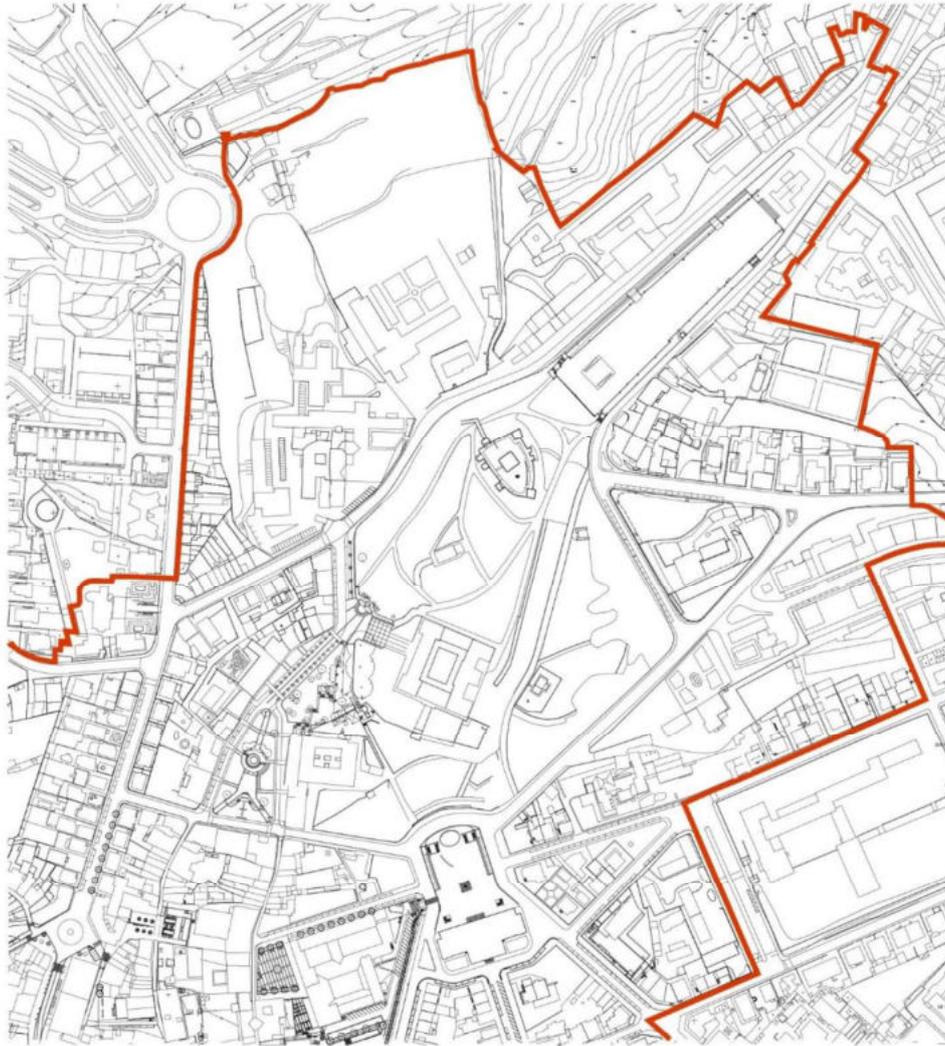
<sup>15</sup>Disponível em: [https://www.cm-guimaraes.pt/cmguimaraes/uploads/document/file/14074/ata\\_q\\_n\\_o\\_17\\_de\\_23\\_de\\_julho\\_de\\_2009.pdf](https://www.cm-guimaraes.pt/cmguimaraes/uploads/document/file/14074/ata_q_n_o_17_de_23_de_julho_de_2009.pdf).

<sup>16</sup> Disponível em: [https://www.cm-guimaraes.pt/cmguimaraes/uploads/document/file/14201/ata\\_h\\_n\\_o\\_8\\_reuniao\\_ordinaria\\_de\\_17\\_de\\_abril\\_de\\_2014.pdf](https://www.cm-guimaraes.pt/cmguimaraes/uploads/document/file/14201/ata_h_n_o_8_reuniao_ordinaria_de_17_de_abril_de_2014.pdf).

## 4. Toponímia Histórica Vimearense



*Figura 1: Zona Classificada pela UNESCO e ZEP, Zona Tampão 2020. (Fonte: Imagem cedida pela DCH)*



*Figura 2: Canto superior direito da Figura 1 (Fonte: Imagem cedida pela DCH)*

### **Rua da Arcela**

Esta rua, supõe-se, corresponderá àquela que se conhecia por Cano das Gafas, topónimo que se encontra referenciado, quer em documentação das Vereações de 1531<sup>17</sup> quer na planta da cidade de 1569<sup>18</sup>, ainda que se admita que possa ser de existência anterior. Este topónimo justifica-se com a existência de uma leprosaria feminina de que a palavra gafaria é precisamente um sinónimo.

Passou, posteriormente, este local a ser conhecido como Cano de Cima. Este topónimo de “cano” poderá, ou não, estar associado a por ali passar, de facto, o meio que levava a água à vila tendo também em conta a sua proximidade com uma fonte, mais precisamente a fonte da douradinha. Porém, este “cano” terá acabado por mudar de localização.

---

<sup>17</sup> Faria, 1997.

<sup>18</sup> Disponível em: [http://1.bp.blogspot.com/\\_q2niY7e9F2A/Sxp7uAIUgrI/AAAAAAAABKO/u7Zqyw\\_3BPU/s1600-h/planta.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_q2niY7e9F2A/Sxp7uAIUgrI/AAAAAAAABKO/u7Zqyw_3BPU/s1600-h/planta.jpg).

Este era um local caracterizado por se associar ao ofício de fazer pentes, onde se encontravam as arcaicas oficinas.

Em 1807, este local (ainda referenciado como Cano de Cima) passa a integrar o primeiro bairro, do qual estaria encarregue o juiz Luís António da Silva.

Por volta de 1937 arranjou-se esta rua, e em 1950 projetou-se para esta zona um bairro económico. Aqui encontra-se também a capelinha de Santo António da Arcela. Sendo que, só em 1957 se iniciou o saneamento deste arruamento e começam aí progressivamente a desenvolver-se algumas melhoras.

O vocábulo que atualmente dá nome à rua (Arcela), parece-se de origem desconhecida, sendo que a origem da palavra, do latim, significava “arca pequena”<sup>19</sup>

### **Rua da Inveja**

Arruamento de localização imprecisa, sabendo-se apenas da sua proximidade com a atual Rua da Arcela.

### **Rua de S. Torcato**

A esta rua corresponderiam as anteriores Rua do Cano de Baixo e Rua do Além.

No final desta rua existiria a Fonte da Douradinha, que possivelmente seria de onde partia a água que abastecia a vila e de onde partiam os canos que davam nome à zona.

Esta integra também o primeiro bairro, à responsabilidade do juiz Luís António da Silva.

A rua, atualmente, terá este topónimo, possivelmente por ser a ligação à freguesia e vila do mesmo nome.

### **Rua de Dona Teresa**

Ainda que sem rigor absoluto, com base nas descrições existentes, julgo a esta rua corresponder a anterior Rua do Salvador. Isto justifica-se pela descrição feita pelo Padre Torcato de Azevedo, nas suas “Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães”<sup>20</sup>, que justifica o topónimo de Rua do Salvador pela existência de uma capela do mesmo nome na Quinta da Verdelha, quinta que dá atualmente nome a uma viela que parte da Rua de Dona Teresa.

Aqui, poderia também incluir-se o extremo do percurso da anterior Rua do Cano de Baixo.

---

<sup>19</sup> Porto Editora, 2003-2020.

<sup>20</sup> Azevedo, 1692.

Nesta rua localizar-se-iam as nobres habitações, onde se instalavam os arcebispos de Braga, quando, por algum motivo, aqui se dirigiam.

A esta artéria estaria associada também uma capela do mesmo nome.

Em reunião de Câmara de 17 de julho de 1962<sup>21</sup>, fixa-se o nome desta rua em Rua de Dona Teresa.

Assim como várias ruas em torno do castelo, esta presta homenagem a uma personagem associada aos primórdios da nacionalidade. D. Teresa de Leão, terá nascido por volta de 1080 e foi mãe de D. Afonso Henriques. Com efeito, D. Teresa é uma personalidade histórica de enorme relevância, tendo mesmo sido opositora do seu próprio filho, na batalha de S. Mamede a 24 de junho de 1128, data que se considera a primeira tarde portuguesa. Acredita-se que o seu filho, Afonso Henriques, a terá aprisionado no Castelo de Lanhoso.

### **Rua de Dona Mafalda**

A esta rua acredita-se corresponder a anterior Rua das Oliveiras de Santa Cruz, sendo que as mais variadas obras a localizam na parte superior do Campo de S. Mamede. A confirmar isto, a obra de *Guimarães do Passado e do Presente*<sup>22</sup>, localiza-a diretamente neste arruamento.

Da abertura desta rua, e da sua alteração toponímica não se consegue precisar qualquer data. Sabe-se apenas que esta aparece referenciada no *Plano de Melhoramentos* de 1863 do Engenheiro Almeida Ribeiro e volta a surgir numa ata de reunião de Câmara de 1962, na qual se enumeram alguns topónimos a fixar.

Atualmente, homenageia a primeira Rainha de Portugal.

### **Campo de S. Mamede**

Este terreiro, era inicialmente conhecido como Campo de S. Salvador, pela sua proximidade à capela (e cruzeiro) com o mesmo nome.

Encontram-se referências ao referido cruzeiro, pelo menos, desde 1531, num documento da reunião de vereação de Guimarães, de 20 de fevereiro<sup>23</sup>.

Era também conhecido como Terreiro do Cano, por motivos já referidos na contextualização da Rua do Cano de Cima e que se adequam ainda à Rua do Cano de Baixo.

---

<sup>21</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1922.

<sup>22</sup> CMG, 1985.

<sup>23</sup> Faria, 1997.

O Campo do Salvador acabou por mudar de topónimo em 1880, passando a chamar-se Campo de D. Afonso Henriques, nome que deriva da sua proximidade com o castelo, decisão que surge de uma reunião de Câmara, por proposta de António Joaquim de Melo<sup>24</sup> (vereador à data). Em reunião de Câmara de 10 de dezembro de 1943 menciona-se que este, passaria então, a denominar-se Campo de S. Mamede.

Anos mais tarde, novamente em reunião de Câmara, de 17 de julho de 1962 delibera-se fixar alguns topónimos, mencionando-se aí o Campo de S. Mamede.

Este era um local onde se realizavam feiras, como a do gado por exemplo, devido ao espaço que proporcionava, e até 2011 aqui se continuou a realizar a feira semanal da cidade.

O espaço foi melhorado, durante o Estado Novo, de forma a adaptá-lo para aquelas que se conhecem como “as comemorações centenárias”, em honra ao oitavo centenário da nacionalidade (1940), aliás, como toda a restante área nas imediações do castelo.

A igreja que hoje aqui se encontra, só fora transferida para este local no início da década de 60 do século XX. Esta igreja, de S. Dâmaso, estaria, até então, no local que hoje integra a Alameda de S. Dâmaso.

Este local é associado à batalha de S. Mamede, sendo que alguns autores defendem que aqui terá acontecido esse evento histórico. Contudo, atualmente, considera-se “oficialmente” como local onde ocorreu a referida batalha o Campo da Ataca, em S. Torcato, ainda que a precisão desta informação seja extremamente questionável.

### **Rua Seleira**

Esta rua é de localização indefinida, ainda que seja claro que se localizaria na Vila Alta.

É já referenciada em 1239<sup>25</sup> e seria muito próxima da muralha. Sabe-se também que, existiria uma albergaria nesta rua, que corresponderia à albergaria do castelo, o que confirma que esta artéria se localizaria na Vila do Castelo (remetendo à época em que a vila estaria dividida entre o burgo do mosteiro e o burgo do castelo). Este topónimo associa a rua ao respetivo ofício que lhe dá nome.

---

<sup>24</sup> Meireles, 2000.

<sup>25</sup> Ferreira M. , 2010

## **Rua Direita**

Esta rua, cuja localização se mantém desconhecida, localizar-se-ia algures na Vila Alta. Sabe-se da sua existência pelo menos no século XV<sup>26</sup>.

## **Rua do Fato**

Localização deste arruamento é também imprecisa. Porém, sabe-se que partiria da Rua de Santa Cruz, e se dirigia ao Mosteiro da Costa<sup>27</sup>.

## **Monte Latito /Parque do Castelo**

Neste ponto incluir-se-ão as ruas que, já não existindo, se integrariam no espaço correspondente ao atual Parque do Castelo, nomeadamente, na sua envolvência.

Esta zona, desde sempre se viu desvalorizada em relação ao aglomerado populacional que surgira em torno do mosteiro (atual Igreja da Oliveira). Aqui aconteceriam quatro feiras anuais o que atraía, naturalmente, pessoas àquela zona.

A rivalidade entre o burgo alto e baixo era uma constante.

A zona do castelo chegou então a estar praticamente ao abandono e referia-se muitas vezes que isto se justificava pela falta de água e pela exposição aos fatores climáticos (dos quais a Vila Baixa seria mais protegida), devido ao desnível topográfico. Contudo, as queixas relativas à falta de água, não parecem comprováveis, dados os relatos de fontes e de canos que passavam nas proximidades.

Aqui existiria a Capela de Santa Margarida e, anexa à mesma, uma albergaria. Esta capela corresponde à que hoje se conhece como de S. Miguel e está associada ao mito (contestado por muitos) de que D. Afonso Henriques terá sido aí batizado. Nas imediações desta igreja situar-se-iam os açougues reais, sendo que este representaria também um ponto social desta vila.

A zona do castelo vai ganhando importância e começam a surgir ideias para o seu melhoramento já em 1863, nos projetos do Engenheiro Almeida Ribeiro.

Possivelmente, aí começa a pensar-se na eliminação das ruas que agora se mencionarão.

A Rua de Santa Cruz partilha o nome com uma capela, que ainda hoje se pode visitar, e estaria também associada ao burgo de igual denominação.

---

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> Azevedo, 1692.

Tanto Maria José Queirós Meireles<sup>28</sup>, como Alberto Vieira Braga<sup>29</sup> mencionam que, em sessão extraordinária da Câmara Municipal de Guimarães (CMG) de 16 de novembro de 1910 se decide dar o nome de Rua do Padre António Caldas a esta rua. Refere também que, o topónimo aí escolhido deveria ser de pouca utilização, pois uns meses depois a imprensa começa a sugerir outros topónimos para o local. Tendo em conta que atualmente ainda existe, precisamente adjacente ao Parque do Castelo, uma rua de topónimo Padre António Caldas, esta informação não é coerente com as referências, também de Alberto Vieira Braga, por exemplo (entre outras), que nos indicam também que a Rua de Santa Cruz deixou de existir aquando da transformação e urbanização feita na envolvente dos monumentos da fundação.

A Rua de Santa Bárbara, que se acredita corresponder também, à Rua de Santa Margarida localizar-se-ia nas imediações do Paço dos Duques, muito possivelmente partindo da porta do mesmo nome. Terá também esta deixado de existir aquando da urbanização da Colina Sagrada.

A Rua do Castelo, apesar de já não existir, terá sido, em tempos, a rua de maior importância da Vila Alta. Sabe-se que é referenciada pela primeira vez em 1183<sup>30</sup> e seria a via de ligação entre as duas portas, a Porta de Santa Bárbara e a Porta da Freiria. Esta era uma rua marcada pela presença eclesiástica. Acredita-se também que a orientação desta rua terá sofrido algumas alterações ao longo dos tempos, até que, finalmente se extinguiu.

O Largo dos Quarteis, corresponderia à zona fronteira ao Paço dos Duques de Bragança. Possivelmente, este topónimo surgira à data da utilização do paço como quartel militar, à época das invasões francesas.

Entre o final de março e o início de abril de 1880<sup>31</sup> o Largo dos Quarteis passa chamar-se Largo dos Duques de Bragança, por proposta de António Joaquim de Melo.

Atualmente, o local que se pensa ter correspondido ao referido largo, mantém uma configuração bastante ampla. Porém não parece corresponder-lhe qualquer topónimo, estando integrado no Parque do Castelo.

Este local, o Parque do Castelo, passa a denominar-se, a 10 de dezembro de 1943 (comprovável pela, já mencionada, ata de reunião de Câmara), Parque da Mumadona. Contudo, não surgem mais menções à toponímia deste local, sendo que hoje o se conhece, tal como referido, por Parque do Castelo ou Monte Latito.

---

<sup>28</sup> Meireles, 2000.

<sup>29</sup> Braga, 1959.

<sup>30</sup> Ferreira M., 2010.

<sup>31</sup> Meireles, 2000.

## **Rua Dr. Joaquim de Meira**

Esta rua, corresponde à anterior Rua do Campo Santo.

O topónimo de Rua do Campo Santo justifica-se com a proximidade que esta rua tinha com o campo santo (cemitério municipal), propriedade da Misericórdia.

Esta rua dava também acesso a uma viela que unia o campo santo ao Largo do Carmo; seria a Vuela do Campo Santo.

As referências são escassas. Ainda assim sabe-se que esta, em 1873, integra a Rua Nova de Santo António<sup>32</sup>, quando se decide que a mesma iria incluir as ruas do Campo Santo, da Fonte Nova e Palheiros.

Esta, naturalmente, perde relevância quando o cemitério municipal se muda para a Atouguia, onde ainda hoje se localiza.

Esta rua presta homenagem a um médico cirurgião e político que terá sido presidente da Câmara de Guimarães, nasceu a 19 de março de 1858 e morreu a 1931. Era escritor, orador, e, como não poderia deixar de ser, serviu a Sociedade Martins Sarmento.

## **Rua do Conde D. Henrique**

Esta correspondia à anterior Rua da Porta de Santo António, cuja origem, se pode presumir, seja por ali se ter localizado a respetiva Porta de Santo António.

Desta rua se pôde confirmar nenhuma data da sua abertura, porém parece que, logicamente, exista deste a existência do primeiro cerco.

O Engenheiro Almeida Ribeiro projetou alguns melhoramentos para esta artéria, porém não se realizaram.

Em 1807, na divisão da Vila em bairros, menciona-se a Rua de Santo António, que poderia ser referente a este arruamento ou à rua que conhecia também por Rua de Santo António dos Palheiros. Esta rua passaria a integrar o primeiro bairro, à responsabilidade do juiz Luís António da Silva.

O topónimo que, até aos dias de hoje, homenageia o Conde D. Henrique, surge, assim como muitos dos topónimos já mencionados em arruamentos anteriores, em reunião de Câmara de abril de 1880, incluído numa lista de propostas apresentadas pelo vereador António Joaquim de Melo.

---

<sup>32</sup> Braga, 1959; Meireles, 2000.

Em 1947, com vista ao aprimoramento do Parque do Castelo, eliminam-se algumas edificações existentes nesta rua<sup>33</sup>.

Não foi possível obter mais informações; porém, a sua configuração parece ter permanecido relativamente inalterada ao longo do tempo.

Como se pode notar, em torno dos monumentos do parque do castelo, os arruamentos, na sua maioria, aludem a figuras da fundação da nacionalidade e esta rua é mais um exemplo disso. Conde D. Henrique, de cognome “o bom”, foi pai de D. Afonso Henriques, o primeiro Rei de Portugal, de cognome “o conquistador”.

### **Largo Martins Sarmento**

Neste espaço, e seguindo o exemplo de outros locais da cidade, antes de se conhecer a fisionomia que hoje apresenta, incluía arruamentos e edificações que os definiam.

Assim, comece-se se por falar da Rua da Infesta; esta rua, estaria integrada no atual Largo de Martins Sarmento e correspondia ao seguimento da Rua de Santa Maria.

A 16 de março de 1685, iniciou-se a edificação de um convento nesta rua. Este começou por ser dedicado a Santa Teresa embora, alguns anos mais tarde, tenha sido dedicado a São José. Contudo, no altar da igreja é colocada uma imagem da Nossa Senhora do Carmo, passando assim a ser este o alvo da veneração popular e clerical. Em 1860, já após a morte da última freira deste convento, este foi cedido para casa do Asilo de Infância desvalida de Santa Estefânia<sup>34</sup>.

Recorda-se, nesta rua, uma Capela de Nossa Senhora da Graça (ou da Anciada)<sup>35</sup>, que desaparecera com a abertura do largo.

A subida desta rua simbolizava, de forma muito evidente, o aumento do grau da pobreza; nesse sentido, a Vila Alta era à data a vila “pobre” e estava praticamente ao abandono.

Não foi possível justificar o vocábulo que dá nome a este anterior arruamento.

Encontrava-se também neste espaço a Rua do Poço. Existem referências, de ano indefinido, da existência de um poço aqui<sup>36</sup>, o que poderia ter justificado o respetivo topónimo.

Esta seria paralela à Rua da Infesta, no seguimento da Rua das Trinas.

---

<sup>33</sup> Meireles, 2000.

<sup>34</sup> Azevedo, 1692.

<sup>35</sup> CMG, 1985.

<sup>36</sup> Azevedo, 1692.

O Largo Martins Sarmiento, como hoje o conhecemos (aproximadamente), surgiu com a destruição das edificações construídas entre a Rua da Infesta e a Rua do Poço, proposta em 1869 pela Comissão de Melhoramentos<sup>37</sup>. Em 1881 surge então, o espaço numa configuração amplificada.

Este espaço, viria a entregar o sétimo bairro, nomeado ao juiz João Pinto.

Aqui existia um tanque que, em 1890, foi transferido para a atual Rua de Santo António, e, atualmente, podemos encontrá-lo no largo Dr. João da Mota Prego. Em frente ao convento existia também um cruzeiro, do qual temos referência em 1860<sup>38</sup>.

Como era o comum nas praças e largos, este serviu para festejos de origem popular e religiosa assim como para feiras e vendas. Aqui, em 1866 acontecia ainda a feira de telhas.

A 31 de dezembro de 1867, aqui se manda edificar uma biblioteca, que funcionaria também como escola, tanto primária como secundária, desde o latim ao francês. Sendo também este o espaço onde se encontrava a habitação do Conde de Margaride. Em 1891 é aqui colocado o chafariz quinhentista, que estava anteriormente no Largo do Toural e, por volta de 1882, este largo começa a passar por processos de reformas estéticas.

Mais tarde, em 2011, a cidade sofreu um extenso plano de recuperação, otimização e reformas, em vários pontos da cidade, com o objetivo de a preparar para acolher o título de Capital Europeia da Cultura em 2012.

No âmbito dessas reformas, o referido chafariz regressou ao seu local original, o Largo do Toural.

Este chafariz estaria diretamente associado às festas Nicolinas (festas dos estudantes vimaranenses em honra de S. Nicolau) sendo que, em torno do mesmo era feita a eleição da comissão de festas desde 1943. Com efeito, independentemente do local onde se encontrava o chafariz, era sempre em torno deste que ocorriam estas eleições. Tradição que, de resto, perdura ainda atualmente. Encontramos também em vários pregões, referências a este mesmo chafariz como sendo um local onde se castigavam aqueles que interferissem negativamente nas festas estudantis.

A 10 de agosto de 1899, no dia seguinte à morte de Francisco Martins Sarmiento, na sua casa no Largo do Carmo, a Câmara dá o seu nome a este espaço, passando então a chamar-se Largo Dr. Martins Sarmiento<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> Meireles, 2000.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> Braga, 1959.

Ao longo da primeira República este manteve-se sem grandes alterações, sendo que, por volta de maio de 1913 começam a surgir queixas da falta de limpeza e do mau estado do jardim, sabendo-se que estaria a ser utilizado como um espaço para atividades de carácter desportivo.

A importância do largo vai aumentando e por volta de 1934 chegam a localizar-se aqui, provisoriamente, as repartições públicas.

Martins Sarmiento, vimaranense, lutava insistentemente pela preservação e valorização do património da sua cidade natal. Terá escrito alguns versos, mas devido às duras críticas que recebera, acabou por retirá-los do “mercado”. Ficou especialmente conhecido na cidade pelas suas escavações em Briteiros. Era arqueólogo, mas tinha um interesse eclético por todo o património, incluindo o imaterial, sendo que chegou também a ser notável o seu trabalho enquanto fotógrafo.

### **Vielas do Campo Santo**

Esta rua atualmente não tem qualquer placa toponímica, ainda que popularmente seja conhecida, quer por Viala do Carmo como por Viala do Campo Santo.

Este topónimo surge, por esta passagem fazer a ligação entre o local que hoje conhecemos como Largo Martins Sarmiento e o cemitério que existiria nas imediações do atual Convento dos Capuchos, conhecido como Campo Santo. Esta viela marcava, à época, a separação entre a Rua do Gado e a do Poço, antes da abertura do largo.

Em 1891 delibera-se que esta via se passasse a intitular de Viala do Antigo Cemitério Municipal<sup>40</sup>, proposta do Conde de Margaride que habitava aí perto. Não fica claro se esta alteração chegou a ocorrer ou se ficou apenas pela deliberação.

Em Reunião de Executivo de 3 de dezembro de 2016<sup>41</sup>, aprovou-se, finalmente, a “oficialização” do topónimo alusivo ao anterior cemitério. Referindo-se ainda, a crença popular, de ali existirem ossadas, de pessoas que pertenceriam a classes sociais mais baixas.

### **Rua Capitão Alfredo Guimarães**

Este arruamento, de abertura relativamente recente (quando comparado com outras vias), parece corresponder ao anterior Caminho dos Castanheiros.

---

<sup>40</sup> Disponível em: AMAP, cota 10-9-8-24.

<sup>41</sup> Disponível em: <http://ufcidadeguimaraes.com/wp-content/uploads/2017/06/15-VIELA-DO-CAMPO-SANTO.pdf>.

Esta rua corresponde a uma saída da cidade que recebe o topónimo, que hoje conhecemos, em 1931<sup>42</sup>, homenageando um soldado vimaranense que perdeu a vida na primeira Guerra Mundial.

### **Avenida General Humberto Delgado**

Esta rua, definida pelo percurso da muralha, cujo muro era usado para o estender das roupas dos residentes locais, era uma artéria muito característica. Desde o aspeto das habitações, aos hábitos dos moradores, caracterizava-se pela peculiaridade.

O cenário era de gaiolas, vislumbrando-se as mais variadas aves, com destaque para os passarinhos e pintassilgueiros<sup>43</sup>, exposição que teria também em vista o comércio

Sabemos, segundo Leite Vasconcelos na sua obra sobre “Tradições Populares de Portugal<sup>44</sup>” que aqui, os jovens, usavam um objeto que chamavam de palheiras para apanhar os pássaros mais “indomáveis”. Poderá desenvolver-se daqui o facto de, ainda hoje, serem poucas as pessoas que saberão o verdadeiro topónimo desta rua, sendo que ela se mantém conhecida como “Palheiros”.

Contudo, Alberto Vieira Braga, numa das suas publicações na *Revista de Guimarães*<sup>45</sup>, refere que, este local era conhecido como “Os Palheiros” por aqui existirem os armazéns da palha.

Maria José Meireles, na sua dissertação, refere-se a esta rua como Rua de Santo António dos Palheiros<sup>46</sup>.

Esta rua viria a integrar o quinto bairro, em 1807, do juiz Lucas da Costa e, em 1873, passa a integrar a Rua Nova de Santo António, rua que iria incluir a Rua da Fonte Nova (atual Rua de Santo António), Palheiros e Rua do Campo Santo (atual Rua Dr. Joaquim de Meira).

Ao longo do século XX, esta via surge referenciada como Avenida do Engenheiro Duarte Pacheco, homem que fora Ministro das Obras Públicas e Comunicações. Este topónimo surge por proposta da reunião de Câmara de 10 de dezembro de 1943<sup>47</sup>. Não se conseguindo precisar uma data para o surgimento do topónimo atual, hoje esta artéria intitula-se de Avenida General Humberto Delgado.

O General Humberto Delgado era popularmente conhecido como “general sem medo”. Foi um militar que liderou um movimento de tentativa de derrube do regime de Oliveira Salazar, por via de eleições. Num processo eleitoral reconhecidamente fraudulento, acabou por perder para Américo Tomás. Mais tarde, já convencido de que não seria possível derrubar o regime por meios eleitorais, tenta liderar uma

---

<sup>42</sup> Meireles, 2000.

<sup>43</sup> Braga, 1959.

<sup>44</sup> Vasconcelos, 1986.

<sup>45</sup> Braga, 1959.

<sup>46</sup> Meireles, 2000.

<sup>47</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

revolução fracassada em 1962 (ficou conhecida como o Golpe de Beja) tendo acabado por ser assassinado em 1965 pela polícia política, Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE).

### **Rua Nova de Santo António**

Este arruamento seria composto, a partir de 1873<sup>48</sup>, pela Rua Dr. Joaquim de Meira, Rua da Fonte Nova (atual Rua de Santo António) e Avenida General Humberto Delgado.

Não fica claro se este topónimo já existiria anteriormente, ainda assim, o vocábulo “nova” indica que este seria, de facto, já de origem anterior, passando então, nesta data, a incluir as ruas indicadas. Questiona-se então se, eventualmente, esta teria este topónimo por ser no seguimento da Rua da Porta de Santo António, atual Rua do Conde D. Henrique. Ou se, de facto, algum destes arruamentos teria já o topónimo de Rua de Santo António. Sendo que se conhecem relatos que se referem à Rua dos Palheiros como, Rua de Santo António dos Palheiros<sup>49</sup>.

### **Rua Serpa Pinto**

A abertura desta rua, foi uma consequência da destruição da muralha que levou à expansão da cidade. Esta rua é aberta por volta de 1889/1890.

Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto foi uma personagem associada às explorações africanas. Dedicou-se à carreira militar. Serpa Pinto destacou-se pelas suas corajosas viagens, numa época em que o continente Africano estava por explorar, sendo este o responsável pelo mapeamento do interior deste continente.

### **Rua do Sabugal**

Esta rua já não existe, sendo que aquela que se apresenta com uma configuração mais próxima seria a Rua Serpa Pinto.

Mencionada, pelo menos, desde 1295<sup>50</sup>, data da menção a uma fonte de abastecimento público aqui existente. Partia da Rua da Infesta e era a ligação entre o interior e o exterior da muralha, sendo principalmente utilizada por aqueles laboravam nas zonas agrícolas dos arrabaldes da vila. Esta, marcava um espaço rústico e de pobreza, não fossem, à data, tanto este arruamento como a Vila Alta, uma zona,

---

<sup>48</sup> Braga, 1959.

<sup>49</sup> Meireles, 2000.

<sup>50</sup> Ferreira M. , 2010.

praticamente, à mercê do abandono. À medida que se subia esta rua, assim como a Rua da Infesta, aumentava o grau de pobreza.

Surgem também referências à Viela do Sabugal<sup>51</sup>, que parece ter uma configuração muito semelhante à Rua do Sabugal, podendo isto querer dizer que correspondem à mesma artéria, ou não.

Esta viela surge referenciada como o seguimento da Rua de Santa Maria, na direção da Rua de Santa Cruz (local onde hoje se pode encontrar a capela do mesmo nome). O valor desta rua divergia ao longo da sua extensão, sendo que, na parte inicial, pela sua proximidade com a Rua de Santa Maria, justificava-se a presença de membros da igreja, como uma consequência da tendência associada ao eixo de Santa Maria. Esta, partia da edificação que hoje acolhe o infantário Santa Estefânia, a Casa do Barão de Pombeiro, em direção à Rua de Santa Cruz.

Sabendo-se que, à partida, um sabugal corresponderia a um aglomerado de sabugueiros (arbusto), presume-se que seja esta a característica que dá origem ao topónimo, sendo que o concelho do Sabugal, no distrito da Guarda, justifica a sua denominação precisamente com base na existência desta vegetação ao longo do rio, no local<sup>52</sup>.

O Sabugal acabou por desaparecer.

### **Largo da Mumadona**

A abertura deste largo surge como consequência do plano urbanístico elaborado por Luís de Pina e Marques da Silva<sup>53</sup>. Desta forma, aqui iniciou-se então a construção do edifício dos Paços do Concelho, na primeira metade do século XX. Esta edificação acabou por ser demolida.

Atualmente, este largo acolhe o edifício do Tribunal, uma estátua da Condessa Mumadona e um parque de estacionamento subterrâneo.

A Condessa Mumadona, que dá nome ao largo, representa a formação da cidade de Guimarães. Herdeira do Conde Hermenegildo Gonçalves, terá tomado posse de uns terrenos que este aqui possuía. Ao mudar-se para as suas terras de Vimaranes, edificou um convento, em torno do qual se desenvolveu um aglomerado populacional. Como forma de proteção desse mosteiro e respetivo aglomerado populacional, Mumadona (nome que se acredita ser uma adaptação de Dona Muma) mandou erguer um castelo entre os anos 959 e 968. A vila de Guimarães desenvolveu-se então, em volta destes dois pontos.

---

<sup>51</sup> CMG, 1985.

<sup>52</sup> Fonseca J., 2006.

<sup>53</sup> Fernandes E., 2017.

## **Rua Dona Constança de Noronha**

Homenageia a segunda mulher do primeiro Duque de Bragança. Em 1461 tomou o hábito franciscano, e passava muito do seu tempo na igreja de S. Francisco, onde está sepultada. Fez várias doações a esta ordem e foi tida como santa.

Este topónimo surge mencionado numa ata de reunião de Câmara de 1962<sup>54</sup>, na qual se enumeram alguns topónimos a fixar, sendo que este parece ser é o único dado que se encontrou, em relação à evolução da denominação da mesma.

## **Avenida Alberto Sampaio**

Esta rua, anterior Rua dos Trigais<sup>55</sup> ou Trigaes<sup>56</sup>, integraria também um largo do mesmo nome. Em 1910 o Largo dos Trigais passa a denominar-se Largo Dr. Alberto Sampaio<sup>57</sup>.

Esta rua terá também passado por ser Avenida 31 de Janeiro, possivelmente pelo mesmo motivo que a Rua de Santo António ter já sido também Rua 31 de Janeiro, de forma a representar a data que marcou a primeira tentativa de Instauração da República em Portugal.

Contudo, à data da comemoração do centenário de Alberto Sampaio (historiador vimaranense), em novembro de 1941, dá-se o nome deste homem ao arruamento<sup>58</sup>.

Este local integra o segundo bairro, à data da já referida segmentação da vila em 8 bairros, encarregue a Manuel José Leite.

A circulação associada a esta via vai aumentado e, com isto, a via estaria cada vez em pior estado, facto que, atualmente, já não se verifica.

Esta avenida, ainda preserva o maior troço de muralha ainda existente na cidade.

## **Rua do Condestável Nun'Álvares Pereira**

Este foi um herói nacional. Um general português que se distinguiu na crise de 1383, que terá utilizado a sua inteligência para vencer a batalha de Aljubarrota.

Sobre a evolução toponímica deste arruamento nada se sabe.

---

<sup>54</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1922.

<sup>55</sup> Braga, 1959.

<sup>56</sup> Azevedo, 1692.

<sup>57</sup> Meireles, 2000.

<sup>58</sup> *Ibidem*.

## **Largo do Cónego José Maria Gomes**

Este largo resultou do alargamento da Rua de Santa Maria, que surgiu com a fundação do Convento de Santa Clara em 1553, que se começou a construir em 1559.

A abertura deste largo resultou no desaparecimento da Rua de Maçoulas<sup>59</sup>.

Por volta de 1830, um pintor suíço, que fora hóspede dos proprietários da Casa do Arco, foi contratado para uma profunda remodelação, que acabou por transformar este largo.

À semelhança de outros largos desta vila, este era um espaço que acolhia, com regularidade, feiras.

Em 1891, com a morte da última freira este convento acaba por ser extinto.

Neste espaço, conhecido por Terreiro das Claras, em 1893, iniciam-se obras para adaptar este convento a seminário, sendo que no ano seguinte as aulas já aqui funcionavam. Com isto, a Câmara manda intitular o local de Largo do Seminário-Liceu<sup>60</sup>, topónimo que se manteve até à implantação da república.

Em 1910, dá-se a este largo o nome de Francisco Ferrer<sup>61</sup>, em homenagem ao democrata catalão, um mártir da revolução. Nisto, uns dias depois de se colocar a lápide com o novo topónimo, esta aparece vandalizada.

Apesar das alterações toponímicas este local continuava a ser conhecido entre a população por “Largo do Liceu”.

Em 1918, após solicitação da Sociedade Martins Sarmiento, o Largo Francisco Ferrer passa a denominar-se Largo Dr. João de Meira<sup>62</sup>. Porém, em janeiro de 1924 este largo ganha finalmente o topónimo atual, Largo Cónego José Maria Gomes<sup>63</sup>, em homenagem a um antigo professor do liceu, publicista e orador.

Por volta de 1932, a iluminação no largo era escassa e os moradores queixam-se que, apesar da existência de um fontanário, era notável a falta de água. A 8 de dezembro de 1940, ter-se-á colocado neste largo um cruzeiro.

Aqui, existia em meados do século XX (referido em 1966<sup>64</sup>) um padrão em honra à Fundação e Restauração de Portugal, à volta do qual foi plantado um pequeno jardim. Este cruzeiro encontra-se

---

<sup>59</sup> Braga, 1959.

<sup>60</sup> Meireles, 2000.

<sup>61</sup> *Ibidem*.

<sup>62</sup> *Ibidem*.

<sup>63</sup> Disponível em: AMAP, cota 10-16-3-1.

<sup>64</sup> Meireles, 2000.

atualmente na Praça Cidade de Igualada, tendo sido retirado do largo fronteiro à Câmara na década de 80.

A 28 de maio de 1968 no convento e Santa Clara passaram a funcionar os serviços da CMG.

As mudanças mais recentes, que originam o espaço como hoje se conhece, ocorrem após o 25 de abril, a área sofre uma intervenção por parte do Arquiteto Fernando Távora.

### **Rua Agostinho Barbosa**

Esta rua foi aberta por volta do início da década de 40 de 1900, e presta homenagem a um jurisconsulto e Bispo de Ughento. Apesar de não ser unânime, acredita-se ter nascido em Aldão em 1589. Ao longo da sua vida, terá publicado várias obras, desde um dicionário de Latim-Português, a obras sobre o direito civil. Foi um homem distinto e chegou a ser tesoureiro-mor da colegiada da Oliveira.

Este topónimo surge em reunião de Câmara de 10 de dezembro de 1943<sup>65</sup>.

### **Rua das Trinas**

Este arruamento foi dos que por mais alterações toponímicas passou, ao longo dos tempos.

O primeiro registo que surge desta rua é de 1339<sup>66</sup>, à data com o topónimo de Rua do Gado, com início no Largo dos Laranjais e terminando na Viela do Campo Santo. Tal como o nome nos faria supor, nesta rua há então memória de três carneiros.

Incluída no sétimo bairro, do juiz João Pinto, acompanhou a evolução histórica, local e nacional e, desta forma, em sessão de 10 de julho de 1872 delibera-se que esta, assim como a Rua do Poço (no seu seguimento) se passassem a denominar Rua D. Luís I<sup>67</sup>.

Posteriormente, em sessão de 2 de novembro de 1910, dão-se várias alterações toponímicas na cidade e, entre estas, decide-se que a Rua de D. Luís I fique então Rua 5 de Outubro<sup>68</sup> (data que assinala a Implantação da República).

Quando se instala o Estado Novo, voltam a surgir inúmeras alterações toponímicas na cidade, passando esta rua a intitular-se Rua das Trinas<sup>69</sup>, nome que surge por ali existir o Recolhimento das Irmãs da

---

<sup>65</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

<sup>66</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>67</sup> Meireles, 2000.

<sup>68</sup> Braga, 1959.

<sup>69</sup> Meireles, 2000.

Santíssima Trindade. A este recolhimento estava também associada uma capela, conhecida como Capela da Nossa Senhora da Mercês, que aí se instalou em 1653.

### **Rua da Carniçaria**

Esta rua, sem qualquer relato que permita a sua localização, data de 1298<sup>70</sup> e o seu nome induz uma associação direta ao manuseamento e/ou venda de carne.

O único local que parece poder corresponder a este ofício seria a Rua do Gado (atual Rua das Trinas), porém, nada indica que estas poderiam ter qualquer tipo de relação ou associação.

### **Largo dos Laranjais**

Este largo, conhecido atualmente pela presença de laranjeiras, em 1727, possuía um dos passos de paixão da cidade, porém, em 1869 decidira-se fazer algumas alterações e alterou-se de sítio o passo. Chegando a ser esta, também, a localização das repartições públicas, o que de resto não parecia ser raro, dadas as variadas localizações provisórias que estas repartições foram tendo.

Em 1886, na Casa dos Laranjais, instalou-se a Escola industrial Francisco de Holanda.

Aqui se decide instalar o monumento a Alberto Sampaio, que se pode visitar, atualmente.

Entre 1955 e 1958 este largo passou por obras, porém continuavam a sair notícias de que se encontrava abandonado.

Sobre a toponímia do espaço nada se sabe, podendo, contudo, observar-se por toda a extensão do largo, inúmeras das arvores de fruto, que lhe dão nome.

### **Largo Navarros de Andrade**

Este topónimo é alusivo a uma família muito distinta. Uma família de intelectuais, que se distinguem nas mais diversas áreas da sociedade.

Aquele que, atualmente, se conhece como o edifício do arquivo, está associado a um palacete do século XVII, no qual vivera o Cónego Mestre Escola, Rui Gomes Golias, após herdar a casa dos seus pais<sup>71</sup>. Por volta de 1820 a casa passa a pertencer à família Navarros de Andrade e os próximos descendentes acabam por intitular o edifício com o seu nome de família. Aqui chegou a ser o tribunal do trabalho e a Polícia de Segurança Pública, antes da função de Arquivo Municipal que tem atualmente.

---

<sup>70</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>71</sup> Ferreira D. , 2012.

A atribuição do topónimo que homenagearia esta família, cujos membros se fizeram recordar, surge proposta em reunião de Câmara de 17 de abril de 1950<sup>72</sup>, à data, presidida pelo Dr. João da Rocha dos Santos.

### **Travessa da Senhora Aninhas**

Esta via, parece ter mantido uma configuração muito semelhante, ao longo dos tempos.

Em 1600 esta tinha o topónimo de Viela do Pingalho<sup>73</sup> e, em anos indefinidos, era também conhecida como Viela dos Laranjais, dada a sua proximidade com o respetivo Largo dos Laranjais.

A senhora Aninhas era conhecida por ser a “madrinha” dos estudantes da cidade, ainda hoje muito associada às festas Nicolinas. Esta senhora, muito acarinhada pela cidade e venerada pela comunidade Nicolina, oferecia a merenda aos estudantes, no seu estabelecimento não sem lhe inculcir um sentido de assiduidade, nomeadamente aos estudantes mais boémios.

Morreu em 1948 com 88 anos.

### **Rua de Santa Maria**

Esta, parece ser uma das primeiras, senão a primeira e mais importante rua da cidade de Guimarães.

Guimarães, na sua formação, surge enquanto aglomerado populacional, em torno da edificação do mosteiro de Santa Maria (que, atualmente, se conhece como de “Nossa Senhora da Oliveira”), por parte de Mumadona Dias e posteriormente em torno do Castelo de S. Mamede, que, na sua forma mais primitiva, fora também mandando edificar por ela, como forma de proteção do referido mosteiro, de algumas invasões. Acredita-se então que, esta rua seria a única forma de ligação entre os dois polos populacionais.

Devido à sua proximidade com o mosteiro, esta rua estava associada, inevitavelmente, à habitação de membros eclesiásticos. Era considerada uma “rua de elite<sup>74</sup>”, apesar de, aqui, tal como noutros espaços desta cidade, sempre ter existido espaço para diferentes classes coabitarem. Era, por consequência deste “elitismo” referido, uma rua de elevado custo habitacional e uma zona de comércio.

A Rua de Santa Maria seria, uma das muitas, que integraria o sétimo bairro, à responsabilidade do juiz João Pinto.

---

<sup>72</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1904.

<sup>73</sup> Braga, 1959.

<sup>74</sup> Ferreira M. , 1987,1988.

Naturalmente, com o decorrer do tempo, foi mostrando marcas de degradação e em 1931, com a criação da Comissão de Estética surge uma recuperação desta rua e a partir daí vão surgindo, progressivamente, alguns restauros no espaço que, além da sua visível degradação apresentava também inúmeros problemas de higiene e bastante dificuldade de abastecimento de águas<sup>75</sup>, ainda que se confirmem relatos de aqui terem existido poços<sup>76</sup> por volta do século XIV.

O topónimo desta rua, que ainda hoje se mantém, parece obvio dada a localização da mesma (adjacente ao mosteiro que surge em honra do Salvador do Mundo e da Virgem Maria), sendo que por vezes houve-se também o topónimo Rua da Virgem, que faz igualmente referência a Santa Maria. Contudo, numa sessão de 2 de novembro de 1910 a Câmara decidiu que esta rua se passasse a denominar Rua Elias Garcia em homenagem ao destacado professor, jornalista, militar e político republicano do século XIX. A 17 de dezembro de 1943 a Rua Elias Garcia recupera o topónimo de Rua de Santa Maria<sup>77</sup>.

A década de sessenta do século XX foi marcante para esta rua, tendo esta passado por uma reforma há muito necessária, desde o saneamento à reconstrução de alguns prédios.

Nesta rua pode encontrar-se a casa onde habitara a senhora Aninhas, madrinha dos estudantes, personagem muito acarinhada na cidade. Associa-se ainda, a esta via, a doçaria conventual vimaranense, por nela existir uma das pouquíssimas casas que saberá a receita das “Tortas de Guimarães”, tradicionalmente conhecida por ser uma receita cujo conhecimento se restringe a quem a obteve por meio direto das clarissas, que ao abandonarem o Convento de Santa Clara, se acredita se terem instalado em habitações na Rua de Santa Maria. Estas, como forma de subsistência, terão recorrido à confeção de doçaria conventual que lhes terá sido ensinada na sua permanência no convento e, segundo a tradição popular, terá sido assim que se transmitira até agora a receita dos doces mais típicos da cidade, as tortas e o toucinho do céu.

### **Rua João Lopes de Faria**

Este arruamento corresponderia à localização da rua que se encontrava descrita como Rua dos Fornos.

No início da centúria de 1400 surgem já referências a fornos públicos nas proximidades da Praça de S. Tiago<sup>78</sup>, onde se concentravam os mesteres desse ofício.

---

<sup>75</sup> *Ibidem*.

<sup>76</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>77</sup> Meireles, 2000.

<sup>78</sup> Ferreira M. , 1987,1988.

Acredita-se que, nesta rua, mais propriamente numa parte da casa das Lamelas (atual edifício do Arquivo Municipal), se terá instalado, ainda que provisoriamente, o hospício dos expostos. Tendo este tido, como localização anterior, a Praça de S. Tiago, posteriormente, mudou-se para aquela que, à data, correspondia à Rua Nova de Santo António.

Surgem também referências a uma capela neste arruamento. Seria adjacente à Casa das Lamelas.

Esta via enquadrar-se-ia no sétimo bairro, do qual estaria encarregue o juiz João Pinto.

Tal como já referido em cima, esta rua terá enquadrado a Rua das Lamelas, surgindo o topónimo da Casa das Lamelas que aqui se localizava. Neste edifício, chegou a instalar-se em 1877 o tribunal, sendo mais tarde utilizado também para as instalações da polícia. Em 1906 este edifício recebe também a Tesouraria Municipal.

Este arruamento terá chegado a ser também conhecido por Rua do Gravador Molarinho, pois esse topónimo, que veio substituir o de Rua das Lamelas, é anterior ao de Rua João Lopes de Faria, e por esse motivo acredita-se que, até surgir o nome atual, esta estaria abrangida no topónimo na rua que se seguia.

A Rua João Lopes de Faria, adota este nome em 1962<sup>79</sup>, homenageando assim o distinto historiador, que tanto nos deu a conhecer sobre a cidade de Guimarães. Era sócio da Sociedade Martins Sarmiento, à qual deixou o seu legado.

### **Largo Dr. João da Mota Prego**

Este largo, muito provavelmente, corresponderia ao Largo de S. Bento, por aí se localizar a torre e porta do mesmo nome. Aqui terá também existido uma capela do mesmo nome. Contudo, esta informação é imprecisa, na medida em que, a localização exata da referida torre poderá, de facto, considerar-se no local onde atualmente existe uma marcação, na calçada, que localiza a anterior Porta da Vila e, por este motivo, poderia o Largo de S. Bento corresponder também, por exemplo, ao atual Largo Navarros de Andrade. Este mesmo Largo Navarros de Andrade, é adjacente ao Largo Dr. João da Mota Prego, o que justifica a natural imprecisão dos limites geográficos de cada topónimo.

Assumindo-se que este seria, de facto, o Largo de S. Bento e, apesar de não conseguir precisar a data das alterações toponímicas pelas quais este largo passou, parece que o primeiro terá sido o de

---

<sup>79</sup> Meireles, 2000.

associação a S. Bento, pois a torre seria uma edificação anterior às restantes características que influenciaram a toponímia deste local.

Por volta de 1840 a torre de S. Bento é demolida, por ser considerada uma condicionante ao trânsito e um local propício à criminalidade.

O arco de S. Bento e a respetiva muralha acabavam por limitar a zona e, portanto, em 1820 demole-se o arco.

Após estas referências à eliminação do que restava da porta, torre e arco de S. Bento começamos a ouvir menções<sup>80</sup> a este largo associadas ao topónimo de Largo das Lamelas. Isto poderá ser uma consequência da construção (do século XVII) da Casa das Lamelas (atual Arquivo Municipal), porém, o mesmo poderá ter acontecido no sentido contrário, ou seja, a Casa das Lamelas ter esse nome por assim se chamar o largo em que se localiza. Sendo que se sabe que um dos arruamentos que converge a este largo terá tido também a denominação de Rua das Lamelas, topónimo que terá também surgido com a edificação da respetiva casa.

Nesta mesma casa viveu Rui Gomes Golias, que foi mestre-escola da colegiada. Isto poderá então justificar o porquê de este local, ter também sido intitulado como o Rocio do Mestre Escola<sup>81</sup>. Passando de testamento em testamento esta casa passou a ter o nome de Navarros de Andrade.

Atualmente, este largo presta homenagem ao Dr. João da Mota Prego, agrónomo e professor distinto, que viveu entre 1859 e 1931.

## **Rua de Val de Donas**

Esta rua surge referenciada já desde 1268<sup>82</sup>, porém deverá ser de existência anterior. É das únicas, senão a única, que terá mantido o seu topónimo ao longo dos tempos. Seria uma rua paralela à muralha e isto justifica as descrições que referem que aqui seria um corredor de circulação, tanto de homens como de material, bélico.

A sua proximidade com a cerca poderia também justificar o termo “Val”. Este poderia surgir de uma supressão do vocábulo vala (do latim *valla*)<sup>83</sup> que estaria diretamente associado ao conceito de trincheiras<sup>84</sup>. Esta associação do termo, a possíveis trincheiras, e por consequência também associado

---

<sup>80</sup> Caldas, 1881; Meireles, 2000.

<sup>81</sup> Morais, s.d.

<sup>82</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>83</sup> Priberam dicionário, 2020.

<sup>84</sup> Rocha C. , 2011.

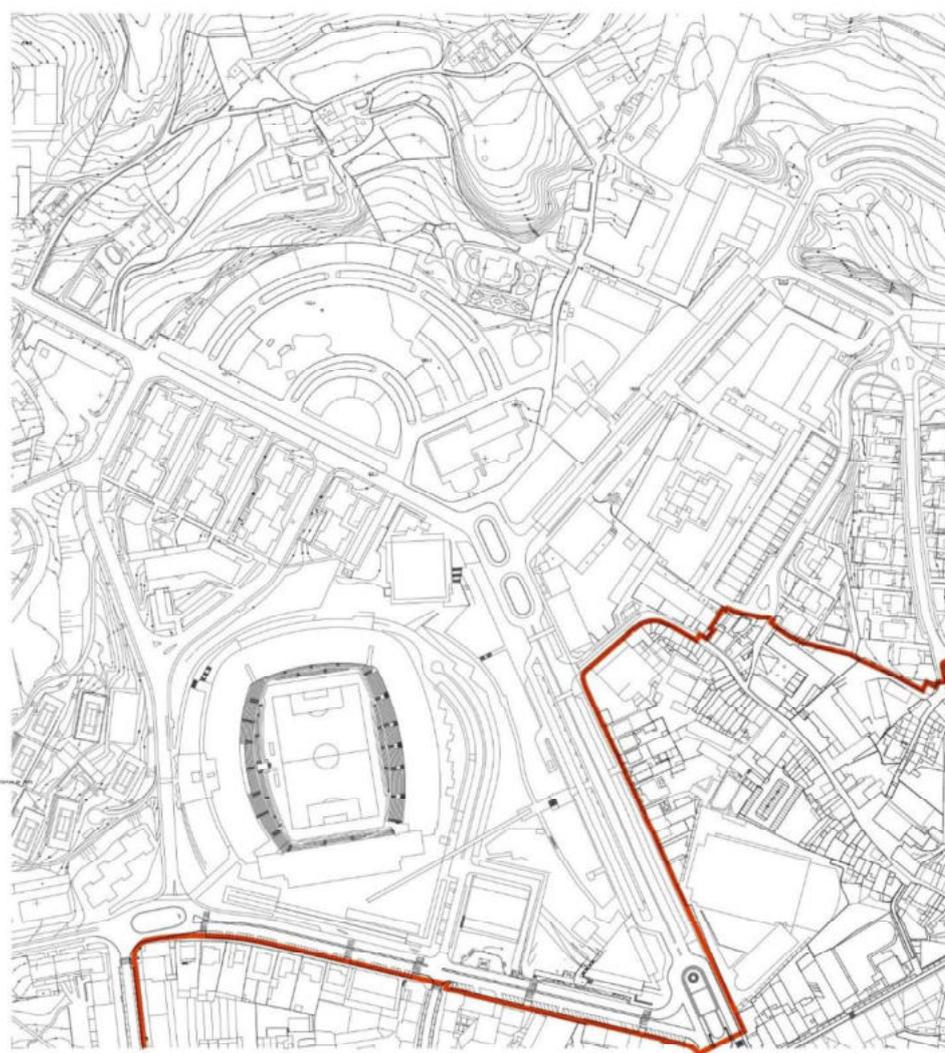
ao conceito de cerca, faria sentido dada a sua localização e as referências que conhecemos que associam o local à circulação de material (e homens) bélico<sup>85</sup>.

Este espaço definia a transição entre a Vila Baixa e o castelo.

Nesta rua, construiu-se, em 1302, uma albergaria que alojaria 12 pobres, assincronicamente.

Na sua maioria, aqui viviam cônegos do cabido, verificando-se também correeiros e sapateiros a habitarem aqui. Contudo, esta era uma das ruas mais acessíveis da vila.

Aquando da divisão da vila em bairros, em 1807, esta integra o sétimo bairro, do qual estaria encarregue o juiz João Pinto.



*Figura 3: Canto superior esquerdo da Figura 1. (Fonte: Imagem cedida pela DCH)*

---

<sup>85</sup> Ferreira D. , 2012.

## **Rua Francisco Agra**

Esta é uma rua da qual se tem conhecimento desde 1267<sup>86</sup>, ainda que conhecida por Santa Luzia.

Aqui existia uma gafaria feminina, por volta do século XIV, tendo a capela de Santa Luzia sido edificada em 1600. Desde cedo que se revela uma com rua com grande relevância, característica comum às vias que representavam saídas da cidade, falando-se neste caso da saída para Braga. Por volta de 1800 sabemos que era uma rua bastante habitada e com tradições muito características, entre elas os festejos de S. João.

Além da capela, podia aqui encontrar-se um oratório e lavadouros, sendo que esta via enquadrar-se-ia no quinto bairro.

A 8 de janeiro de 1902, Francisco Agra, um político vimaranense, assassinado a 26 de junho de 1901, dá nome a esta rua<sup>87</sup>.

Existia nesta artéria a residência dos expulsos jesuítas, residência esta que fora solicitada pela Câmara para a instalação de repartições públicas. Aqui, acabaram por se instalar as escolas de sexo masculino e feminino.

Em 1952 constrói-se nesta rua a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Em 1966 voltam a surgir queixas sobre o lixo, queixa, aliás, comum a várias zonas da cidade, na época.

A esta rua associamos também o topónimo de Rua da Calçada<sup>88</sup> que corresponderia ao extremo oposto à capela de Santa Luzia, na Rua Francisco Agra. Deste topónimo não sabemos nada mais além da sua localização e da sua função, também associada à ligação para Braga.

Em Santa Luzia festejam-se, anualmente, a 13 de dezembro, as festas locais, dedicadas a esta santa, padroeira dos “males dos olhos”. A capela abre ao público na data desta romaria, cujo nome é muitas vezes substituído por “romaria das passarinhas e dos sardões”, doces típicos da festa. Estes são muitas vezes associados à sexualidade, quer pela sua forma, como pela sua denominação. Os doces eram também sinal de promessa ou de expectativa entre um casal ou um futuro casal, pois, o jovem rapaz, quando se via interessado em alguma jovem, oferecia-lhe um sardão e aguardava que, sendo o interesse recíproco, ela lhe oferecesse de volta uma passarinha.

---

<sup>86</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>87</sup> Meireles, 2000.

<sup>88</sup> Azevedo, 1692.

## **Rua e Travessa do Picoto**

No presente, a Travessa do Picoto corresponde à escadaria que dá acesso à Rua do Picoto. Esta travessa, aparece já retratada numa planta<sup>89</sup> desenhada por Mário Cardoso em 1922, que faz referência ao século XVII.

Integrar-se-ia no quinto bairro, em 1807.

Em janeiro de 1896 projetou-se o restauro e alargamento desta rua, sendo que, em 1907 se fazem as escadas que subiam para a Rua do Picoto.

Na parte superior desta travessa, localiza-se o oratório do Senhor da Agonia, assim como a capela que, por vários anos fora cuidada pela família da Casa da Agra, tendo estes sido os responsáveis pela manutenção das suas imediações.

O espaço, tal como nos indica o seu topónimo, localiza-se numa zona alta da cidade.

Esta artéria (a travessa) caracteriza-se por manter o seu aspeto típico.

## **Preposto ou Proposto**

Este local, referenciado quer como uma “zona” como “viela”, é referenciado de forma bastante abrangente por parte dos mais variados autores. Desta forma, não é possível localizar com precisão a sua localização. Isto parece justificar-se, pela dimensão que se sabe ter tido a Quinta do Proposto<sup>90</sup>, onde hoje ainda se enquadra a casa do mesmo nome. Este terreno, incluiria, inclusive, a área onde hoje se encontra a Escola Secundária Francisco de Holanda, e isto, justificaria a vasta área onde o topónimo Proposto é descrito.

Sendo que, no geral, este local é descrito consecutivamente, tanto nas imediações de Santa Luzia, como na Rua Paio Galvão e até no local que hoje se conhece como a Avenida Conde Margaride, desde 1309<sup>91</sup>.

O local associa-se a uma zona relativamente rural e próxima do rio, onde existiria, inclusive, uma leprosaria feminina. Contudo, esta informação leva à seguinte questão: dada a desconformidade (já em cima justificada) dos relatos e a associação de alguns à zona de Santa Luzia, esta mesma leprosaria feminina a que se referem, não corresponderá àquela que se sabe ter existido precisamente na Rua de Santa Luzia (Rua Francisco Agra)?

---

<sup>89</sup> Fonte: Planta cedida pela DCH, CMG.

<sup>90</sup> Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71068>.

<sup>91</sup> Ferreira M., 2010.

Esta questão, não se vê ser respondida nas obras analisadas e, desta forma, esta viela ficará por localizar, sabendo que a sua localização se aproximaria dos locais que em cima se referiram. Ainda assim, no plano de urbanização de 1863<sup>92</sup> ainda se menciona esta viela, o que significa que esta se terá mantido, pelo menos até ao século XIX.

### **Viela dos Bimbais**

Esta rua surge mencionada pelo menos desde o século XVIII, ainda que se acredite ser de formação anterior, conhecendo-se que, em 1774 aqui eram deixadas as crianças enjeitadas (vocábulo que se refere àqueles que terão sido abandonados) da vila, na casa de Anastácio de Freitas, fidalgo que aqui habitava<sup>93</sup>.

Este, caracterizava-se por ser um local associado à tradição rural, marcado por campos, que acabam por desaparecer, como consequência da expansão urbana. Considerada uma zona perigosa, a imprensa local ia aconselhando a colocação de cancelas, de forma a vedar a viela durante a noite.

Esta travessa, por vários anos, foi palco de atividades de montagem de escapes, e oficinas de produção de fornos de lenha.

Atualmente, esta travessa apresenta um aspeto muito diferente daquele que parece ter tido, aquando das descrições em cima feitas.

### **Rua de Gil Vicente**

Esta rua terá sido aberta em 1873, e é uma das vias que marca, efetivamente, a expansão da cidade.

Padre António Caldas<sup>94</sup>, refere que esta rua corresponde à anterior Rua Nova do Mercado. Enquanto que, Alberto Vieira Braga<sup>95</sup> acredita que a Rua Nova do Mercado corresponde à atual Rua Paio Galvão.

Esta, fora batizada com o nome de Gil Vicente em abril de 1880, por proposta do vereador António Joaquim de Melo<sup>96</sup>.

Esta artéria, ao longo do século XIX e XX, caracterizava-se por reunir os mais variados serviços (característica que lhe assenta ainda hoje), desde um salão de cinema até uma fábrica de cutelaria e fundição a vapor.

---

<sup>92</sup> Fernandes E. , 2017.

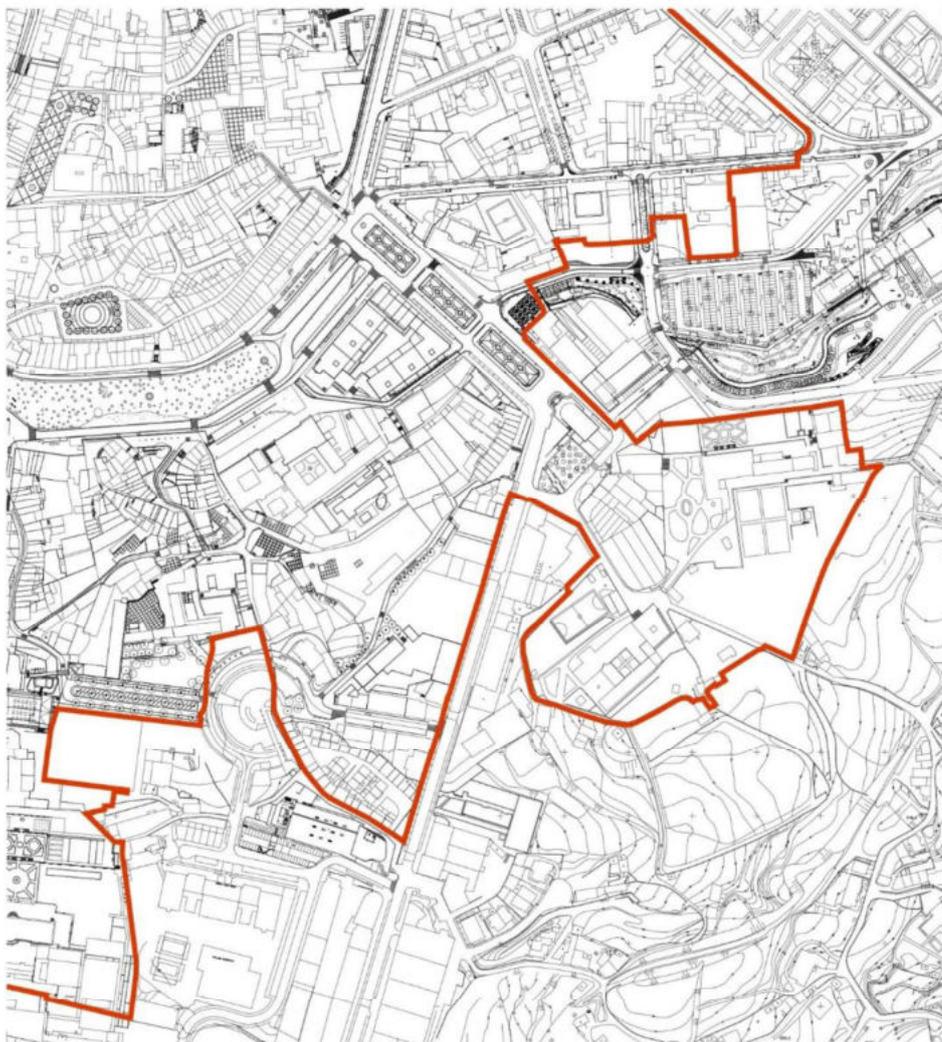
<sup>93</sup> Ferreira D. , 2012.

<sup>94</sup> Caldas, 1881.

<sup>95</sup> Braga, 1939.

<sup>96</sup> Meireles, 2000.

Sobre o atual topónimo, apesar de não ser unânime, Gil Vicente poderá ter nascido em Guimarães, por volta da década de 60 de 1400. Este é considerado o “pai” do teatro português. Poeta dramaturgo e ourives, terá sido o criador da Custódia de Belém, uma distinta peça de ourivesaria.



*Figura 4: Canto inferior direito da Figura 1. (Fonte: Imagem cedida pela DCH)*

### **Vuela de Val de Donas**

Esta rua liga a Rua de Val de Donas à Rua de Santo António.

Esta rua começou por se denominar “Travessa de Val de Donas”, entretanto passa a ser conhecida por Vuela dos Quatro Olhos, sendo que em 1880 recupera o topónimo inicial<sup>97</sup>.

Por volta de 1840 temos notícia de um homem que era conhecido por Frei Francisco Quatro-Olhos. A origem deste nome é desconhecida, sendo que, poder-se-á então questionar, se este teria qualquer tipo

---

<sup>97</sup> *Ibidem.*

de associação à viela. Se a viela teria este topónimo por sua causa, ou se ele teria esse nome simplesmente por lá habitar.

### **Largo da Misericórdia**

Este local surge com a edificação da sede da Misericórdia que se iniciou em 1588 e que originou a abertura daquilo que, à data, se considerava uma “praça nobre”.

Este é composto por casas que foram construídas tanto por meio de esmolas, como pela compra das mesmas por parte da irmandade da Misericórdia.

Antes da formação deste largo, este local era composto por arruamentos, naturalmente. Apesar da localização que se considerou correta, ser da concordância dos mais variados autores, isto pode sempre ser questionado. Assim, aqui se encontrava a Rua das Flores, rua que, enquanto alguns autores fazem corresponder à Rua da Forja<sup>98</sup> ou Rua do Ferreiro/Ferreiros, outros parecem fazer entender que estas coexistiam, neste largo. Associa-se também, à zona, o Largo das Flores<sup>99</sup>, que poderia ser anterior à abertura que surgiu da Misericórdia, ou não. Existia também o seguimento da Rua Sapateira, que ia até à porta da vila.

No Largo do Serralho, adjacente ao da Misericórdia, existia a cadeia da correição, e, portanto, existem também referências à Rua da Cadeia. Enquanto Alberto Vieira Braga<sup>100</sup> localiza esta rua na atual Rua Dr. Mota Prego (que poderia ter uma extensão maior que a atual) o Padre António Caldas<sup>101</sup> localiza-a no atual Largo da Misericórdia.

A Rua da Forja/Ferreiro leva a associar este local ao trabalho do ferro, porém, estranhamente, não parece encontrar-se qualquer referência associada a esse ofício, que justifique este topónimo.

Ao longo da progressiva abertura do largo, numas casas próximas à igreja da Misericórdia, que se prolongavam para a Vuela da Arrochela, existiu o hospital, que aqui se instalou em 1606. Estas casas não tinham as condições necessárias para o tratamento dos doentes (como vamos confirmar nas descrições da Vuela da Arrochela, caracterizada por ser um local imundo), e o hospital acaba por se mudar para o Convento de Santo António dos Capuchos.

À data da divisão da vila em bairros, em 1807, este local passa a integrar o sétimo bairro, do qual estaria encarregue o juiz João Pinto.

---

<sup>98</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>99</sup> Meireles, 2000.

<sup>100</sup> Braga, 1959.

<sup>101</sup> Caldas, 1881.

Aqui viviam os nobres e os fidalgos, facto que podemos confirmar pela referênciã ao Morgado dos Mirandas neste local.

Aqui existia um tanque, público até às horas das “avé marias” e fechado até ao nascer do dia, encontrando-se também um Passo de Paixão, mudado para a atual Rua de Santo António em 1879.

Este local chegou a acolher algumas feiras por volta do século XIX, como a feira da madeira e dos artigos de lavoura.

A 28 de abril de 1866 decide-se que o Largo da Misericórdia se passe a chamar, Largo Franco Castelo Branco<sup>102</sup>, como forma de homenagem a um homem que fora deputado por Guimarães por mais de 20 anos, sendo muito acarinhado pelos vimaranenses devido à sua ação no conflito entre Guimarães e Braga.

Em 1900 começam a surgir queixas da falta de limpeza do local, que surgem como consequência das árvores que lá foram colocadas por volta de 1889.

Em 1910, a 2 de novembro, voltou-se ao topónimo original, pois o que tinha sido atribuído segundamente não era utilizado pelos vimaranenses<sup>103</sup>.

Por volta de 1912 aqui chegou também a acontecer a feira do pão sendo que a feira de alfaias agrícolas, que aí acontecia, nesta data é mudada de local.

Em janeiro de 1919 o Largo da Misericórdia recupera o topónimo de Franco Castelo Branco, após apelos por parte da população mais conservadora. Em 1932 a comissão administrativa simplifica o topónimo, passando o Largo de Franco Castelo Branco a ser Largo João Franco<sup>104</sup>.

Na década de 30 erige-se um monumento a João Franco neste largo e daqui em diante o espaço vai sendo, progressivamente, melhorado, chegando a instalar-se aqui, em 1966, a Biblioteca da Fundação *Calouste Gulbenkian*.

A 31 de maio de 2003 volta a estabelecer-se que, o Largo João Franco se intitularia Largo da Misericórdia<sup>105</sup>.

---

<sup>102</sup> Meireles, 2000.

<sup>103</sup> *Ibidem*.

<sup>104</sup> *Ibidem*.

<sup>105</sup> Ferreira D. , 2012.

Atualmente, o topónimo deste local não é claro para a população, como consequência das constantes alterações, sendo que é um local que entre os vimaranenses é facilmente identificado por qualquer um dos topónimos.

Em 2001 foi aqui instalada uma estátua em homenagem a D. Afonso Henriques, simbolicamente virada para a Porta da Vila, como que em proteção ou a receber quem entra na cidade.

### **Largo do Serralho**

Neste local, podemos começar por supor que, seria onde se localizava a Rua do Serralho, da qual só sabemos que terá sido um local adotado pela elite para construção das suas habitações. Não sendo a sua localização referenciada, acredita-se que seria por aqui, devido ao seu topónimo.

Documentação do século XIV<sup>106</sup> refere-se a este local como sendo a Quintã dos Sapateiros, local que, como sabemos, fora então, mais tarde convertido no local onde habitariam os judeus. Ao encontro disto, sabemos também que, este fora o local onde os judeus de Guimarães além de aqui habitarem, aqui possuíam também a sua Sinagoga. O que faz sentido, tendo em conta a proximidade deste local, com a rua que conhecemos como “Judiação” (Rua Dr. António Mota Prego)

Este largo, atualmente, apesar de manter uma estrutura muito semelhante à do passado, foi sendo alterado com algumas construções mais modernas que acabaram por se descontextualizar.

Aqui, existia a cadeia da correição, que parecia acolher aqueles que seriam acusados de “pequenos delitos”, sendo que sabemos que os crimes de maior gravidade estariam destinados à cadeia que existia na edificação do Castelo, por se acreditar ser a que proporcionasse uma maior segurança. Julga-se ainda que, este estabelecimento prisional não se caracterizava pelas melhores condições de acolhimento<sup>107</sup>.

Uma vez mais, à semelhança de uma grande percentagem de espaços na vila, este fora também um local onde se concentravam mercadores e feiras, como por exemplo a do carvão. Era ainda, um local associado a oficinas de serralharia e tabernas.

### **Rua Dr. António Mota Prego**

Em documentos do século XIV, tal como já fora mencionado, surgem referências a um local intitulado de Quintã dos Sapateiros. Este local é localizado por vários autores, na atual Rua Dr. António Mota Prego, sendo que outros não fazem distinção se esta, Quintã dos Sapateiros, corresponderia a esta rua ou ao

---

<sup>106</sup> Ferreira M. , 1987,1988; Carvalho, 1946.

<sup>107</sup> Amaral, 2020

Largo do Serralho, ou até, a ambos. Coincidência ou não, também na cidade da Guarda, o local que era historicamente associado à Judiaria, surge, também ele, relacionado ao vocábulo “Quintã<sup>108</sup>”.

Sabe-se que, aqui, tal como no Serralho, habitavam os judeus, já desde os primeiros reinados, e era entre estes dois locais que possuíam um forno privativo e a sua Sinagoga. Porém, só começam a surgir notícias desta habitação judaica por volta de 1359, ainda que se saiba que seria anterior a sua ocupação. Ainda assim, só por volta de 1370 é que surge o termo Judiaria, associado à rua que estamos a retratar. Estes (judeus) viram-se protegidos e privilegiados por D. João I em 1385<sup>109</sup>.

Como consequência da expulsão dos judeus no reinado de D. Manuel I, em 1496, esta rua passa então a chamar-se Rua do Espírito Santo, sendo que por volta de 1500 tanto a sinagoga como a Judiaria (no seu sentido de habitação judaica) estariam abandonados.

Esta enquadrar-se-ia no sétimo bairro, do qual estaria encarregue o juiz João Pinto.

Em 1881 o Padre António Caldas<sup>110</sup> já lhe chamava Rua Dr. António Mota Prego, nome que se mantém. Porém, só em agosto de 1935 se propõem a instalação da placa toponímica.

António Coelho da Mota Prego foi Presidente da Câmara, advogado e político, defensor da cidade de berço. Escreveu uma data de artigos que viriam a confirmar o seu bairrismo, aliás comum aos vimaranenses no geral. Passou pelos mais variados lugares de poder e responsabilidade na cidade de Guimarães.

## **Praça de S. Tiago**

Este local, primitivamente, apresentava uma configuração muito diferente daquela que conhecemos atualmente.

O topónimo de S. Tiago, surge por aqui se ter localizado uma capela do mesmo nome, de que se falará de seguida, capela esta que ainda podemos localizar, encontrando a marcação da mesma no solo desta praça.

Nesta praça, estariam localizadas várias ruas. Contudo, a opinião dos variados autores analisados não é unanime em relação à localização das mesmas, o que se compreende dada a alteração fisionómica pela qual esta passou. Desta forma, considerar-se-ão as ruas como parte integrante da atual praça de S. Tiago, mas sem precisar a sua localização, por falta de dados para tal.

---

<sup>108</sup> Neto, 2011.

<sup>109</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>110</sup> Caldas, 1881.

Aqui localizava-se então: a Rua das Mostardeiras, cujo topónimo leva a imaginar que aqui haveria alguma ligação à produção deste alimento; a Rua dos Açoutados, que se acredita corresponder à mesma via que ainda hoje mantem o topónimo; a Travessa de S. Tiago; a Rua de S. Tiago; a Rua das Tendas, local que não é claro se se localizaria nesta praça ou na da Oliveira e por fim, a Rua dos Pasteleiros, local onde estes habitariam.

Na referida Travessa de S. Tiago, (cuja localização não consigo precisar com unanimidade), apareceram ossadas humanas, o que se poderia associar à proximidade com a capela.

Na divisão da vila em bairros, em 1807, refere-se que a Rua de S. Tiago passaria a integrar o sétimo bairro, do qual estaria encarregue o juiz João Pinto.

Esta praça era também conhecida como Praça do Peixe, por este aí se vender e pelos peixeiros aí habitarem. Sabendo que o primeiro alargamento da praça terá sido em 1606, para que este local se tornasse apto para a venda do peixe, poderá ter o topónimo surgido aí.

Neste local, tal como referido, existiu até 1887 (data da demolição) uma capela dedicada ao apóstolo S. Tiago. Esta capela, teria sido edificada pelos francos que terão chegado a Guimarães acompanhando o Conde D. Henrique, por volta do século XI. Este, terá cedido o respetivo terreno na praça de S. Tiago aos francos irmãos Tibaldi, local onde estes terão construído (ou reconstruído) o Templo de S. Tiago<sup>111</sup>. Contudo, acredita-se que esta instalação dos francos, terá sido uma reedificação de um templo pagão, dedicado a Ceres que estaria, à data, em ruínas.

Esta capela, recebera a imagem da Virgem Maria, antes desta ser transferida para o Mosteiro da Mumadona, o que atraía crentes de todas as classes sociais.

Por volta de 1532, surgem queixas sobre o estado de degradação em que esta capela se encontrava. Isto podia justificar-se por esta não gerar qualquer tipo de rendimento, por não ser uma igreja paroquial, não existindo assim dinheiro para a sua manutenção. Ainda assim, esta acabou por ser recuperada, tendo durado até à data da sua demolição. Nas traseiras deste templo encontrar-se-iam tendas (não fosse toda a zona, e sua envolvente, um espaço de comércio), mais um motivo que gera dúvida em relação à localização da Rua das Tendas.

Os açougues, antes de se mudarem para a zona do Largo Condessa do Juncal, encontravam-se algures entre a Praça de S. Tiago e Praça da Oliveira, mais uma vez, não ficando claro em qual das duas se localizavam.

---

<sup>111</sup> Ferreira M. , 2010.

Nesta praça existiu também a roda dos expostos, antes de ser transferida para a casa das Lamelas. Encontram-se referências à roda dos expostos também na Rua dos Açoutados<sup>112</sup>, poderão, efetivamente, ser correspondentes.

Por volta da primeira República, este local é considerado um local a evitar na cidade, sendo associado a habitantes com poucas possibilidades económicas, casas de prostituição e criminalidade. Nesta altura, o local, surge referido com o topónimo de Largo 13 de fevereiro<sup>113</sup>, cuja origem não se consegue justificar com precisão. Contudo, a data de 13 de fevereiro de 1919, marca o fim do (curto) regime que fora conhecido como “Monarquia do Norte”. Este durara apenas 25 dias, e surge no contexto da debilidade governativa em que o país se encontraria após a morte de Sidónio Pais, o que permitiu que surgisse a iniciativa de voltar a tentar instaurar a monarquia. Esta revolta termina a 13 de fevereiro, tendo assim falhado a tentativa dos monarcas. Esta data, conseqüentemente, marca o regresso do anterior Presidente da Câmara, Mariano Felgueiras, que teria sido afastado do poder e que aí o recupera. Poderá, de facto, a Praça de S. Tiago, ter-se intitulado (provisoriamente) Largo 13 de fevereiro, de forma a glorificar o “regresso” dos republicanos. Sabe-se ainda que, este topónimo se manteve, pelo menos até 10 de dezembro de 1943<sup>114</sup>, data em que se propõe que o local recupere o nome de Praça de S. Tiago.

Aqui terá existido um depósito de petróleo, que deu origem a um incêndio em 1935.

Entre 1960 e 1966 aqui acontecia a feira semanal, sendo também este o local onde se fixaram as oficinas de violeiros.

Esta praça é (ainda hoje) palco de um dos números das festas Nicolinas, as Maçãzinhas. Neste, as jovens estudantes, aguardando nas diferentes varandas da praça, são cortejadas pelos jovens com uma maçã. Simbolicamente, a maçã era dada à jovem pretendida e se esta retribuísse a oferta, significava que o sentimento era, também ele, recíproco.

Atualmente, e já após uma data de demolições e melhoramentos, este é um dos locais de convívio mais frequentados da cidade, quer por turistas quer pelos vimaranenses.

---

<sup>112</sup> Meireles, 2000.

<sup>113</sup> *Ibidem*.

<sup>114</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

## **Rua dos Açoutados**

Esta rua ainda hoje mantém o topónimo de Viela dos Açoutados. Sendo que ao longo dos tempos é referida como Viela/Rua dos Açoutados, ou Viela/Rua dos Enjeitados. É uma artéria que se pode considerar integrada na Praça de S. Tiago.

Este topónimo surge por estes, os açoutados, ali passarem, devido à Cadeia da Pertiga que ali existia, da qual se tem referências em 1529<sup>115</sup> (o que não quer dizer que não seja anterior).

Sabendo então que o vocábulo “Pertiga<sup>116</sup>”, na sua origem significava “vara” (objeto de açoites) entendemos então a origem do nome da cadeia, assim como do nome da rua.

A cadeia, situada nessa rua, destinava-se aos “carniceiros, padeiras, peixeiras, e servidores de soldadas” (Caldas, 1881, p. 47) e aos acusados de pequenos delitos. Os açoutados eram então aqueles que eram condenados a açoites, e passavam nesta rua em direção à cadeia, ou poderiam mesmo ser açoitados em plena rua.

Há autores que referem que esta rua, anteriormente teria sido denominada de Rua das Mostardeiras<sup>117</sup>, rua que estaria associada à presença de tendas e cujo nome terá tido origem, possivelmente, pela presença de homens ou mulheres, associados a este ofício.

Contudo, há quem se refira a esta Rua das Mostardeiras como um arruamento paralelo ao dos Açoutados<sup>118</sup>.

Em 1822 ter-se-á mudado para esta rua a Casa da Roda.

Ainda que este topónimo seja, certamente, anterior a esta data, na reunião de Câmara de 10 de dezembro de 1943<sup>119</sup> refere-se que a viela próxima àquele que era à data o Arquivo Municipal (edifício dos anteriores Paços do Concelho) se desse o nome de Viela dos Açoutados.

## **Largo de Nossa Senhora da Oliveira**

Este largo surge noticiado desde 1176<sup>120</sup>, sendo que possivelmente seja de formação anterior a esta data e acredita-se que possa ser um alargamento da estrada que, à data, ligava Monção a Coimbra.

---

<sup>115</sup> Caldas, 1881.

<sup>116</sup> Porto Editora, 2003-2020.

<sup>117</sup> Azevedo, 1692; Ferreira M. , 1987,1988.

<sup>118</sup> Morais, s.d.

<sup>119</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

<sup>120</sup> Ferrão & Afonso, s.d.

Pode-se considerar que estará associado à origem da Vila Baixa de Guimarães, pois, a aglomeração populacional dá-se em volta deste largo, por nele se encontrar o mosteiro (que passa a colegiada em 1110) construído por Mumadona e em torno do qual começam a surgir habitações e edificações. Acredita-se ainda que, junto a este mosteiro, que é a mais antiga edificação religiosa de Guimarães, tenha existido uma albergaria que foi um hospital, na sua forma mais primária.

Aqui se realizavam variados festejos, religiosos e pagãos.

Este foi o primitivo local de negócios e comércio, onde se encontravam os açougues e as tendas<sup>121</sup>, ambos considerados pontos fulcrais de comércio. Não obstante, alguns autores localizam estes açougues e tendas na praça de S. Tiago (local adjacente), o que não se estranha, dada a proximidade dos locais.

Contudo, os maus cheiros começam a surgir, associados à variedade de bens alimentares que aqui eram vendidos e, desta forma, transfere-se a venda do peixe para a Praça de S. Tiago.

Por volta de 1415, havia aqui um relógio, colocado na torre da igreja, que definia a abertura e o fecho das portas da vila.

Em 1324<sup>122</sup> surge a primeira referência ao Paço dos Tabeliães aqui, mencionando a sua importância. Esta edificação, na sua forma inicial, surge na necessidade de criar um local apto para receber reuniões, que até aí se iam fazendo em diferentes locais da vila, desde o claustro da Igreja da Oliveira até ao alpendre da Igreja de S. Miguel. Este local, passou por algumas modificações no século XVI, voltando a sofrer um notável restauro tanto no século XVIII como já no século XX. Este local chegou a acolher o Arquivo Municipal e uma biblioteca da Fundação *Calouste Gulbenkian*. Atualmente, acolhe o Museu de Arte Primitiva Moderna.

A este largo associam-se duas histórias, cujo carácter se considerará popular. A primeira está relacionada com a oliveira pois, segundo a lenda, aqui fora colocada uma oliveira. Esta, assim que colocada permaneceu seca, até que foi instalada uma cruz debaixo do padrão. Três dias após a colocação dessa cruz, a árvore voltou a ganhar vida, segundo a crença popular, por milagre. A segunda associa-se à estatua que se encontra na parte de cima do edifício dos Paços do Concelho, à qual se chama “O Guimarães, duas caras”. Esta estátua está associada à história da batalha de Ceuta. Após a sua vitória, no reinado de D. João I, este definiu que as cidades que teriam combatido nesta conquista teriam de destacar soldados para defender as suas cidades em caso de contra-ataque por parte dos muçulmanos. Sendo que aqueles que estariam a defender a cidade de Barcelos terão falhado na sua tarefa, os

---

<sup>121</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>122</sup> *Ibidem*.

vimaranenses assumiram o papel de defender as duas cidades, ficando eles encarregues de duas frentes (duas caras) da batalha. Assim os barcelenses ficaram com a tarefa de, antes de dias festivos, vir varrer as ruas da cidade, como forma de castigo pela sua cobardia.

Esta mesma oliveira dá, atualmente, nome ao largo.

Para além do referido relógio, também se encontrava, por volta do século XV, o Padrão do Salado, o Pelourinho, a Oliveira, a Fonte, um cruzeiro, e um tanque.

Chega a ser aqui a feira do pão, assim como outras feiras.

Encontramos também referências a uma Rua das Tendas, e ainda que não seja possível precisar se esta se localizava no Largo da Oliveira ou na Praça de S. Tiago, como já referido, fica clara a relevância comercial da zona. Este largo era ainda caracterizado por “entrar em conflito” com o Largo do Toural, por ambos os largos terem as condições apropriadas para a realização de feiras e mercados, disputando pelas mesmas.

Integra o sexto bairro, do qual estaria encarregue o juiz Francisco Joaquim Asinheiro.

Por volta de março de 1857 a praça sofre algumas alterações e o adro da igreja é cercado, incluindo na sua cerca o padrão. Esta cerca vedava a entrada pública durante as noites, tendo sido removida em 1913.

Também conhecida como “Praça Maior” era o centro de abastecimento de água dos moradores em sua volta.

A igreja, apesar de classificada como Monumento Nacional em 1910, foi sofrendo uma progressiva degradação ao longo dos anos seguintes e algumas das obras a que foi sujeita retiraram-lhe a traça original.

Atualmente, este é um dos largos mais frequentados e visitados, do Centro Histórico, a par da Praça de S. Tiago.

### **Rua Gravador Molarinho**

Esta rua, de que há referências desde pelo menos a década de 80 do século XIII<sup>123</sup>, conhecíamos como a Rua Escura.

---

<sup>123</sup> Ferrão & Afonso, s.d.

Esta era uma rua habitada por gente de posses, prova disso seria até a casa-torre que o Duque de Bragança aí possuía. Era uma rua bastante popular entre os nobres, o que contraria o topónimo da artéria que, à partida, levaria a crer que esta seria uma artéria insalubre e pouco higiénica, como muitas outras na vila.

Padre António Caldas<sup>124</sup> defende que esta rua terá integrado, a certa altura, a Rua das Lamelas, que se terá alongado para a Rua Escura e Rua dos Fornos. Isto só poderá ter acontecido depois de 1807 pois, este topónimo não aparece mencionado aquando da divisão das ruas da cidade em bairros de fiscalização (altura em que a Rua Escura integra o 6º bairro). Esta rua, antes do referido prolongamento, localizar-se-ia entre a Rua dos Fornos e a Rua do Gado, o que levava a que esta, muitas vezes, se enquadrasse nas referências que eram feitas à Rua dos Fornos.

O topónimo em homenagem José Molarinho surge em 1912, por proposta dos alunos da Escola Industrial. Desta forma, a comissão administrativa da Câmara Municipal, define que a Rua das Lamelas se passaria a chamar Rua Gravador Molarinho<sup>125</sup>.

Sendo que o topónimo da rua que lhe é adjacente, Rua João Lopes de Faria, só surge em 1962, acredita-se então que, até aí, se conhecia por Rua Gravador Molarinho, todo o prolongamento desta via, até ao encontro com o Largo dos Laranjais.

Gravador Molarinho, era José Molarinho. Nascido em 1828. Era ourives e mais tarde gravador, arte em que se distinguiu, sendo especialista em trabalhos com o marfim. Trabalhara na oficina de ourivesaria do seu pai que, como era comum na época, era também a sua habitação, situada na Rua da Tulha (atual Rua Dr. Avelino Germano). Era um homem conhecido na cidade por “viver à porta de casa”, convivendo com quem por ali passava e tocando violão<sup>126</sup>.

## **Rua da Rainha D. Maria II**

Como já tenho se tem vindo a mencionar, nos primeiros séculos de formação da vila de Guimarães, os arruamentos adotavam o nome do ofício ou dos homens que lá habitavam, não como forma de homenagem, mas sim com um carácter utilitário e orientador para quem percorria a vila. Desta forma, em 1167<sup>127</sup>, esta rua é associada ao topónimo de Sapateira, por aí viverem e trabalharem em maioria os

---

<sup>124</sup> Caldas, 1881.

<sup>125</sup> Meireles, 2000.

<sup>126</sup> Ferreira D. , 2012.

<sup>127</sup> Ferrão & Afonso, s.d.

sapateiros. Por vezes ouvia-se também o topónimo de Correeira<sup>128</sup>, o qual se assume como um sinónimo de Sapateira.

Esta rua era, e continua a ser, uma das mais importantes da cidade, além de estar integrada, à data, na ligação a Vila do Conde; por outro lado, a sua proximidade com a igreja da colegiada, em torno da qual se concentrava a vida social e mercantil justificavam a distinção e os custos desta artéria.

Sabe-se também que durante o ano 1770 nesta rua, junto à porta da vila, acontecia um mercado de linhos, o que parecia causar transtornos constantes à circulação e daí fora mandado deslocar-se para o terreno dos aflitos, dando assim, mais tarde nome ao cruzeiro que se passara a conhecer popularmente por Cruzeiro do Fiado.

Em 1341<sup>129</sup> esta rua é dividida passando a denominar-se uma parte da mesma Rua Sapateira e a outra Rua dos Mercadores. Da porta da vila ao Castelo dos Almadás seria Sapateira e daí até à Oliveira seria dos Mercadores.

Uma vez mais, o espaço era habitado por mercadores que eram, à data, considerados gente de posses. Podemos então concluir que, o comércio era um ponto de relevância no quotidiano da vila. Este espaço caracterizava-se pela venda exposta na rua e os respetivos mercadores viviam nos andares superiores das suas "tendas". Esta atração dos mercadores por aquela artéria era incentivada superiormente, nomeadamente por, D. João I que, em 1385<sup>130</sup>, isenta os mercadores desta rua, das aposentadorias.

Esta rua de negócios, apesar dos seus topónimos, era também, por vezes, intitulada de Rua dos Ourives, por aí predominar a ourivesaria.

Como se pode confirmar, este sistema de separar os ofícios por arruamentos, ao longo do tempo, vai perdendo a conveniência e os traços sociológicos dos espaços vão-se esbatendo.

O ofício dos sapateiros tinha como padroeiro S. Crispim, que se poderá também associar à confraria dos sapateiros, espaço que se situava numa travessa desta rua e que se caracteriza por receber os doentes e os peregrinos que estariam alojados na albergaria dos Sapateiros. Apesar de em 1462 a confraria se mudar para a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira a albergaria mantém-se no lugar onde se encontrava. Conclui-se com isto que, existira aqui uma confraria dos sapateiros que se manteve ao longo do tempo, chegando hoje, até nós como Irmandade de S. Crispim.

---

<sup>128</sup> Carvalho, 1946.

<sup>129</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>130</sup> *Ibidem*.

Por várias vezes surgem associações entre os sapateiros e os homens de couros, isto porque, encontramos várias informações que nos indicam que seriam os sapateiros quem estaria encarregue da curtição das peles. Estes seriam, inclusive, donos de pelames na Zona de Couros. Isto pode justificar o aparecimento do topónimo de Rua da Correaria associado a esta artéria, cujo vocábulo estaria associado à produção ou comércio dos couros<sup>131</sup>.

Na divisão da vila em bairros, em 1807, esta rua integra o sexto bairro, do juiz Francisco Joaquim Asinheiro.

No ano de 1853 a Rainha D. Maria da Glória elevou a vila de Guimarães a cidade. Como forma de agradecimento dá-se o nome desta mesma Rainha a uma das artérias mais importantes da cidade. Esta Rua Sapateira/Mercadores passa então a denominar-se Rua da Rainha D. Maria II.

Contudo, entra-se numa fase em que a evolução do regime marca as alterações toponímicas e a 2 de novembro de 1910 (data já muito mencionada como um momento de inúmeras alterações toponímicas) a Rua da Rainha D. Maria II passa a chamar-se Rua da República. Enquanto que a toponímia parecia acompanhar a evolução dos tempos, o estado das ruas não o fazia. Surgiam queixas de que o piso desta zona se encontrava num elevado estado de degradação.

A partir daqui surgem uma data de reformas nesta rua, desde a instalação da sede da Associação Comercial de Guimarães em 1921, à recuperação do Castelo dos Almadas. Em 1937 pavimentou-se a artéria e, em 1939, já a Comissão de Estética reunia no Castelo dos Almadas (ainda que em 1968 ali reunissem os estudantes do Liceu)

A título de curiosidade, refira-se que, nesta rua, nasceu a ,15 de novembro de 1841, Alberto Sampaio.

A 10 de dezembro de 1943<sup>132</sup> esta rua recupera o seu topónimo anterior, voltando a Rua da Rainha D. Maria II.

Esta rua, atualmente, está integrada na zona protegida do Centro Histórico e continua a caracterizar-se pelo comércio. O seu nome é popularmente suprimido para Rua da Rainha.

---

<sup>131</sup> Priberam dicionário, 2020.

<sup>132</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

## **Rua Peliteira**

Esta artéria, cuja localização se parece desconhecer, estaria associada ao ofício das peles. Surge também associada à Rua Sapateira (atual Rua da Rainha), contudo não é clara esta associação e, portanto, a sua localização é incógnita.

Sabe-se que a primeira referência da mesma surge mencionada em documentação de 1296<sup>133</sup>.

## **Viela de S. Crispim**

Esta rua, anteriormente intitulada de Travessa Sapateira, nome que se justifica pela sua localização, perpendicular à também anterior Rua Sapateira.

Esta viela é uma memória dos Sapateiros João Baihião e Pedro Baihião que fundaram, em 1315<sup>134</sup>, o albergue em honra de S. Crispim, deixando à irmandade de S. Crispim todos os seus bens. Luís de Pina<sup>135</sup> acredita que, a formação desta confraria e albergue dos Sapateiros é retratada já em documentos de 1284 e, portanto, seria bastante anterior à data que encontramos e que é tida como certa por vários outros autores.

Nesta altura, pode associar-se o vocábulo albergue a hospital, asilo ou recolhimento e todos eles se ligavam à confraria dos Sapateiros, sendo que se acredita que aqui terá funcionado também, por volta de 1320, uma gafaria.

Este albergue de S. Crispim, por volta do século XVI é referido como albergue de S. Miguel, por vezes também associado ao vocábulo “anjo”<sup>136</sup>. Com isto se pode justificar o porquê de por vezes a viela de S. Crispim ser referenciada como Viela do Anjo. Contudo, Luís de Pina, associa o albergue de S. Miguel às imediações da capela com o mesmo nome, o que parece mais plausível. Ainda assim pode-se concluir que tanto o Albergue de S. Miguel, do castelo, como o albergue dos Sapateiros estariam associados ao vocábulo “anjo”.

Há registos de pagamentos feitos pelo hospital já no final do século XVII, o que leva a crer que à data ele ainda existia.

---

<sup>133</sup> Carvalho, 1946.

<sup>134</sup> Morais, s.d.

<sup>135</sup> Pina, 1929.

<sup>136</sup> Carvalho, 1946.

A capela e o albergue associados ao hospital duraram até aos dias de hoje sendo que, este albergue, desde a sua existência, até hoje, serve uma ceia de natal a todos os pobres que se dirigirem às instalações.

Em 1910 existia na esquina desta viela um fontanário que, a pedido dos moradores, foi mudado para o Largo Condessa do Juncal.

Uns anos mais tarde, por volta de 1934, este local era característico de falta de higiene, por comumente se utilizar, indevidamente, como lixeira ou sanitário. Desta forma, a Câmara colocou aqui uns sanitários públicos, mas isto não parece ter surtido o efeito necessário, pois esta viela chegou mesmo a ser fechada ao público por vários anos, reabrindo em 1967, já após algumas reformas.

São Crispim e São Crispiniano são dois santos, irmãos gémeos, mestres sapateiros. Entendemos assim a escolha deste santo para padroeiro do albergue e do arruamento.

### **Rua Dr. Avelino Germano**

Esta rua, teve como topónimo inicial Rua da Tulha, apesar de não se conseguir precisar uma data para a sua abertura, ou para quando começa a surgir este topónimo, pode-se supor que seria uma das mais antigas da vila, quer pela sua localização quer pela sua configuração.

Integra o sexto bairro, do qual estaria encarregue o juiz Francisco Joaquim Asinheiro.

É uma zona que, apesar de, ao longo dos tempos, ter sido incluída nos mais diversos planos de melhoramentos, ainda hoje mantém uma estrutura muito semelhante à que sempre teve no passado. Ainda assim, esta era tema constante de queixas na imprensa relativas ao seu estado, de conservação, o que se justificava pela enorme afluência que a caracterizava.

A.L. Carvalho, na sua obra sobre os Mestres de Guimarães<sup>137</sup>, defende que, esta seria a Rua dos Ourives, sendo que o facto de, mais tarde, esta associação se referir à Rua da Rainha, significaria que as lojas dos ourives teriam então mudado de “artéria comercial”.

Confirmando esta ligação entre o local e o ofício da ourivesaria, sabe-se que, aqui morou e trabalhou, na oficina do seu pai, o distinto Gravador Molarinho. Nascido em 1828 dedicou-se ao ouro tendo-se distinguido, posteriormente, na arte de gravar. Este era um homem conhecido por estar bastante tempo à porta da sua casa/oficina convivendo e entretendo quem por ali passava e tocando o seu violão<sup>138</sup>.

---

<sup>137</sup> Carvalho, 1946.

<sup>138</sup> Ferreira D. , 2012.

O vocábulo “Tulha” associa-se a um compartimento para os cereais e grão. Não seria por acaso a proximidade desta artéria com o local que conhecíamos anteriormente como Eirado do Forno (atual Largo do Retiro), onde estavam, precisamente, os fornos.

Neste local também se localizava a Rua de S. Paio, ainda que não seja claro se seria em data diferente do topónimo de Tulha ou se, simplesmente, a zona, tendo uma configuração ligeiramente diferente, poderia estar dividida em duas artérias em algum ponto do seu curso atual. Conhecendo-se o fim do topónimo de S. Paio, enquanto que o de Tulha (oficialmente) se desconhece quando terá deixado de existir.

Em sessão de 23 de novembro de 1910, delibera-se então que a Rua de S. Paio se passe a denominar Rua Dr. Avelino Germano<sup>139</sup>. Este nome presta homenagem a Avelino Germano da Costa Freitas, nascido em 1842 e falecido em 1908. Trata-se de um distinto médico que prestou o seu serviço nas mais variadas instituições vimaranenses. Foi pioneiro em alguns diagnósticos, o que o colocou no topo da sua carreira. Foi também um dos fundadores da sociedade Martins Sarmiento, chegando a ser seu presidente.

Atualmente, este local, entre a população local, continua a ser conhecido como “A Tulha”.

### **Rua do Retiro**

Esta é uma zona que ainda apresenta uma configuração muito semelhante à do passado.

Era conhecida como a Rua do Eirado do Forno ou Rua do Ourado do Forno.

Um espaço em que as oficinas se misturavam com as habitações, onde se sabe, também, que se fazia a secagem dos couros, nos fornos que dão nome ao arruamento.

Apesar de não ser unânime entre todos aqueles que já escreveram sobre o assunto, a grande maioria dos autores defende que os fornos que aqui existiam não serviam para utensílio alimentar, mas sim, como já referi, para secar as peles<sup>140</sup>. Simultaneamente, Domingos Ferreira, na sua obra sobre a “Toponímia Vimaranense”<sup>141</sup>, acredita que estas duas utilizações para os referidos fornos, coexistiam.

Esta zona do ourado (nomeadamente uma travessa/viela que lhe correspondia), por volta de meados da década de 30 do século XX, era alvo de inúmeras queixas, relativas à falta de higiene que apresentava. O que era comum, aliás, nas restantes vielas da cidade, tal como já fora referido na descrição de outros arruamentos.

---

<sup>139</sup> Meireles, 2000.

<sup>140</sup> Morais, s.d.

<sup>141</sup> Ferreira D. , 2012.

Esta, terá sido uma zona de grande comércio, o que se pode justificar, talvez, pela sua proximidade com a Rua da Tulha (polo dos ourives) e da Rua da Rainha (anterior Rua dos Mercadores e dos Sapateiros).

Este espaço integrar-se-ia no sexto bairro, em 1807.

### **Rua/Viela de Donães**

Este arruamento parece surgir de uma passagem privada que ganhara o nome da sua proprietária, o que seria, aliás, comum à época. Este topónimo terá surgido de Dona Nais, senhora que era tradicionalmente conhecida por ter uma beleza que inspiraria os mesteres que aí trabalhavam, proporcionando-lhes ainda a iluminação necessária para a sua laboração<sup>142</sup>

Era já considerada rua (no seu sentido de via pública) pelo menos em 1241. Ao longo do tempo, este topónimo, vai sofrendo algumas alterações, tendo passado para Donais, sendo que por vezes se ouve também Nonais. Nos dias de hoje, refere-se Donães.

No início do século XIV, era uma zona de prestígio e atrativa para as pessoas de maiores posses. Contudo, isto rapidamente se alterou, passando esta a ser uma zona com preços abaixo da média e característica pelo excesso de construção. Ali prevaleciam os mercadores e os alfaiates, porém, era visível a presença de outros ofícios a ali habitarem, como era comum na grande maioria das ruas da vila, que acabavam por ter uma vasta leque de classes sociais a habitar nos diferentes espaços.

Aquando da divisão da vila em bairros em 1807, para que, a cada um deles correspondesse um juiz, este local passa a integrar o 6º bairro.

Recentemente, esta rua foi intervencionada, sendo agora uma área extremamente atrativa e convertida num espaço amplo, agora, efetivamente, mais próximo à configuração de largo.

### **Rua João de Melo**

A Rua João de Melo, começara por se intitular Viela do Esterpão ou do Trespão. Esta, era uma rua caracterizada pela pobreza e nem a proximidade com uma das praças mais nobres da vila lhe parecia aumentar o valor. Esta via chegou, inclusive, a ser referida como uma lixeira pública da cidade, onde era descartado todo o tipo de lixo, não se distinguindo qualquer classe operária neste arruamento.

Esta viela, em data indefinida, fora denominada de Travessa do Montepio. Desconhece-se a origem deste topónimo. Contudo, o termo montepio<sup>143</sup> está associado a instituições de caridade, o que leva a questionar

---

<sup>142</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>143</sup> Porto Editora, 2003-2020.

se, a posterior colocação, nesta rua, do edifício da Casa dos Pobres terá tido em conta alguma utilização que a rua anteriormente tinha, ou se não passará apenas de uma coincidência.

Em dezembro de 1931<sup>144</sup> esta rua passa a homenagear João de Melo, homem que teve os mais variados cargos públicos na cidade de Guimarães, entre eles a presidência da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, tendo tido ainda um papel de destaque na origem da Marcha Gualteriana.

### **Rua Egas Moniz**

Maria da Conceição Falcão Ferreira, na sua obra “Guimarães: Duas vilas, um só povo” (2010), refere que as primeiras notícias desta rua são de 1336.

Enquanto que, o Professor Arquiteto Bernardo Ferrão e o Dr. José Ferrão Afonso, na sua obra “A Evolução da Forma Urbana de Guimarães e a Criação do seu Património Edificado” (s.d), associam esta rua à data de 1215.

Entende-se ainda que, esta seria maior no passado, do que se conhece hoje.

O seu topónimo inicial seria Rua Nova do Muro, o que indica a sua proximidade com a muralha e o que leva a acreditar que este arruamento seria de abertura posterior à edificação do cerco, naquela zona (que corresponderia à Vila Baixa), que só aconteceu entre 1265 e 1318.

Assim como outros locais da cidade, este espaço caracteriza-se pela diversidade dos seus habitantes, tendo chegado a ser uma das ruas mais caras. Facto que não foi constante ao longo dos tempos.

Na divisão da vila em bairros, em 1807, esta rua passa a integrar o sexto bairro, do qual estaria encarregue o juiz Francisco Joaquim Asinheiro.

A dado momento (já muito perto do século XIX), torna-se a ser um núcleo comercial, passando então a ser conhecida como a Rua Nova do Comércio.

Tal como noutras zonas da vila, o muro, quando perdeu a sua utilidade militar, acabara a ter um uso que doméstico, para os habitantes do arruamento.

A 15 de novembro de 1911<sup>145</sup> a Rua Nova do Comércio passa a chamar-se Rua Egas Moniz, sendo ainda, entre os vimaranenses, coloquialmente intitulada como “Rua Nova”.

O atual topónimo, homenageia o aio de D. Afonso Henriques. Este, um homem de posses, encarregado pela educação e formação do primeiro Rei de Portugal, está associado a uma lenda histórica: à data do

---

<sup>144</sup> Meireles, 2000.

<sup>145</sup> *Ibidem*.

cerco de Castela à cidade de Guimarães, Egas Moniz “dirigiu-se” a Afonso VII (rei de Leão e Castela) e acordou a vassalagem de D. Afonso Henriques em troca da retirada do cerco. Castela retirou-se. Contudo, Afonso Henriques, quebra o acordo de vassalagem e invade a Galiza. Isto significava que o aio teria falhado com a sua palavra e dessa forma, Egas Moniz e a sua família dirigiram-se a Toledo, apresentando-se de corda ao pescoço, oferecendo as suas vidas, como pagamento pela desonra. O Rei castelhano, ao testemunhar este ato de humildade, perdoou-o e Egas Moniz regressou com vida.

Atualmente, esta rua, continua a ser conhecida, entre os populares, como sendo “a antiga rua das prostitutas”.

### **Rua Mestre Caçoila**

Esta rua, cujo topónimo é desconhecido pela maioria da população, é mormente conhecida como “As escadinhas”. Aqui, além de passar a muralha, localizar-se-ia a Torre Velha, uma das torres, de carácter defensivo, que existiam ao longo do cerco da muralha.

Em algumas das obras analisadas, encontram-se referências a um arruamento que teria o nome de Rua da Mosqueira. Esta rua não é suficientemente relatada para que se possa considerar a sua localização precisa. Ainda assim, sabe-se, com toda a certeza, que esta seria anterior à muralha, sendo mencionada, pelo menos desde o século XIII<sup>146</sup>. Sabendo que as descrições da rua nos indicam que esta partiria da Rua de Alcobça (descrita no capítulo correspondente ao Largo Condessa do Juncal, que faria a ligação entre a Tulha e o local da referida Torre Velha), passando pelo local onde posteriormente se viria a instalar a torre, seguindo na direção do arrabalde de Couros, pode-se colocar a possibilidade de a Rua da Mosqueira ter incluindo, no seu percurso, aquela que hoje conhecemos como a Rua Mestre Caçoila, prosseguindo então pela atual Alameda de S. Dâmaso.

Atualmente, este arruamento, de circulação pedonal, presta homenagem a Manuel Mendes Pereira, um distinto pintor vimaranense. O foco das suas obras seria a cidade de Guimarães, listando-se entre as suas realizações mais populares a temática das Gualterianas e os moinhos do rio de Selho. Domingos Ferreira, na sua obra sobre a “Toponímia de Guimarães” (2012), indica-nos que este homem era um apaixonado pela sua cidade, alfaiate e comerciante de ovos. Enquanto pintor, começou por não ter reconhecimento, tendo este surgido progressivamente. O mesmo autor descreve que, este o topónimo Mestre Caçoila surge como uma referência ao local onde Manuel terá nascido, a Rua de Vila Verde, que corresponderia ao Lugar da Caçoila.

---

<sup>146</sup> Ferreira M. , 2010.

## **Largo Condessa do Juncal**

Não conseguindo precisar a sua localização exata, sabemos da existência do Largo de S. Paio que se localizaria algures pelo atual Largo Condessa do Juncal ou Largo A.L. de Carvalho, derivando o seu nome da igreja aí existente até 1915/16. Considerando também que grande parte das referências que se encontram sobre esta zona se associam ao topónimo de Largo de S. Paio e sua integrante, para efeitos práticos, para as descrições que se seguem, considerar-se-á, este como integrante do Largo Condessa do Juncal.

Este largo, tinha até ao início do século XX uma configuração muito diferente daquela que hoje se conhece, que surge após a demolição do recolhimento do anjo (assim como de muitas outras edificações), que aí existia, após 1911.

Neste local, antes da sua abertura e as referidas demolições associadas, localizar-se-ia a Rua de Alcobaça. Segundo João Fonseca, na sua obra “Dicionário do Nome das Terras”<sup>147</sup>, o vocábulo “Alcobaça” surge do artigo *al e coboxa* que estaria associado a “carneiros”. Desta forma, e por não se encontrar qualquer associação, fica por justificar a origem do topónimo referido. Esta rua corresponderia à ligação entre a zona da Tulha e o local onde se encontraria a Torre Velha, e era ainda a ligação entre o convento de S. Francisco e o burgo. Sabendo que esta seria uma das ruas mais antigas da vila baixa, não se precisa uma data da sua abertura. Aqui, existiria a Albergaria dos Alfaiates, pelo menos desde o século XIII ou XIV, sendo que esta seria a irmandade corporativa mais antiga da cidade.

A título de curiosidade, refira-se que o termo “Alfaiates” poderá surgir da adaptação do termo (de origem árabe) *al-haet* que poderia significar muralha/muro<sup>148</sup>. Dada a proximidade desta mesma albergaria à cerca do burgo, poderá colocar-se em hipótese a teoria de que esta albergaria teria esta denominação, não pelo ofício dos “acolhidos”, mas sim pela sua proximidade com a muralha.

Pode-se também localizar, ainda que sem precisão, neste largo, ou nas suas imediações, a Rua da Murta, a qual não se consegue associar a qualquer data.

Aqui, algures entre a referida Rua da Alcobaça e a Torre Velha, localizar-se-ia a Rua das Estrebarias.

---

<sup>147</sup> Fonseca J. , 2006.

<sup>148</sup> *Ibidem*.

Sabendo que o vocábulo “estrebaria”<sup>149</sup> estaria diretamente associado a estábulo, questiona-se se existiria, de facto, nesta zona, uma afluência de cavalos e locais onde estes se armazenariam. O mesmo acontece com o vocábulo “murta”<sup>150</sup>, que se associa a uma planta.

Confirmam-se também inúmeras referências à Rua da Ferraria<sup>151</sup> e, apesar de não se conseguir precisar com exatidão a sua localização, devido às mudanças que o local sofreu, esta é descrita como uma rua que sairia do Terreiro de São Paio, onde estava a igreja, e ia de encontro ao rossio da Tulha (local que ainda hoje, popularmente, se conhece pelo mesmo nome). Esta rua era associada aos alfaiates, o que nos parece lógico sabendo da existência da Albergaria dos Alfaiates a poucos metros dali. Esta seria também considerada uma zona de gente de posses ainda que, progressivamente, tenha acabado por ir perdendo valor.

Este espaço, terá também ele, incluído a Rua dos Açougues, no seguimento da Rua Egas Moniz. Este topónimo surge a 1612<sup>152</sup>, aquando da transferência dos açougues que até aí estavam na Praça da Oliveira, para este local. Este seria então o local de venda de carne e peixe, entre outros. Não se consegue precisar até que data este topónimo se terá mantido, sendo que se sabe que esta mesma rua terá eventualmente passado a ser conhecida como “Rua do Anjo”<sup>153</sup>. Porém, sabe-se que, em 1856, a venda de carne e as regateiras de galinhas são mandadas sair do Toural para passarem para o “Largo dos Açougues”. É por volta desta data que se deixa de “ouvir” o topónimo açougues e o topónimo “anjo” torna-se recorrente.

O Largo e Rua do Anjo, terão esta nomenclatura por proximidade com o recolhimento do anjo que aí existiria.

O recolhimento do anjo teria sido, por volta do século XIII, o Hospital do Concelho, sendo chamado de Hospital do Anjo. Apesar de a grande maioria dos autores estar em concordância com o facto de este ter sido o Hospital do Concelho, Luís de Pina, na sua obra *Vimaranes* de 1929, discorda, defendendo que este hospital, seguindo a norma, deveria localizar-se fora das muralhas, desta forma, existiria sim o recolhimento/hospital do anjo, mas este não seria o que corresponderia ao que se consideraria o Hospital do Concelho.

A partir da década de 50 de 1900 começam a surgir queixas da falta de higiene, imundice e maus cheiros associadas a esta Rua do Anjo. Atualmente, ainda existe uma rua com este topónimo nas

---

<sup>149</sup> Porto Editora, 2003-2020.

<sup>150</sup> Porto Editora, 2003-2020.

<sup>151</sup> Ferrão & Afonso, s.d.

<sup>152</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>153</sup> Ferreira M. , 1987,1988.

proximidades do Largo Condessa do Juncal, porém. não é claro se a sua localização, forma e orientação se mantiveram as mesmas ao longo do tempo.

Algures nesta área existiria também o Largo do Anjo (que surge várias vezes referenciado como sendo “factual” a sua localização corresponder ao Largo de S. Paio), cujas referências só surgem no século XIX, quando se fala do cruzeiro lá colocado<sup>154</sup>. Este cruzeiro esteve encostado ao recolhimento, até à sua extinção em 1910.

No Largo de S. Paio existia a Rua de Trás de S. Paio, por passar nas traseiras da igreja com o nome do mesmo santo, sendo que há notícias de que as ruas de acesso a essa zona estavam em elevado estado de degradação e, assim como nas lajes do Toural, a zona de ligação entre este largo e o Toural, encontrava-se num estado que proporcionava quedas e eram pedidas obras.

Esta zona, dada a sua localização no limite da muralha, incluía ruas que constituíam a saída da cidade para o Porto.

Aproximadamente no local onde, atualmente, se pode encontrar o monumento que homenageia o Gravador Molarinho, ficava a alfândega da vila, por onde passariam os produtos que vinham de fora da vila. Alfândega esta que, no início do século XVII se desloca para o lado exterior à muralha, nomeadamente, para a proximidade da anterior Igreja de S. Sebastião. Esta nova localização da alfândega parece corresponder, de facto, ao local que ainda hoje se conhece como Torre da Alfândega, ponto de elevada atração turística, onde se pode ler a inscrição *Aqui Nasceu Portugal*.

Em maio de 1933 decide-se prestar homenagem a José Arnaldo Molarinho, erguendo-lhe um monumento neste largo, e em 1938 aqui existia um bebedouro.

Aquando da divisão da vila em bairros, em 1807, a grande maioria dos arruamentos que compunham este largo, antes da sua posterior abertura, surgem integrados no sexto bairro, do qual estaria encarregue o juiz Francisco Joaquim Asinheiro.

O topónimo que hoje caracteriza este largo, surge em 1918, em homenagem a Amélia Augusta Ferreira Cabral Pais do Amaral Vieira da Mota, Condessa do Juncal. Esta mulher terá deixado uma grande fortuna à Misericórdia, após a sua morte.

Note-se que, este local, entre os vimaranenses, é conhecido por “Feira do Pão” ou “Feira do Leite”, topónimos cuja justificação não pode ser a da anterioridade, relativamente ao topónimo, porque tal não é o caso. Aqui, só começou a acontecer, efetivamente, a feira do pão por volta do final da década de 20

---

<sup>154</sup> Meireles, 2000.

ou início da de 30, do século XX, assim como a feira do leite, que também só se “mudou” para aqui em 1927.

### **Largo A.L. de Carvalho**

Já referido anteriormente associado à possível localização do Largo de S. Paio e, naturalmente, integraria o mesmo bairro, quando a vila fora dividida em bairros.

Este é local da academia de música, e o seu nome presta homenagem a António Lopes de Carvalho que fora escritor, jornalista e teve os mais variados cargos de natureza política na cidade, sendo que chegou a ser presidente da Câmara e fez parte da direção da Sociedade Martins Sarmento. Nasceu a 18 de julho de 1881 e terá falecido a 15 de dezembro de 1961.

### **Rua de Felgueiras**

Esta rua, assim como muitas outras, não se consegue localizar com precisão, sendo que esta é relatada partindo das imediações do adro de S. Paio (onde se localizaria a anterior igreja de S. Paio, atual Largo A.L. de Carvalho) ligava este à Rua da Rainha. Sendo que se sabe que o limite de diferenciação entre estes dois arruamentos não era claro.

A sua precisão torna-se difícil, dadas a alterações de configuração pelas quais toda esta zona já passou, a começar pela demolição da Igreja de S. Paio. Ainda assim, temos registos desta rua pelo menos desde o século XIV<sup>155</sup>, surgindo aí o relato de uma gafaria nesta rua.

Ao termo “felgueiras” podemos associar um tipo de vegetação, o que podia, ou não, caracterizar o terreno ou a envolvente da artéria<sup>156</sup>.

### **Rua de Vila Flor**

Esta rua, de anterior topónimo Rua de Relho, era a única via que dava acesso aos jardins do Vila Flor, antes da abertura da Avenida D. Afonso Henriques. A construção desta nova artéria, que aproximava a cidade da estação ferroviária, veio retirar importância à Rua de Relho. Esta esteve, inclusive, em vias de desaparecer, mesmo antes da abertura da referida avenida.

A origem do topónimo Relho é desconhecida. Ainda assim, o professor António Amaro das Neves, refere, no seu *blog*<sup>157</sup>, ter encontrado uma associação entre as expressões relho e rego, sendo que rego seria (e

---

<sup>155</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>156</sup> Fonseca J. , 2006.

<sup>157</sup> Neves, 2017.

ainda é) um sinónimo de um curso de água, que poderia então, corresponder ao rio de Couros. Isto não passa, naturalmente, de uma hipótese especulativa.

Este local, em 1807, passa a integrar o terceiro bairro, à responsabilidade do Torcato Mendes de Oliveira.

### **Alameda de S. Dâmaso**

Esta alameda, nem sempre teve a configuração ampla que hoje conhecemos. Este local, foi idealizado pelo Engenheiro Manuel de Almeida Ribeiro, no seu plano de 1863<sup>158</sup>, tendo sido implementado no período do Estado Novo, com o objetivo de unir o Largo do Toural ao Largo da República do Brasil.

Este local, tivera já os mais diversos nomes, acompanhando, naturalmente, a evolução política e social do país.

Aqui, ter-se-á localizado, a Igreja de S. Dâmaso, antes de a mesma ser transferida, por volta de 1965, para o local onde hoje se encontra.

Na extremidade oposta, já quase no Largo do Toural, existiria a Igreja de S. Sebastião, que dava nome ao largo onde se localizava. Esta igreja acabou por ser demolida com a construção da Avenida D. Afonso Henriques, que ligava a cidade à estação ferroviária.

Com a demolição da referida igreja, instala-se nesta zona, em 1887, uma estátua de D. Afonso Henriques, passando então o fundador da nação a dar nome a esse mesmo largo. Em 1911, já sob a influência do sistema republicano, a estátua é transferida para o Largo do Toural.

Passa então o Largo D. Afonso Henriques a chamar-se Passeio da Independência.

Em 1918, com Sidónio Pais no governo, passa este mesmo local a evocar o seu nome.

Em 1921 já este local era conhecido por Largo Prior do Crato.

Em 1926, assinalando a instauração da Ditadura Militar o largo passa a designar-se Largo 28 de Maio. À semelhança do que aconteceu um pouco por todo o país, o topónimo muda para Largo 25 de abril, em evocação da revolução de 1974. Atualmente, conhece-se ainda, adjacente ao Largo do Toural, o Largo 25 de Abril, que parece ter uma configuração que se restringe a um espaço, consideravelmente menor do que o que teria anteriormente, sendo que se conhecem imagens<sup>159</sup> onde se consegue localizar a referida estátua de D. Afonso Henriques, no local que hoje inclui, efetivamente, a Alameda de S. Dâmaso.

---

<sup>158</sup> Fernandes M. G., s.d.

<sup>159</sup> Disponível em: <http://reimaginar.webprodz.com/imagem/pt-rmgmr-cfm-303/> .

Do mesmo modo a Alameda de S. Dâmaso, a que se acabou de aludir, teve inicialmente o topónimo de Alameda Salazar em 1959, o qual foi mudado após 1974 para Alameda da Resistência ao Fascismo, tendo mais recentemente sido novamente modificado para o seu topónimo atual.

Note-se que, tal como referido anteriormente, os limites entre os diferentes largos não parecem claros e, portanto, não é de estranhar que alguns autores considerem que a estátua de D. Afonso Henriques se localizava naquele que era conhecido como o Largo de S. Francisco, dada a proximidade do mesmo com o local que estamos a tratar.

Aqui, assim como em outros locais da vila, aconteceriam algumas feiras, tendo por aqui passado a feira dos cereais, a das galinhas, das doceiras, entre outros mercados; em 1681, este espaço chegou a acolher a feira quinzenal da vila.

Este local serviu também de cemitério público para os pobres que perdiam a vida nos hospitais das imediações, antes de o mesmo se mudar para o local que viríamos a conhecer como o Campo Santo (nas proximidades do Castelo).

Neste espaço, da Alameda de S. Dâmaso, integrar-se-iam também a Rua de S. Dâmaso e a Rua/Viela do Quintal. Na Rua de S. Dâmaso existiria a, já mencionada, igreja do mesmo nome e um hospital. Segundo Luís de Pina, este terá sido o Hospital do Concelho<sup>160</sup>.

A Rua de S. Dâmaso era uma zona bastante povoada e os moradores queixavam-se, constantemente, da falta de higiene que se verificava nas traseiras das suas casas.

Aqui, localizar-se-ia ainda a Rua Trás do Muro. Uma artéria do final do século XIV, posterior à muralha. Acredita-se, devido ao seu topónimo, ter estado muito próxima da muralha na zona que integra a zona da atual Alameda de S. Dâmaso.

Poder-se-á também colocar a hipótese de, algures no espaço que hoje se conhece amplo, ter existido a Rua da Mosqueira, sobre a qual existem referências desde 1275<sup>161</sup>, e que partiria da Rua de Alcobaça, passando pela (posteriormente construída) Torre Velha, na direção do arrabalde de Couros.

Nesta zona, localizou-se também a Fonte dos Passarinhos, que acabara por ser demolida, para aí se construir uma escadaria.

---

<sup>160</sup> Pina, 1929.

<sup>161</sup> Ferreira M. , 2010.

Neste local localizar-se-ia também, segundo documentação de 1612<sup>162</sup>, a casa do recolhimento, que correspondia a uma dependência da alfândega, sendo que, se sabe que a respetiva alfândega, anteriormente localizada no local que hoje corresponde ao Largo Condessa do Juncal, se terá transferido para este local (nas proximidades da anterior Igreja de S. Sebastião) no início do século XVII. Este facto justificará, provavelmente, o nome da torre que hoje se conhece como Torre da Alfândega. Este local é, atualmente, um local de atração turística onde se pode ler a inscrição *Aqui Nasceu Portugal*.

As Carvalhas de S. Francisco, são referidas como parte integrante da atual Alameda, mas também integrantes do atual Largo de S. Francisco, dado que na documentação consultada são mencionadas ambas as localizações.

As Carvalhas de S. Francisco, a Rua de S. Dâmaso, e a Rua de Trás do Muro, aquando da divisão da vila em bairros em 1807 passam a integrar o segundo bairro. Esta divisão foi feita para que a cada um dos bairros correspondesse um juiz, sendo que deste estaria encarregue o juiz Manuel José Leite.

As demolições foram uma constante para a transformação desta zona. Tendo começado na década de 50, chegaram a deixá-la praticamente em ruínas.

A abertura desta alameda suprimiu os arruamentos então existentes, nomeadamente as ruas acima referidas.

Refira-se ainda, que o seu topónimo atual é uma homenagem em honra do primeiro Papa português e cidadão vimaranense, São Dâmaso.

### **Largo de S. Francisco**

Este é o local onde se localiza, a Igreja de S. Francisco, como hoje se conhece. Ainda assim as edificações religiosas em honra a este santo são bastante anteriores. Existem notícias de uma confraria de S. Francisco desde 1253<sup>163</sup>.

Sabe-se que, este convento se localizaria anteriormente junto à muralha, perto do local que hoje se conhece como “as escadinhas” (Rua Mestre Caçoila). Este, já fundado no século XIII, causaria constrangimentos à segurança da vila e fora demolido. Por volta de 1400, foi mandado reedificar por D. João I em nova localização, ou seja, no local onde hoje se encontra.

---

<sup>162</sup> Braga, 1939.

<sup>163</sup> Ferreira M. , 2010.

Este foi um locais que teve um dos primeiros jardins públicos da cidade, que terá sido idealizado pela Comissão de Melhoramentos. Chegou a servir também de campo de manobras militares.

A este local, ou às suas imediações, pode-se também associar as Carvalhas de S. Francisco, que teriam este nome por aí existirem em grande número (foram cortadas em 1880). Este local, era utilizado para a realização de feiras, por ser um local amplo e próximo do burgo intramuros. Em fevereiro de 1859 a loiça passa a ser exclusivamente vendida aqui. Contudo, a localização exata do referido local, Carvalhas de S. Francisco, é questionável, dado que na divisão da vila em bairros (1807) as Carvalhas de S. Francisco integram o segundo bairro, e o Campo de S. Francisco integra o terceiro bairro. Isto leva então a crer que, estes corresponderiam a locais diferentes, contrariando o que os mais variados autores têm vindo a defender. Ainda assim, a precisão desta informação não deixa de ser, também ela, questionável.

Dada a mudança que a fisionomia dos largos, arruamentos e praças da cidade foi sofrendo, não se estranhe que se encontrem descrições que relatam que a 20 de outubro de 1887, foi aqui inaugurada a estátua de D. Afonso Henriques, onde se manteve até 1911<sup>164</sup>. Sendo que, esta mesma estátua é também incluída em relatos que a enquadram na atual Alameda<sup>165</sup>. Com acesso a imagens, já mencionadas na descrição da Alameda de S. Dâmaso, considera-se que esta, localizar-se-ia no local que hoje se define como a Alameda, ainda que ambos os locais (Largo de S. Francisco e Alameda) sejam contíguos e assim se explique a imprecisão das descrições.

### **Largo do Trovador**

Este local era inicialmente conhecido como o Largo da Rua de Couros, correspondendo ao local onde os moradores desta zona, naturalmente operários dos pelames, estendiam as suas peles para as secarem. Aqui, em 1588, foi construído um muro, onde posteriormente se colocou o pelourinho, transferido do Largo da Oliveira, que chegara também a ser usado para pendurar as peles.

Este, após a referida colocação do pelourinho passou a ser conhecido por Largo do Pelourinho.

Era também uma zona muito associada aos maus cheiros, assim como a restante área envolvente da indústria dos couros.

Sabe-se ainda que, a configuração deste largo foi-se alterando, acompanhando o desenvolvimento, quer da cidade quer da Zona de Couros.

---

<sup>164</sup> CMG, 1985.

<sup>165</sup> Meireles, 2000.

A 26 de junho de 1856 proíbe-se a secagem dos couros neste largo, o que prova que aqui já existia uma certa preocupação com a zona.

Em 1888 começam a surgir queixas da necessidade de remover as lajes que aí existiam, pois, tal como acontecia noutras zonas da cidade nas mesmas condições, as pessoas estavam constantemente a cair. No ano seguinte, transferiu-se para aqui a fonte que, até aí se encontrava no Largo de S. Francisco, onde se encontravam os pelames de S. Crispim.

A partir de 1910 começam a surgir algumas melhoras do largo, como o ajardinamento do mesmo. Em 1946 aqui inaugurou um parque infantil, porém, este não teve grande durabilidade, sendo que acabou por desaparecer com o alargamento da Alameda.

Ainda hoje, popularmente, alguns conhecem aquele local associando-o ao referido parque infantil.

A título de curiosidade, sabe-se que, no século XVI aqui terá trabalhado Vicente Afonso, irmão do distinto Gil Vicente.

A 10 de junho de 1880, comemorando-se o terceiro centenário da morte de Camões, e assim como aconteceu com outros locais desta cidade, a toponímia altera-se e o Largo do Pelourinho passa a chamar-se Largo do Trovador<sup>166</sup>.

Este topónimo, que se mantém até aos dias de hoje, presta homenagem ao trovador Manuel Gonçalves, nascido no arrabalde de couros, homem que se considera o primeiro poeta português, ainda que não se conheça nenhum verso do mesmo.

## **Rua do Guardal**

A Rua do Guardal é uma artéria que não se consegue localizar coma devida precisão, sendo que surgem referências que a situam no Largo de S. Sebastião<sup>167</sup> (onde se localizaria a antiga igreja de S. Sebastião, fronteira à Torre da Alfândega). Encontrando-se também referências que nos indicam que esta, assim como a albergaria<sup>168</sup> e forno do mesmo nome, se localizariam nas imediações do rio de Couros, o que justifica, possivelmente, a associação, do professor Amaro das Neves<sup>169</sup>, desta rua ao troço superior da atual Rua de Couros. Localização que vai também de encontro às descrições de outros autores, que referem que esta rua seguiria para sul do Terreiro de S. Sebastião. Da albergaria do Guardal temos notícias desde 1269, supondo-se assim que a rua seria anterior a essa data.

---

<sup>166</sup> Carvalho, 1946.

<sup>167</sup> Caldas, 1881.

<sup>168</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>169</sup> Neves, 2017.

Este topónimo de Guardal, seria um vocábulo cuja origem arcaica estaria associada a algo como um “horto”<sup>170</sup>. Isto leva a crer que esta zona seria caracterizada pelo cenário campesino.

Contudo, o termo “Guardal” é também associado, num dos números da Revista de Guimarães, que trata a “Influência Militar na Formação dos Topónimos”<sup>171</sup>, a algum tipo de defesa militar como indica o verbo “Guardar”. Esta hipótese faria, também ela, sentido, dada a proximidade dos relatos de onde se localizaria o arruamento, à linha de muralha que cercava a vila, nomeadamente a Torre da Alfândega, precisamente um dos pontos de vigia e de guarda da entrada na vila.

Surgem também referências ao Rossio do Guardal, num documento de 1801, o que nos leva a acreditar que o topónimo terá durado até essa data, pelo menos.

### **Rua de Couros**

A esta rua, far-se-á corresponder o arrabalde de Couros e aquela que conhecemos como Zona de Couros.

Este local está diretamente ligado à indústria dos curtumes e ao trabalho dos pelames, dos quais temos conhecimento desde a primeira dinastia, sendo que, este aparece já referenciado no foral de 1096 do Conde D. Henrique<sup>172</sup>. A proximidade da zona com a ribeira que por aí passava (e utilizada como “instrumento de trabalho”) tornava este local apropriado para a instalação destes profissionais.

Este rio surge referenciado em 1151 e era conhecido como rio “Merdário” ou “Merdeiro”, vocábulo que se pode justificar por este se caracterizar como um local imundo, que servia de esgoto natural e que, naturalmente, era associado a maus cheiros<sup>173</sup>. Característica, aliás, comum a todo o arrabalde de couros, não fossem ali tratadas as peles dos animais.

Alguns autores acreditam que, o rio Herdeiro, corresponderia ao rio “Merdeiro”, sendo apenas uma forma de atenuar a caracterização tão pejorativa do outro topónimo. Porém, não é clara esta associação, ficando a dúvida se corresponderiam, de facto, ao mesmo rio ou se seriam dois cursos diferentes.

Este local não deixava de ser arrabalde. Era um local, muitas vezes associado a características campesinas, sendo notável a presença de lagares e moinhos, por exemplo.

---

<sup>170</sup> Porto Editora, 2003-2020.

<sup>171</sup> Chaves, 1952.

<sup>172</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>173</sup> Ferreira M. , 1987,1988.

Os franciscanos revelavam um elevado interesse neste arrabalde, talvez pela sua proximidade com o Convento de S. Francisco, porém os correeiros e os sapateiros tinham uma forte presença aqui, por serem dois ofícios (os curtumes e os sapateiros) que estariam intimamente ligados.

Na extremidade desta rua fora construído um muro de contenção, onde em 1588 foi colocado o pelourinho, que terá sido transferido da Praça da Oliveira para este local, que, conseqüentemente, quebrou a ligação entre a cidade e este arrabalde.

Os “homens de couros” eram conhecidos por serem homens de luta e de forças. Eram defensores fiéis de João Franco. Era sabido que, quem ousasse pronunciar algo de negativo em relação a João Fraco, na presença de um operário de couros, arriscava-se a ser mergulhado nos pelames, assim que circulasse por este bairro. Quando este homem (que deu nome ao Largo da Misericórdia) se encontrava com os seus homens, a reação era, previsivelmente, calorosa e de exaltação.

Este local integrou o terceiro bairro em 1807.

Na primeira metade do século XIX começam a surgir as ilhas como forma de aproveitamento do solo para a construção de habitações para os operários.

Atualmente, ainda se conhece na Zona de Couros a Ilha do Sabão, agora totalmente renovada. Este local seria uma zona de habitação dos operários e suas famílias, onde se produzia sabão, que resultava da gordura das peles utilizadas nos curtumes.

Em 1913 começam a dar-se obras de melhorias da rua.

Este é um local que representa um passado industrial, que pôs Guimarães na lista das cidades com uma produção notável e foi um dos impulsionadores do desenvolvimento económico da mesma. Desta forma, esta zona passou por um processo de recuperação, valorizando e evidenciando este património industrial, numa forma de o aliar ao património cultural e ofertas turísticas da cidade. Por aqui encontram-se ainda muitos tanques, uns em melhor estado de conservação do que outros. Nesta “Zona de Couros” optou-se por incluir também a Rua da Ramada, Rua de Vila Verde, Largo do Cidade e respetivas imediações.

Este arrabalde terá começado a perder a importância com a evolução tecnológica.

Em 2001 surge a primeira intervenção na área que consistiu na construção de um complexo multifuncional, que disponibiliza uma pousada da juventude, um *cybercentro* e a Fraterna. Em 2006, numa parceria entre a CMG e a Universidade do Minho, surge um projeto que visa a recuperação de cerca de 10 hectares, o projeto CampUrbis. Associado a este, surge um projeto de reabilitação também à ribeira de Couros, sendo que este se estende às restantes zonas da cidade abrangidas pela mesma.

Este projeto, CampUrbis, focado na recuperação a nível arquitetónico, implementou centros de interpretação, investigação e desenvolvimento tecnológico. No ano de 2012 (Guimarães Capital Europeia da Cultura), um grupo de arquitetos italianos, com o objetivo de criar um espaço público e de convívio, instalou num dos locais onde se podem observar tanques, da histórica indústria, estruturas de madeiras, de forma a que o espaço pudesse ser utilizado para inúmeras atividades, desde refeições comunitárias a concertos musicais. Este projeto intitulado de *Pop Up*, foi de cariz provisório.

Atualmente, nesta zona, na qual, já após o referido projeto de recuperação, podem encontrar-se as antigas fábricas reabilitadas e utilizadas agora para a prestação de serviços. Como a Pousada da Juventude, o Instituto de *Design*, o Centro de Formação Avançada e Pós-Graduada, o Centro de Ciência Viva e a Fraterna (instituição de apoio social).

Presentemente, a Zona de Couros encontra-se num processo de tentativa de extensão da classificação de Património da Humanidade do Centro Histórico de Guimarães, para que esta mesma zona seja incluída, não desvalorizando que já se encontre incluída numa ZEP.

Tal como referido, quer da descrição da Rua Mestre Caçoila, como da Alameda de S. Dâmaso, conhece-se a existência de um arruamento, anterior à edificação da muralha, denominado Rua Mosqueira. Apesar de não se conseguir localizar esta rua com precisão, os relatos que se encontram dela, indicam que esta passaria pela posterior, localização da Torre Velha, passando também pela atual Alameda de S. Dâmaso, dirigindo-se ao arrabalde de Couros. Desta forma entendem-se o porquê de se encontrarem também associações diretas da Rua Mosqueira à atual Rua de Couros<sup>174</sup>. Assim, parece que, numa configuração que já não é observável, a Rua da Mosqueira partiria, de facto, da Rua de Alcobaça (atual Largo Condessa do Juncal), passando pela atual Alameda, incluindo ainda na sua extensão, a atual Rua de Couros.

### **Largo do Cidade**

A este local pode-se associar como topónimo anterior (sendo que a configuração do mesmo terá passado por intervenções), a Rua de Além do Rio. Este local integra a Zona de Couros.

A origem do seu topónimo passado parece óbvia, dada a proximidade com o rio de Couros.

O topónimo atual presta homenagem a Custódio José Fernandes da Silva, conhecido como “O Cidade”. Este era um homem de posses que se associava a vários setores do negócio e da indústria, sendo que ele o seu pai terão possuído uma fábrica de curtumes. Custódio Silva, possuía bens inúmeros e terá dado parte da sua riqueza à ordem de S. Francisco (da qual chegou a ser ministro) tendo sido ele o

---

<sup>174</sup> Fernandes, s.d.

principal responsável por algumas obras de restauração da mesma. O edifício que hoje se conhece como a Pousada da Juventude, terá sido a sua habitação. Nasceu em 1812 e morreu em 1883.

Este largo (e as suas imediações) sofreu uma profunda restauração, que passou pelo aproveitamento dos vestígios da indústria de couros, como parte do património industrial e cultural da cidade, transformando-os numa atração. Este, integra a Zona Tampão do Centro Histórico, classificado pela UNESCO.

### **Rua de Vila Verde**

Esta rua, referenciada desde 1340<sup>175</sup>, terá sido anteriormente conhecida por Rua dos 120, topónimo cuja origem desconhecemos, sendo que o Professor Amaro das Neves, no seu *blog* “Memórias de Araduca” refere: “A única hipótese que se me afigura é a de que poderiam ser militares, já que, com alguma frequência, aquele era o número dos praças que compunham destacamentos militares que chegavam a Guimarães”<sup>176</sup>.

Aqui, local de habitação de operários e trabalhadores das peles, ainda se verificam as características do bairro operário, que servia, muitas vezes, de local de habitação e de oficina.

Domingos Ferreira, na sua obra dedicada à toponímia vimaranense<sup>177</sup>, refere ainda que, este local corresponderia ao Lugar da Caçoila, onde terá nascido Manuel Mendes Pereira, homem que deu nome ao arruamento que hoje se denomina de Rua Mestre Caçoila.

### **Rua da Ramada**

A paisagem da zona caracterizava-se por um cenário de vinhas, o que vai de encontro ao topónimo Ramada<sup>178</sup>, que se associa a vegetação e/ou a um quadro campesino, ainda assim, este cenário misturava-se com o arrabalde de Couros, não sendo claro o limite entre ambos. Confirmando-se aqui que, um arrabalde tinha, naturalmente, como característica uma paisagem maioritariamente rural.

Tal como nos mais variados locais da vila, aqui encontravam-se moinhos (ou moinho), assim como uma fonte, a Fonte das Oliveiras.

Em 1896 esta rua passa por mudanças e, em 1977, é integrada no núcleo industrial que foi considerado Imóvel de Interesse Público.

---

<sup>175</sup> Ferreira D. , 2012.

<sup>176</sup> Neves, 2017; disponível em: <http://araduca.blogspot.com/2017/05/ruas-antigas-rua-de-s-francisco-e-rua.html> .

<sup>177</sup> Ferreira D. , 2012.

<sup>178</sup> Porto Editora, 2003-2020.

Aqui, encontra-se uma fábrica, recentemente recuperada, com o mesmo nome. Esta acolhe, desde os mais variados eventos, ao Instituto de *Design* (uma parceria com a Universidade do Minho), o que traz dinamismo à zona. Esta fábrica terá laborado até 2005 e a sua recuperação e transformação teve especial atenção à preservação da essência da indústria que ali se realizava, que ainda é clara a quem por ali passa.

À data da divisão da vila em bairros, este local passa a integrar o segundo bairro, nomeado ao juiz Manuel José Leite.

### **Viela de Soalhães**

Esta viela já não existe. Acredita-se que, a sua localização passaria por onde, atualmente, se pode encontrar a fábrica da ramada, na Zona de Couros.

### **Rua da Carrapatosa**

Esta, que tanto surge referenciada como Rua da Carrapatosa e como Lugar da Carrapatosa, é de localização imprecisa, supondo que se trataria do mesmo local.

Segundo Maria da Conceição Falcão Ferreira, na sua obra “Duas Vilas um Só Povo”<sup>179</sup>, este seria entre a Caldeirôa e o Campo da Feira (Largo República do Brasil), enquanto outros autores a localizam nas proximidades do Mosteiro da Costa, dando até, serventia ao mesmo<sup>180</sup>.

O Professor António Amaro das Neves, no seu *blog* “Memórias de Araduca”<sup>181</sup>, sugere ainda que, o espaço entre o Lugar da Ramada e o Lugar da Carrapatosa não se distinguiria facilmente, o que confirma, de facto, a ideia de este ser próximo do Campo da Feira.

Sabendo que o vocábulo Carrapatosa, tem a sua origem no termo Carrapato<sup>182</sup>, que corresponde a uma espécie de feijão e reconhecendo que a zona da Ramada (possivelmente próxima da Carrapatosa) era associada a uma paisagem campesina, poderá, de facto, justificar-se a origem deste topónimo, supondo-se que aqui poderia ser abundante o cultivo deste mesmo feijão. Porém, uma vez mais, isto são meras especulações.

---

<sup>179</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>180</sup> Costa A. C., 1868.

<sup>181</sup> Neves, 2017.

<sup>182</sup> Porto Editora, 2003-2020.

## **Rua da Cancela**

Este arruamento é de localização indefinida, ainda assim, parece localizar-se nas proximidades da Rua da Ramada e Zona de Couros. Sendo que, o Engenheiro Almeida Ribeiro, no seu Plano de Melhoramentos de 1863-1867<sup>183</sup>, aconselha o seu fim.

Em conversa com uma antiga moradora<sup>184</sup> da Rua da Ramada confirma-se que, este arruamento seria, precisamente, no seguimento da mesma, que teria anteriormente um curso menor que o atual.

Sendo que, tal como se tem vindo a demonstrar, os topónimos não têm, de todo, uma origem aleatória, o vocábulo “cancela” poderá, ou não, estar associado à existência de algum tipo de “controlo de passagem” ou qualquer outro instrumento de igual utilidade, no local.

## **Avenida D. João IV**

Esta avenida surge, assim como a de D. Afonso Henriques, como uma forma de urbanização da zona e uma crescente aproximação da cidade à zona da Penha.

Estas duas avenidas são várias vezes descritas de forma unificada, pois a sua projeção surge simultaneamente e de forma a dar respostas a necessidades semelhantes. Esta rua, que se acredita ter sido aberta por volta de 1890, só em 1901 (por proposta em reunião de Câmara de 9 de janeiro<sup>185</sup>) ganha o topónimo de Avenida da Indústria. Sendo que esta, devido ao seu batismo “tardio”, seria conhecida como a Avenida Velha (topónimo pelo qual ainda hoje se conhece o local). Isto poderia justificar-se com o facto de esta rua ter ficado disponível à circulação antes da que ficaria conhecida como Avenida Nova. Note-se que, isto, uma vez mais, não passa de uma especulação.

A 2 de novembro de 1910, passa então esta rua a chamar-se Avenida Miguel Bombarda<sup>186</sup>.

Mais uma vez, este arruamento era alvo constante de críticas em relação ao seu mau estado.

Acompanhando o que se ia passando no resto da cidade, de forma a adaptar os arruamentos aos ideais políticos em voga, a 10 de dezembro de 1943 à Avenida Miguel Bombarda dá-se o nome de Avenida D. João IV.

Esta artéria ia ganhando população progressivamente, contudo, continuavam a surgir relatos do cariz rural que continuava a predominar na zona.

---

<sup>183</sup> Fernandes M. G., s.d.

<sup>184</sup> Moura, 2020.

<sup>185</sup> Disponível em: AMAP, cota 10-10-6-18.

<sup>186</sup> Meireles, 2000.

Atualmente, esta rua continua a homenagear o Rei D. João IV, conhecido como “O Restaurador”, caracterizando-se por representar a Restauração da Independência de Portugal e por reorganizar as tropas. Subiu ao poder em 1640.

### **Rua D. Domingos Silva Gonçalves**

Corresponde à anterior Calçada das Capuchas e aqui existiu a primeira instalação termoelétrica, que aí funcionou até 31 de outubro de 1909.

Este homem, bispo vimaranense, fundou as oficinas de S. José, onde acolhia crianças.

Domingos Gonçalves era conhecido pela sua bondade e generosidade, tal como refere Manuel Miranda numa entrevista disponível na página *on-line* do Centro Juvenil de S. José, que recorda antigos alunos<sup>187</sup>.

### **Largo República do Brasil**

Este local, ainda hoje conhecido como Campo da Feira, surge da ampliação da estrada para Amarante, que por ali passava. Este, era um local onde se terá formado um arrabalde, habitado já desde 1170.

Sabendo que este local constava já em documentos de 1288 com o topónimo de Campo da Feira (*Canpum de Feyra*)<sup>188</sup>, entende-se já a primária utilização deste local, que pela sua amplitude seria adequando à realização de feiras.

Este correspondia também a um dos locais de saída da vila, sendo acesso a este terreiro através da Porta do Postigo.

Por aqui passava também o rio já referenciado na descrição da Zona de Couros, conhecido como “Rio Merdeiro”, muitas vezes associado ao topónimo de herdeiro (talvez como uma forma de suavizar o termo). Este nome surge do estado de imundice em que se encontrava o rio, que servia praticamente de esgoto.

Por aqui terá passado a feira do gado bovino e suíno, por volta do século XIII. Ao longo dos anos, esta mesma feira vai se realizando quer no Campo da Feira, como no Largo do Toural. Por volta de 1723 aqui acontecia a feira quinzenal da vila. No século XIX aqui chegou também a acontecer o mercado da lenha, continuando a referir-se este local para a feira do gado suíno.

Esta manteve-se, ao longo do tempo, uma zona bastante povoada. Tendo este sido o local onde se localizou o teatro de D. Afonso Henriques. Este, inicialmente um simples barracão, era usado pelos

---

<sup>187</sup> Disponível em: <http://www.cjsj.pt/100-anos-de-vidas-manuel-miranda/>.

<sup>188</sup> Carvalho, 1946.

estudantes que realizavam espetáculos como angariação de fundos para a construção da Igreja dos Santos Passos.

Padre António Caldas, acredita que a atual igreja que lá encontramos, surgiu para substituir uma anterior capela de igual localização<sup>189</sup>.

Em 1769, inicia-se a construção da Igreja dos Santos Passos, cujo acesso começou por ser feito por uma ponte que passava por cima do regato já referido. Em 1889, decide-se construir uns lavadouros públicos junto a este mesmo regato. Isto leva a supor que o rio já não seria um local tão tóxico.

Maria da Conceição Falcão, na sua obra “Duas Vilas um Só Povo”<sup>190</sup>, refere que aqui terá existido o Hospital do Concelho. Conhecendo descrições, de outros autores, que já aqui se mencionaram, que associam a possível localização do Hospital do Concelho adjacente à Igreja de S. Dâmaso (na sua localização primária), questiona-se se, devido à proximidade desta igreja com o Campo da Feira se, de facto, se falaria do mesmo local.

Aqui existiria também, um conjunto de moinhos de enxofre, o que tornava a zona em seu redor bastante tóxica e originou um incêndio. Estes acabaram por ser demolidos, como forma de capacitar o lugar e adequá-lo aos festejos de S. João que aí aconteciam. Com o mesmo propósito instala-se no regato um barco e ilumina-se o rio, para que a zona se tornasse de circulação agradável.

Sabe-se da existência de um cruzeiro neste largo, ainda que este pareça ter tido variadas localizações dentro do mesmo terreiro e cada vez mais se insistia na recuperação, melhoria e alargamento do Campo da Feira, por este ser um local extremamente frequentado, que se integrava no oitavo bairro.

O Teatro D. Afonso Henriques acaba por ser utilizado como albergue para famílias desalojadas e, mais tarde, acaba então por ser demolido e substituído pelo teatro Jordão, construído posteriormente na Avenida D. Afonso Henriques.

A 11 de novembro de 1910, o Campo da Feira passa a denominar-se Largo República do Brasil, topónimo que mantém até hoje. Este surge como forma de valorizar a primeira potência que distinguiu o domínio português.

Começam a surgir críticas ao estado de degradação e abandono em que o largo se encontrava. Contudo estas críticas surtiram efeitos positivos e o largo fora melhorado e começa a ser visto como um possível ponto turístico da cidade.

---

<sup>189</sup> Caldas, 1881.

<sup>190</sup> Ferreira M. , 2010.

Atualmente, esta continua a ser uma das zonas mais movimentadas de Guimarães e a Igreja dos Santos Passos uma atração, para quem por aqui passa.

Retrocedendo um pouco, temporalmente, neste local localizar-se-iam também, os seguintes arruamentos:

Rua da Fonte do Abade: este é um arruamento que já não existe, porém enquadrar-se-ia algures no espaço que hoje corresponde à totalidade do largo já referido, sendo que nesta existiria a respetiva Fonte do Abade.

Nesta rua terão sido construídos uns lavadouros públicos, provavelmente, os que em cima se referiu.

Esta rua acabou por desaparecer conforme terá proposto o Engenheiro Almeida Ribeiro.

Rua das Pretas: esta rua enquadrar-se-ia, também ela, numa configuração do Largo República do Brasil anterior à que agora se conhece. Aqui, localizar-se-ia um teatro, que já funcionaria por volta de 1835. Esta casa de artes, que pertencera ao Conde de Vila Pouca, ardeu a 18 de janeiro de 1841.

### **Rua Padre Gaspar Roriz**

A esta rua ganhou este nome em 1928 como forma de homenagear o vimaranense que fora um dos principais impulsionadores da Marcha Gualteriana.

Sabemos que, esta rua terá sido conhecida por Rua de Soalhães e Rua dos Terceiros, sendo que, não conseguimos precisar nenhuma data relativa às mudanças de topónimo que nos clarifiquem a longevidade da sua existência e que nome teria, inicialmente, ou se estes terão até coexistido.

Este local (ainda mencionado como Soalhães) passa a integrar o segundo bairro, em 1807, do qual estaria encarregue o juiz Manuel José Leite.

### **Rua Dr. José Sampaio**

Esta rua, surge referida, pela primeira vez em 1842, quando é apresentada a necessidade de alargar este caminho, que era referido como sendo extremamente estreito, condicionando até a circulação pedonal.

Na divisão da vila em bairros, em 1807, passa a integrar o segundo bairro.

A 29 de janeiro de 1902 dá-se o nome de Rua Dr. José Sampaio à Rua das Hortas (por vezes também referenciada como Portelo das Hortas, sendo que o Portelo das Hortas era também associado à Travessa dos Trigais)<sup>191</sup>.

Aqui surge referenciada a casa das hortas como um marcador que define esta rua, associada também ao desenvolvimento da cidade para aquela zona.

Por volta da década de 30 queixam-se da falta de higiene desta rua, mesmo após o seu alargamento, referindo as queixas que a Câmara não mantinha os cuidados de limpeza necessários à rua. Tendo queixas sobre a higiene parecido perdurar. Porém, com a mudança de alguns serviços para aqui, a rua foi melhorando.

Em 1968 foi apresentado um projeto para uma nova sala de cinema, que iria ser construída nesta rua. Esta sala conhece-se hoje como o Centro de Artes e Espetáculos São Mamede.

O percurso académico (em Coimbra) do Dr. José Sampaio foi bastante controverso, estando associado a atos de agressividade, o que levou à provisória suspensão dos seus estudos. Porém, este continuou a ser uma personagem polémica na sua universidade. De regresso a Guimarães, aqui se desenvolveu no papel de advogado. Este foi um dos fundadores da Sociedade Martins Sarmento tendo-lhe também correspondido o cargo de primeiro presidente da sociedade. José Sampaio era irmão de Alberto Sampaio, nasceu em Guimarães a 5 de fevereiro de 1841.

### **Rua Alfredo Guimarães**

Esta rua será, possivelmente, uma das mais antigas da cidade.

Esta rua era denominada Rua do Postigo e, pelo menos até à divisão da cidade em bairros, mantinha este topónimo. Desta forma, sem se conseguir precisar uma data e não se podendo afirmar se este terá sido um topónimo de origem popular ou se de facto terá sido um topónimo “oficial”, sabe-se que esta fora também a Rua da Senhora da Guia, naturalmente, por aí existir uma capela e uma torre do mesmo nome. Ambos os topónimos se associam às características do arruamento. Enquanto um surge da capela e torre aí existentes, o outro (postigo) poderá estar associado (entendendo o significado do termo) à porta para a vila que aí existiria. Atualmente, pode-se ver esta porta simbolicamente representada no piso desta artéria.

Inclui-se esta rua no sexto bairro, no ano de 1807.

---

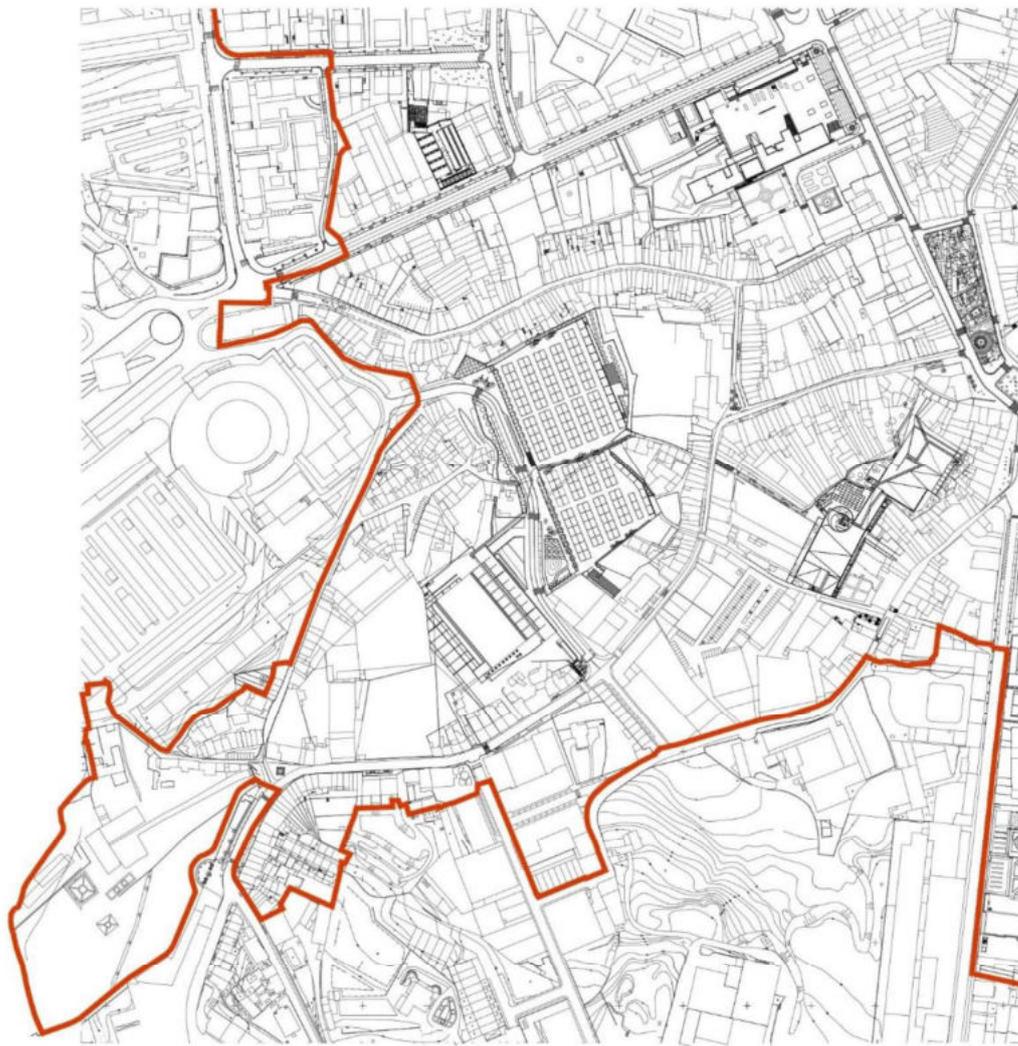
<sup>191</sup> Meireles, 2000.

A esta rua poderíamos também corresponder o Largo 1º de Maio, possivelmente numa configuração ligeiramente diferente da que se conhece atualmente. Em 1913 dá-se o nome de Largo da Senhora da Guia ao Largo 1º de Maio. Atualmente, verificando-se que o arruamento já não apresenta qualquer configuração de largo, nele integrado, entende-se que já não se conheça o topónimo de Largo da Senhora da Guia, e se mantenha apenas o topónimo de Rua Alfredo Guimarães.

A homenagem feita a Alfredo Guimarães, surge no Estado Novo. Este vimaranense, nascido a 7 de setembro de 1882, faleceu a 29 de novembro de 1958 em sua casa, na Rua de Camões. Foi o impulsionador da abertura do Museu Alberto Sampaio (localizado na rua em questão) e aquele que reuniu a grande maioria das coleções que hoje podemos visitar, sendo este o responsável pela salvaguarda e divulgação de um património que poderia hoje estar perdido. Consequentemente, foi também o primeiro diretor deste museu, tendo-se dedicado ao mesmo grande parte da sua vida. Foi um jornalista e escritor, que se dedicou à luta pela preservação e valorização do património.

Este homem terá pertencido à Comissão de Estética municipal, grupo que influenciou as obras e alterações que aconteciam na cidade, na época da sua existência (século XX).

Verifica-se ainda que no final do século XIX, esta rua teria já o topónimo atual.



*Figura 5: Canto inferior esquerdo da Figura 1. (Fonte: Imagem cedida pela DCH)*

### **Vuela da Arrochela**

As primeiras referências que surgem desta artéria são de finais do século XIII<sup>192</sup>. Este local, desde as suas primeiras menções até muito recentemente, era referida como uma vuela imunda, de maus cheiros e pouco iluminada, que inclusive servia de esgoto para os moradores.

Este topónimo surge de um franco que, tal como muitos outros que chegaram a Guimarães acompanhando o Conde D. Henrique, aqui habitara. O seu nome era Nicoláo de Arrochela<sup>193</sup>.

---

<sup>192</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>193</sup> Azevedo, 1692.

Como tentativa de solucionar as constantes queixas associadas à falta de higiene, em agosto de 1832, a viela é fechada nos seus extremos de forma a obrigar os moradores a usar o cano de despejos que por lá passava ao invés de se fazerem os despejos diretamente na via.

No percurso desta rua, encontrava-se também a zona da enfermaria do antigo hospital da Misericórdia, antes de o mesmo, em 1842, ser transferido para o Convento dos Capuchos. Este era constantemente alvo das mais variadas críticas devido ao facto de a sua localização não ter as condições necessárias, para a saúde dos pacientes.

Esta caracterizava-se por ser um local de habitação economicamente acessível, o que se fazia notar pela classe social dos seus moradores (circunstância que se poderia, possivelmente, justificar pelas características degradantes que a rua apresentava).

As alterações e limpezas que iam sendo feitas nesta rua não pareciam surtir grandes resultados, pois as queixas iam perdurando com o passar dos anos.

Atualmente, esta é popularmente conhecida por Vuela dos Caquinhos, por aí existir uma típica tasca de nome “Adega dos Caquinhos”, que se tornou já atração turística.

### **Largo do Toural**

Este local, era palco de uma série de espetáculos e corridas de touros. A.L de Carvalho<sup>194</sup> acredita que este foi o local onde as primeiras feiras e mercados se realizaram. Contudo, esta ideia é antagónica a várias outras referências que sugerem que os mercados só terão passado para a zona extramuros de forma a descongestionar o burgo; ficando claramente subentendido que estas já ocorreriam na zona intramuros. Estas referências são reiteradas por relatos de que haveria constante conflito entre os moradores do Largo da Oliveira e do Largo do Toural, pois ambos queriam acolher a feira semanal, sendo que esta estava constantemente a alternar a sua localização entre estes dois locais.

Por volta de 1583 é aqui construído um chafariz que, além de valorizar o rossio, define-se como um ponto de delimitação entre espaços, nomeadamente o Largo do Toural e o Largo de S. Sebastião. Aproximadamente 100 anos depois, é aqui colocado um cruzeiro. Este cruzeiro fora mandado construir pela Irmandade da Senhora do Rosário e acabaria por ser conhecido como o Cruzeiro do Fiado por, à sua volta, se realizar o mercado do linho.

---

<sup>194</sup> Carvalho, 1946.

Por volta de 1667 sabe-se que, o troço de muralha adjacente a este largo era utilizado, pelos moradores, como um local para usufruírem de vista privilegiada sobre as referidas corridas de touros.

Conhecem-se, ainda que escassas, algumas referências à existência de uma forca neste espaço. Enquanto que, Paulo Freitas do Amaral<sup>195</sup>, numa das suas crónicas sobre a cidade de Guimarães relata uma execução que terá acontecido no Largo do Toural a 29 de agosto de 1639. Ano em que, segundo o mesmo autor, terá abandonado este instrumento o local. Na dissertação de Maria José Queirós Meireles<sup>196</sup> refere-se um ato que envolve, novamente, um ato na forca, por volta de 1836, sendo que, se refere ainda a possibilidade de esta, ter sido lá colocada provisoriamente.

Também aqui se localizaria o Convento de S. Domingos, entretanto, mudado para a Rua D. João I, onde se localiza atualmente.

Por volta da década de 30 do século XVIII começa a construir-se a igreja de S. Pedro e ainda neste século surge a fachada norte do Largo do Toural, de influência Pombalina. A construção desta fachada acompanha a destruição de partes da muralha que, até à altura, circundava toda a vila.

Esta fachada acaba por ser destruída aquando do incêndio que aí aconteceu, a 4 de junho de 1869.

Também nesta zona, mais propriamente no início da Rua de Camões estava o Largo dos Cestos, por estes aí se venderem. No lado oposto, no início da Rua de D. João I, com base em obras analisadas, acredita-se que se localizasse o Largo dos Barbeiros do Toural (local onde se terá também vendido fruta). Estes barbeiros, que dão nome ao local onde exerciam o seu ofício, eram os responsáveis por uma variedade de outras práticas, desde o barbear ao arrancar de dentes e afiar espadas<sup>197</sup>.

Em 1807, este local passa a integrar o quarto bairro, encarregue ao juiz José António Baía.

Tanto o cruzeiro como o chafariz aí existente foram demolidos por volta de 1874. Sendo que, o chafariz acabou por ser reinstalado no Largo do Carmo.

No século XIX refere-se a venda de doçarias e de louça no Largo do Toural, assim como as regateiras de galinhas e de carne suína, que em 1856 são transferidas para o Largo dos Açougues (Largo Condessa do Juncal).

Este local, passando por inúmeras melhorias ao longo do tempo, chegou a ser vedado. Aspeto de que os moradores se queixavam constantemente, tendo o gradeamento acabado por ser retirado em 1911.

---

<sup>195</sup> Amaral, 2020.

<sup>196</sup> Meireles, 2000.

<sup>197</sup> Carvalho, 1946.

A 7 de julho do mesmo ano muda-se para aqui a estátua de D. Afonso Henriques, que até à data estava no local que à sua saída se passa a denominar Passeio da Independência (integrado na atual Alameda de S. Dâmaso). Com isto, o Tournal passa a chamar-se Praça do Fundador de Portugal. Contudo, poucos dias depois decide-se que este se chamaria Praça do Libertador de Portugal. Ainda assim, uns meses depois volta a surgir o topónimo de Praça D. Afonso Henriques. Porém, em reunião de Câmara de 10 de dezembro de 1943<sup>198</sup>, a Praça D. Afonso Henriques passa a chamar-se Largo do Tournal, topónimo que mantém até hoje.

### **Rua de Santo António**

A primeira memória desta rua surge associada ao topónimo de Rua da Fonte Nova por volta do século XVI<sup>199</sup>. Por volta de 1620 sabe-se que esta rua era popularmente conhecida pelo nome de “Mata-Diabos”, nome que surge de Miguel Francisco que aqui possuía uma estalagem<sup>200</sup>.

Esta rua seguia o curso da muralha, o que deixava em desvantagem aqueles que lá habitavam, por se tornar um entrave ao devido aproveitamento de espaço.

Contudo, ao longo do século XIX e XX, o cerco de muralha foi sendo destruído quase na totalidade.

Tal como se tem vindo a referir, em 1807, como forma de melhor organizar e gerir o espaço urbano, a vila é dividida em 8 bairros, destacando-se um juiz para cada um deles. Esta rua, passa então a integrar o quinto bairro, com o juiz destacado Lucas da Costa.

Em 1873, esta rua, integrada num conjunto com a Rua de Santo António dos Palheiros e a Rua do Campo Santo, passa então a denominar-se de Rua Nova de Santo António. No ano seguinte é transferido para aqui o tanque que, até aí se encontrava no Largo do Carmo, porém em 1963 seria retirado (atualmente encontra-se no Largo Dr. João da Mota Prego). Mais tarde é também aqui colocado um passo de paixão que se encontrava no Largo da Misericórdia, este fora também demolido em 1897.

De forma a recordar a tentativa, ainda que falhada, de Instauração da República de 31 de janeiro de 1891, esta rua, em 1910 (mais propriamente a 2 de novembro) passa a chamar-se Rua 31 de Janeiro. Ainda assim, à data do Estado Novo é reposto o anterior topónimo.

Mariano da Rocha Felgueiras, que fora Presidente de Câmara, impulsionou uma data de projetos de melhoramentos na cidade, já mencionados, ainda que muitos não tenham sido levados a cabo, um deles

---

<sup>198</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

<sup>199</sup> Disponível em: AMAP, cota C-932c.

<sup>200</sup> Carvalho, 1946.

passou pela instalação do serviço de correios no palacete de Minotes, localizado nesta rua, no ano de 1925. Este edifício já se encontrava pronto no final de 1927. Isto começou a impulsionar uma transformação desta zona, num espaço comercial e de serviços, paralelamente ao que estaria a acontecer, simultaneamente, na Rua de Gil Vicente.

Ainda assim, por volta da década de sessenta do século XX continuam a surgir queixas, na imprensa local, sobre o estado de degradação e os inconvenientes que os excertos de muralha, que ainda existissem, nesta rua, traziam. Em 1964 aqui se alojou também a Livraria Raul Brandão.

Atualmente, esta é uma das ruas mais movimentadas da cidade, associada, essencialmente, ao comércio local. Presta homenagem a uma das figuras religiosas mais acarinhadas a nível nacional. Santo António nasceu em Lisboa, estudou teologia em Coimbra, e era conhecido pelas suas qualidades de pregador.

### **Avenida Conde Margaride**

Esta artéria representa a expansão citadina, associando-se a ela a instalação de serviços que tinham também como consequência a expansão urbana. Corresponderia à anterior Avenida dos Pombais, e recebe o atual topónimo a 10 de dezembro de 1943 (na, já inúmeras vezes mencionada, reunião de Câmara).

Os Pombais terão integrado o quarto bairro, do qual estaria encarregue o juiz José António Baía. Naturalmente, esta Avenida dos Pombais teriam uma configuração diferente, que fora bastante influenciada pela construção do Mercado Municipal.

Esta, atualmente, homenageia o Conde de Margaride, Doutor Luiz Cardoso Martins de Menezes de Macedo.

### **Rua das Lameiras**

Esta rua é referenciada em 1863 como a “única comunicação entre a Cruz de Pedra e S. Lázaro”<sup>201</sup>.

### **Rua D. João I**

Esta era, inicialmente, conhecida por Rua de Gatos. Topónimo que deriva de uma adaptação de Rua Entre Regatos, por esta passar entre dois cursos de água, o rio de Couros e o de Santa Luzia.

---

<sup>201</sup> CMG, 1985.

Surge referida no século XII, por incluir o percurso de saída para Vila do Conde e acredita-se que aí já era uma zona urbanizada<sup>202</sup>.

Esta rua era considerada nobre, por representar uma entrada na cidade, para a respetiva classe social. Era considerada um arrabalde por se encontrar fora de muros e acredita-se ter tido sempre uma configuração muito semelhante à atual, sendo que, naturalmente, o seu valor aumentava conforme a sua aproximação com a vila e, à medida que nos íamos afastando do burgo, era notável a diminuição de habitações e o aumento de campos e zonas agrícolas.

Sabe-se da existência de uma gafaria nesta rua, pelo menos desde 1314 e que funcionaria até por volta do século XVII. Seria esta a gafaria de S. Lázaro. Lázaros seria um sinónimo de leprosos; Lázaro corresponde a uma personagem bíblica, com efeito, um leproso. Por esse mesmo motivo, S. Lázaro é também o padroeiro dos leprosos. Respetivamente, a capela de S. Lázaro seria edificada em 1600.

Esta rua, assim como muitas outras da vila, era caracterizada por ter um variado leque de mesteres que aqui habitavam, ainda assim, é de frisar que se conheciam mais ferreiros a habitar aqui do que na rua que ganhou o topónimo de Rua da Forja, facto que apenas importa para estranhar o topónimo da referida rua e não da Rua de Gatos, que em nada se associa ao ofício.

A igreja de S. Domingos que hoje se encontra nesta rua, não está na sua localização original. A primitiva igreja de S. Domingos era anterior à construção do segundo cerco de muralha, que a abrangia a Vila Baixa e que levou a que, aquando da edificação do muro, nas imediações do Toural, a igreja tenha ficado demasiado próxima deste, o que comprometia a segurança da vila, pois facilitava a passagem pelos muros. Com isto D. Dinis mandou que a igreja se transferisse para uma distância de “120 passos a poente” do local onde até aí se encontrava<sup>203</sup> e, assim, a igreja passou a estar localizada na Rua de Gatos. O mesmo aconteceu com a igreja de S. Francisco.

Esta rua tem uma forte ligação com aquele que hoje lhe dá nome. Em 1387 D. João I, após a vitória em Aljubarrota, vai agradecer a Santa Maria, tendo partido descaço de S. Lázaro, subindo a Rua dos Gatos até à colegiada de Santa Maria. Entregou-lhe aí várias oferendas, inclusive, segundo consta (pois essa peça terá sido roubada já na segunda metade do século XX) um cordão de ouro, que teria a distância do percurso feito a pé pelo rei.

Integrar-se-ia no quarto bairro, na divisão da vila de 1807.

---

<sup>202</sup> Ferreira M. , 2010.

<sup>203</sup> CMG, 1985.

Esta rua, por vezes, era separada em denominações diferentes, correspondendo a parte superior a Rua de S. Domingos e a parte inferior a Rua de S. Lázaro. Porém, a 20 de março de 1863 esta rua ganha finalmente o topónimo que ainda hoje mantém. Passa então a chamar-se Rua de D. João I. Nesta mesma data iniciam-se trabalhos de reconstrução que se definiram pela deslocação (ainda que de poucos metros) do padrão de S. Lázaro. Este padrão seria evocativo da vitória de Aljubarrota por parte de D. João I, ainda que se acredite que não possa ser o monumento original aquele que ali se vê, atualmente.

Em 1834, dá-se a extinção das ordens religiosas e com isto a igreja e sacristia do Convento de S. Domingos são deixadas ao abandono acabando por ser cedidas à ordem de S. Domingos.

Em 1840 abre o hospital da ordem terceira de S. Domingos, que tinha como objetivo o tratamento de pobres, mais tarde autoriza-se a instalação das repartições públicas no convento e transfere-se para aí a casa da roda. Por volta da década de setenta, a igreja estava a ameaçar ruína e sofre uma profunda transformação. A Sociedade Martins Sarmiento acaba por tomar posse do convento.

Por volta de 1892, as casas desta rua estavam em muito mau estado e ao longo das seguintes dezenas de anos continua a constar a falta de higiene e o mau estado da rua.

Em 1910, tanto o Padrão de S. Lázaro como o claustro da igreja são classificados monumentos nacionais.

Atualmente, a rua continua a apresentar uma estrutura bastante estreita, contudo está em curso um projeto (2020) da Câmara Municipal, de melhoramento da zona, que se prevê bastante benéfico para a mesma.

### **Viela da Melada**

A viela da Melada, é de localização imprecisa, sendo as referências à mesma bastante escassas. Ainda assim, esta localizar-se-ia, possivelmente, nas imediações da Rua de D. João I.

### **Rua Cabreira**

Esta rua, segundo Maria da Conceição Falcão Ferreira, é referenciada desde, pelo menos, 1294<sup>204</sup>. Ainda assim, a sua localização é praticamente impossível devido à falta de informação sobre a mesma.

---

<sup>204</sup> Ferreira M. , 2010.

Apenas se sabe que, nesta rua se situava a almuinha do Pinheiro e que era uma zona de especial interesse por parte dos Dominicanos, por aí quererem instalar a sua igreja. Isto leva a acreditar que esta rua seria próxima da Rua de D. João I, mas a sua precisão continua inconclusiva.

### **Rua Dr. Avelino da Silva Guimarães**

Esta rua foi aberta em 1863 como forma de ligação da Rua de D. João I para a praça do mercado, e ganha este topónimo em julho de 1962, por proposta da Comissão de Toponímia (existente à data)<sup>205</sup>.

Entre a abertura da rua e a data do seu topónimo, verifica-se uma lacuna de, aproximadamente 100 anos, durante os quais se desconhece o nome do arruamento.

O homem que dá nome a esta rua foi um vimaranense que terá sido Presidente da Sociedade Martins Sarmento, assim como um dos grandes impulsionadores da exposição industrial de 1884.

### **Rua Paio Galvão**

Esta rua, assim como a Rua de Gil Vicente, foi aberta em 1873. Tendo-se, por repetidas vezes, previsto o prolongamento desta artéria, o projeto não chegou a concretizar-se, pelo menos, não na dimensão que se fazia prever.

A abertura desta rua corresponderia também à data de início da construção do mercado municipal neste lugar, sendo que ligaria, precisamente, o Largo do Toural ao mercado, sendo ainda uma saída da cidade, para Braga. Mercado este que, atualmente foi substituído pelo local que popularmente se chama “Plataforma das Artes”.

Alberto Vieira Braga<sup>206</sup>, como já referido, acredita que esta rua corresponderia à que se conhecia por Rua Nova do Mercado. Ainda que o Padre António Caldas<sup>207</sup> não partilhe da mesma opinião, a convicção de Alberto Vieira Braga faria sentido, dada a localização próxima ao respetivo mercado. A esta rua associam-se também, algumas descrições do Preposto, ainda que a localização deste topónimo (como se refere num parágrafo próprio) seja imprecisa.

Analisando a planta que Mário Cardozo desenhou em 1922, relativa ao século XVII<sup>208</sup>, pode-se também colocar em hipótese esta ter sido também (aproximadamente) a localização da Rua de Trás do Mosteiro. Esta, aquando da divisão da vila em bairros de fiscalização, integraria o quarto bairro.

---

<sup>205</sup> Meireles, 2000.

<sup>206</sup> Braga, 1939.

<sup>207</sup> Caldas, 1881.

<sup>208</sup> Fonte: Planta cedida pela DCH, CMG.

Esta rua foi batizada, com o nome que mantém, em abril de 1880. O topónimo terá sido proposto pelo vereador António Joaquim de Melo, a par de outras propostas.

Fora aberta em terrenos que, anteriormente, pertenceriam ao convento de S. Domingos, nos quais acabou também por se instalar a Sociedade Martins Sarmento em 1888.

Nesta rua terá habitado Luís de Pina e a sua família, este homem seria o responsável pelos mais variados projetos urbanísticos que vieram desenvolver esta cidade.

Paio Galvão, que dá nome à rua, viveu entre o século XII e XIII. O vimaranense terá dedicado a sua vida à religião e ao ensino da teologia, tendo sido ainda mestre escola da colegiada.

### **Rua de Camões**

Desta rua há já conhecimento, pelo menos, desde 1569<sup>209</sup> com o topónimo de Rua Nova das Oliveiras, numa planta da mesma data. Sabe-se também que, à parte superior desta artéria, correspondia a Rua das Lajes. Podemos associar este topónimo ao pavimento aí existente, que era inclusive alvo de muitas críticas pois causava quedas, por ser escorregadio. Esta Rua das Lajes passou por um melhoramento em 1840. Chegou aqui a existir um tanque, na proximidade do paredão das Lajes, mas este foi retirado em 1904.

Este espaço integrar-se-ia no quarto bairro, em 1807

Era uma rua era muito frequentada, pois fazia a ligação entre os subúrbios e bairros operários, e o Toural. Era referida como sendo o local onde se verificava a maior unidade de habitação filipina.

A Rua Nova das Oliveiras passa a denominar-se Rua de Camões a 10 de junho de 1880, na data de comemoração do tricentenário da morte do poeta português, e por proposta da comissão encarregue das celebrações.

Camões, considerado o maior poeta português, viveu e morreu no século XVI. A sua obra mais emblemática chama-se “Os Lusíadas” (uma homenagem às epopeias das conquistas dos portugueses pelo mundo) e dada a importância de todos seus escritos na história da literatura portuguesa, justifica uma análise cujo detalhe não é o propósito do presente documento; tampouco seria pretensão fazê-lo.

---

<sup>209</sup> *Ibidem.*

## **Travessa de Camões**

Esta rua, integrada no terceiro bairro e fiscalização, inicialmente intitulada de Rua de Trás os Oleiros, era, como o nome faz prever, o principal polo de oficinas de olaria.

Este local era constantemente relatado como uma zona com falta de higiene e acumulação de lixo, a necessitar de manutenção, e associado a delitos e perigos para a saúde pública. Apenas em 1939 se manda demolir o mictório existente, o que até à data da sua demolição também não terá colaborado para a limpeza e higienização da rua.

A 29 de setembro de 1892, esta rua que, à data, teria o topónimo de Rua de S. Sebastião, passe a designar-se Travessa de Camões.

A 10 de dezembro de 1943<sup>210</sup> a travessa de Camões volta a designar-se Rua de Trás os Oleiros, sendo que no estado novo volta a recuperar o topónimo de Travessa de Camões.

## **Rua Dr. Bento Cardoso**

Esta rua inicialmente era conhecida como Rua Travessa, ou Rua Travessa das Oliveiras, talvez pela sua proximidade com a rua que lhe era perpendicular, a Rua Nova das Oliveiras.

Parecendo ainda ter existido um topónimo anterior ao de Rua Travessa, que seria de data anterior ao século XVII, segundo a documentação analisada. Seria então Travessa da Parrota<sup>211</sup>.

À data da divisão da vila em bairros, em 1807, este local passa a integrar o quarto bairro, do qual estaria encarregue o juiz José António Baía.

Esta rua terá surgido com a implantação do hospital para peregrinos de S. Roque, neste local. Era também conhecido por hospital de S. Domingos, e fora criado por uma irmandade composta por moradores da Rua de Gatos. Este, em 1735 passa a ser administrado pelas recolhidas dominicanas.

Aqui existiu o recolhimento das Domínicas que, em 1699 já se intitulava de Recolhimento das Domínicas de Santa Rosa do Lima, que foi fundado para acolher algumas mulheres que aqui viveriam dedicada a esta santa.

Há registos de pagamentos feitos por este hospital já no final do século XVII e início do seguinte, o que leva a supor que, à data, ele ainda existia<sup>212</sup>.

---

<sup>210</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

<sup>211</sup> Disponível em: AMAP, cota C-1403.

<sup>212</sup> Carvalho, 1946.

Não fica claro se o hospital de S. Roque e o referido recolhimento/convento corresponderiam à mesma edificação ou não.

Esta rua terá então adotado o topónimo do convento, passando então a denominar-se Rua de Santa Rosa do Lima.

Nesta rua terá existido um cruzeiro, que terá sido retirado em dezembro de 1858.

Em janeiro de 1882 pediu-se que se transferisse a paróquia de S. Sebastião para o convento de Santa Rosa do Lima para que, desta forma, se pudesse prosseguir com a demolição de S. Sebastião.

Este convento extinguiu-se em 1888 com a morte da última religiosa, sendo que o edifício se encontrava já em muito mau estado.

Em 1892, o convento passa a propriedade da Câmara e, a 29 de setembro do mesmo ano, esta rua, que à data se chamava Rua de Santa Rosa de Lima, passaria então a intitular-se de Rua de S. Sebastião, sendo que a paróquia de S. Sebastião terá passado efetivamente para este convento<sup>213</sup>.

A 4 de janeiro de 1900 são colocadas as placas de designação da rua e numeração dos prédios.

Em novembro de 1911 a Rua de S. Sebastião passa a denominar-se Rua Dr. Bento Cardoso, em homenagem a um advogado vimaranense que esteve também envolvido na sociedade patriótica de Guimarães.

Esta rua é popularmente denominada de Rua das Domínicas.

### **Rua De Trás Gaia**

Esta rua aparece-nos referenciada em 1807 no oitavo bairro de vigilância da cidade, do qual estaria encarregue o juiz José da Costa Varela.

Aqui, existia uma fonte que servia este bairro, que se caracterizava por ser composto por operários. Por aqui passava um regato e a sua água era utilizada no matadouro, sabendo-se que o rio era sinónimo de imundice.

Domingos Ferreira (2012)<sup>214</sup> acredita que, este topónimo estará relacionado com o casal e quinta da Boa vista de Gaia, propriedade que se situava atrás da antiga gafaria de S. Lázaro. Esta zona, devido à

---

<sup>213</sup> Meireles, 2000.

<sup>214</sup> Ferreira D. , 2012.

proximidade com a gafaria estaria constantemente a passar por perdas em elevado número, sempre que a lepra se propagava.

Estes habitantes teriam de se deslocar ao Largo do Tournal para obterem o pão para a alimentação dos seus filhos.

### **Viela das Freiras**

Rua de localização imprecisa, sabendo-se apenas que daria ligação a Trás Gaia. Surge mencionada no plano do Engenheiro Almeida Ribeiro.

### **Cruz de Pedra**

Este era um local caracterizado pelo notável número de oficinas de olaria.

Aqui terá também existido a Capela de Santo André.

Integra o oitavo bairro, em 1807.

A este local está associado o desenvolvimento das cantarinhas dos namorados. Esta peça, aqui produzida pelos oleiros, está enraizada nas tradições populares de Guimarães. A tradição diz que, a oferenda da cantarinha, por parte de um jovem rapaz, à sua pretendida corresponderia a um pedido de casamento. Se a jovem aceitasse a peça de louça, estaria também a aceitar o pedido. A cantarinha era representada por uma cantarinha central e uma na parte superior, de menor dimensão, tendo também um pequeno pássaro no topo.

### **Rua da Liberdade**

De topónimo primário Rua das Molianas, esta rua aparece-nos referenciada pelo menos desde 1346<sup>215</sup>.

Esta rua garantia a saída para o Porto, o que leva a acreditar que seria uma via importante.

O arrabalde em que surge integrada esta rua, arrabalde das molianas, inicialmente não deixava clara a distinção entre este, a Caldeirôa e o arrabalde Gatos, só por volta do século XV é que vai ganhando notoriedade.

Esta integrava uma paisagem com vinhas, lagares, hortas e casas. Há também notícias de um hospital nesta rua no século XV, hospital este que seria, muito provavelmente, o mesmo que surge referenciado como a origem da abertura da Rua Dr. Bento Cardoso.

---

<sup>215</sup> Carvalho, 1946.

Esta rua, assim como a que lhe é paralela, era referenciada como o local onde haveria um elevado número de oficinas de cutileiros.

Por volta de 1346<sup>216</sup>, encontrava-se um moinho nesta artéria (que é aliás, a primeira referência que se parece encontrar, da rua). Pode associar-se isto ao topónimo da rua à data. Molianas está associado ao trabalho de molinhar, que consistia em moer os cereais. Molianas seriam então sinónimo de atafoneiras, sendo que uma atafona é um moinho. Paralelamente, o vocábulo molianas significa repreensão ou descompostura, portanto não fica totalmente clara a origem do nome da rua.

Aquando da divisão da vila em bairros em 1807, para que, a cada um deles correspondesse um juiz, este local passa a integrar o 3º bairro, do qual estaria encarregue o juiz José António Baía.

Integrada no terceiro bairro de fiscalização, em data indefinida, passou a denominar-se Rua da Alegria, topónimo que manteve até 2 de novembro de 1910, data em que passou a Rua da Liberdade. Nome que estaria nitidamente relacionado com a Implantação da República e que ainda hoje se mantém<sup>217</sup>.

Contudo, em ata da reunião de Câmara de 10 de dezembro de 1943<sup>218</sup>, data que representa inúmeras alterações toponímicas na cidade, surge, entre as alterações realizadas, a alteração do topónimo de Rua da Liberdade para Rua da Madrôa, parecendo, ainda assim, que a parte que se terá intitulado de Rua da Madrôa não corresponderia à total extensão da Rua da Liberdade.

Atualmente, o topónimo Rua da Liberdade mantém-se, não sendo claro quando torna a surgir ou se terá, de facto, em algum momento, desaparecido por completo.

### **Rua da Madrôa**

Esta rua, por ser no seguimento das Molianas era também uma das saídas da cidade. Iniciava-se na travessa da Caldeirôa e terminava quando se iniciava a Cruz de Pedra, ainda assim não é precisa a definição do seu término.

Fala-se também de um rossio da Madrôa,

Quando acontece a divisão da vila em bairros, em 1807, este espaço passa a integrar o oitavo bairro, do qual estaria encarregue o juiz José da Costa Varela.

Por volta de 1947, destaca-se o abandono e o estado deplorável em que se encontrava esta, movimentada, rua, onde se encontrava também a fábrica da Madrôa.

---

<sup>216</sup> *Ibidem*.

<sup>217</sup> Meireles, 2000.

<sup>218</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

Considerar-se-á então que, esta se localizaria no arruamento que hoje se conhece como Rua da Liberdade.

### **Viela do Arquinho**

Esta viela marcava a o fim Rua da Madrôa e surge referenciada no plano do Engenheiro Almeida Ribeiro.

### **Rua da Caldeirôa**

Esta rua parecia ser já mencionada em 1194<sup>219</sup> e, assim como algumas noutras naquela zona, garantia a saída da cidade para o Porto.

Esta rua era definida por um paralelismo dinamizado, entre características rurais e as atividades negociais, associando-se a ela uma zona de habitação de operários assim como de pessoas que viviam das atividades campesinas.

Nesta rua passava uma via militar, onde se acredita existir a casa em que nasceu S. Dâmaso.

A par do que ia acontecendo por toda a vila, no final do século XIII a rua demonstrava sinais de degradação. Sabe-se também que aí existiram umas casas para os leprosos em 1258.

Alguns autores referem que o topónimo Caldeirôa não se relaciona com o algum ofício relacionado com o mesmo, por não haver evidencias de nenhuma atividade predominante. Paralelamente, encontram-se indicações de que existiriam fundidores de sinos, caldeireiros associados a esta rua. Pode-se então concluir que, não é clara a associação do topónimo a alguma atividade.

Correspondia ao terceiro bairro, da responsabilidade de Torcato Mendes de Oliveira.

Por volta de 1890 estariam a ser feitos trabalhos de reconstrução nesta rua, há muito necessários.

Em novembro de 1910 a Comissão Municipal muda o nome desta rua para Rua Dr. Trindade Coelho<sup>220</sup>, como forma de homenagear este homem que fora escritor e um político republicano. Contudo, em dezembro de 1943<sup>221</sup> a rua recupera o topónimo original, passando a chamar-se novamente Rua da Caldeirôa.

Esta zona, nos últimos anos caracteriza-se pela notável presença de elementos industriais, onde a partir do século XIX se foram instalando fábricas.

---

<sup>219</sup> Ferrão & Afonso, s.d.

<sup>220</sup> Braga, 1959.

<sup>221</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

## **Avenida D. Afonso Henriques**

Esta rua surge como resposta a uma necessidade de ligar a cidade à estação dos caminhos de ferro. Aberta no final da década de 90 de 1800 e inaugurada a 30 de dezembro de 1900, esteve alguns dias sem topónimo definido e isso poderá justificar o motivo de este local ter sido popularmente conhecido por Avenida Nova.

Até à seleção efetiva do topónimo, surgiram variadas propostas, entre elas Avenida Mouzinho de Albuquerque (em homenagem ao notável militar), Avenida Século XX e, finalmente, Avenida do Comércio (topónimo que surge da proposta da reunião de Câmara de 9 de janeiro de 1901<sup>222</sup>), topónimo que se manteve até 1910, data em que esta se passa a intitular Avenida Cândido dos Reis (um militar republicano). Esta alteração toponímica data da Instauração da República, que veio realizar variadas alterações dos nomes dos arruamentos e largos da cidade.

A 10 de dezembro de 1943<sup>223</sup> dá-se a esta avenida o nome de Avenida D. Afonso Henriques- O Fundador. Atualmente, conhece-se apenas por Avenida D. Afonso Henriques, talvez por supressão popular do topónimo.

Esta rua, assim como muitas outras da cidade, estava constantemente em mau estado e em degradação, sendo que por volta de 1917 refere-se, inclusive, que a rua estaria intransitável. Existiam também menções às casas bastante pobres.

Com o encerramento do antigo teatro D. Afonso Henriques, que se localizava no Campo da Feira, ergue-se nesta avenida um novo teatro que o viria substituir.

Inaugurado a 20 de novembro de 1938, o Teatro Jordão, foi batizado com o nome de Martins Sarmiento, porém, passado um ano, recupera o nome de Teatro Jordão. Como forma de melhorar a avenida intencionava-se demolir as casas que existiam no início, sendo que as lamentações em relação ao estado de degradação desta avenida, eram uma constante, talvez devido à sua enorme afluência.

Aqui se localizava, ainda que anterior à artéria, o palácio de Vila Flor, que terá pertencido aos Condes de Arrochela e que, por volta de 1946, pertencia à família Jordão. Neste palácio fora recebida a Rainha D. Maria II, aquando da sua visita a Guimarães, que resultou na elevação da vila a cidade.

---

<sup>222</sup> Disponível em: AMAP, cota 10-10-6-18.

<sup>223</sup> Disponível em: AMAP, cota M-1899.

## **Largo Valentim Moreira de Sá**

Este topónimo surge em homenagem a um notável musicógrafo vimaranense. Esta homenagem surge de uma decisão da reunião de Câmara de 28 de outubro de 1953<sup>224</sup>.

---

<sup>224</sup> Meireles, 2000.

## 5. Roteiro Toponímico

Neste capítulo incluir-se-á a proposta de Roteiro Toponímico, que resulta de uma compilação, sumarização e adaptação (ainda que ligeira), da informação até agora apresentada.

Este, assim como acontece no capítulo anterior, apresenta uma organização de carácter prático. Seguindo as ruas uma ordem que teve em conta a sua proximidade. Podendo, desta forma, o leitor, acompanhar a leitura do roteiro com um percurso pedonal, por exemplo.

Este roteiro, idealmente, presupõe-se impresso, em modelo de brochura. Sendo também possível de utilizar enquanto recurso digital. Cada rua, além de devidamente enquadrada num mapa, faz-se acompanhar do respectivo *QR Code*, que redireciona o leitor/visitante para a página *on-line* do *Google Maps*, encontrando aí a respectiva localização do arruamento, sinalizada, para que o leitor, possa, mais facilmente realizar as suas deslocações a cada uma das artérias abordadas.

Acrescente-se que, se apresentam aqui, apenas, arruamentos que se incluem no Centro Histórico e Zona Tampão, e que se revelaram com interesse, considerando o enquadramento da temática.

# Roteiro Toponímico de Guimarães

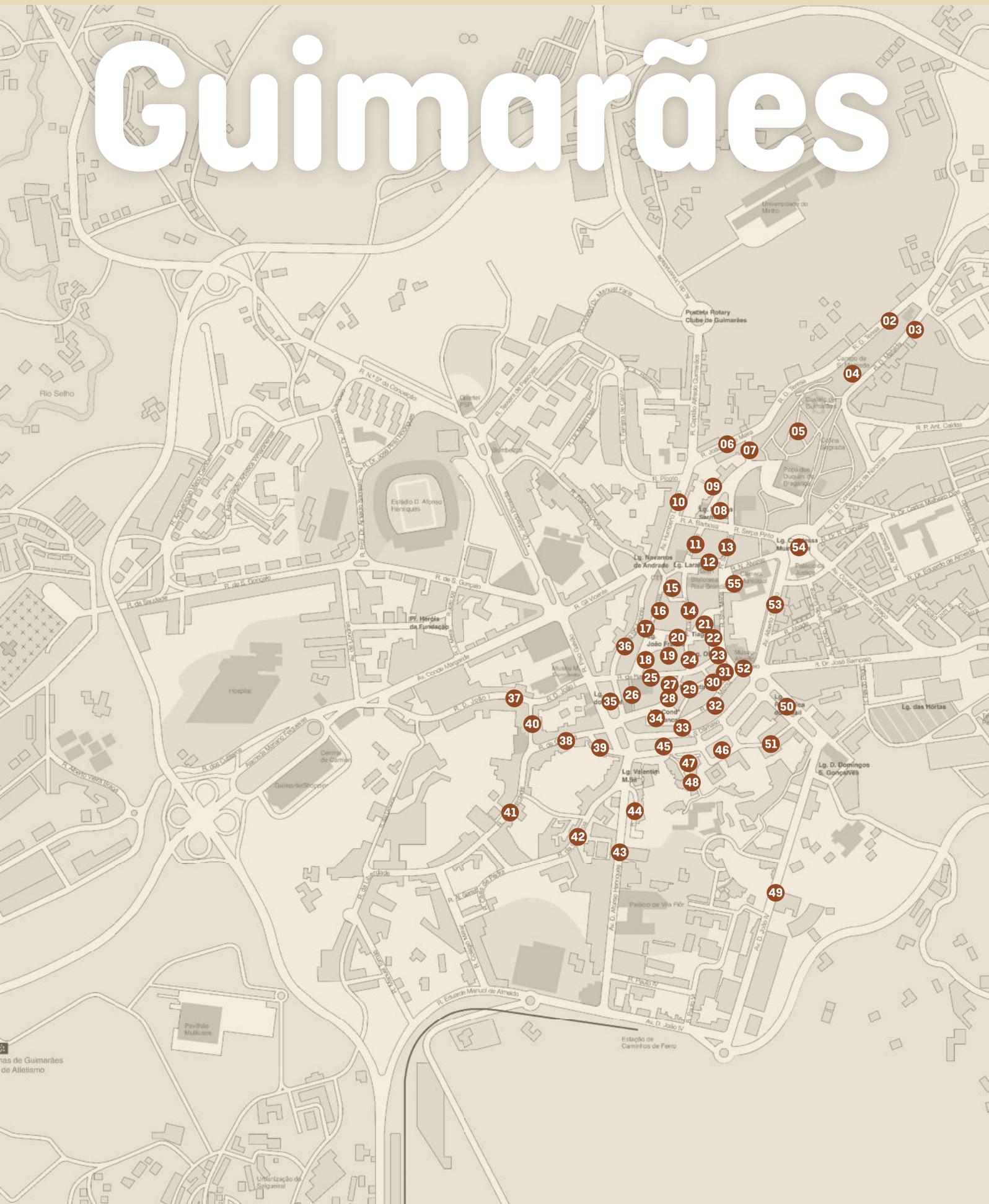
2021 Rita Miranda

A toponímia de um local e as várias mudanças que vai sofrendo ao longo dos tempos, podem ser extremamente reveladoras sobre a forma como um povo ou uma comunidade evoluiu, quais as suas tendências sociais, económicas, políticas e religiosas.

Assim, se no início dos tempos uma determinada rua ou viela era conhecida por algum elemento prático que a caracterizasse, desde a sua proximidade a alguma edificação, à profissão da maioria dos seus residentes ou mesmo pela oferta de serviços aí existentes, com a evolução histórica essas mesmas ruas passaram (na sua maioria) a homenagear datas, eventos ou personalidades que ganharam destaque num dado período histórico. Porém, não raras vezes, com mudanças políticas, de regime ou sociais, os referidos topónimos são novamente substituídos de forma a homenagear as “novas” datas ou os “novos” heróis.

Desta forma, o roteiro que aqui se apresenta, propõe ao leitor uma visita à cidade que tem por base a evolução histórica dos nomes das ruas, valorizando e dando a conhecer o património imaterial de Guimarães, num prisma que visa o aproveitamento turístico da temática.

# Guimarães





- 01 Rua da Arcela
- 02 Rua de Dona Teresa
- 03 Rua de Dona Mafalda
- 04 Campo de S. Mamede
- 05 Monte Latito/Parque do Castelo
- 06 Rua Dr. Joaquim de Meira
- 07 Rua do Conde D. Henrique
- 08 Largo Martins Sarmento
- 09 Viela do Campo Santo
- 10 Avenida General Humberto Delgado
- 11 Rua das Trinas
- 12 Travessa da Senhora Aninhas
- 13 Rua de Santa Maria
- 14 Rua João Lopes de Faria
- 15 Largo Dr. João da Mota Prego
- 16 Rua de Val de Donas
- 17 Viela de Val de Donas
- 18 Largo da Misericórdia
- 19 Largo do Serralho
- 20 Rua Dr. António Mota Prego
- 21 Praça de S. Tiago
- 22 Rua dos Açoutados
- 23 Largo de Nossa Senhora da Oliveira
- 24 Rua Gravador Molarinho
- 25 Rua da Rainha D. Maria II
- 26 Viela da Arrochela
- 27 Viela de S. Crispim
- 28 Rua Dr. Avelino Germano
- 29 Rua do Retiro
- 30 Rua/Viela de Donaões
- 31 Rua João de Melo
- 32 Rua Egas Moniz
- 33 Rua Mestre Caçoila
- 34 Largo Condessa do Juncal
- 35 Largo do Toural
- 36 Rua de Santo António
- 37 Rua D. João I
- 38 Rua de Camões
- 39 Travessa de Camões
- 40 Rua Dr. Bento Cardoso
- 41 Rua da Liberdade
- 42 Rua da Caldeirão
- 43 Avenida D. Afonso Henriques
- 44 Rua de Vila Flor
- 45 Alameda de São Dâmaso
- 46 Largo de São Francisco
- 47 Largo do Trovador
- 48 Rua de Couros
- 49 Avenida D. João IV
- 50 Largo República do Brasil
- 51 Rua Padre Gaspar Roriz
- 52 Rua Alfredo Guimarães
- 53 Avenida Alberto Sampaio
- 54 Largo da Mumadona
- 55 Largo do Cônego José Maria Gomes



## 01. Rua da Arcela

Esta rua, supõe-se, corresponderá àquela que se conhecia por Cano das Gafas, topónimo que se encontra referenciado, quer em documentação das vereações de 1531 quer na planta da cidade de 1569, ainda que se admita que possa ser de existência anterior. Este topónimo justifica-se com a existência de uma leprosaria feminina, de que a palavra gafaria é precisamente um sinónimo.

Passou, posteriormente, este local a ser conhecido como Cano de Cima. Este topónimo de “cano” poderá, ou não, estar associado a por ali passar, de facto, o meio que levava a água à vila tendo também em conta a sua proximidade com uma fonte, mais precisamente a fonte da douradinha. Porém, este “cano” terá acabado por mudar de localização.

O vocábulo que atualmente dá nome à rua (Arcela), tem origem desconhecida sendo que a origem da palavra, do latim, significava “arca pequena”.





## 02. Rua de Dona Teresa

Ainda que sem rigor absoluto, com base nas descrições existentes, esta rua parece corresponder à anterior Rua do Salvador. Isto justifica-se pela descrição feita pelo Padre Torcato d'Azevedo, nas suas *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, que justifica o topónimo de Rua do Salvador pela existência de uma capela do mesmo nome na Quinta da Verdelha, quinta que dá atualmente nome a uma viela que parte da Rua de Dona Teresa.

Nesta rua localizar-se-iam as nobres habitações, onde se instalavam os arcebispos de Braga quando aqui vinham.

A 17 de julho de 1962, fixa-se o nome desta rua em Rua de Dona Teresa.

Assim como várias ruas em torno do castelo, esta presta homenagem a uma personagem associada aos primórdios da nacionalidade. Dona Teresa de Leão, terá nascido por volta de 1080 e foi mãe de D. Afonso Henriques. Com efeito, D. Teresa é uma personalidade histórica de enorme relevância, tendo mesmo sido opositora do seu próprio filho, na batalha de S. Mamede a 24 de junho de 1128, data que se considera a 1ª tarde portuguesa.

Acredita-se que o seu filho, Afonso Henriques, a terá aprisionado no Castelo de Lanhoso.



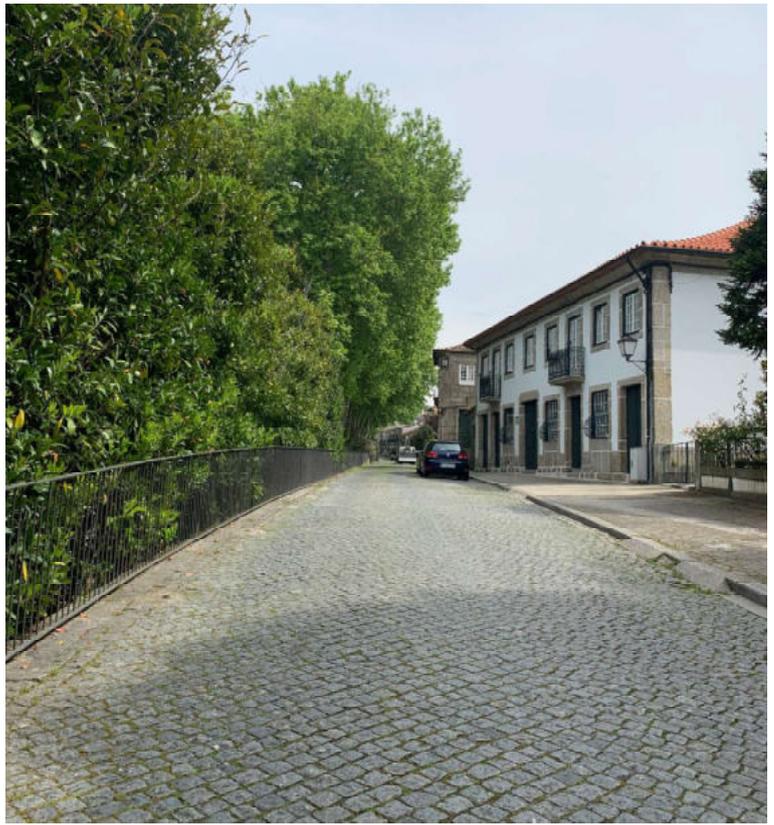


## 03. Rua de Dona Mafalda

A esta rua acredita-se corresponder a anterior Rua das Oliveiras de Santa Cruz.

Da abertura desta rua e da sua alteração toponímica não se precisa qualquer data. Sabe-se apenas que esta aparece referenciada no plano de melhoramentos de 1863 do Engenheiro Almeida Ribeiro e volta a surgir numa ata de reunião de Câmara de 1962, na qual se enumeram alguns topónimos a fixar.

Atualmente, homenageia a 1ª rainha de Portugal.





## 04. Campo de S. Mamede

Este terreiro, era inicialmente conhecido como Campo de S. Salvador, pela sua proximidade à capela (e cruzeiro) com o mesmo nome.

Era também conhecido como Terreiro do Cano, à semelhança das ruas da envolvente que seriam conhecidas por Rua do Cano de Cima (Rua da Arcela) e Rua do Cano de Baixo (Rua de S. Torcato) por, possivelmente, ali passar o “cano” que fazia a distribuição de água da vila.

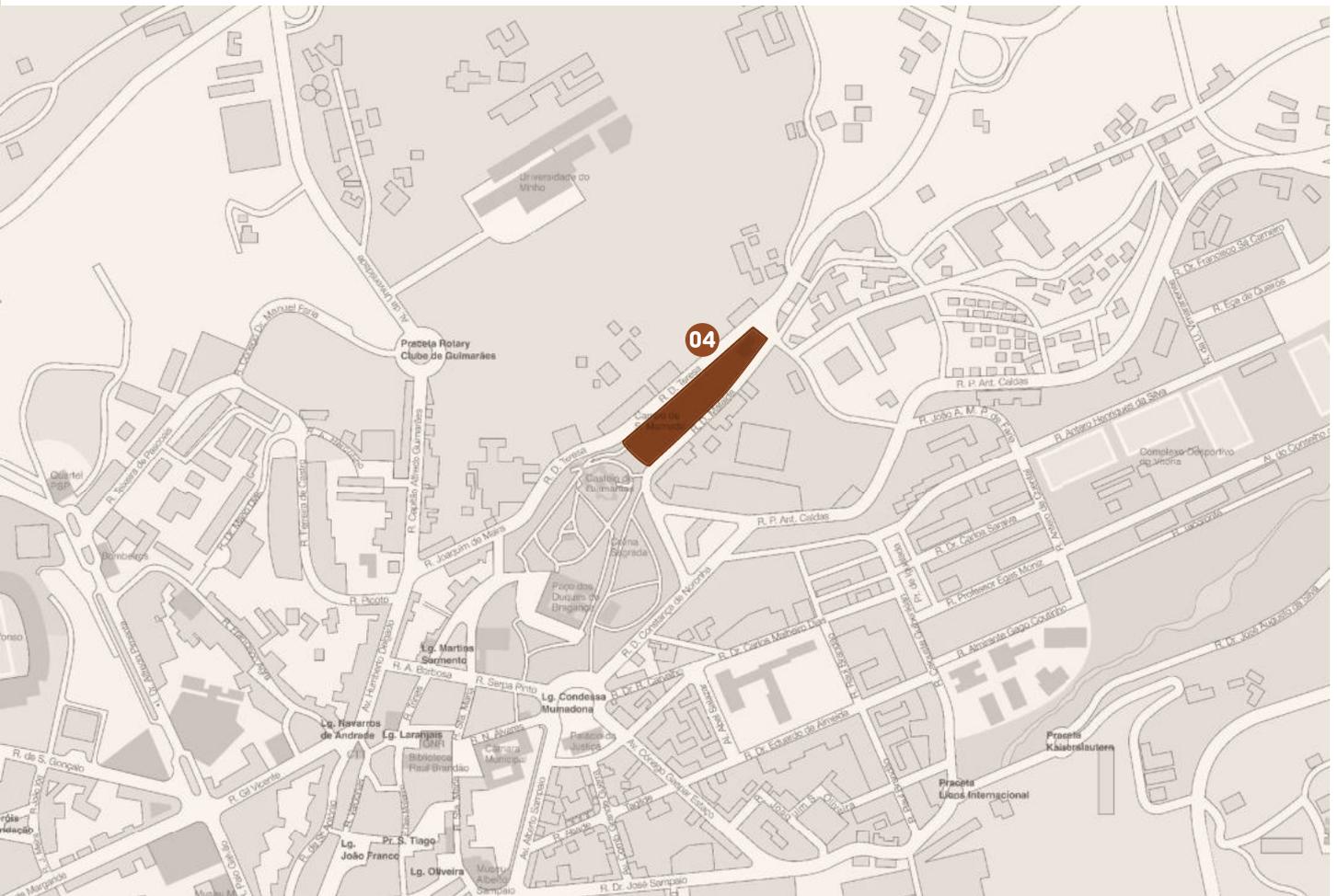
O Campo do Salvador acabou por mudar de topónimo em 1880, passando a chamar-se Campo de D. Afonso Henriques, nome que deriva da sua proximidade com o castelo. Contudo, a 10 de dezembro de 1943 este passaria a denominar-se Campo de São Mamede.

Este local acolhia as mais variadas feiras, assim como acontecia em outros locais da vila cuja configuração se adequava, sendo que, até 2011 aqui acontecia a feira semanal da cidade.

O espaço foi melhorado, durante o Estado Novo, de forma a adaptá-lo para aquelas que se conhecem como “as comemorações centenárias”, em honra ao oitavo centenário da nacionalidade (1940), aliás, como toda a restante área nas imediações do castelo.

Acrescente-se ainda que, a igreja que hoje aqui se encontra, só fora transferida para este local no início da década de 60 do século XX. Esta Igreja, de S. Dâmaso, estaria, até então, no local que hoje integra a Alameda de S. Dâmaso.

Este local é associado à batalha de S. Mamede, sendo que alguns autores defendem que terá acontecido aqui esse evento histórico. Contudo, atualmente, considera-se “oficialmente” como local onde ocorreu a referida batalha o Campo da Ataca, em S. Torcato, ainda que a precisão desta informação seja extremamente questionável.





## 05. Monte Latito/Parque do Castelo

Aqui incluir-se-ão as ruas que, não existindo já, se integrariam no espaço correspondente ao atual Parque do Castelo, nomeadamente, na sua envolvente.

Esta zona desde sempre se viu desvalorizada em relação ao aglomerado populacional que surgira em torno do mosteiro (atual Igreja da Oliveira).

A rivalidade entre o burgo alto e baixo era uma constante.

A zona do castelo chegou então a estar praticamente ao abandono e referia-se muitas vezes que isto se justificava pela falta de água e pela exposição aos fatores climáticos, devido ao desnível topográfico (dos quais a vila baixa seria mais protegida). Contudo, as queixas relativas à falta de água, não parecem ser comprováveis, dados os relatos de fontes e de canos que passavam nas proximidades.

Aqui existiria a capela de Santa Margarida e, anexa à mesma, uma albergaria. Esta capela corresponde à que hoje conhecemos como de S. Miguel e está associada ao mito (contestado por muitos) de que D. Afonso Henriques terá sido lá batizado. Nas imediações desta igreja situar-se-iam os açougues reais, sendo que este representaria também um ponto social desta vila.

A zona do castelo vai ganhando importância e começam a surgir ideias para o seu melhoramento, já em 1863 nos projetos do Engenheiro Almeida Ribeiro.

Possivelmente, aí começa a pensar-se na supressão das ruas de que se falará em seguida.

A Rua de Santa Cruz partilha o nome com uma capela, que ainda hoje se pode visitar, e estaria também associada ao burgo de mesma denominação.

Maria José Queirós Meireles refere que, em sessão extraordinária da Câmara Municipal de Guimarães de 16 de novembro de 1910, se decide dar o nome de Rua do Padre António Caldas a esta rua. A autora refere também que, o topónimo aí escolhido deveria ser de pouca utilização pois uns meses depois a imprensa começa a sugerir outros topónimos para o local. Tendo em conta que, atualmente, ainda existe, precisamente adjacente ao Parque do Castelo, uma rua de topónimo Padre António Caldas, esta informação não é coerente com as referências que indicam que a Rua de Santa Cruz deixou de existir aquando da transformação e urbanização feita na envolvente dos monumentos da fundação.

A Rua de Santa Bárbara, que se acredita corresponder também à Rua de Santa Margarida, localizar-se-ia nas imediações do Paço dos Duques, muito possivelmente partindo da porta com o mesmo nome. Terá também esta deixado de existir aquando da urbanização da colina sagrada.

A Rua do Castelo, apesar de já não existir, terá sido a rua de maior importância da vila alta. Sabe-se que esta é referenciada pela 1ª vez em 1183 e seria a via de ligação entre as duas portas, a Porta de Santa Bárbara e a Porta da Freiria. Era uma rua marcada pela presença eclesiástica. Acredita-se também que a orientação desta rua terá sofrido algumas alterações ao longo dos tempos, até que finalmente se extinguiu.

O Largo dos Quarteis, corresponderia à zona fronteira ao Paço dos Duques de Bragança. Possivelmente este topónimo surgirá à data da utilização do Paço como quartel militar, à época das invasões francesas.

Entre o final de março e o início de abril de 1880 o Largo dos Quarteis passa a chamar-se Largo dos Duques de Bragança, por proposta de António Joaquim de Melo.

Atualmente, o local que se pensa ter correspondido ao referido largo, mantém uma configuração bastante ampla. Porém não parece corresponder-lhe qualquer topónimo, estando integrado no Parque do Castelo.

Este local, a que chamamos Parque do Castelo, passa a denominar-se, a 10 de dezembro de 1943, Parque da Mumadona. Contudo, não surgem mais menções à toponímia deste local, sendo que hoje o conhecemos, tal como referi, por Parque do Castelo ou Monte Latito.





## 06 . Rua Dr. Joaquim de Meira

Esta rua, corresponde à anterior Rua do Campo Santo.

O topónimo de Rua do Campo Santo justifica-se com a proximidade que esta rua tinha com o campo santo (cemitério municipal) que aí terá existido, propriedade da misericórdia.

A rua dava também acesso a uma viela (que ainda se pode encontrar) que unia o campo santo ao Largo do Carmo; seria a Vuela do Campo Santo.

As referências são escassas. Ainda assim sabe-se que esta, em 1873, integra a Rua Nova de Santo António, quando se decide que esta iria incluir as ruas do Campo Santo, da Fonte Nova e Palheiros.

Esta, naturalmente, perde relevância quando o cemitério municipal se muda para a Atouguia, onde ainda hoje se localiza.

Atualmente, presta homenagem a um médico cirurgião e político que terá sido Presidente da Câmara de Guimarães, nasceu a 19 de março de 1858 e morreu a 1931. Era escritor, orador e, como não poderia deixar de ser, serviu a Sociedade Martins Sarmento.





## 07. Rua do Conde D. Henrique

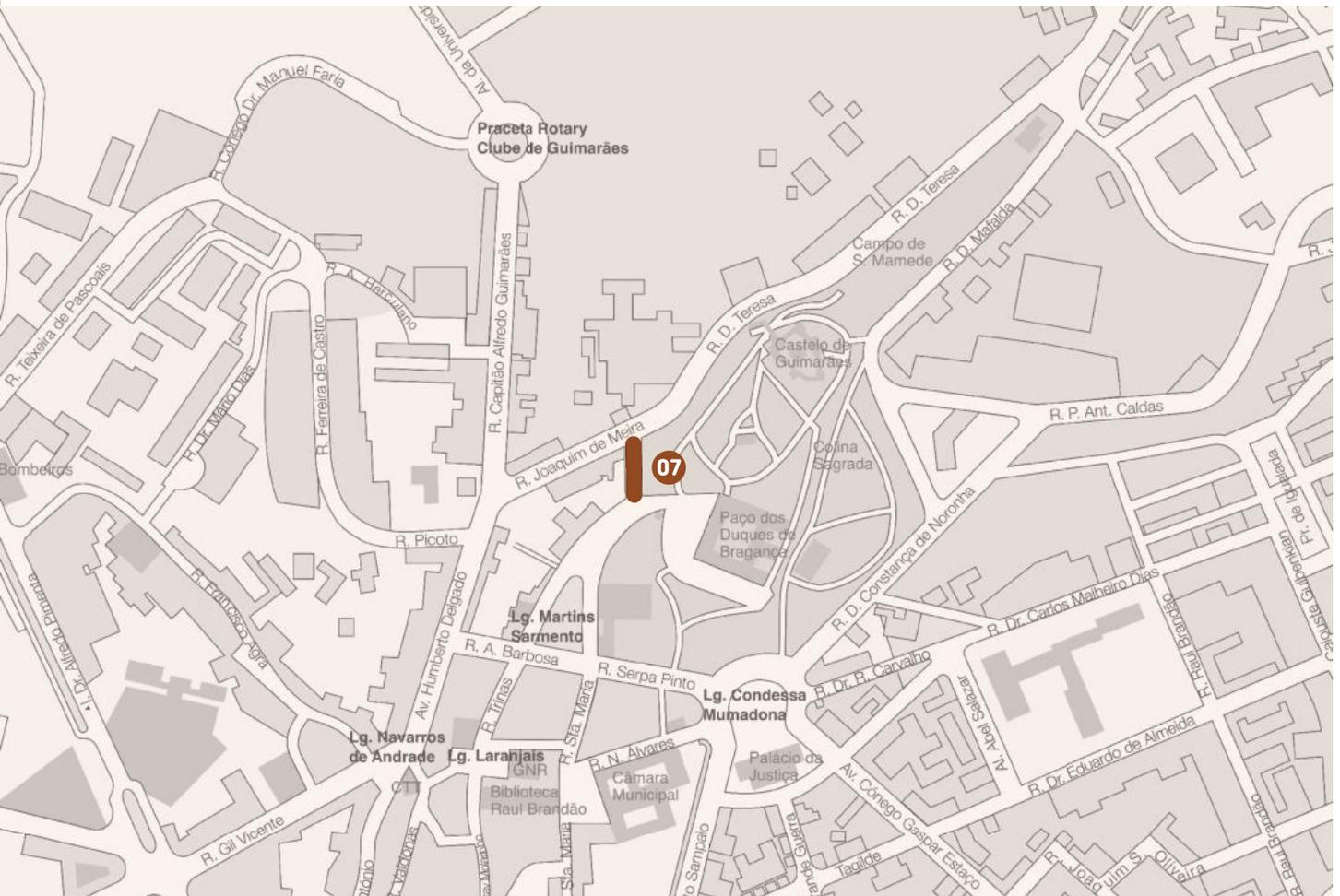
Esta correspondia à anterior Rua da Porta de Santo António, cuja origem, se pode presumir, seja por ali se ter localizado a respetiva Porta de Santo António.

Desta rua não se encontra nenhuma data da sua abertura, porém acredita-se que a sua existência coincida com a existência do primeiro cerco.

O topónimo que, até aos dias de hoje, homenageia o Conde D. Henrique, surge em reunião de Câmara de abril de 1880, incluído numa lista de propostas apresentadas pelo vereador António Joaquim de Melo.

Não se verificando a possibilidade de obter mais informações, a sua configuração parece ter permanecido relativamente inalterada ao longo do tempo.

Como se pode notar, em torno dos monumentos do parque do castelo, os arruamentos, na sua maioria, aludem a figuras da fundação da nacionalidade e esta rua é mais um exemplo disso. Conde D. Henrique, de cognome “o bom”, foi pai de D. Afonso Henriques, o 1º rei de Portugal de cognome “o conquistador”.





## 08.

# Largo Martins Sarmiento

Aqui terá existido a Rua da Infesta. Esta rua, estaria integrada no atual Largo de Martins Sarmiento e correspondia ao seguimento da Rua de Santa Maria.

A 16 de março de 1685 inicia-se a edificação de um convento nesta rua. Este começou por ser dedicado a Santa Teresa embora, alguns anos mais tarde, tenha sido dedicado a São José. Contudo, no altar da igreja é colocada uma imagem da Nossa Senhora do Carmo passando assim, ser este o alvo da veneração popular e clerical. Em 1860, já após a morte da última freira deste convento, o mesmo foi cedido para Casa do Asilo de Infância Desvalida de Santa Estefânia.

A subida desta rua simbolizava de forma muito evidente o aumento do grau da pobreza; nesse sentido, a vila alta era, à data, a vila “pobre” e estava praticamente ao abandono.

Não se mostrou possível justificar o vocábulo que dá nome a este anterior arruamento.

Encontrava-se também neste espaço a Rua do Poço. Existem referências, de ano indefinido, da existência de um poço aqui, o que poderia ter justificado o respetivo topónimo.

Esta seria paralela à Rua da Infesta, no seguimento da Rua das Trinas.

O Largo Martins Sarmiento, como hoje se conhece (aproximadamente), surgiu com a destruição do núcleo construído entre a Rua da Infesta e a Rua do Poço, proposta em 1869 pela Comissão de Melhoramentos. Em 1881 foi então aberto o largo.

Como era comum nas praças e largos, este serviu para festejos de origem popular e religiosa assim como para feiras e vendas.

Também aqui chegou a localizar-se a habitação do Conde de Margaride, onde recebia as mais notáveis figuras da nobreza.

Por volta de 1882, este largo começa a ser embelezado.

Em 1891 é aqui colocado o chafariz quinhentista que estava anteriormente no Largo do Toural. Por volta de 2011, a cidade sofreu um extenso plano de recuperação e reformas em vários pontos da cidade, com o objetivo de a preparar para acolher o título de Capital Europeia da Cultura em 2012.

No âmbito dessas reformas, o referido chafariz regressou ao seu local original. O Largo do Toural.

Este chafariz estaria diretamente associado às festas Nicolinas [festas dos estudantes vimaranenses em honra de S. Nicolau] sendo que, em torno do mesmo era feita a eleição da comissão de festas desde 1943. Com efeito, independentemente do local onde se encontrava o chafariz, era sempre em torno deste que ocorriam estas eleições. Tradição que, de resto, perdura ainda atualmente. Encontramos também em vários pregões, referências a este mesmo chafariz como sendo um local onde se castigavam aqueles que interferissem negativamente nas festas estudantis.

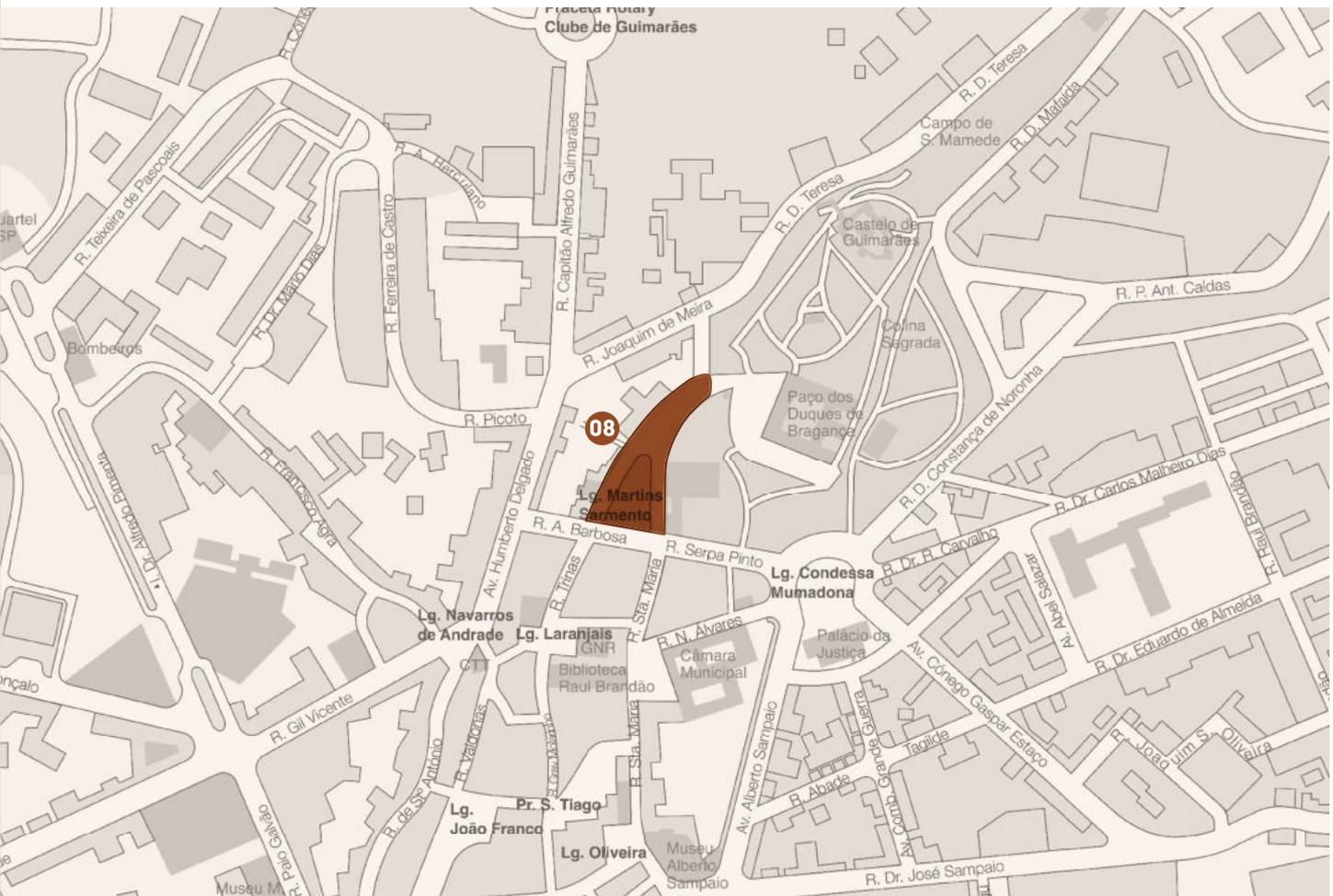
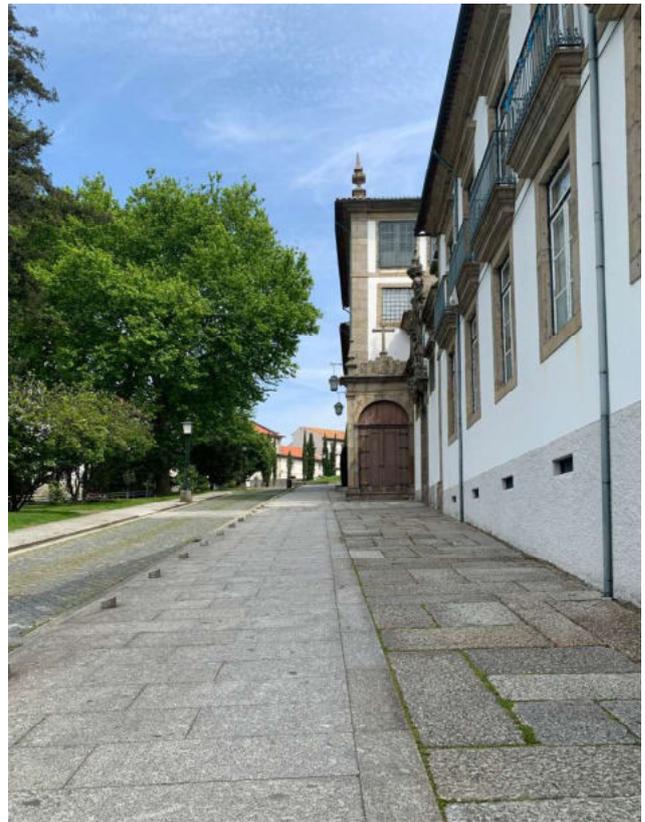
A 10 de agosto de 1899, no dia seguinte à morte de Francisco Martins Sarmiento, na sua casa no Largo do Carmo, a Câmara decide atribuir o seu nome a este largo, passando então a chamar-se Largo Dr. Martins Sarmiento.

Ao longo da 1ª República este largo manteve-se sem grandes alterações, sendo que, por volta de maio de 1913 começam a surgir queixas da falta de limpeza e do mau estado do jardim.

A importância deste largo vai crescendo e por volta de 1934 chegam a localizar-se aqui, provisoriamente, as repartições públicas.

Apesar do seu topónimo oficial, este espaço é conhecido, entre a população, como Largo do Carmo.

Martins Sarmiento, vimaranense que dá oficialmente nome ao largo, lutava insistentemente pela preservação e valorização do património da sua cidade natal. Terá escrito alguns versos, mas devido às duras críticas que recebera, acabou por retirá-los do “mercado”. Ficou especialmente conhecido na cidade pelas suas escavações em Briteiros. Era arqueólogo, mas tinha um interesse eclético por todo o património, incluindo o imaterial, sendo que chegou também a ser notável o seu trabalho enquanto fotógrafo.





## 09. Viela do Campo Santo

Esta rua, atualmente, não tem qualquer placa toponímica, ainda que popularmente seja conhecida, quer por Viela do Carmo como por Viela do Campo Santo.

Este topónimo surge por esta passagem fazer a ligação entre o local que hoje se conhece como Largo Martins Sarmiento e o cemitério que existiria nas imediações do atual Convento dos Capuchos, conhecido como Campo Santo. Esta viela marcava, à época, a separação entre a Rua do Gado e a do Poço, antes da abertura do largo.

Em 1891 deliberou-se que esta via se passasse a intitular de Viela do Antigo Cemitério Municipal, proposta do Conde de Margaride que habitava aí perto. Não fica claro se esta alteração chegou a ocorrer ou se ficou apenas pela deliberação.

Em Reunião de Executivo de 3 de dezembro de 2016, aprovou-se, finalmente, a “oficialização” do topónimo alusivo ao anterior cemitério. Refira-se ainda a crença popular de ali existirem ossadas de pessoas que pertenceriam a classes sociais mais baixas.





## 10. Avenida General Humberto Delgado

Esta rua, definida pelo anterior percurso da muralha, cujo muro era usado para o estender das roupas dos moradores locais, era uma artéria muito característica. Desde o aspeto das habitações, aos hábitos dos seus moradores, era um local peculiar.

O cenário era de gaiolas e as mais variadas aves, exibição que teria também em vista o comércio.

Sabe-se, segundo Leite Vasconcelos na sua obra sobre *Tradições Populares de Portugal* que aqui, os jovens, usavam um objeto, a que chamavam de palheiras, para apanhar os pássaros mais “indomáveis”. Poderá ser esta uma possível justificação pela qual, ainda hoje, serem poucas as pessoas que saberão o verdadeiro topónimo desta rua, visto que a mesma se mantém conhecida como “Palheiros”.

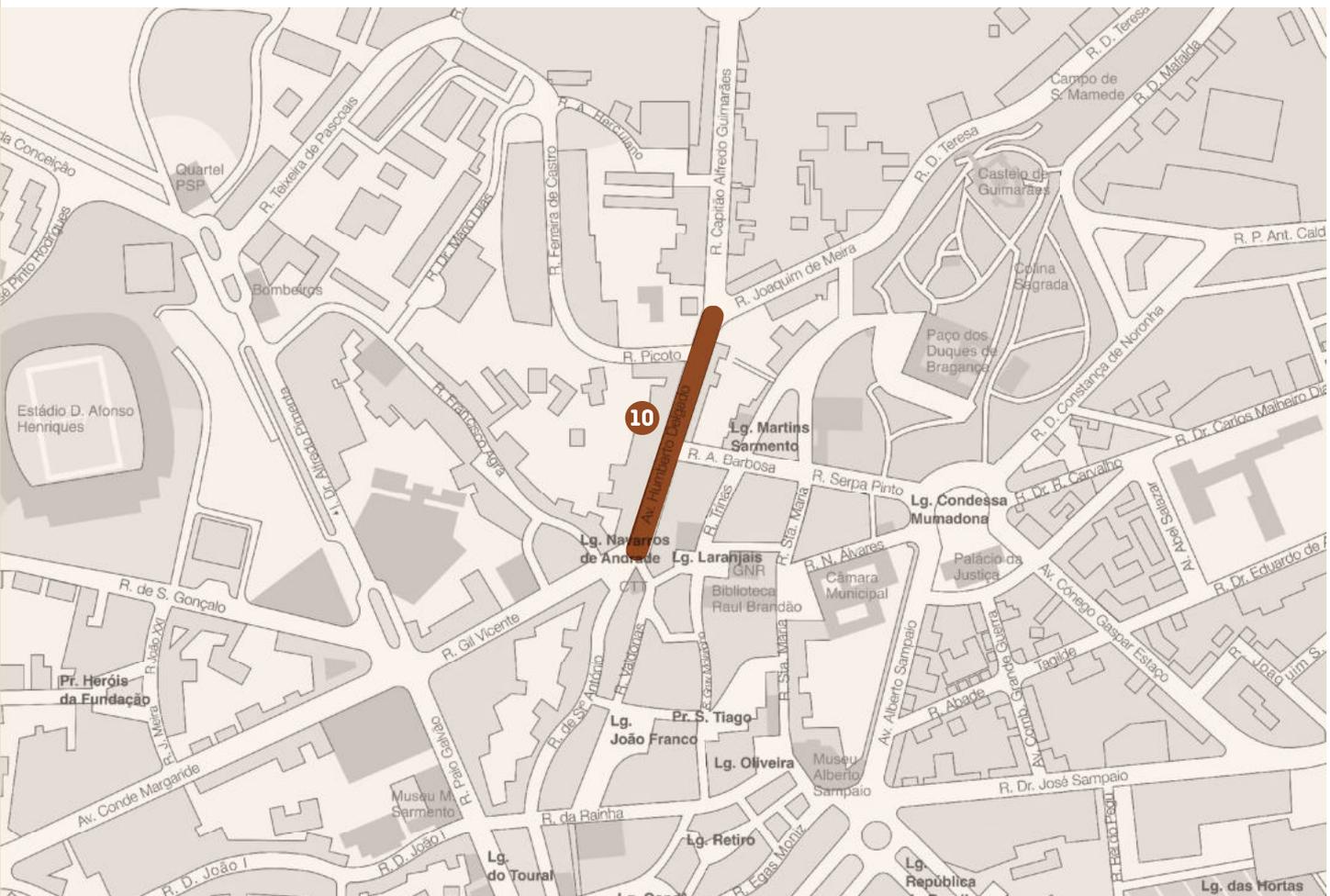
Contudo, Alberto Vieira Braga, numa das suas publicações na *Revista de Guimarães*, refere que, este local era conhecido como “Os Palheiros” por aqui existirem os armazéns da palha.

Maria José Meireles, na sua dissertação, refere-se a esta rua como Rua de Santo António dos Palheiros.

Esta, em 1873, passa a integrar a Rua Nova de Santo António, rua que iria incluir a Rua da Fonte Nova [atual Rua de Santo António], Palheiros e Rua do Campo Santo [atual Rua Dr. Joaquim de Meira].

Ao longo do século XX, esta rua surge referenciada como Avenida do Eng. Duarte Pacheco, homem que fora Ministro das Obras Públicas e Comunicações. Este topónimo resulta de uma proposta da reunião de Câmara de 10 de dezembro de 1943. Não se conseguindo precisar uma data para o surgimento do topónimo atual, hoje esta artéria intitula-se de Avenida General Humberto Delgado.

O General Humberto Delgado era popularmente conhecido como “general sem medo”. Foi um militar que liderou um movimento de tentativa de derrube do regime de Oliveira Salazar, por via de eleições. Num processo eleitoral reconhecidamente fraudulento, acabou por perder para Américo Tomás. Mais tarde, já convencido de que não seria possível derrubar o regime por meios eleitorais, tenta liderar uma revolução fracassada em 1962 (ficou conhecida como o Golpe de Beja) tendo acabado por ser assassinado em 1965 pela polícia política (PIDE).





## 11. Rua das Trinas

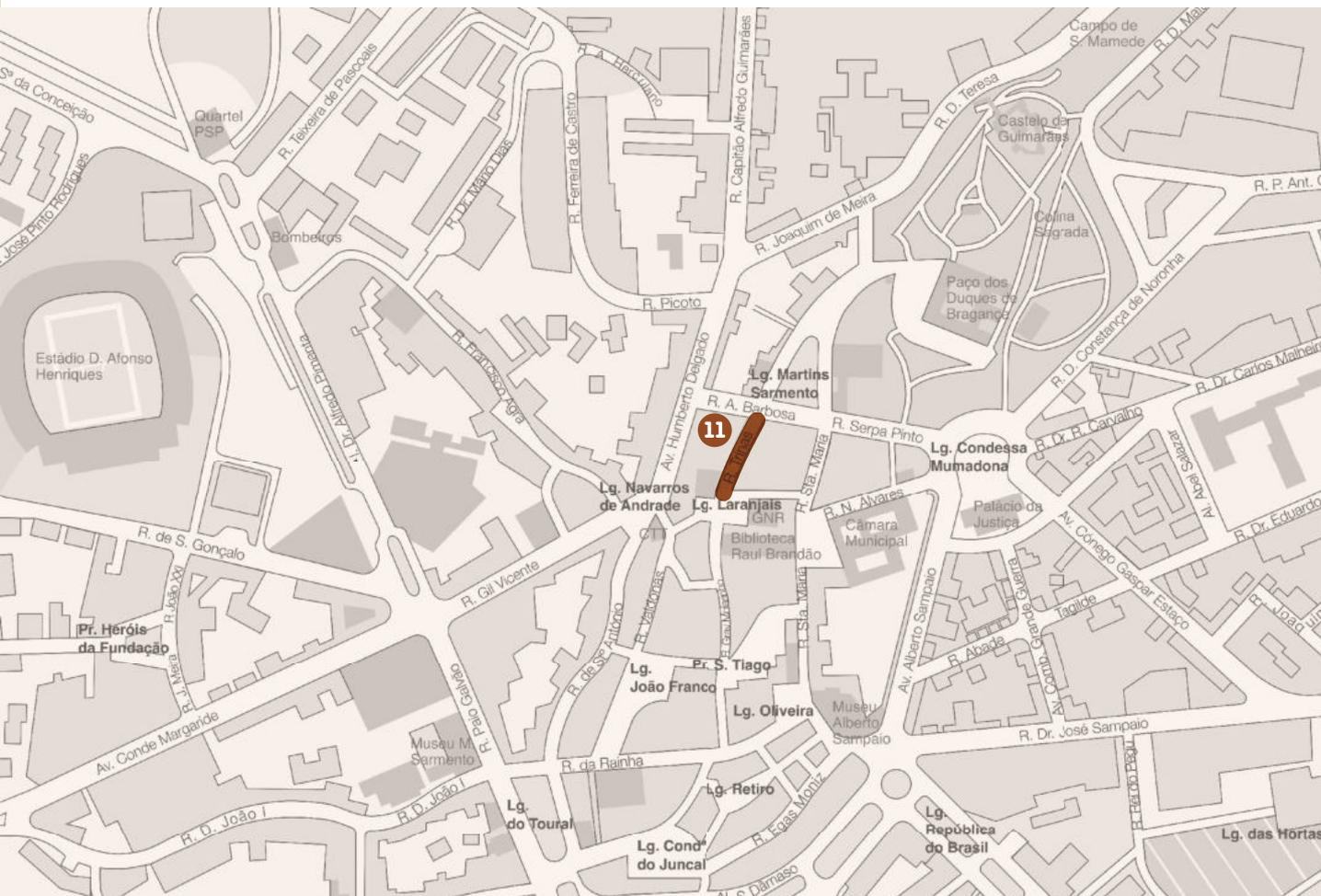
Este arruamento foi dos que por mais alterações toponímicas passou, ao longo dos tempos.

O primeiro registo que surge desta rua é de 1339, à data com o topónimo de Rua do Gado, com início no Largo dos Laranjais e terminando na Viela do Campo Santo. Tal como o nome faria supor, nesta rua há então memória de 3 carneiros.

Esta via acompanhou a evolução histórica e, desta forma, em sessão de 10 de julho de 1872 delibera-se que esta, assim como a Rua do Poço (no seu seguimento), se passassem a denominar Rua D. Luís I.

Posteriormente, em sessão de 2 de novembro de 1910, dão-se várias alterações toponímicas na cidade, e entre estas, decide-se que a Rua de D. Luís I passe então a intitular-se Rua 5 de Outubro (data que assinala a Implantação da República) .

Com o Estado Novo, voltam a surgir inúmeras alterações toponímicas na cidade, passando esta rua a denominar-se Rua das Trinas, nome que surge por ali existir o Recolhimento das Irmãs da Santíssima Trindade. A este recolhimento estava também associada uma capela, conhecida como Capela da Nossa Senhora da Mercês, que aí se instalou em 1653.





## 12. Travessa da Senhora Aninhas

Esta viela, parece ter mantido uma configuração muito semelhante, ao longo dos tempos.

Em 1600, esta tinha o topónimo de Viela do Pingalho e, em anos indefinidos, era também conhecida como Viela dos Laranjais, dada a sua proximidade com o respetivo Largo dos Laranjais.

A senhora Aninhas era conhecida por ser a “madrinha” dos estudantes da cidade, ainda hoje muito associada às festas Nicolinas. Esta senhora, muito acarinhada pela cidade e venerada pela comunidade Nicolina, oferecia a merenda aos estudantes, no seu estabelecimento, não sem lhes inculcar um sentido de assiduidade, nomeadamente aos estudantes mais boémios.

Morreu em 1948 com 88 anos.





## 13. Rua de Santa Maria

Esta parece ser uma das primeiras, ou a primeira, e mais importante rua da cidade de Guimarães.

Guimarães, na sua formação, surge enquanto aglomerado populacional em torno da edificação do mosteiro de Santa Maria (atual Igreja de Nossa Senhora da Oliveira) e, posteriormente, em torno do Castelo de S. Mamede.

Acredita-se então que, esta rua seria a única forma de ligação entre os dois polos populacionais.

Devido à sua proximidade com o mosteiro, esta rua estava associada, inevitavelmente, à habitação de membros eclesiásticos. Era considerada uma “rua elitista”, apesar de, aqui, tal como noutros espaços desta cidade, sempre ter havido espaço para diferentes classes coabitarem. Ainda assim, por consequência deste “elitismo” referido, era uma rua de elevado custo habitacional.

Esta era também uma zona de comércio.

Naturalmente, com o decorrer do tempo, foi mostrando marcas de degradação e, em 1931, com a criação da Comissão de Estética surge uma recuperação desta rua e a partir daí vão surgindo, progressivamente, alguns restauros no espaço que, além da sua visível degradação apresentava também inúmeros problemas de higiene e bastante dificuldade de abastecimento de águas.

O topónimo do arruamento, que ainda hoje se mantém, parece obvio, dada a localização da mesma (adjacente ao mosteiro que surge em honra do Salvador do Mundo e da Virgem Maria), sendo que, por vezes, se ouve também o topónimo Rua da Virgem, que faz igualmente referência a Santa Maria. Contudo, numa sessão de 2 de novembro de 1910 a Câmara decidiu que esta rua se passasse a denominar Rua Elias Garcia em homenagem ao destacado professor, jornalista, militar e político republicano do séc. XIX. A 17 de dezembro de 1943 a Rua Elias Garcia recupera o topónimo de Rua de Santa Maria.

A década de sessenta do século XX foi marcante para esta rua, tendo esta passado por uma reforma há muito necessária, desde o saneamento à reconstrução de alguns prédios.

Aqui se localiza a casa onde habitara a senhora Aninhas, madrinha dos estudantes, personagem muito acarinhada na cidade e que dá nome à viela que daí parte, em direção ao Largo dos Laranjais. Associa-se ainda, a esta via, a doçaria conventual vimaranense, por nela existir uma das pouquíssimas casas que saberá a receita das “Tortas de Guimarães”, tradicionalmente conhecida por ser uma receita cujo conhecimento se restringe a quem a obteve por meio direto das clarissas que, ao abandonarem o convento de Santa Clara, se terão instalado em habitações da Rua de Santa Maria. Estas, como forma de subsistência, terão recorrido à confeção de doçaria conventual, que lhes terá sido ensinada na sua permanência no convento e, segundo a tradição popular, terá sido assim que se transmitira até agora a receita dos doces mais típicos da cidade, as tortas e o toucinho do céu.





## 14. Rua João Lopes de Faria

Este arruamento corresponderia à localização da rua que encontrávamos descrita como Rua dos Fornos.

Em 1400 surgem já referências a fornos públicos nas proximidades da Praça de S. Tiago, onde se concentravam os mesteres desse ofício.

Acredita-se que, nesta rua, mais propriamente numa parte da Casa das Lamelas (atual edifício do Arquivo Municipal), se terá instalado, ainda que, provisoriamente, o hospício dos expostos (expostos ou enjeitados são termos que se referem a crianças abandonadas à nascença ou em tenra idade). Tendo este tido como localização anterior a Praça de S. Tiago, posteriormente, mudou-se para aquela que, à data, correspondia à Rua Nova de Santo António.

Esta rua terá enquadrado a Rua das Lamelas, surgindo o topónimo da Casa das Lamelas, que aqui se localizava. Terá chegado a ser também conhecido por Rua do Gravador Molarinho, pois esse topónimo, que veio substituir o de Rua das Lamelas, é anterior ao de Rua João Lopes de Faria, e por esse motivo acredita-se que, até surgir o nome atual, esta estaria abrangida no topónimo da rua que se lhe seguia.

A Rua João Lopes de Faria, adota este nome em 1962, homenageando assim o distinto historiador, que tanto deu a conhecer sobre a cidade de Guimarães. Era sócio da Sociedade Martins Sarmento, à qual deixou o seu legado.





## 15. Largo Dr. João da Mota Prego

A este largo, possivelmente, corresponderia o anterior topónimo de Largo de S. Bento, por aí se localizar a torre e porta do mesmo nome. Aqui, terá também existido uma capela com a mesma denominação. Contudo, esta informação é imprecisa, na medida em que, a localização exata da referida torre poderá, de facto, considerar-se no local onde atualmente existe uma marcação, na calçada, que localiza a anterior Porta da Vila e, por este motivo, poderia o Largo de S. Bento corresponder também, por exemplo, ao atual Largo Navarros de Andrade. Este mesmo Largo Navarros de Andrade, é adjacente ao Largo Dr. João da Mota Prego, o que justifica a natural imprecisão dos limites geográficos de cada topónimo.

Assumindo que este seria, de facto, o Largo de S. Bento e, apesar de não se conseguir precisar a data das alterações toponímicas pelas quais este largo passou, acredita-se que o primeiro terá sido o de associação a S. Bento, pois a torre seria uma edificação anterior às restantes características que influenciaram a toponímia deste local.

Por volta de 1840 a torre de S. Bento é demolida, por ser considerada uma condicionante ao trânsito e um local propício a furtos e agressões.

Igualmente, o arco de S. Bento e a respetiva muralha acabavam por limitar a zona, causando-lhe constrangimentos e, portanto, em 1820 demole-se o arco.

Após estas referências à eliminação do que restava da porta, torre e arco de S. Bento começam a ouvir-se relatos deste largo associadas ao topónimo de Largo das Lamelas. Isto poderá ser uma consequência da construção (do século XVII) da Casa das Lamelas (atual Arquivo Municipal), Porém, é possível que tenha acontecido em sentido inverso, a Casa das Lamelas ter esse nome por assim se chamar o largo em que se localiza. Sendo que, um dos arruamentos que converge a este largo terá tido também a denominação de Rua das Lamelas, topónimo que terá surgido com a edificação da respetiva Casa das Lamelas.

Nesta mesma casa viveu Rui Gomes Golias, que foi mestre-escola da colegiada. Isto poderá então justificar o porquê de este local ter também sido intitulado como o Rocio do Mestre Escola. Após sucessivos episódios testamentários, esta casa passou a ter o nome de Navarros de Andrade.

Atualmente, este largo presta homenagem ao Dr. João da Mota Prego, distinto agrónomo e professor, que viveu entre 1859 e 1931.





## 16. Rua de Val de Donas

Esta rua surge referenciada já desde 1268, porém, deverá ser de existência anterior. É das únicas, senão mesmo a única, que terá mantido o seu topónimo ao longo do tempo. Seria uma rua paralela à muralha e isto justifica as descrições que referem que seria um corredor de circulação, tanto de homens como de material, bélico.

A sua proximidade com a cerca poderia também justificar o termo "Val". Este poderia surgir de uma supressão do vocábulo *vala* (do latim *valla*) que estaria diretamente associado ao conceito de trincheiras. Esta possível associação do vocábulo a trincheiras, e por consequência também associado ao conceito de cerca, faria sentido, dada a sua localização e as referências que se conhecem, que associam o local à circulação de material (e homens) bélico.

Nesta rua construiu-se, em 1302, uma albergaria que alojaria 12 pobres de cada vez.

Na sua maioria, aqui viviam cónegos, para além de correeiros e sapateiros que também aqui habitavam. Contudo, esta era uma das ruas mais acessíveis da vila.





## 17. Viela de Val de Donas

Esta rua liga a Rua de Val de Donas à Rua de Santo António.

Começou por denominar-se Travessa de Val de Donas e, entretanto, passa a ser conhecida por Viela dos 4 olhos, sendo que em 1880 recupera o topónimo inicial.

Por volta de 1840, temos notícia de um homem que era conhecido por Frei Francisco Quatro-Olhos. A origem deste nome é desconhecida, sendo que, poder-se-á então questionar se, este teria qualquer tipo de associação à viela. Se a viela teria este topónimo por sua causa, ou se ele teria esse nome simplesmente por lá habitar.





## 18. Largo da Misericórdia

Este local surge com a edificação da sede da Misericórdia que se iniciou em 1588 e que originou a abertura daquilo que, à data, se considerava uma “praça nobre”.

Este é composto por casas que foram construídas tanto por meio de esmolas, como pela compra das mesmas por parte da irmandade da Misericórdia.

Antes da formação deste largo, por meio da instalação da Misericórdia, este local era composto por variados arruamentos. Apesar de, a sua localização ser da concordância dos mais variados autores não há, contudo, certezas sobre isto mesmo. No entanto a pesquisa efetuada aponta precisamente no sentido de ser, efetivamente, esta a sua localização correta, em consonância com as diversas fontes consultadas. Assim, aqui se encontrava a Rua das Flores, rua que, enquanto alguns autores fazem corresponder à Rua da Forja ou do Ferreiro, outros localizam em diferentes sítios, neste largo. Associa-se a este espaço também o Largo das Flores, que poderia, ou não, ser anterior à abertura que surgiu da Misericórdia. Existia também o seguimento da Rua Sapateira, que ia até à porta da vila.

No Largo do Serralho, adjacente ao da Misericórdia, existia a Cadeia da Correição e, portanto, existem também referências à Rua da Cadeia. Enquanto Alberto Vieira Braga localiza esta rua na atual Rua Dr. Mota Prego (que, eventualmente, teria uma extensão maior que a atual) o Padre António Caldas localiza-a no atual Largo da Misericórdia.

A Rua da Forja/Ferreiro leva a uma associação deste local ao trabalho do ferro, porém, estranhamente, não parece encontrar-se qualquer referência associada a esse ofício, que justifique este topónimo.

Ao longo da progressiva abertura do largo, numa casa próxima à Igreja da Misericórdia, que se prolongavam para a Viela da Arrochela, existiu o hospital, que aqui se instalou em 1606. Estas casas não tinham as condições necessárias para o tratamento dos doentes (como se confirma nas descrições da Viela da Arrochela, caracterizada pela imundice que se lhe fazia associar) e o hospital acaba por mudar-se para o Convento de Santo António dos Capuchos.

A 28 de abril de 1866 decide-se que o Largo da Misericórdia se passe a chamar, Largo Franco Castelo Branco, como forma de homenagem a um homem que fora deputado por Guimarães, por mais de 20 anos, sendo muito acarinhado pelos vimaranenses devido à sua ação no conflito entre Guimarães e Braga.

Em 1910, a 2 de novembro, voltou-se ao topónimo original, pois o que tinha sido atribuído secundamente não era utilizado pelos vimaranenses.

Em janeiro de 1919 o Largo da Misericórdia recupera o topónimo de Franco Castelo Branco, após apelos por parte da população mais conservadora. Em 1932 a Comissão Administrativa simplifica o topónimo, passando o Largo de Franco Castelo Branco a ser Largo João Franco.

A 31 de maio de 2003 volta a estabelecer-se que o Largo João Franco se intitularia Largo da Misericórdia.

Atualmente, o topónimo deste local não é claro para a população, como consequência das constantes alterações, sendo que é um local que, entre os vimaranenses, é facilmente identificado por qualquer um dos topónimos.

Em 2001 foi aqui instalada uma estátua em homenagem a D. Afonso Henriques, simbolicamente virada para a Porta da Vila, como que em proteção ou a receber quem entra na cidade.





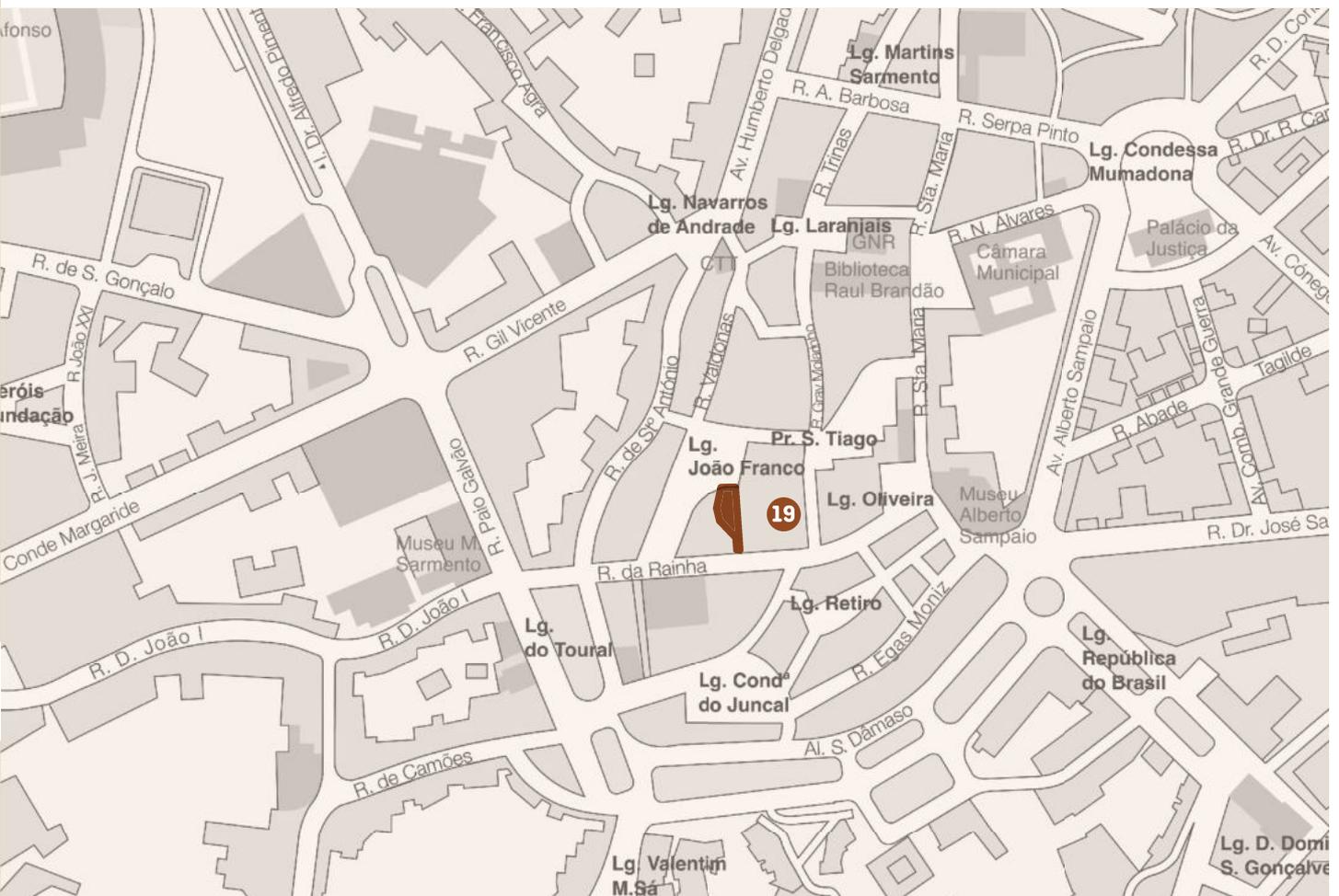
## 19. Largo do Serralho

Aqui, parece ter-se localizado a Rua do Serralho, local adotado pela elite para construção das suas habitações.

Documentação do século XIV refere-se a este local como sendo a Quintã dos Sapateiros, espaço que, como se sabe, fora então mais tarde convertido no local onde habitariam os judeus. Ao encontro disto, acredita-se também que, para além de aqui habitarem os judeus de Guimarães também aqui se localizava a sua Sinagoga. A isto não será alheia a proximidade deste local com a rua que se conhece como Judiaria [Rua Dr. António Mota Prego]

Aqui, existia a referida Cadeia da Correição, que acolheria os acusados de “pequenos delitos”, sendo que os crimes de maior gravidade estariam destinados à cadeia que existia na edificação do Castelo, por se acreditar ser a que proporcionasse uma maior segurança. Acredita-se ainda que, este estabelecimento prisional não se caracterizava pelas melhores condições de acolhimento.

Este, fora também um local onde se concentravam mercadores e feiras, como por exemplo a do carvão. É também um local associado a oficinas de serralharia e tabernas.





## 20. Rua Dr. António Mota Prego

É sabido que aqui, tal como no serralho, habitavam os judeus já desde os primeiros reinados, e era entre estes dois locais que possuíam um forno privativo e a sua Sinagoga. Porém, só começam a surgir notícias desta habitação judaica por volta de 1359, embora se saiba que seria anterior a sua ocupação. Ainda assim, só por volta de 1370 é que surge o vocábulo Judiaria, associado à rua agora retratada.

Como consequência da expulsão dos judeus no reinado de D. Manuel I, em 1496, esta rua passa então a chamar-se Rua do Espírito Santo, sendo que, por volta de 1500, tanto a Sinagoga como a Judiaria (no seu sentido de habitação judaica) estariam abandonados.

Em 1881 o Padre António Caldas já lhe chamava Rua Dr. António Mota Prego, nome que se mantém. Porém, só em agosto de 1935 se propõe a instalação da placa toponímica.

António Coelho da Mota Prego foi Presidente da Câmara, advogado, político e um acérrimo defensor da cidade berço. Escreveu vários artigos que viriam a confirmar o seu bairrismo, aliás comum à generalidade dos vimeanenses. Ocupou os mais variados cargos de poder na cidade de Guimarães.





## 21. Praça de S. Tiago

Este local, primitivamente, apresentava uma configuração muito diferente daquela que se conhece atualmente.

O topónimo de S. Tiago, surge por aqui se ter localizado uma capela com o mesmo nome, que se abordará de seguida. Com efeito, ainda é possível identificar o local da referida capela, através da marcação da mesma no solo.

Nesta praça enquadrar-se-iam várias ruas. Contudo, a opinião dos variados autores analisados não é unânime relativamente à localização das mesmas, o que se compreende dada a alteração fisionómica pela qual o espaço passou. Desta forma, considerar-se-ão as ruas como parte integrante da atual praça de S. Tiago, mas sem precisar a sua localização, por falta de dados para tal.

Aqui localizava-se então:

A Rua das Mostardeiras, cujo topónimo leva a imaginar que aqui haveria alguma ligação à produção deste produto alimentar, ou à planta e semente do mesmo nome.

A Rua dos Açoutados, que parece corresponder à mesma via que ainda hoje mantém o topónimo.

A travessa de S. Tiago.

A Rua de S. Tiago.

A Rua das Tendas; não é claro se se localizaria nesta praça ou na da Oliveira.

E por fim, a Rua dos Pasteleiros, local onde estes habitariam.

Na referida Travessa de S. Tiago, (cuja localização precisa não é unânime) foram encontradas, no final do século XIX, ossadas humanas, o que se poderia associar à proximidade com a capela.

Esta praça, era também conhecida como Praça do Peixe, por este aí se vender e por aí habitarem os peixeiros. Sabendo que o primeiro alargamento da praça terá sido em 1606, para que este local se tornasse apto para a venda do peixe, parece ser essa a origem do topónimo.

Neste local, tal como referido, existiu até 1887 (data da demolição) uma capela dedicada ao apóstolo S. Tiago. Esta capela, teria sido edificada pelos francos que terão chegado a Guimarães acompanhando o Conde D. Henrique, por volta do século XI. O Conde D. Henrique terá cedido o respetivo terreno na praça de S. Tiago aos francos (povo comumente associado à fundação da nacionalidade francesa) irmãos Tibaldi, local onde estes terão construído o Templo de S. Tiago. Contudo, acredita-se que esta instalação dos francos, terá sido uma reedificação de um templo pagão, dedicado a Ceres que estaria, à data, em ruínas. A confirmar-se esta suposição, não se terá tratado de uma construção, mas antes de uma reconstrução.

Por volta de 1532, surgem queixas sobre o estado de degradação em que esta capela se encontrava, o que poderá dever-se ao facto de esta, por não ser uma igreja paroquial, não gerar qualquer tipo de rendimento que pudesse custear a sua manutenção. Não obstante, acabou por ser recuperada, tendo perdurado até à data da sua demolição.

Nas traseiras deste templo encontravam-se tendas, o que gera, igualmente, alguma dúvida em relação à localização da Rua das Tendas.

Os açougues, antes de se mudarem para a zona que hoje se conhece, entre a comunidade, por Feira do Pão, encontravam-se algures entre a Praça de S. Tiago e a Praça da Oliveira, não sendo, mais uma vez, claro em qual das duas estes se localizavam.

Nesta praça, existiu também a roda dos expostos, antes de ser transferida para a Casa das Lamelas. Encontrando-se referências à roda dos expostos também na Rua dos Açoutados.

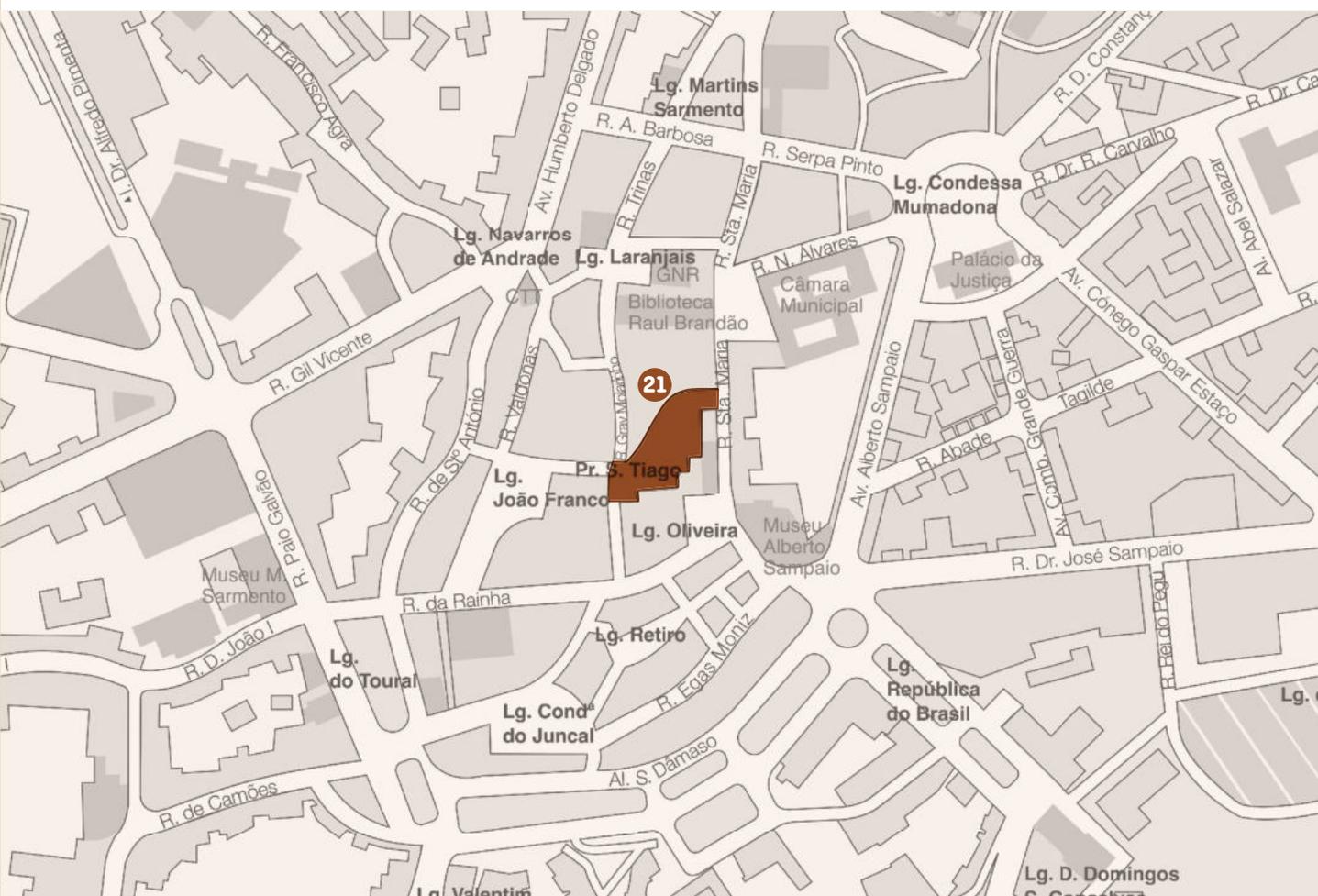
Por volta da Primeira República, este local era considerado um espaço a evitar na cidade.

Também nesta altura, este local surge referido com o topónimo de Largo 13 de fevereiro, cuja origem não se consegue justificar com precisão. Contudo, a data de 13 de fevereiro de 1919, marca o fim do (curto) regime que fora conhecido

como “Monarquia do Norte”. Este durara apenas 25 dias, e surge no contexto da debilidade governativa em que o país se encontraria após a morte de Sidónio Pais, o que permitiu que surgisse a iniciativa de voltar a tentar instaurar a monarquia. Esta revolta termina a 13 de fevereiro, tendo assim falhado a tentativa dos monarcas. Esta data, conseqüentemente, marca o regresso do anterior Presidente da Câmara, Mariano Felgueiras, que teria sido, durante este breve período, afastado do poder. Poderá, de facto, a Praça de S. Tiago, ter-se intitulado (provisoriamente) Largo 13 de fevereiro, de forma a glorificar o “regresso” dos republicanos. Sabe-se ainda que, este topónimo se manteve, pelo menos, até 10 de dezembro de 1943, data em que se propõe que o local recupere o nome de Praça de S. Tiago.

Esta praça é (ainda hoje) palco de um dos números das festas Nicolinas, as Maçãzinhas. As jovens estudantes, aguardando nas diferentes varandas da praça, são cortejadas pelos jovens que lhes oferecem maçãs espetada no topo de uma enorme lança. Simbolicamente, a maçã era dada à jovem pretendida e se esta retribuísse a oferta com uma prenda que prendia à referida lança no mesmo momento, significava que o sentimento era, também ele, recíproco.

Atualmente, e já após uma série de demolições e melhoramentos, este é um dos locais de convívio mais frequentados da cidade, quer por turistas quer pelos vimaranenses.





## 22. Rua dos Açoutados

Esta rua ainda hoje mantém o topónimo de Viela dos Açoutados. Sendo que, ao longo dos tempos, é referida como Viela/Rua dos Açoitados, ou Viela/Rua dos Enjeitados. É uma artéria que se pode considerar integrada na Praça de S. Tiago.

Este topónimo surge por estes, os açoutados, ali passarem, devido à Cadeia da Pertiga que ali existia, da qual temos referências que datam de 1529; ressalve-se, porém, que isto não permite afirmar que este topónimo não seja, efetivamente, anterior a essa data.

Sabendo que o vocábulo *Pertiga*, na sua origem, significava vara (objeto de açoites), entende-se então a origem do nome da cadeia, assim como do nome da rua.

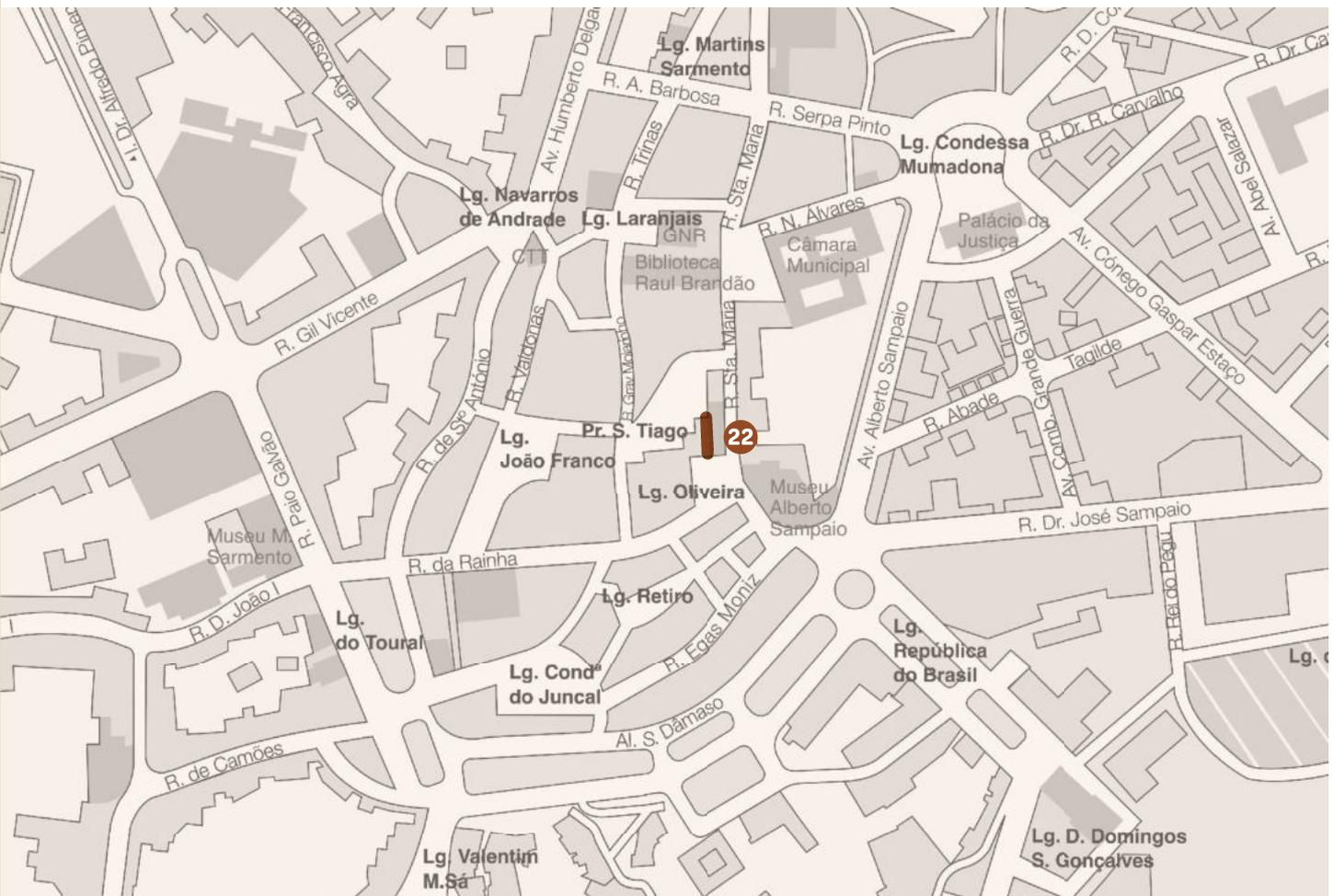
A cadeia, situada nessa rua, destinava-se aos “carniceiros, padeiras, peixeiras, e servidores de soldadas” (Caldas, 1881, p. 47) e aos acusados de pequenos delitos. Os açoutados eram então aqueles que eram condenados a açoites, e passavam nesta rua em direção à cadeia, podendo mesmo ser açoitados em plena rua.

Há autores que referem que, esta rua, anteriormente, teria sido denominada de Rua das Mostardeiras, rua que estaria associada à presença de tendas e cujo nome terá tido origem, possivelmente, pela presença de homens ou mulheres, associados a este ofício.

Contudo, há quem se refira a esta Rua das Mostardeiras como um arruamento paralelo à Rua dos Açoutados.

Em 1822, ter-se-á mudado para esta rua a casa da roda.

Ainda que este topónimo seja, certamente, anterior a esta data, na reunião de Câmara de 10 de dezembro de 1943 refere-se que a viela próxima àquele que era, à data, o Arquivo Municipal (edifício dos anteriores Paços do Concelho) se desse o nome de Viela dos Açoutados.





## 23.

# Largo de Nossa Senhora da Oliveira

Este largo surge noticiado desde 1176, sendo que, possivelmente, será de formação anterior a esta data, acreditando-se que possa ser um alargamento da estrada que, à data, ligava Monção a Coimbra.

Pode-se considerar associado à origem da vila baixa de Guimarães, pois a aglomeração populacional dá-se em volta deste largo, por nele se encontrar o mosteiro (que passa a colegiada em 1110) construído por Mumadona e a partir do qual começam a surgir habitações e edificações. Acredita-se ainda que, junto a este mosteiro, que é a mais antiga edificação religiosa de Guimarães, tenha existido uma albergaria que foi um hospital, na sua forma mais primária.

Aqui se realizavam variados festejos, religiosos e pagãos.

Este foi o primitivo local de negócios e comércio, onde se encontravam os açougues e as tendas, ambos considerados pontos fulcrais de comércio. Não obstante, alguns autores localizam estes açougues e tendas na praça de S. Tiago (local adjacente).

Contudo, devido à variedade de bens alimentares que aqui eram vendidos surgem queixas de maus cheiros e, desta forma, transfere-se a venda do peixe para a Praça de S. Tiago.

Em 1324, surge a primeira referência ao Paço dos Tabeliães neste local. Esta edificação, na sua forma inicial, emerge da necessidade de criar um local apto para receber reuniões, que até aí se iam fazendo em diferentes locais da vila, desde o claustro da Igreja da Oliveira até ao alpendre da Igreja de S. Miguel.

A este largo associam-se duas histórias, cujo carácter considerar-se-á popular.

A primeira, está relacionada com a oliveira pois, segundo a lenda, aqui fora colocada uma oliveira. Esta, assim que colocada permaneceu seca, até que foi instalada uma cruz debaixo do padrão. Três dias após a colocação dessa cruz, a árvore voltou a ganhar vida, segundo a crença popular, por milagre.

Esta mesma oliveira dá, atualmente, nome ao largo.

A segunda, associa-se à estátua que se encontra na parte de cima do edifício dos Paços do Concelho, à qual se chama "O Guimarães, duas caras". Esta estátua está associada à história da batalha de Ceuta. Após a sua vitória, no reinado de D. João I, este definiu que as cidades que teriam combatido nesta conquista teriam de destacar soldados para defender a cidade conquistada, em caso de contra ataque por parte dos muçulmanos. Os soldados destacados pela cidade de Barcelos para defender a respetiva "frente" de batalha (cara), terão falhado a sua tarefa, pelo que os soldados vimaranenses assumiram assim o papel de substituir os soldados em falha, ficando assim encarregues de duas frentes (duas caras) da batalha. Como punição pela sua cobardia, determinada pelo Rei, os nobres da cidade de Barcelos ficaram obrigados a, antes de dias festivos, vir varrer as ruas de Guimarães.

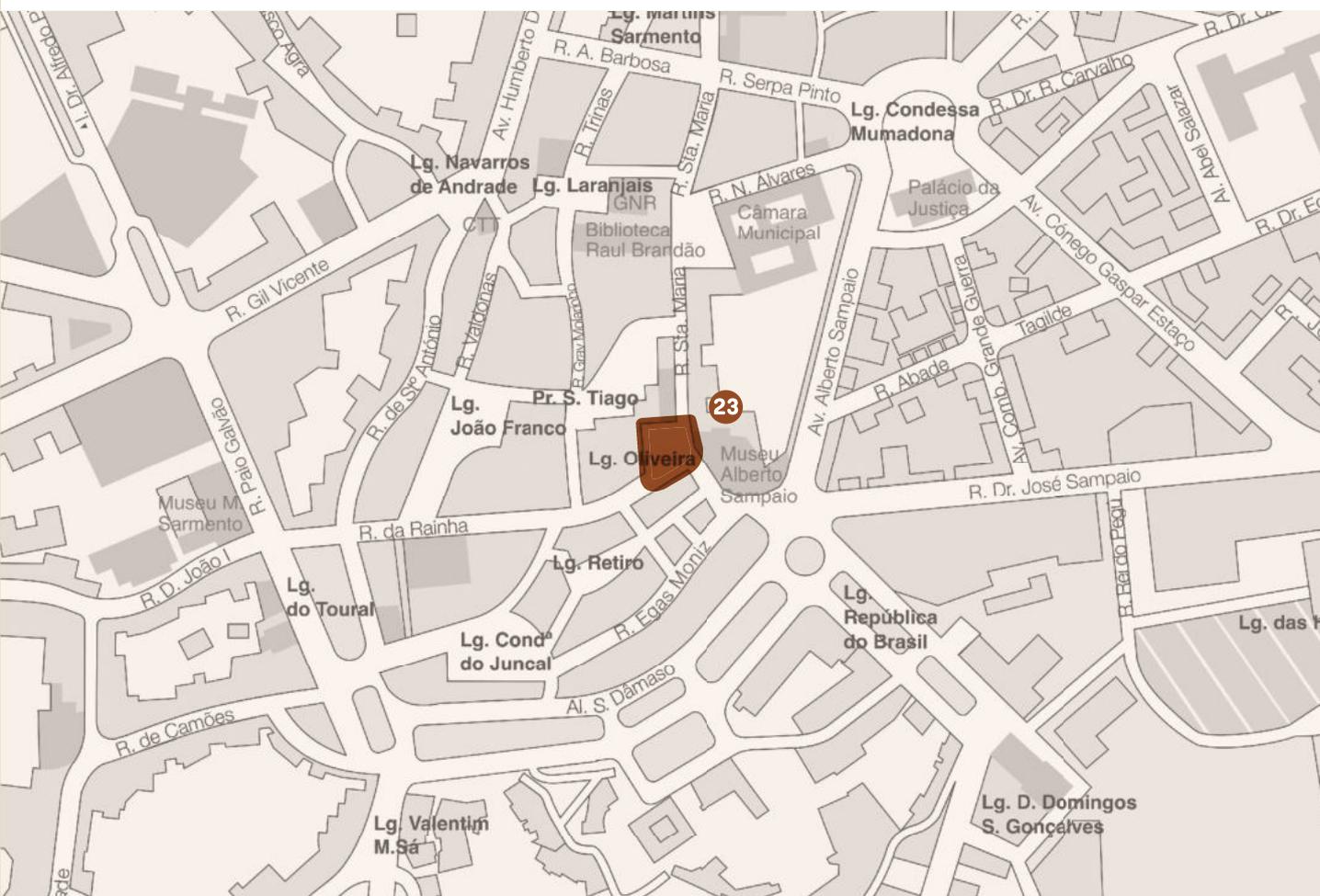
Encontram-se também referências a uma Rua das Tendas, e ainda que não seja possível precisar se esta se localizava no Largo da Oliveira ou na Praça de S. Tiago, como já referi, fica clara a relevância comercial da zona.

Este largo era ainda caracterizado por "entrar em conflito" com o Largo do Toural, por ambos os espaços terem as condições apropriadas para a realização de feiras e mercados, disputando as mesmas.

Também conhecida como Praça Maior, era o centro de abastecimento de água dos moradores em sua volta.

A igreja, apesar de classificada como Monumento Nacional em 1910, foi sofrendo uma progressiva degradação ao longo dos anos seguintes e algumas das obras a que foi sujeita retiraram-lhe a traça original.

Atualmente, este é um dos largos mais frequentados e visitados, do Centro Histórico, a par da Praça de S. Tiago.





## 24. Rua Gravador Molarinho

Esta rua, de que há referências desde, pelo menos, a década de 80 do século XIII, era conhecida como Rua Escura.

Esta era uma rua bastante popular entre os nobres, o que contraria o topónimo da artéria que, à partida, levaria a crer que esta seria uma artéria insalubre e pouco higiénica, como muitas outras na vila.

O Padre António Caldas defende que, esta rua terá integrado, a certa altura, a Rua das Lamelas, que se terá alongado para a Rua Escura e Rua dos Fornos. Esta, antes do referido prolongamento, localizar-se-ia entre a Rua dos Fornos e a Rua do Gado, o que levava a que, muitas vezes, se enquadrasse nas referências que eram feitas à Rua dos Fornos.

O topónimo em homenagem José Molarinho surge em 1912, por proposta dos alunos da Escola Industrial. Desta forma, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal, define que a Rua das Lamelas se passaria a chamar Rua Gravador Molarinho.

Sendo que, o topónimo da rua que lhe é adjacente, Rua João Lopes de Faria, só surge em 1962, acredita-se então que, até aí, se conhecia por Rua Gravador Molarinho, todo o prolongamento desta via, até ao encontro com o Largo dos Laranjais.

Gravador Molarinho, era José Molarinho. Nascido em 1828. Era ourives e mais tarde gravador, arte em que se distinguiu, sendo especialista em trabalhos com o marfim. Trabalhara na oficina de ourivesaria do seu pai que, como era comum na época, era também a sua habitação, situada na Rua da Tulha (atual Rua Dr. Avelino Germano). Era um homem conhecido na cidade por “viver à porta de casa”, convivendo com quem por ali passava e tocando violão.





## 25. Rua da Rainha D. Maria II

Nos primeiros séculos de formação da vila de Guimarães, os arruamentos adotavam o nome do ofício ou dos homens que lá habitavam, não como forma de homenagem, mas sim com um carácter utilitário e orientador para quem percorria a vila. Desta forma, em 1167 esta rua é associada ao topónimo Sapateira, por aí viverem e trabalharem, em maioria, os sapateiros. Por vezes, ouvimos também o topónimo de Correira, o qual se assume como um sinónimo de Sapateira.

Esta rua era, e continua a ser, uma das mais importantes da cidade, além de estar integrada, à data, na ligação a Vila do Conde; por outro lado, a sua proximidade com a Igreja da Colegiada, em torno da qual se concentrava a vida social e mercantil, justificavam a distinção e os custos desta artéria.

Em 1341 esta rua é dividida, passando a denominar-se uma parte da mesma Rua Sapateira e a outra Rua dos Mercadores. Da porta da vila ao castelo dos Almedas seria Sapateira e daí até à Oliveira seria dos Mercadores.

Uma vez mais, o espaço era habitado por mercadores, à data, considerados gente de posses. Pode então concluir-se que, o comércio era um ponto de relevância no quotidiano da vila. Este espaço caracterizava-se pela venda exposta na rua e os respetivos mercadores viviam nos andares superiores das suas tendas.

Esta rua de negócios, apesar dos seus topónimos, era também por vezes intitulada de Rua dos Ourives, por aí predominar a ourivesaria.

Como se pode imaginar, este sistema de separar os ofícios por arruamentos, ao longo dos tempos, vai perdendo a conveniência e os traços sociológicos dos espaços vão-se esbatendo.

O ofício dos sapateiros tinha como padroeiro S. Crispim, que se pode também associar à confraria dos sapateiros, espaço que se situava numa travessa desta rua e que se caracteriza por receber os doentes e os peregrinos alojados na albergaria dos Sapateiros.

Por várias vezes, surgem associações entre os sapateiros e os homens de couros, isto porque, se vão encontrando várias informações que indicam que seriam os sapateiros quem estaria encarregue da curtição das peles. Estes seriam, inclusive, donos de pelames na zona de couros. Isto pode justificar o aparecimento do topónimo de Rua da Correaria associado a esta artéria, cujo vocábulo estaria associado à produção ou comércio dos couros.

No ano de 1853, a Rainha D. Maria da Glória elevou a vila de Guimarães a cidade. Como forma de agradecimento, dá-se o nome desta mesma rainha a uma das artérias mais importantes da cidade. Esta rua Sapateira/dos Mercadores passa então a denominar-se Rua da Rainha D. Maria II.

Contudo, entrando numa fase em que a evolução do regime marca as alterações toponímicas, a 2 de novembro de 1910 a Rua da Rainha D. Maria II passa a chamar-se Rua da República.

A título de curiosidade refira-se que, nesta rua, nasceu a 15 de novembro de 1841 Alberto Sampaio.

A 10 de dezembro de 1943, esta rua recupera o seu topónimo anterior, voltando a Rua da Rainha D. Maria II.

Esta rua, atualmente, está integrada na zona protegida do Centro Histórico e continua a caracterizar-se pelo comércio. O seu nome é popularmente suprimido para Rua da Rainha.





## 26. Viela da Arrochela

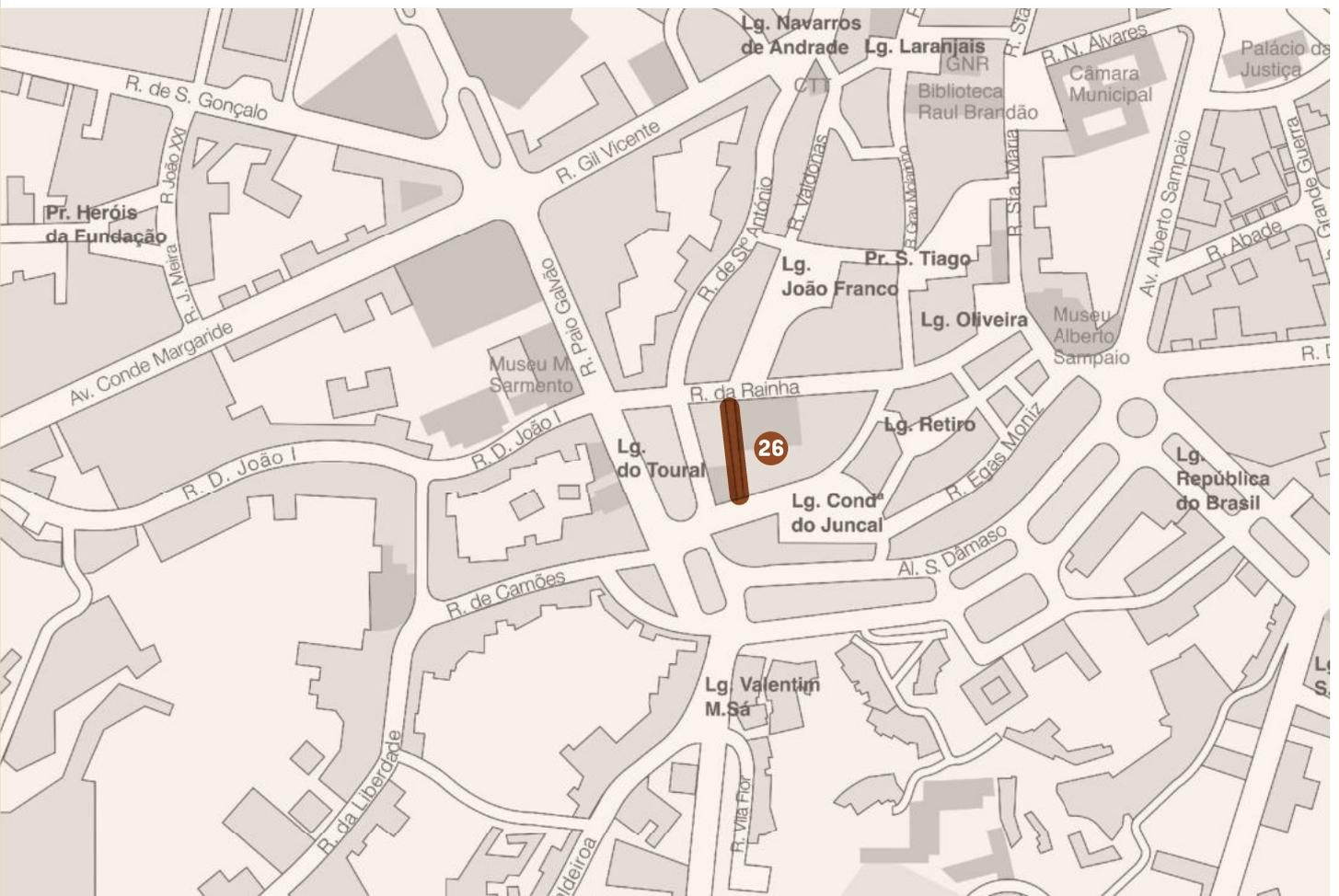
As primeiras referências que surgem desta artéria são de finais do século XIII. Referida como uma viela imunda, de maus cheiros e pouco iluminada, serviria inclusive de esgoto para os moradores.

Este topónimo surge de um franco que, tal como muitos outros que chegaram a Guimarães acompanhando o Conde D. Henrique, aqui habitara. O seu nome era Nicoláo de Arrochela.

No percurso desta rua, encontrava-se também a zona da enfermaria do antigo hospital da Misericórdia, antes de o mesmo, em 1842, ser transferido para o Convento dos Capuchos. Este era, constantemente, alvo das mais variadas críticas devido ao facto de a sua localização não ter as condições necessárias para a saúde dos pacientes.

As alterações e limpezas que iam sendo feitas nesta rua não pareciam surtir grandes resultados, pois as queixas iam perdurando com o passar dos anos.

Atualmente, esta é popularmente conhecida por Viela dos Caquinhos, por aí existir uma típica tasca de nome “Adega dos Caquinhos”, que se tornou já uma atração turística.





## 27. Viela de S. Crispim

Esta rua, anteriormente intitulada de Travessa Sapateira, nome que se justifica pela sua localização, é perpendicular à também anterior Rua Sapateira.

Esta viela é uma memória dos Sapateiros João Baihão e Pedro Baihão que fundaram, em 1315, o albergue em honra de S. Crispim, deixando à irmandade de S. Crispim todos os seus bens. Luís de Pina acredita que, a formação desta confraria e albergue dos Sapateiros é retratada já em documentos de 1284 e, portanto, seria bastante anterior à data que se encontra e que é tida como certa por vários outros autores.

A capela e o albergue duraram até aos dias de hoje, sendo que este albergue, desde a sua existência, até hoje, serve uma ceia de natal a todos os pobres que se dirigirem às suas instalações.

São Crispim e São Crispiniano são dois santos, irmãos gémeos, mestres sapateiros. Entende-se assim a escolha deste santo para padroeiro do albergue e do arruamento.





## 28. Rua Dr. Avelino Germano

Esta rua, teve como topónimo inicial Rua da Tulha. Apesar de não ser possível precisar uma data para a sua abertura ou para quando surgira este topónimo, poderá supor-se que seria uma das mais antigas da vila, quer pela sua localização quer pela sua configuração.

Esta é uma zona que, apesar de, ao longo dos tempos, ter sido incluída nos mais diversos planos de melhoramentos, ainda hoje mantém uma estrutura muito semelhante à que sempre teve no passado. Ainda assim, esta rua, tema de variadas queixas na imprensa relativas ao seu estado, era uma das mais movimentadas.

A. L. Carvalho, na sua obra sobre os Mesteres de Guimarães, defende que, esta seria a Rua dos Ourives, sendo que o facto de, mais tarde, esta associação se referir à Rua da Rainha, significaria que as lojas dos ourives teriam então mudado de “artéria comercial”.

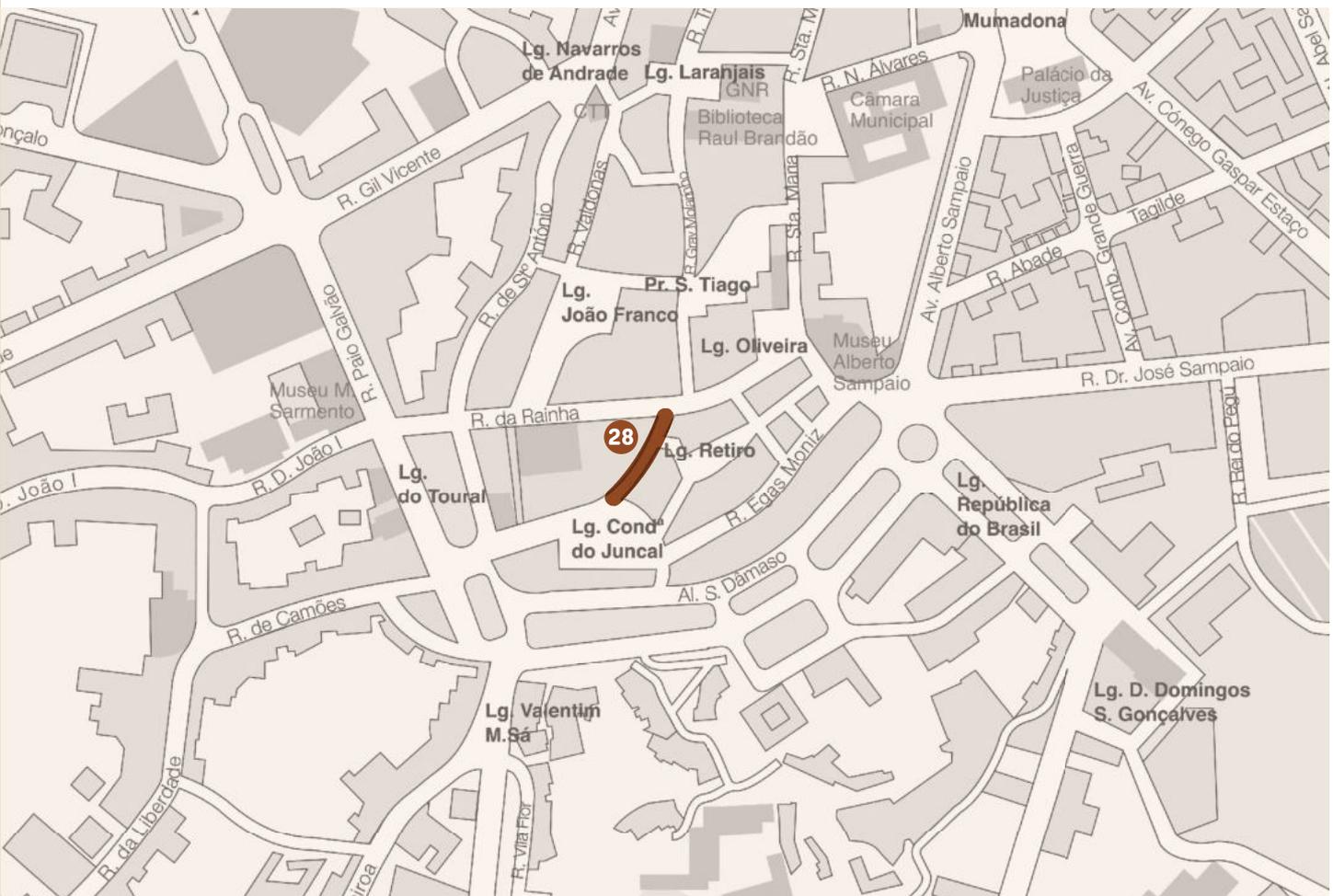
Confirmando esta ligação entre o local e o ofício da ourivesaria, sabemos que, aqui morou e trabalhou, na oficina do seu pai, o distinto Gravador Molarinho. Nascido em 1828, dedicou-se ao ouro, tendo-se distinguido, posteriormente, na arte de gravar. Este era um homem conhecido por estar bastante tempo à porta da sua casa/oficina convivendo e entretendo quem por ali passava e tocando o seu violão, tal como já fora mencionado.

O vocábulo Tulha associa-se a um compartimento para os cereais e grão. Não seria por acaso a proximidade desta artéria com o local que se conhecia anteriormente como Eirado do Forno (atual Largo do Retiro), onde estavam os fornos.

Sabe-se que, nesta rua também se localizava a Rua de S. Paio, ainda que não seja claro se seria em data diferente do topónimo de Tulha ou se, simplesmente, a zona, tendo uma configuração ligeiramente diferente, poderia estar dividida em duas artérias em algum ponto do seu curso atual. Conhece-se o fim do topónimo de S. Paio, enquanto que, o de Tulha (oficialmente) se desconhece quando terá deixado de existir.

Em sessão de 23 de novembro de 1910, delibera-se então que, a Rua de S. Paio se passe a denominar Rua Dr. Avelino Germano. Este nome presta homenagem a Avelino Germano da Costa Freitas, nascido em 1842 e falecido em 1908. Trata-se de um distinto médico que prestou o seu serviço nas mais variadas instituições vimaranenses. Foi pioneiro em alguns diagnósticos, o que o colocou no topo da sua carreira. Foi também um dos fundadores da Sociedade Martins Sarmento, chegando a ser seu presidente.

Atualmente, este local, entre a população local, continua a ser conhecido como A Tulha.





## 29. Rua do Retiro

Esta é uma zona que ainda apresenta uma configuração muito semelhante à do passado.

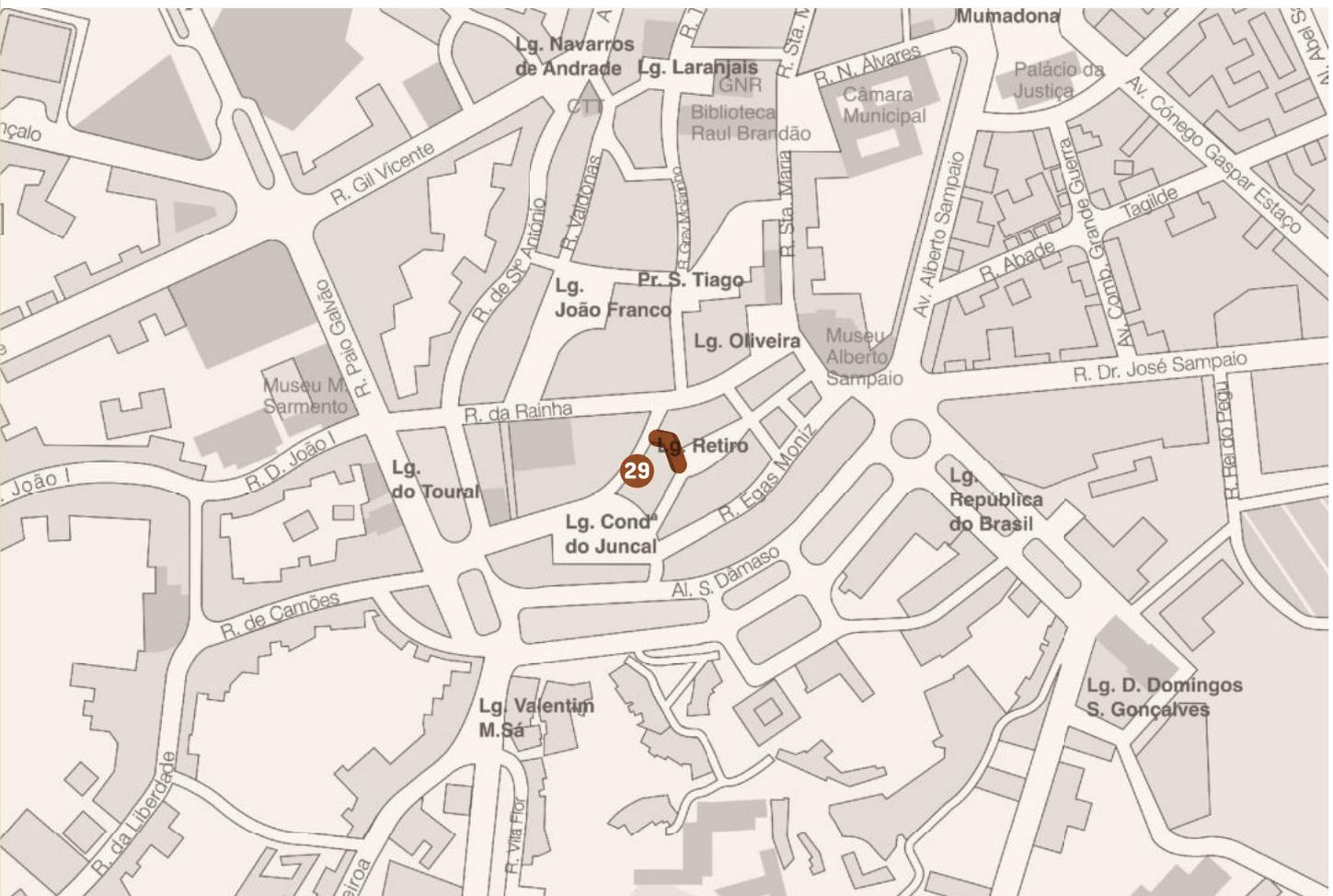
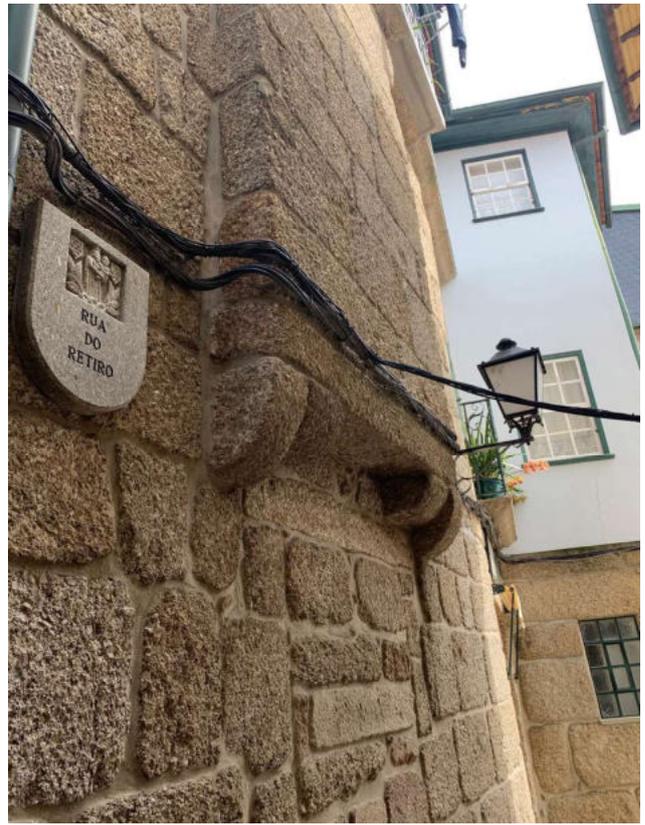
Era conhecida como a Rua do Eirado do Forno ou Rua do Ourado do Forno.

Esta era uma zona em que as oficinas se misturavam com as habitações, onde também que se fazia a secagem dos couros, nos fornos que dão nome ao arruamento.

Apesar de não ser unânime entre todos aqueles que já escreveram sobre o assunto, a grande maioria dos autores defende que, os fornos que aqui existiam não serviam para utensílio alimentar, mas sim, como referido, para secar as peles.

Esta zona do ourado (nomeadamente uma travessa/viela que lhe correspondia), por volta de meados da década de 30 do século XX, era alvo de inúmeras queixas, relativas à falta de higiene que apresentava. O que era comum, aliás, nas restantes vielas da cidade, tal como já referido na descrição de outros arruamentos.

Esta terá sido uma zona de grande comércio, o que se pode justificar, talvez, pela sua proximidade com a Rua da Tulha (polo dos ourives) e da Rua da Rainha (anterior Rua dos Mercadores e das Sapateiras).





## 30. Rua/Viela de Donães

Este arruamento parece surgir de uma passagem privada que ganhara o nome da sua proprietária, o que seria, aliás, comum à época. Este topónimo terá surgido de Dona Nais, senhora que era tradicionalmente conhecida por ter uma beleza que inspiraria os mesteres que aí trabalhavam, proporcionando-lhes ainda a iluminação necessária para a sua laboração.

Era já considerada rua (no seu sentido de via pública) pelo menos em 1241. Ao longo dos tempos este topónimo vai sofrendo algumas alterações, tendo passado para Donais, sendo que por vezes se ouve também Nonais. Atualmente, refere-se Donães.





## 31. Rua João de Melo

Esta rua começara por ser intitulada Viela do Esterpão ou do Trespão. Esta, era uma rua caracterizada pela pobreza e nem a proximidade com a praça primordial da vila lhe parecia aumentar o valor. Chegou, inclusive, a ser referida como uma lixeira pública da cidade.

Esta viela, em data indefinida, fora denominada de Travessa do Montepio. Desconhece-se a origem deste topónimo. Contudo, o vocábulo montepio está associado a instituições de caridade, o que nos leva a questionar se a posterior colocação, nesta rua, do edifício da Casa dos Pobres terá tido em conta alguma utilização que a rua anteriormente tinha, ou se não passará apenas de uma coincidência.

Em dezembro de 1931, esta rua passa a homenagear João de Melo, homem que teve os mais variados cargos públicos na cidade de Guimarães, entre eles a presidência da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, tendo tido ainda um papel de destaque na origem da Marcha Gualteriana.





## 32. Rua Egas Moniz

O seu topónimo inicial seria Rua Nova do Muro, o que indica a sua proximidade com a muralha e que leva a acreditar que este arruamento seria de abertura posterior à edificação da muralha naquela zona (que corresponderia à vila baixa), o que só aconteceu entre 1265 e 1318.

Esta rua ficou marcada pela diversidade dos seus habitantes, tendo chegado a ser uma das ruas mais caras. Facto que, não foi constante ao longo dos tempos.

A dado momento (já muito perto do século XIX), passa a ser um ponto de comércio, passando então a ser conhecida como a Rua Nova do Comércio.

Tal como noutras zonas da vila, o muro, quando perdeu a sua utilidade militar, servia para a secagem de roupas, pousar vasos e outras utilizações.

A 15 de novembro de 1911, a Rua Nova do Comércio passa a chamar-se Rua Egas Moniz, sendo ainda, entre os vimaranenses, coloquialmente intitulada como Rua Nova.

O atual topónimo, homenageia o aio de D. Afonso Henriques. Este, um homem de posses, encarregado pela educação e formação do 1º Rei de Portugal, está associado a uma lenda histórica: à data do cerco de Castela à cidade de Guimarães, Egas Moniz “dirigiu-se” a Afonso VII (rei de Leão e Castela) e acordou a vassalagem de D. Afonso Henriques, em troca da retirada do cerco. Castela retirou-se. Contudo, Afonso Henriques, quebra o acordo de vassalagem e invade a Galiza. Isto significava que o aio teria falhado com a sua palavra e, dessa forma, Egas Moniz e a sua família dirigiram-se a Toledo, apresentando-se de corda ao pescoço, oferecendo as suas vidas, como pagamento pela desonra. O rei castelhano, ao testemunhar este ato de humildade, perdoou-o e Egas Moniz regressou com vida.

Atualmente, esta rua, continua a ser conhecida, entre os populares, como sendo “a antiga rua das prostitutas”.





## 33. Rua Mestre Caçoila

Esta rua, cujo topónimo é desconhecido pela maioria da população, é mormente conhecida como “As escadinhas”. Aqui, além de passar a muralha, localizar-se-ia a Torre Velha, uma das torres que existiam ao longo do cerco da muralha.

Em algumas das obras analisadas, encontram-se referências a um arruamento que teria o nome de Rua da Mosqueira. Esta rua não é suficientemente relatada para que se possa considerar a sua localização precisa. Ainda assim, sabe-se que, esta seria anterior à muralha, sendo mencionada, pelo menos, desde o século XIII. Sabendo que as descrições da rua indicam que esta partiria da Rua de Alcobaça (descrita no enquadramento do Largo Condessa do Juncal, que faria a ligação entre a Tulha e o local da referida Torre Velha), passando pelo local onde posteriormente se viria a instalar a torre, seguindo na direção do arrabalde de Couros, poder-se-á colocar a possibilidade de a Rua da Mosqueira ter incluindo no seu percurso aquela que hoje conhecemos como a Rua Mestre Caçoila, prosseguindo então pela atual Alameda de S. Dâmaso.

Atualmente, este arruamento, de circulação pedonal, presta homenagem a Manuel Mendes Pereira, um distinto pintor vimaranense. O foco das suas obras seria a cidade de Guimarães, listando-se entre as suas realizações mais populares a temática das Gualterianas e os moinhos do rio de Selho. Domingos Ferreira, na sua obra sobre a toponímia de Guimarães, indica-nos que este homem era um apaixonado pela sua cidade, alfaiate e comerciante de ovos. Enquanto pintor, começou por não ser reconhecido, só o tendo sido progressivamente. O mesmo autor menciona que, este topónimo Mestre Caçoila surge como uma referência ao local onde Manuel terá nascido, a Rua de Vila Verde, que corresponderia ao Lugar da Caçoila.





## 34. Largo Condessa do Juncal

Não conseguindo precisar a sua localização exata, sabe-se da existência do Largo de S. Paio, que se localizaria algures entre atual Largo Condessa do Juncal e o Largo A. L. de Carvalho, derivando o seu nome da igreja aí existente até 1915/16, sendo que grande parte das referências que se encontram sobre esta zona se associam ao topónimo de Largo de S. Paio e sua integrante. Para efeitos práticos considerar-se-á, para as descrições que se seguem, este largo como integrante do Largo Condessa do Juncal.

Assim, este largo tinha até ao início do século XX uma configuração muito diferente daquela que se observa hoje, que surge após a demolição do recolhimento do anjo (assim como de muitas outras edificações) que aí existia, após 1911.

Neste local, antes da sua abertura e as referidas demolições associadas, poder-se-ia localizar a Rua de Alcobaça. Esta, corresponderia à ligação entre a zona da Tulha e o local onde se encontraria a Torre Velha, e era ainda a ligação entre o convento de S. Francisco e o burgo. Sabendo que, esta seria uma das ruas mais antigas da vila baixa, não se consegue precisar uma data da sua abertura. Neste lugar existiria a Albergaria dos Alfaiates, pelo menos desde o século XIII ou XIV, sendo que esta seria a irmandade corporativa mais antiga da cidade.

A título de curiosidade, refira-se que o termo “Alfaiates” poderá surgir da adaptação do termo (de origem árabe) *al-haet* que significaria muralha/muro. Dada a proximidade desta mesma albergaria à cerca do burgo poderá colocar-se em hipótese a teoria de que, esta albergaria teria esta denominação, não pelo ofício dos “acolhidos”, mas sim pela sua proximidade com a muralha.

Pode-se também localizar, ainda que sem precisão, neste largo ou nas suas imediações, a Rua da Murta que, no entanto, não se associa a qualquer data.

Aqui, algures entre a referida Rua da Alcobaça e a Torre Velha, localizar-se-ia a Rua das Estrebarias.

Sabendo que, o vocábulo estrebaria estaria diretamente associado a estábulo, questiona-se se existiria, de facto, nesta zona, uma afluência de cavalos e locais onde estes se armazenariam. O mesmo acontece com o vocábulo murta, que se associa a uma planta.

Encontram-se também inúmeras referências à Rua da Ferraria e, apesar de não se conseguir precisar com exatidão devido às mudanças que o local sofreu, esta é descrita como uma rua que sairia do Terreiro de São Paio, onde estava a igreja, e ia de encontro ao rossio da Tulha. Esta rua era associada aos alfaiates, o que nos parece lógico sabendo da existência da Albergaria dos Alfaiates a poucos metros dali. Esta seria também considerada uma zona de gente de posses ainda que, progressivamente, tenha acabado por ir perdendo valor.

Este espaço terá, também ele, incluído a Rua dos Açougues, no seguimento da Rua Egas Moniz. Este topónimo surge a 1612, aquando da transferência dos açougues, que até aí estavam na Praça da Oliveira, para este local. Este seria então o local de venda de carne e peixe, entre outros... Não se consegue precisar até que data este topónimo se terá mantido, sendo que se conhece que esta mesma rua terá eventualmente passado a ser conhecida como Rua do Anjo. Porém, sabemos que em 1856 a venda de carne e as regateiras de galinhas são mandadas sair do Tournal para o Largo dos Açougues. É por volta desta data que se deixa de ouvir o topónimo açougues e o topónimo “anjo” se torna recorrente.

O Largo e Rua do Anjo, terão este nome por proximidade com o recolhimento do anjo que aí existiria.

A partir da década de 50 de 1900 começam a surgir queixas da falta de higiene, imundice e maus cheiros associadas a esta Rua do Anjo. Atualmente, ainda existe uma rua com este topónimo nas proximidades do Largo Condessa do Juncal, porém não é claro se a sua localização, forma e orientação se mantiveram as mesmas ao longo do tempo.

Algures nesta área existiria também o Largo do Anjo (que surge várias vezes referenciado como sendo “factual” a sua localização corresponder ao Largo de S.Paio), cujas referências só surgem no século XIX, quando se fala do cruzeiro lá colocado. Este cruzeiro esteve encostado ao recolhimento, até à sua extinção em 1910.

No Largo de S. Paio existia a Rua de Trás de S. Paio, por passar nas traseiras da Igreja de S.Paio.





## 35. Largo do Tournal

Este local, era palco de uma série de espetáculos e corridas de touros. A. L de Carvalho acredita que, este foi o local onde as primeiras feiras e mercados se realizaram. Contudo, esta ideia é antagónica a várias outras referências que sugerem que os mercados só terão passado para a zona extramuros de forma a descongestionar o burgo, ficando, claramente, subentendido que estas já ocorreriam na zona intramuros. Estas referências são reiteradas por relatos de que haveria constante conflito entre os moradores do Largo da Oliveira e do Largo do Tournal, pois ambos queriam acolher a feira semanal, sendo que esta estava constantemente a alternar a sua localização entre estes dois locais.

Por volta de 1583 é aqui construído um chafariz que, além de valorizar o rossio, define-se como um ponto de delimitação entre espaços, nomeadamente o Largo do Tournal e o Largo de S. Sebastião. Aproximadamente 100 anos depois é instalado um cruzeiro. Este cruzeiro fora mandado construir pela Irmandade da Senhora do Rosário e acabaria por ser conhecido como o Cruzeiro do Fiado por, à sua volta, se realizar o mercado do linho.

Por volta de 1667 sabe-se que, o troço de muralha adjacente a este largo era utilizado, pelos moradores, como um local para usufruírem de vista privilegiada sobre as referidas corridas de touros.

Também nesta zona, mais propriamente no início da Rua de Camões, estava o Largo dos Cestos, por estes aí se venderem. No lado oposto, no início da Rua de D. João I, com base em obras analisadas, parecia localizar-se o Largo dos Barbeiros do Tournal (local onde se terá também vendido fruta). Estes barbeiros, que dão nome ao local onde exerciam o seu ofício, eram os responsáveis por uma variedade de outras práticas, desde o barbear ao arrancar de dentes e afiar espadas.

Este local, passando por inúmeros melhoramentos ao longo dos tempos, chegou a ser vedado. Aspeto de que os moradores se queixavam constantemente, tendo o gradeamento acabado por ser retirado em 1911.

A 7 de julho do mesmo ano, muda-se para aqui a estátua de D. Afonso Henriques, que até à data estava no local que, à sua saída, se passa a denominar Passeio da Independência (integrado na atual Alameda de S. Dâmaso). Com isto, o Tournal passa a chamar-se Praça do Fundador de Portugal. Contudo, poucos dias depois decide-se que este se chamaria Praça do Libertador de Portugal. Ainda assim, uns meses depois volta a surgir o topónimo de Praça D. Afonso Henriques. Todavia, em reunião de Câmara de 10 de dezembro de 1943 a Praça D. Afonso Henriques passa a chamar-se Largo do Tournal, topónimo que mantém até hoje.





## 36. Rua de Santo António

A primeira memória desta rua surge associada ao topónimo de Rua da Fonte Nova por volta do século XVI. Por volta de 1620 sabemos que esta rua era popularmente conhecida pelo nome de “Mata-Diabos”, nome que surge de Miguel Francisco, que aqui possuía uma estalagem.

Esta rua seguia o curso da muralha, o que deixava em desvantagem aqueles que lá habitavam, por se tornar um entrave ao devido aproveitamento de espaço.

Ao longo do século XIX e XX, o cerco de muralha foi sendo destruído quase na totalidade.

Em 1873 esta rua, integrada num conjunto com a Rua de Santo António dos Palheiros e a Rua do Campo Santo, passa então a denominar-se de Rua Nova de Santo António.

De forma a recordar a tentativa, ainda que falhada, de Instauração da República de 31 de janeiro de 1891, esta rua, em 1910 (mais propriamente a 2 de novembro) passa a chamar-se Rua 31 de Janeiro. Ainda assim, à data do Estado Novo é reposto o anterior topónimo.

Atualmente, esta é uma das ruas mais movimentadas da cidade, associada essencialmente ao comércio local. Presta homenagem a uma das figuras religiosas mais acarinhadas a nível nacional. Santo António nasceu em Lisboa, estudou teologia em Coimbra, e era conhecido pelas suas qualidades de pregador.





## 37. Rua D. João I

Inicialmente seria conhecida por Rua de Gatos. Sendo que este topónimo deriva de uma adaptação de Rua Entre Regatos, por esta passar entre dois cursos de água, o rio de couros e o de Santa Luzia.

Surge referida no século XII, por incluir o percurso de saída para Vila do Conde e acredita-se que aí já era uma zona urbanizada.

Esta rua era considerada nobre, por representar uma entrada na cidade dedicada, também, aos mais “nobres”.

Porém, era também considerada um arrabalde por se encontrar fora de muros e acredita-se ter tido sempre uma configuração muito semelhante à atual, sendo que, naturalmente, o seu valor aumentava conforme a sua aproximação com a vila e, à medida que nos íamos afastando do burgo, era notável a diminuição de habitações e o aumento de campos e zonas agrícolas.

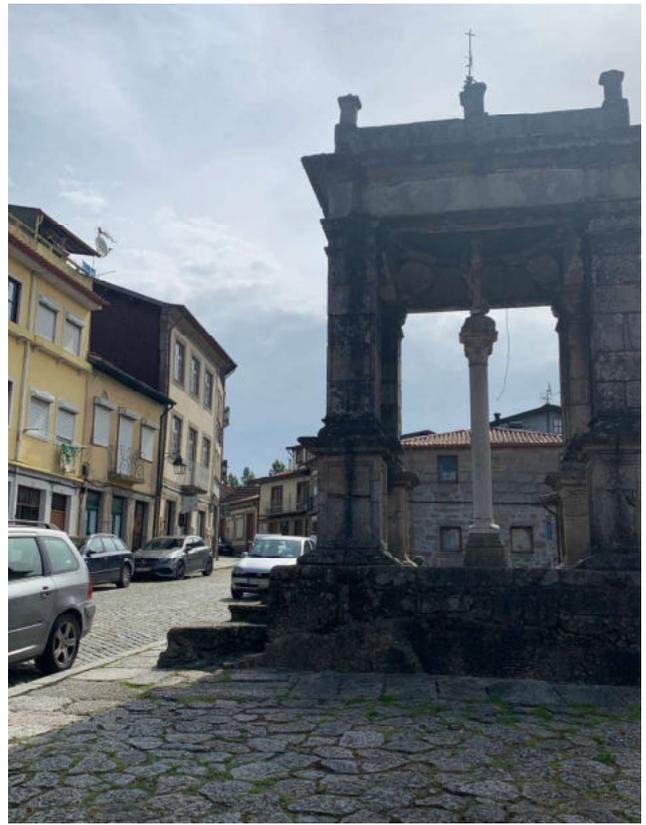
Sabe-se da existência de uma gafaria nesta rua, pelo menos desde 1314 e que funcionaria até por volta do século XVII. Seria esta a gafaria de S. Lázaro. Lázaros seria um sinónimo de leprosos; Lázaro corresponde a uma personagem bíblica, com efeito, um leproso. Por esse mesmo motivo, S. Lázaro é também o padroeiro dos leprosos.

A capela de S. Lázaro seria então edificada em 1600.

A Igreja de S. Domingos, que hoje encontramos nesta rua, não se encontra, atualmente, na sua localização original. A primitiva Igreja de S. Domingos era anterior à construção do segundo cerco de muralha, que passava a abranger a vila baixa e que levou a que, aquando da edificação da muralha nas imediações do Toural, a igreja tenha ficado demasiado próxima desta, o que comprometia a segurança da vila, pois facilitava a passagem pelos muros. Com isto, D. Dinis mandou que a igreja se transferisse para uma distância superior do muro do que até aí se encontrava, e assim a igreja passou a estar localizada na Rua de Gatos. O mesmo aconteceu com a Igreja de S. Francisco.

Esta rua tem uma forte ligação com aquele que hoje lhe dá nome. Em 1387 D. João I, após a vitória em Aljubarrota, vai agradecer a Santa Maria, tendo partido descalço de S. Lázaro e subindo a Rua dos Gatos, até à colegiada de Santa Maria. Entregou-lhe aí várias oferendas, inclusive, segundo consta (pois essa peça terá sido roubada já na segunda metade do século XX), um cordão de ouro que teria a distância do percurso feito a pé pelo rei.

Esta rua por vezes era separada em denominações diferentes, correspondendo a parte superior à Rua de S. Domingos e a parte inferior à Rua de S. Lázaro. Porém, a 20 de março de 1863 esta ganha finalmente o topónimo que ainda hoje mantém. Passa então a chamar-se Rua de D. João I.





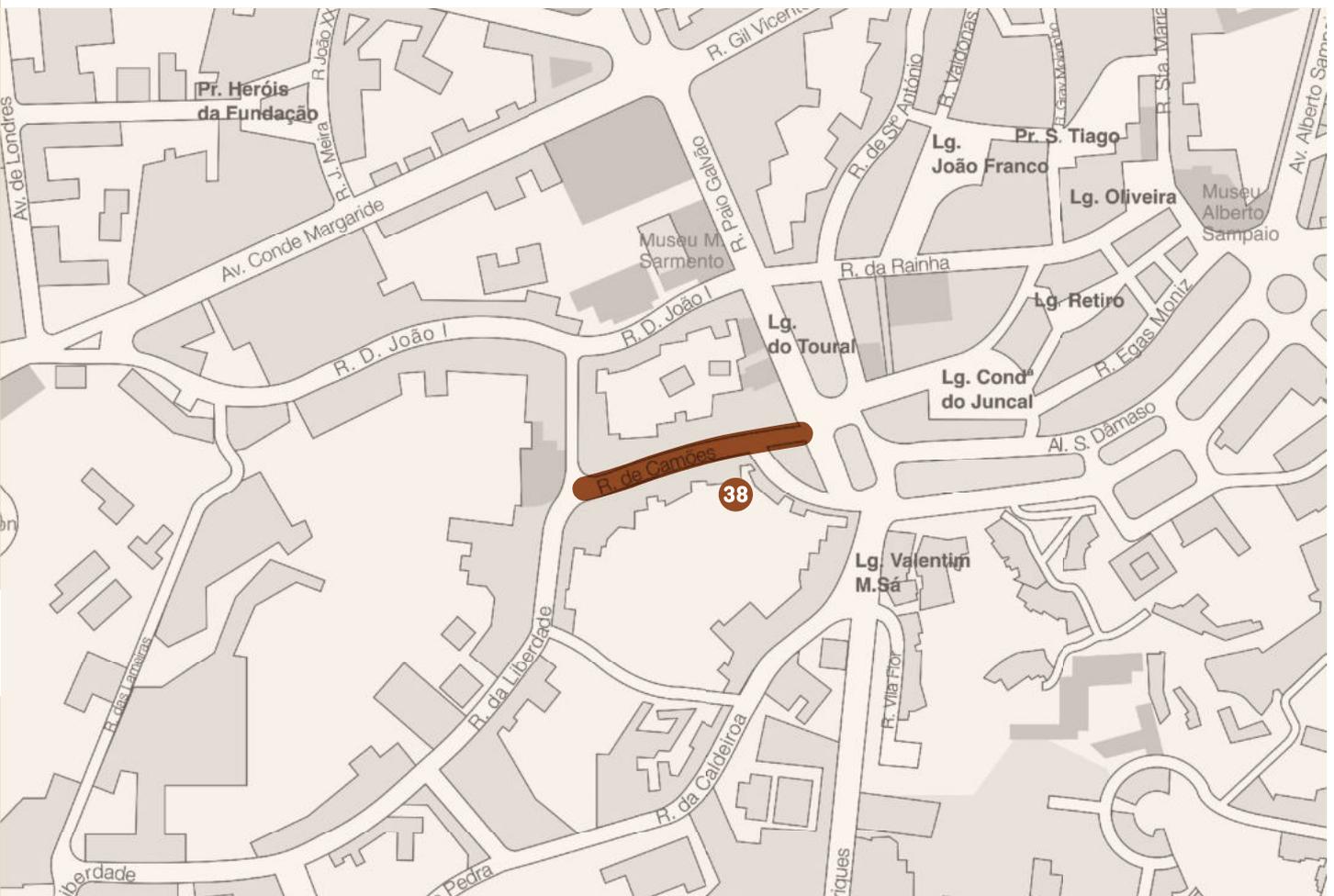
## 38. Rua de Camões

Desta rua há já conhecimento, pelo menos, desde 1569 com o topónimo de Rua Nova das Oliveiras. Sabe-se também que, à parte superior desta artéria, correspondia a Rua das Lajes. Pode associar-se este topónimo ao pavimento aí existente, que era alvo de muitas críticas pois causava quedas, por ser escorregadio.

Tratava-se de uma rua muito frequentada, pois fazia a ligação entre os subúrbios e bairros operários, e o Toural.

A Rua Nova das Oliveiras passa a denominar-se Rua de Camões a 10 de junho de 1880, na data de comemoração do tricentenário da morte do poeta português, e por proposta da comissão encarregue das celebrações.

Camões, considerado o maior poeta português, viveu e morreu no século XVI. A sua obra mais emblemática intitula-se de *Os Lusíadas* (uma homenagem às epopeias das conquistas dos portugueses pelo mundo) e dada a importância de todos seus escritos na história da literatura portuguesa, justifica uma análise cujo detalhe não é o propósito do presente documento; tampouco seria pretensão fazê-lo.





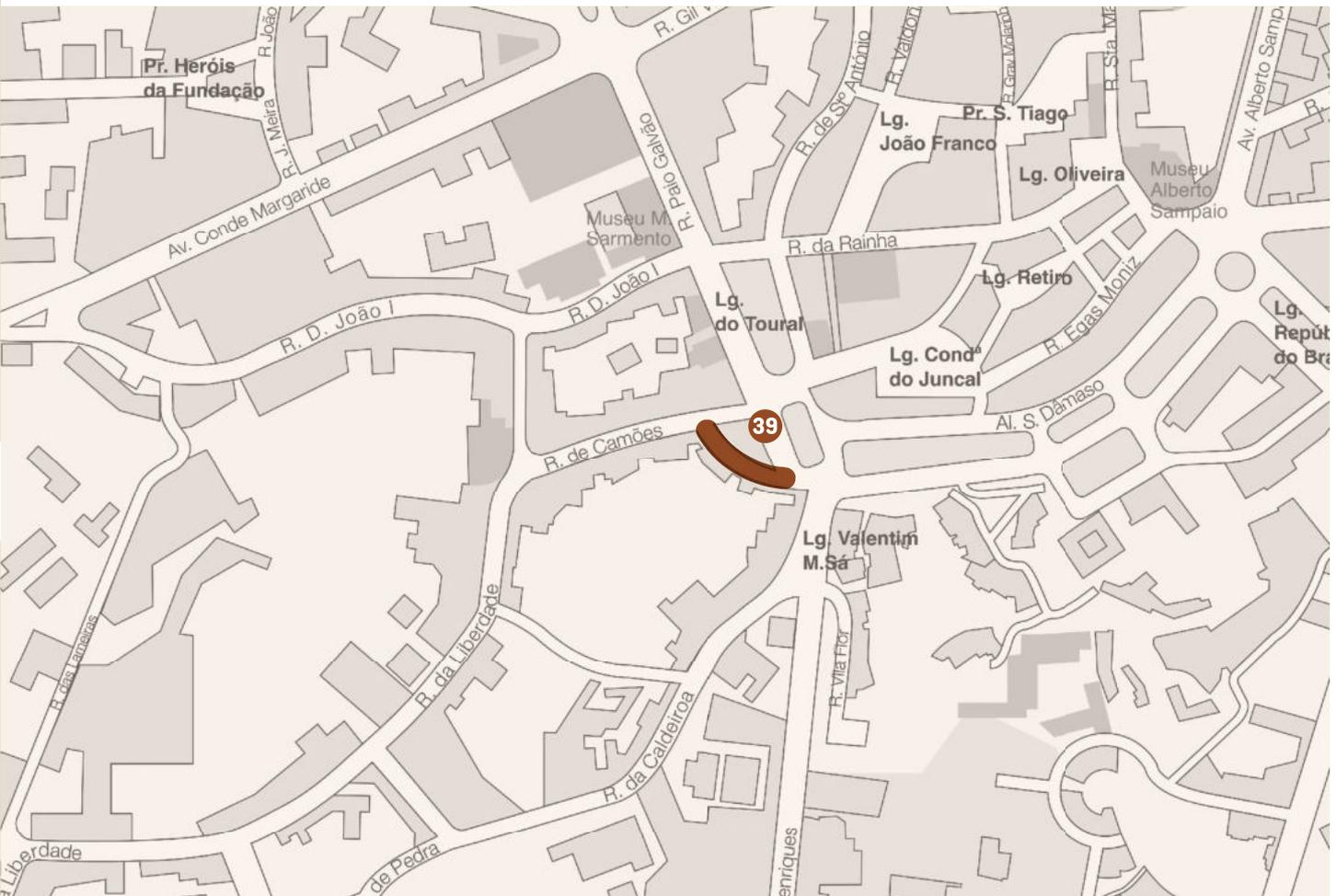
## 39. Travessa de Camões

Esta rua, inicialmente intitulada de Rua de Trás os Oleiros, era, como o nome faz prever, o principal polo de oficinas de olaria.

Este local era constantemente relatado como uma zona com falta de higiene e acumulação de lixo, a necessitar de manutenção e associado a delitos e perigos para a saúde pública.

A 29 de setembro de 1892, esta rua que, à data, teria o topónimo de Rua de S. Sebastião, passa a designar-se Travessa de Camões.

A 10 de dezembro de 1943 a Travessa de Camões volta a designar-se Rua de Trás os Oleiros, sendo que no Estado Novo volta a recuperar o topónimo de Travessa de Camões.





## 40. Rua Dr. Bento Cardoso

Esta rua, inicialmente, era conhecida como Rua Travessa, ou Rua Travessa das Oliveiras, talvez pela sua proximidade com a rua que lhe era perpendicular, a Rua Nova das Oliveiras. Parecendo ainda, ter existido um topónimo precedente ao de Rua Travessa, que seria de data anterior ao século XVII, segundo a documentação analisada. Seria então Travessa da Parrota.

Esta rua terá surgido com a implantação do hospital para peregrinos de S. Roque, neste local. Este era também conhecido por hospital de S. Domingos, e fora criado por uma irmandade composta por moradores da Rua de Gatos. Este, em 1735, passa a ser administrado pelas recolhidas dominicanas.

Aqui existiu o Recolhimento das Domínicas que, em 1699, já se intitulava de Recolhimento das Domínicas de Santa Rosa do Lima, que foi fundado para acolher algumas mulheres que aqui viveriam em dedicação a esta santa. Há registos de pagamentos feitos por este hospital já no final do século XVII e início do seguinte, o que leva a crer que à data ele ainda existia.

Esta rua terá então adotado o topónimo do convento, passando assim a denominar-se Rua de Santa Rosa do Lima.

Em janeiro de 1882 pediu-se que se transferisse a paróquia de S. Sebastião para o convento de Santa Rosa do Lima, para que, desta forma, se pudesse prosseguir com a demolição de S. Sebastião (anteriormente no limite entre o Largo do Tournal e a Alameda de São Dâmaso).

Este convento extinguiu-se em 1888 com a morte da última religiosa, sendo que o edifício se encontrava já em muito mau estado.

Em 1892 o convento passa a propriedade da Câmara e a 29 de setembro, do mesmo ano, esta rua, que à data se chamava Rua de Santa Rosa de Lima, passaria então a intitular-se de Rua de S. Sebastião, passando a paróquia de S. Sebastião, efetivamente, para este convento.

Em novembro de 1911 a Rua de S. Sebastião passa a denominar-se Rua Dr. Bento Cardoso, em homenagem a um advogado vimaranense que esteve também envolvido na sociedade patriótica de Guimarães.

Esta rua é popularmente denominada de Rua das Domínicas.





## 41. Rua da Liberdade

De topónimo primário Rua das Molianas, esta rua aparece referenciada, pelo menos, desde 1346. Garantia a saída para o Porto, o que leva a acreditar que seria uma via importante.

O arrabalde em que surge integrada esta rua, arrabalde das Molianas, inicialmente, não deixava clara a distinção entre este, a Caldeirôa e o arrabalde Gatos; apenas por volta do século XV é que vai ganhando notoriedade.

Esta integrava uma paisagem com vinhas, lagares, hortas e casas. Havendo também notícias de um hospital nesta rua no século XV, hospital este que seria, muito provavelmente, o mesmo que surge referenciado como a origem da abertura da Rua Dr. Bento Cardoso.

Esta rua, assim como a que lhe é paralela, era referenciada como o local onde haveria um elevado número de oficinas de cutileiros.

Por volta de 1346 há notícia de um moinho nesta rua. Pode-se associar isto ao topónimo da rua à data. Molianas está associado ao trabalho de molinhar, que consistia em moer os cereais. Molianas seriam então sinónimo de atafoneiras, sendo que uma atafona é um moinho. Paralelamente, o vocábulo Molianas significa repreensão ou descompostura, portanto, não fica totalmente clara a origem do nome da rua.

Em data indefinida, passou a denominar-se Rua da Alegria, topónimo que manteve até 2 de novembro de 1910, data em que passou a Rua da Liberdade. Nome que estaria nitidamente relacionado com a Implantação da República e que ainda hoje se mantém.

Contudo, em ata da reunião de Câmara de 10 de dezembro de 1943, data que representa inúmeras alterações toponímicas na cidade, surge, entre as alterações realizadas, a alteração do topónimo de Rua da Liberdade para Rua da Madrôa, parecendo, ainda assim, que a parte que se terá intitulado de Rua da Madrôa não corresponderia à total extensão da Rua da Liberdade.

Atualmente, o topónimo Rua da Liberdade mantém-se, não sendo claro quando torna a surgir ou se terá de facto, em algum momento, desaparecido por completo.





## 42. Rua da Caldeirôa

Esta rua era já citada em 1194 e, assim como outras naquela zona, garantia a saída da cidade para o Porto.

Era definida por um paralelismo dinamizado entre características rurais assim como atividades negociais, associando-se a ela uma zona de habitação de operários assim como de pessoas que viviam das atividades campesinas.

Nesta rua passava uma via militar, onde (sem precisão) se acredita ter existido a casa em que nasceu S. Dâmaso.

A par do que ia acontecendo por toda a vila, no final do século XIII, a rua demonstrava sinais de degradação. Conhecendo-se também que, aí existiram umas casas para os leprosos em 1258.

O topónimo Caldeirôa não parece relacionar-se com qualquer ofício; de resto, não há também evidência de alguma atividade predominante. Paralelamente, encontram-se indicações de que existiriam fundidores de sinos, caldeireiros associados a esta rua.

Em novembro de 1910 a Comissão Municipal muda o nome desta rua para Rua Dr. Trindade Coelho, como forma de homenagear este homem, que fora escritor e um político republicano. Contudo, em dezembro de 1943 a rua recupera o topónimo original, passando a chamar-se novamente Rua da Caldeirôa.





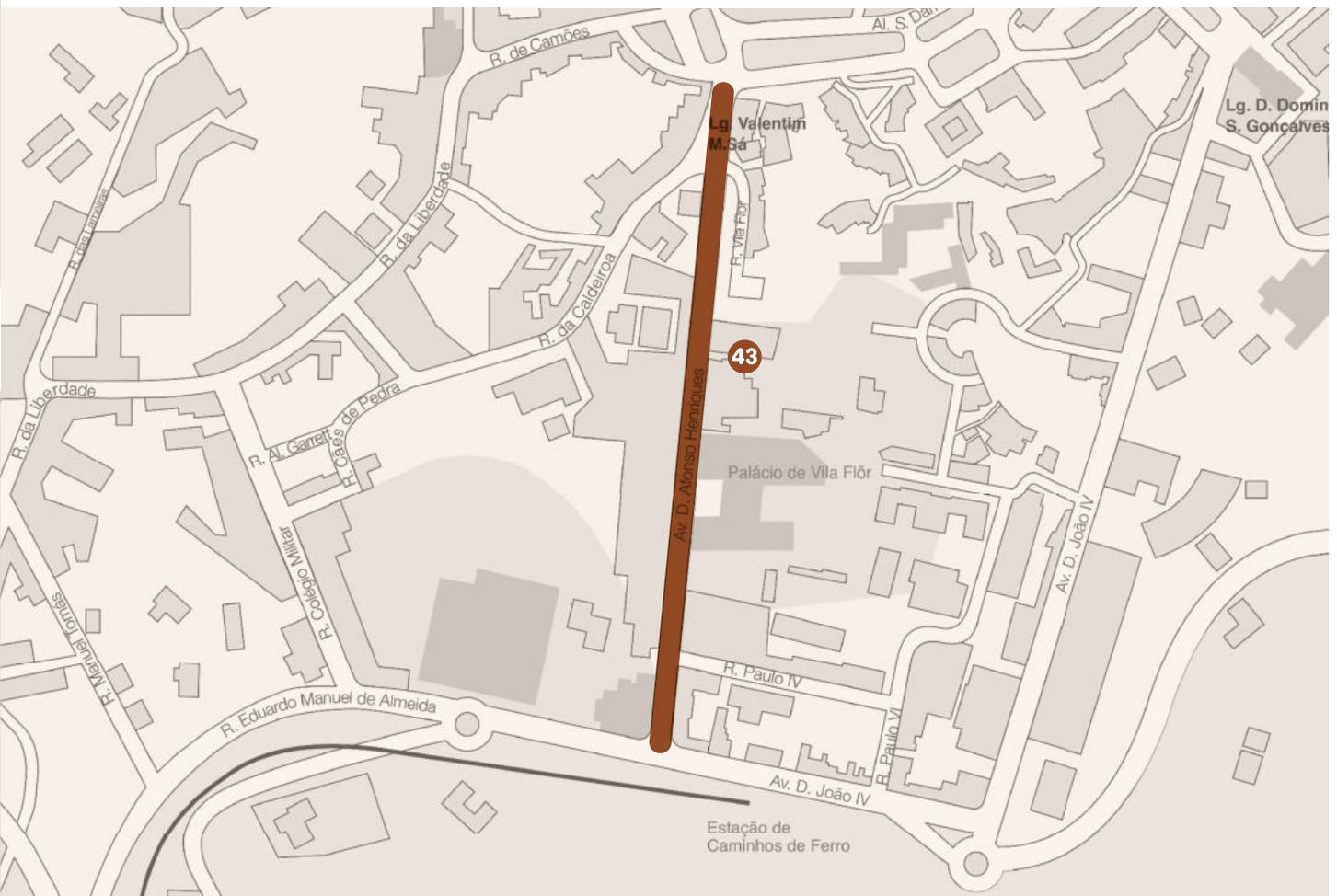
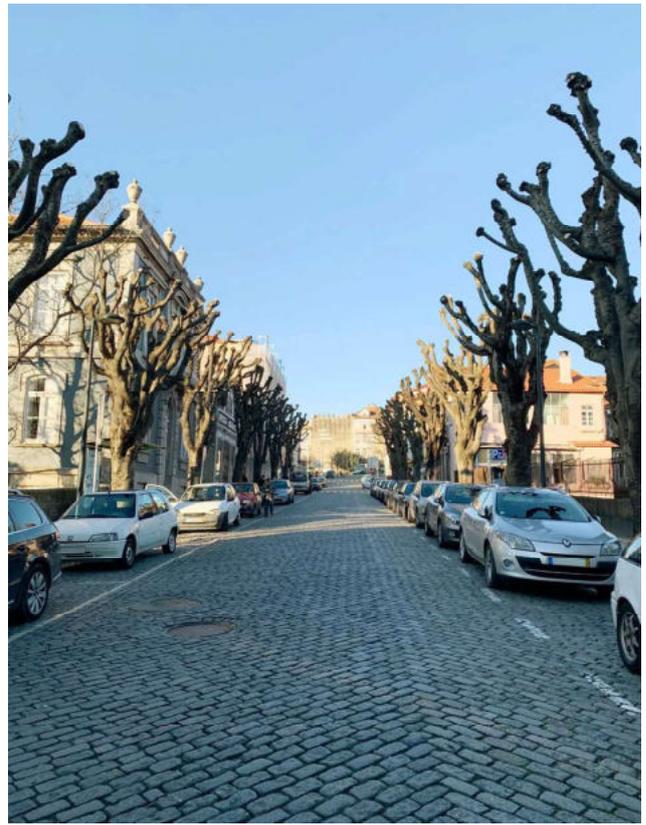
## 43. Avenida D. Afonso Henriques

Esta rua surge como resposta a uma necessidade de ligar a cidade à estação dos caminhos de ferro. Aberta no final da década de 90 de 1800 e inaugurada a 30 de dezembro de 1900, esteve alguns dias sem topónimo definido e isso justifica o porquê de este local ter sido conhecido por Avenida Nova, nome que fora atribuído pela população em resposta à falta de denominação.

Até à seleção efetiva do topónimo, surgiram variadas propostas, entre elas Avenida Mouzinho de Albuquerque (em homenagem ao notável militar), Avenida Século XX e finalmente Avenida do Comércio (topónimo que surge da proposta da reunião de Câmara de 9 de janeiro de 1901), denominação que se manteve até 1910, data em que esta se passa a intitular Avenida Cândido dos Reis (um militar republicano). Esta alteração toponímica data da Instauração da República, que veio realizar variadas alterações dos nomes dos arruamentos e largos da cidade.

A 10 de dezembro de 1943 dá-se a esta avenida o nome de Avenida D. Afonso Henriques - O Fundador. Atualmente, conhece-se apenas por Avenida D. Afonso Henriques, talvez por supressão popular do topónimo.

Aqui se localizava, ainda que anterior à artéria, o Palácio de Vila Flor, que terá pertencido aos Condes de Arrochela e que por volta de 1946 pertencia à família Jordão. Neste palácio fora recebida a Rainha D. Maria II, aquando da sua visita a Guimarães, que resultou na elevação da vila a cidade.



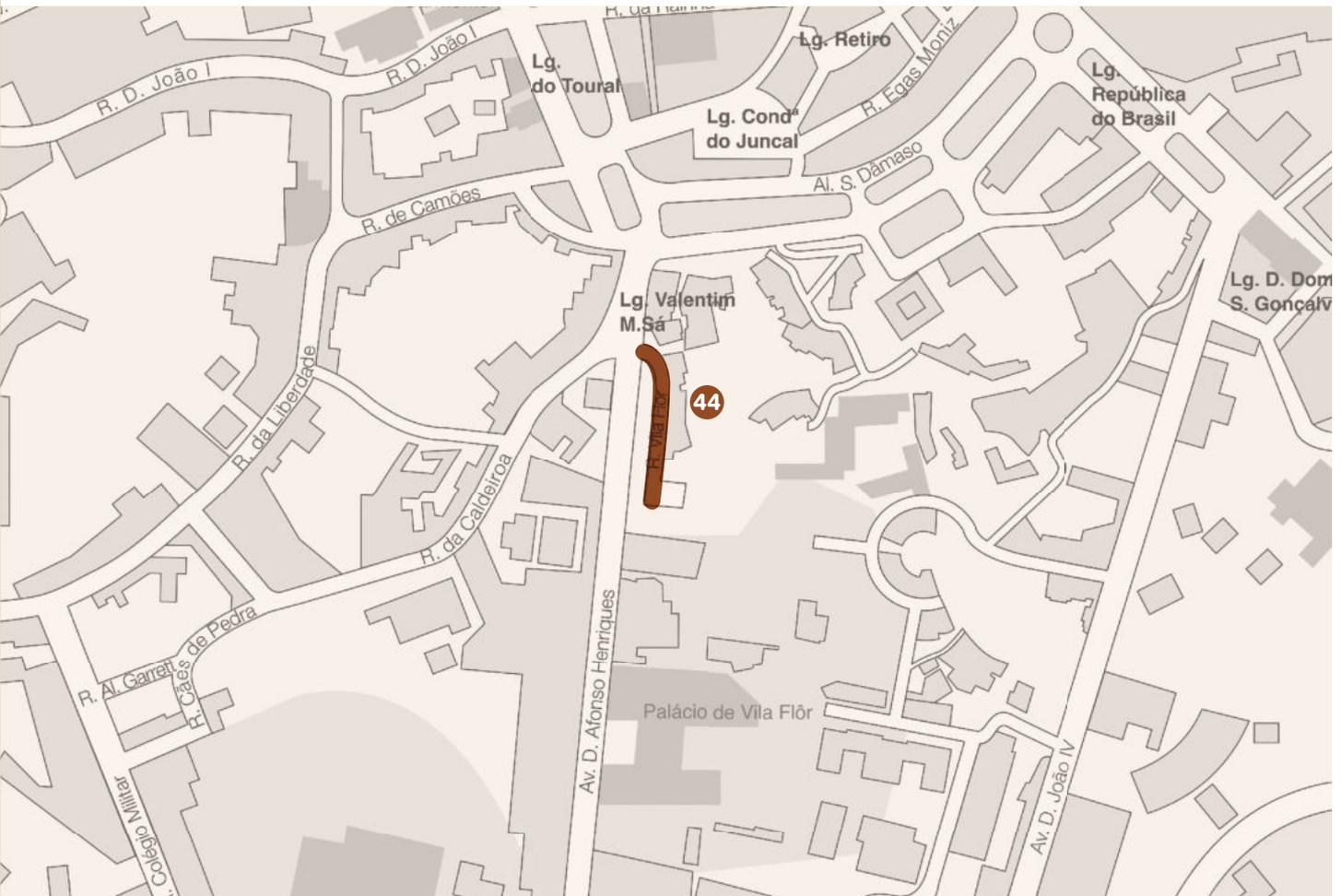


## 44. Rua de Vila Flor

Esta rua, de anterior topónimo Rua de Relho, era a única via que dava acesso aos jardins do Vila Flor, antes da abertura da Avenida D. Afonso Henriques. A construção desta nova artéria, que aproximava a cidade da estação ferroviária, veio retirar importância à Rua de Relho. Esta esteve, inclusive, em vias de desaparecer, mesmo antes da abertura da referida avenida.

A origem do topónimo Relho é desconhecida. Ainda assim, o professor António Amaro das Neves, refere, no seu blog, ter encontrado uma associação entre as expressões relho e rego, sendo que rego seria (e ainda é) um sinónimo de um curso de água, que poderia então, corresponder ao rio de Couros. Isto não passa, naturalmente, de uma hipótese especulativa.

Sabe-se ainda que no final do século XIX, esta rua teria já o topónimo atual.





## 45. Alameda de São Dâmaso

Esta alameda, nem sempre teve a configuração ampla que hoje se conhece. Este local, foi idealizado pelo Engenheiro Manuel de Almeida Ribeiro, no seu plano de 1863, tendo sido implementado no período do Estado Novo, com o objetivo de unir o Largo do Toural ao Largo da República do Brasil.

Este local, tivera já os mais diversos nomes, acompanhando, naturalmente, a evolução política e social do país.

Aqui, ter-se-á localizado, a Igreja de S. Dâmaso, antes de a mesma ser transferida, por volta de 1965, para o local onde hoje se encontra.

Na extremidade oposta, já quase no Largo do Toural, existiria a Igreja de S. Sebastião, que dava nome ao largo onde se localizava. Esta igreja acabou por ser demolida com a construção da Avenida D. Afonso Henriques.

Com a demolição da referida igreja, instala-se nesta zona, em 1887, uma estátua de D. Afonso Henriques, passando então o fundador da nação a dar nome a esse mesmo largo. Em 1911, já sob a influência do sistema republicano, a estátua é transferida para o Largo do Toural.

Passa então o Largo D. Afonso Henriques a chamar-se Passeio da Independência.

Em 1918, com Sidónio Pais no governo, passa este mesmo local a evocar o seu nome.

Em 1921 já este local era conhecido por Largo Prior do Crato.

Em 1926, assinalando a Instauração da Ditadura Militar, o largo passa a designar-se Largo 28 de Maio. À semelhança do que aconteceu um pouco por todo o país, o topónimo muda para Largo 25 de abril, em evocação da revolução de 1974. Atualmente, conhece-se ainda, adjacente ao Largo do Toural, o Largo 25 de Abril, que parece ter uma configuração que se restringe a um espaço consideravelmente menor do que o que teria anteriormente, sendo que se conhecem imagens onde se consegue localizar a referida estátua de D. Afonso Henriques, no local que hoje inclui, efetivamente, a Alameda de S. Dâmaso.

Do mesmo modo, a Alameda de S. Dâmaso, a que se acabou de aludir, teve inicialmente o topónimo de Alameda Salazar em 1959, o qual foi mudado após 1974 para Alameda da Resistência ao Fascismo, tendo mais recentemente sido novamente modificado para o seu topónimo atual.

Note-se que, tal como referido anteriormente, os limites entre os diferentes largos não parecem claros, portanto, não é de estranhar que alguns autores considerem que a estátua de D. Afonso Henriques se localizava naquele que era conhecido como o Largo de S. Francisco, dada a proximidade do mesmo com o local que estamos a tratar.

Aqui, assim como em outros locais da vila, aconteceriam algumas feiras, tendo por aqui passado a feira dos cereais, a das galinhas, das doceiras, entre outros mercados; em 1681, este espaço chegou a acolher a feira quinzenal da vila.

Este local serviu também de cemitério público, para os pobres que perdiam a vida nos hospitais das imediações, antes de o mesmo se mudar para o local que se viria a conhecer como o Campo Santo (nas proximidades do Castelo).

Neste espaço da Alameda de S. Dâmaso, integrar-se-iam também a Rua de S. Dâmaso e a Rua/Viela do Quintal. Na Rua de S. Dâmaso existiria a, já mencionada, igreja do mesmo nome e um hospital. Segundo Luís de Pina, este terá sido o hospital do concelho.

A Rua de S. Dâmaso era uma zona bastante povoada e os moradores queixavam-se constantemente da falta de higiene que se verificava nas traseiras das suas casas.

Aqui, localizar-se-ia ainda a Rua Trás-do-Muro. Uma artéria do final do século XIV, posterior à muralha. Acredita-se, devido ao seu topónimo, ter estado muito próxima da muralha na zona que integra a zona da atual Alameda de S. Dâmaso.

Poder-se-á também colocar a hipótese de, algures no espaço que hoje conhecemos amplo, ter existido a Rua da Mosqueira, da qual existem referências desde 1275, e que partiria da Rua de Alcobaça, passando pela (posteriormente construída) Torre Velha, na direção do arrabalde de Couros.

Nesta zona conhecia-se também a Fonte dos Passarinhos, que acabara por ser demolida para aí se construir uma escadaria.

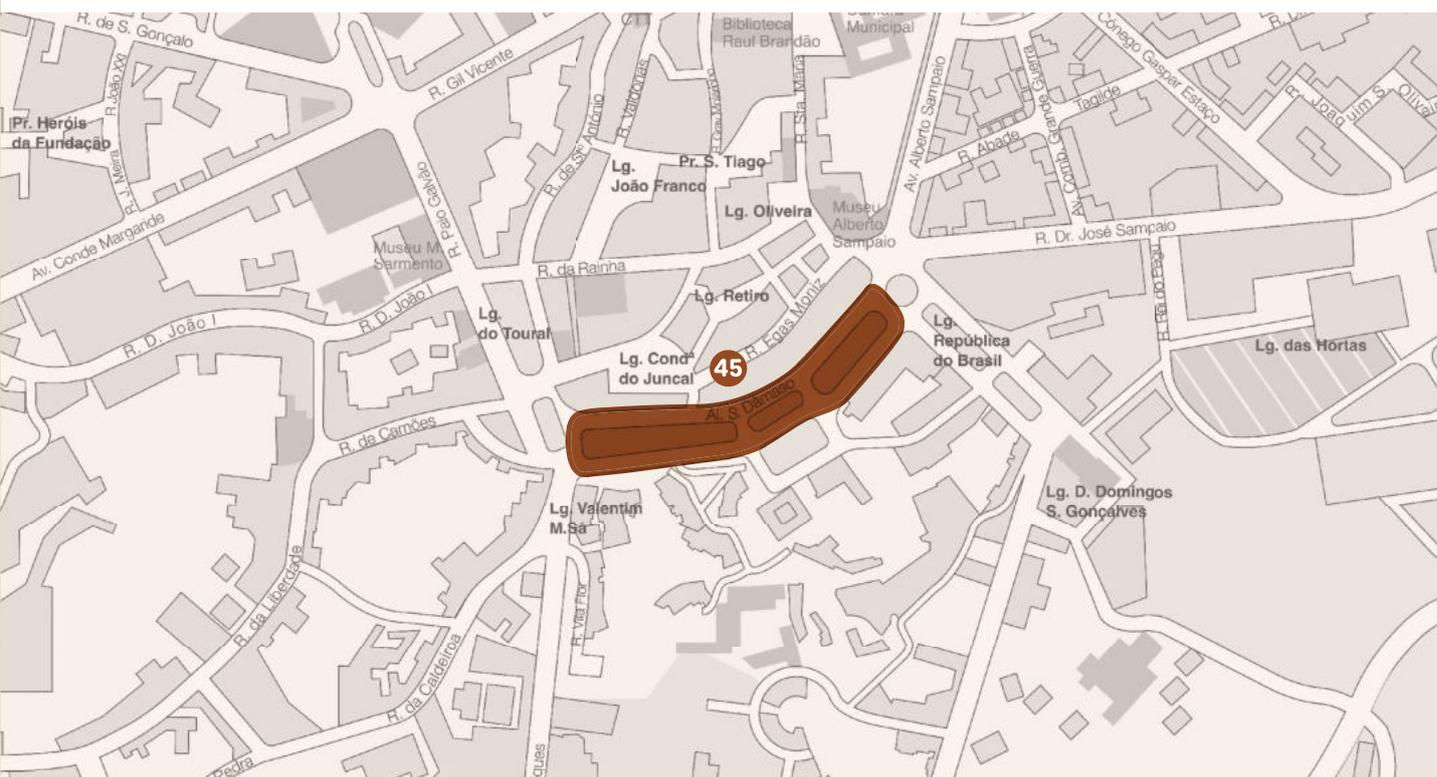
Aqui, localizar-se-ia também, segundo documentação de 1612, a Casa do Recolhimento, que correspondia a uma dependência da alfândega, sendo que sabemos que a respetiva alfândega, anteriormente localizada no local que hoje corresponde ao Largo Condessa do Juncal, se terá transferido para este local (nas proximidades da anterior Igreja de S. Sebastião) no início do século XVII. Este facto justificará, provavelmente, o nome da torre que hoje se conhece como Torre da Alfândega. Este local é, atualmente, um local de atração turística onde se pode ler a inscrição *Aqui Nasceu Portugal*.

As Carvalhas de S. Francisco, são referidas como parte integrante da atual Alameda mas também integrantes do atual Largo de S. Francisco, dado que na documentação consultada são mencionadas ambas as localizações.

Sabe-se que as demolições foram uma constante para a transformação desta zona. Tendo começado na década de 50, chegaram a deixá-la praticamente em ruínas.

A abertura desta alameda suprimiu os arruamentos então existentes, nomeadamente as ruas acima referidas.

Refira-se ainda, que o seu topónimo atual é uma homenagem em honra do 1º Papa português e cidadão vimaranense, São Dâmaso.





## 46. Largo de São Francisco

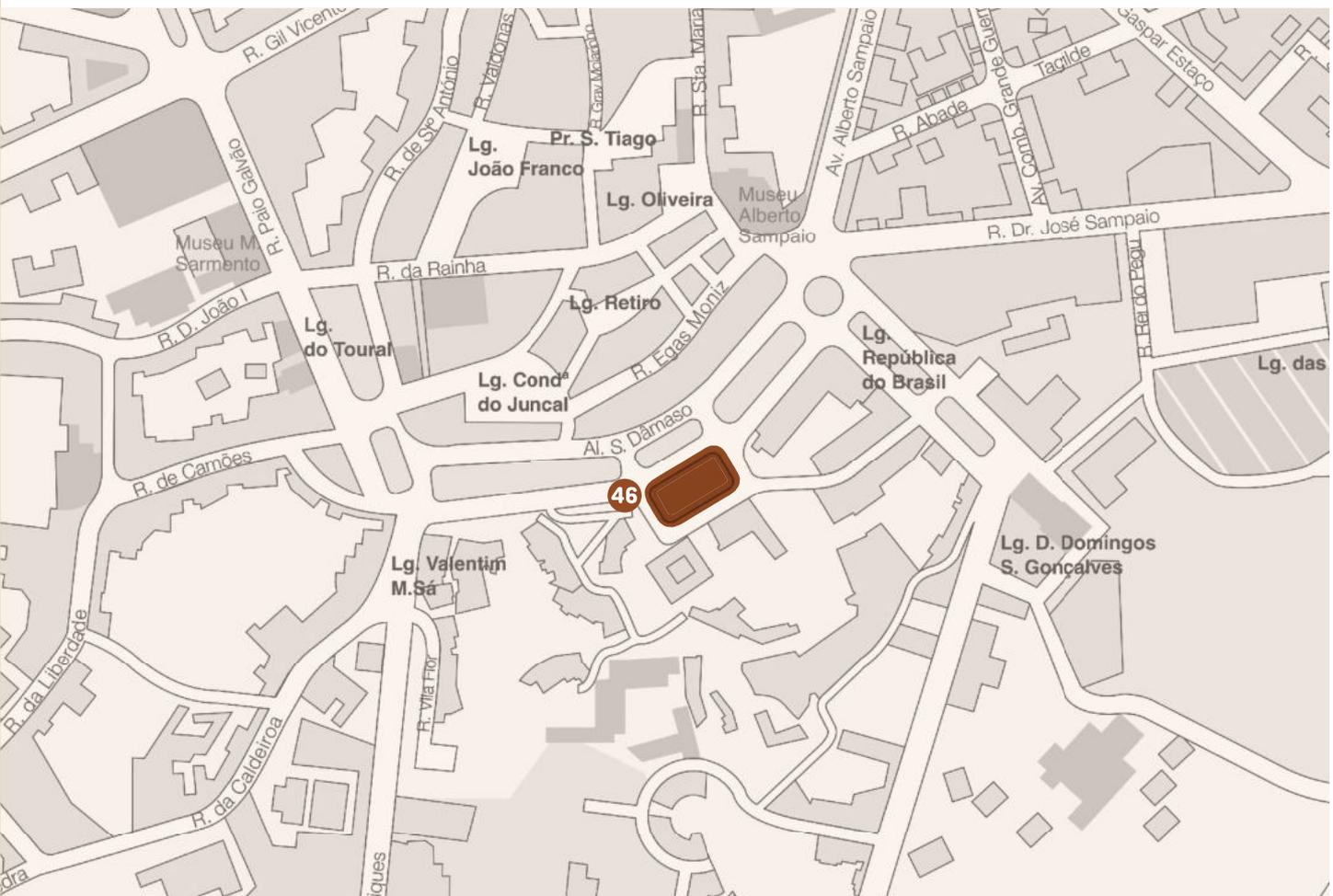
Este é o local onde se localiza, a Igreja de S. Francisco, como hoje se conhece. Ainda assim, as edificações religiosas em honra a este santo são bastante anteriores. Existindo notícias de uma confraria de S. Francisco desde 1253.

Sabe-se que este convento se localizaria anteriormente junto à muralha, perto do local que hoje é conhecido como “as escadinhas” (Rua Mestre Caçoila). Parece também que este convento, já fundado no século XIII, causaria constrangimentos à segurança da vila, pelo que fora demolido. Por volta de 1400 foi mandado reedificar por D. João I em nova localização, ou seja, no local onde hoje se pode observar.

Este foi um locais que teve um dos primeiros jardins públicos da cidade, que terá sido idealizado pela Comissão de Melhoramentos. Chegou a servir também de campo de manobras militares.

A este local, ou às suas imediações, associam-se também as Carvalhas de S. Francisco, que teriam este nome por aí existirem em grande número (foram cortadas em 1880). Era utilizado para a realização de feiras, por ser um local amplo e próximo do burgo intramuros. Contudo, a localização exata do referido local, Carvalhas de S. Francisco, é questionável, dado que na divisão da vila em bairros (1807) as Carvalhas de S. Francisco integram o segundo bairro, e o Campo de S. Francisco integra o terceiro bairro. Isto leva então a crer que estes corresponderiam a locais diferentes, contrariando o que os mais variados autores têm vindo a defender. Ainda assim, a precisão desta informação não deixa de ser, também ela, questionável.

Dada a mudança que a fisionomia dos largos, arruamentos e praças da cidade foi sofrendo, não se estranhe que se encontrem descrições que relatam que a 20 de outubro de 1887, foi aqui inaugurada a estátua de D. Afonso Henriques, onde se manteve até 1911. Sendo que, esta mesma estátua é também incluída em relatos que a enquadram na atual Alameda. Com acesso a imagens, mencionadas na descrição da Alameda de S. Dâmaso, considerar-se-á que esta se localizaria no local que hoje define a Alameda, ainda que ambos os locais (Largo de S. Francisco e Alameda) sejam contíguos e isso possa explicar a imprecisão das descrições.





## 47. Largo do Trovador

Este local era inicialmente conhecido como o Largo da Rua de Couros e era o local onde os moradores desta zona, naturalmente operários dos pelames, estendiam as suas peles para as secarem. Aqui, em 1588, foi construído um muro, onde posteriormente se colocou o pelourinho, transferido do Largo da Oliveira, que era também usado para pendurar as peles.

Este, após a referida colocação do pelourinho passou a ser conhecido por Largo do Pelourinho.

Esta era também uma zona muito associada aos maus cheiros, assim como a restante área envolvente da indústria dos couros.

Sabe-se ainda que, a configuração deste largo foi-se alterando, acompanhando o desenvolvimento, quer da cidade quer da Zona de Couros.

A 26 de junho de 1856 proíbe-se a secagem dos couros neste largo, o que demonstra que aqui já existia uma certa preocupação com a zona.

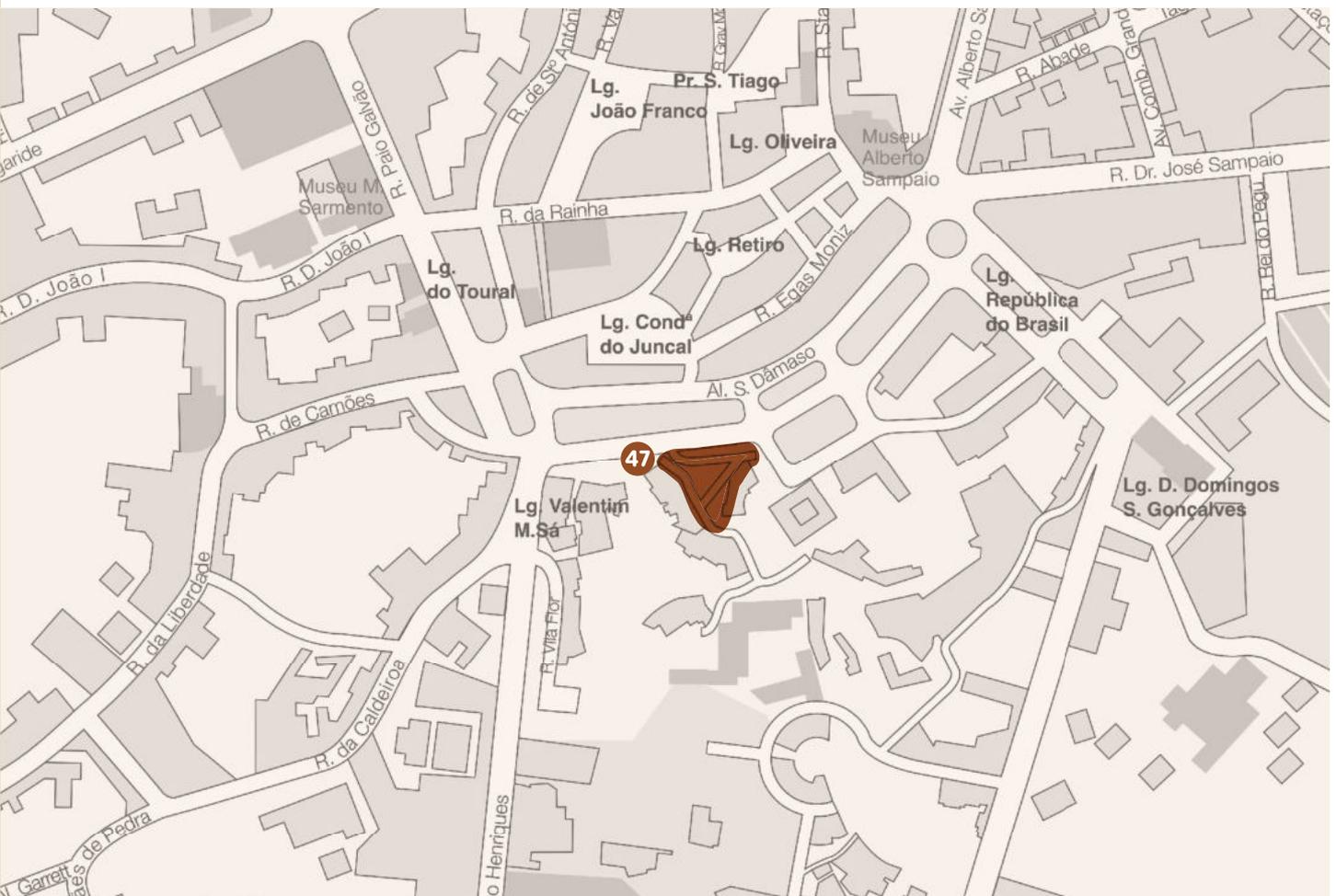
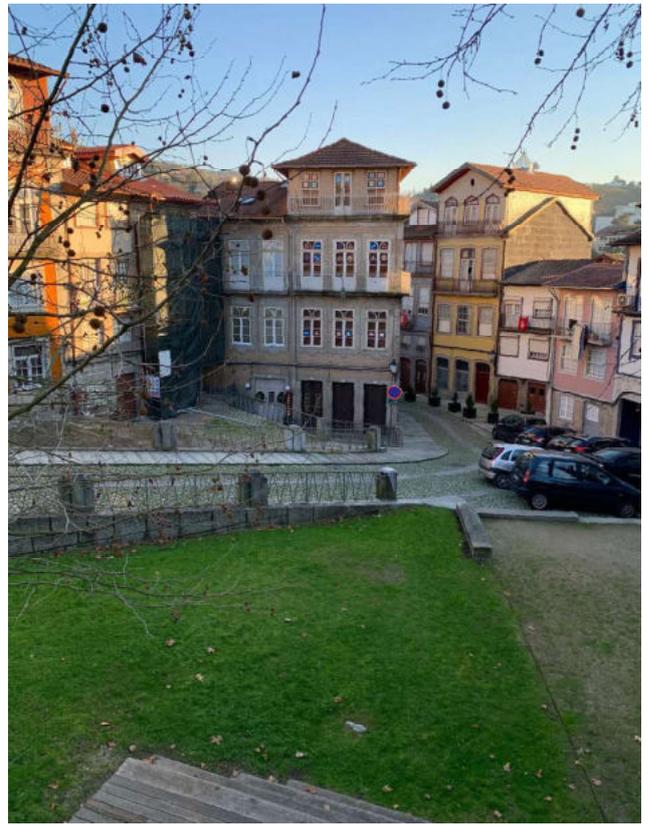
A partir de 1910 começam a surgir algumas melhoras do largo, como o ajardinamento do mesmo. Em 1946 aqui ter-se-á instalado um parque infantil, porém, este não teve grande durabilidade, sendo que acabou por desaparecer com o alargamento da Alameda.

Ainda hoje, popularmente, alguns conhecem aquele local associando-o ao referido parque infantil.

A título de curiosidade, é de conhecimento que, no século XVI aqui terá trabalhado Vicente Afonso, irmão do distinto Gil Vicente.

A 10 de junho de 1880, comemorando-se o terceiro centenário da morte de Camões, e assim como aconteceu com outros locais desta cidade, a toponímia altera-se e o Largo do Pelourinho passa a chamar-se Largo do Trovador.

Este topónimo, que se mantém até aos dias de hoje, presta homenagem ao trovador Manuel Gonçalves, nascido no arrabalde de Couros, homem que se considera o 1º poeta português, ainda que não se conheça nenhum verso do mesmo.





## 48. Rua de Couros

A esta rua far-se-á corresponder o arrabalde de Couros, assim como aquela que conhecemos como Zona de Couros.

Este local está diretamente ligado à indústria dos curtumes e ao trabalho dos pelames. A proximidade da zona com a ribeira que por aí passava (utilizada como “instrumento de trabalho”) tornava este local apropriado para a instalação destes profissionais.

O referido rio surge referenciado em 1151 e era conhecido como Rio “Merdário” ou “Merdeiro”, vocábulo que se pode justificar por este se caracterizar como um local imundo, que servia de esgoto natural e que, naturalmente, era associado a maus cheiros. Característica, aliás, comum a todo o arrabalde de Couros ou não fossem ali tratadas as peles dos animais.

Alguns autores acreditam que, o Rio Herdeiro, corresponderia ao Rio “Merdeiro”, sendo apenas uma forma de atenuar a caracterização tão pejorativa do outro topónimo. Porém, não é clara esta associação, ficando em dúvida se corresponderiam, de facto, ao mesmo rio ou se seriam dois cursos diferentes.

Era um local muitas vezes associado a características campesinas, sendo notável a presença de lagares e moinhos, por exemplo.

Os “homens de couros” eram conhecidos por serem homens de luta e de forças. Eram defensores fiéis de João Franco, sendo de conhecimento popular que, quem ousasse pronunciar algo de negativo em relação a João Franco, na presença de um operário de couros, arriscava-se a ser mergulhado nos pelames, assim que circulasse por este bairro. Quando este homem (que deu nome ao Largo da Misericórdia) se encontrava com os seus homens a reação era calorosa e de exaltação.

Na primeira metade do século XIX começam a surgir as ilhas como forma de aproveitamento do solo para a construção de habitações para os operários.

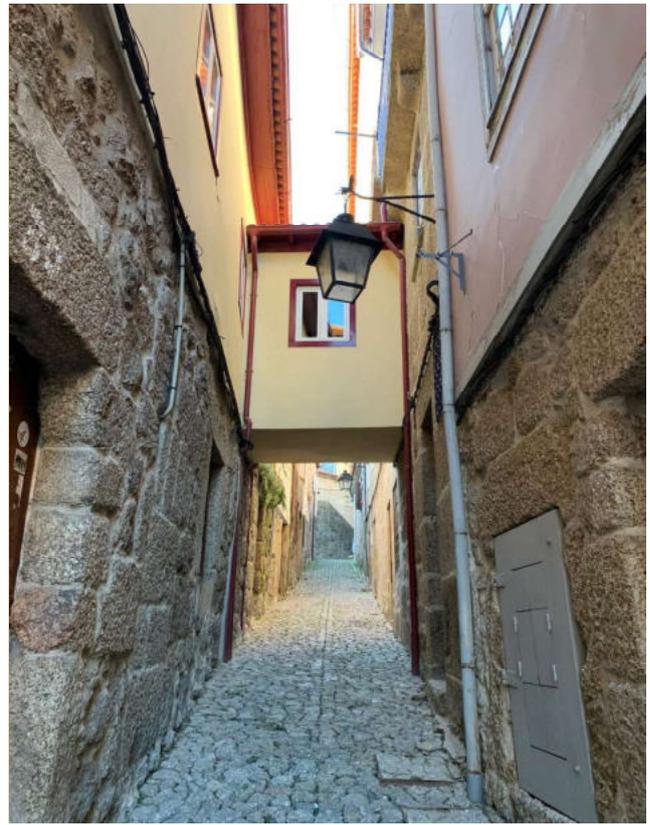
Atualmente, ainda se conhece na Zona de Couros a Ilha do Sabão, agora totalmente renovada. Este local seria uma zona de habitação dos operários e suas famílias, onde se produzia sabão, que resultava da gordura das peles utilizadas nos curtumes.

Este é um local que representa um passado industrial, que pôs Guimarães na lista das cidades com uma produção notável e foi um dos impulsionadores do desenvolvimento económico da mesma. Desta forma, esta zona passou por um processo de recuperação, valorizando e evidenciando este património industrial, numa forma de o aliar ao património cultural e ofertas turísticas da cidade. Por aqui encontram-se ainda muitos tanques, uns em melhor estado de conservação do que outros. Nesta “Zona de Couros” inclui-se também a Rua da Ramada, Rua de Vila Verde, Largo do Cidade e respetivas imediações.

Atualmente, já após um projeto de recuperação, podemos encontrar as antigas fábricas reabilitadas e utilizadas agora para a prestação de serviços. Como a Pousada da Juventude, o Instituto de Design da Universidade do Minho, o Centro de Formação Avançada e Pós-Graduada, o Centro de Ciência Viva e a Fraterna (instituição de apoio social).

Presentemente, a Zona de Couros encontra-se num processo de tentativa de extensão da classificação de Património da Humanidade do Centro Histórico de Guimarães para que esta mesma zona seja incluída, não desvalorizando que já se encontra incluída numa Zona Especial de Proteção.

Tal como já foi referido, quer na descrição da Rua Mestre Caçoila, como na Alameda de S. Dâmaso, conhece-se a existência de um arruamento, anterior à edificação da muralha, denominado Rua Mosqueira. Apesar de não se conseguir localizar esta rua com a devida precisão, os relatos encontrados dela, indicam que esta passaria pela posterior localização da Torre Velha, passando também pela atual Alameda de S. Dâmaso, dirigindo-se ao arrabalde de Couros. Desta forma, entende-se o porquê de se encontrarem também associações diretas da Rua Mosqueira à atual Rua de Couros. Assim, parece que, numa configuração já não observável, a Rua da Mosqueira partiria, de facto, da Rua de Alcobaça (atual Largo Condessa do Juncal), passando pela atual Alameda incluindo ainda a atual Rua de Couros.





## 49. Avenida D. João IV

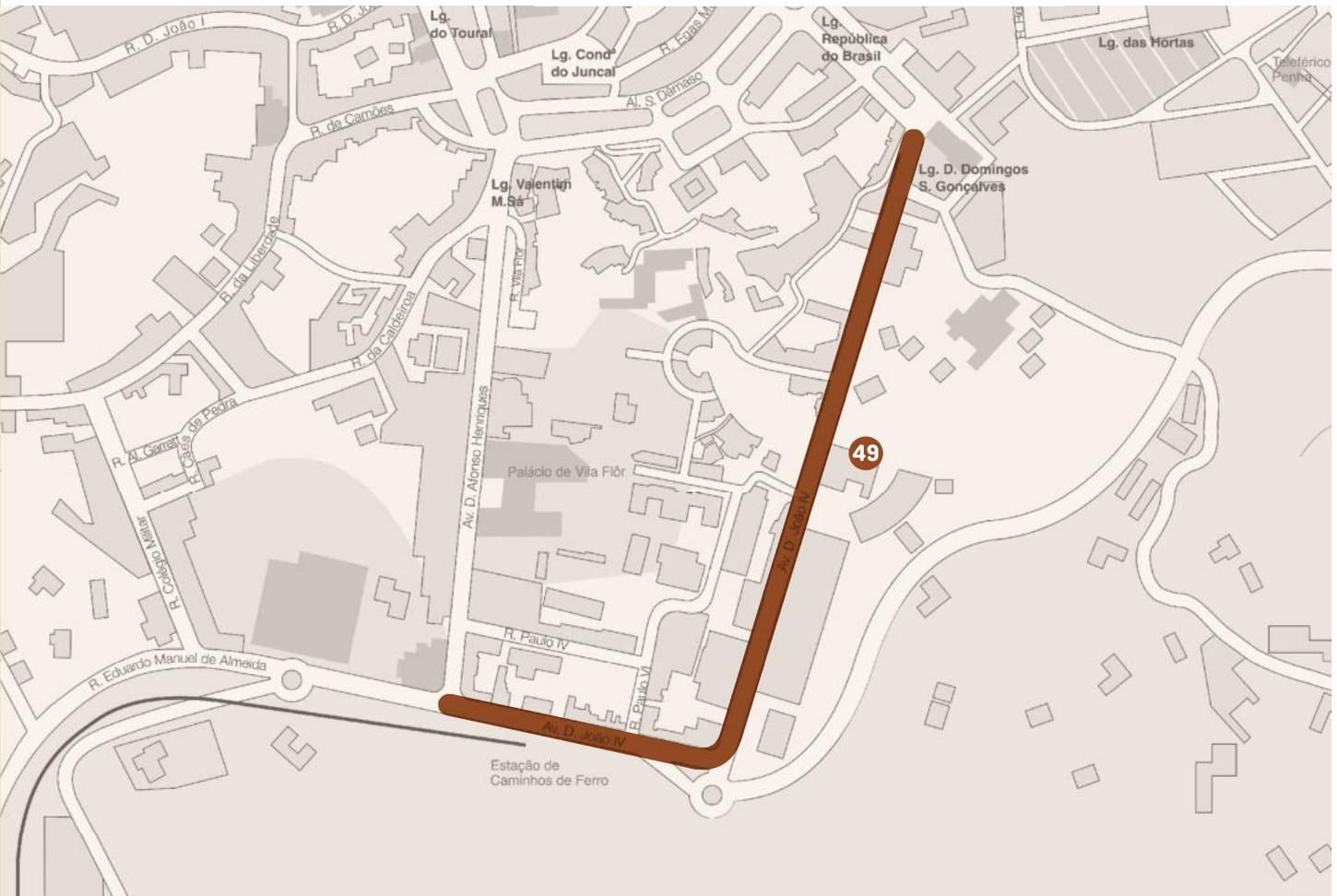
Esta avenida surge, assim como a de D. Afonso Henriques, como uma forma de urbanização da zona e uma crescente aproximação da cidade à zona da Penha.

Estas duas avenidas são várias vezes descritas de forma unificada, pois a sua projeção surge simultaneamente e de forma a dar respostas a necessidades semelhantes. Esta rua, que se acredita ter sido aberta por volta de 1890, só em 1901 (por proposta em reunião de Câmara de 9 de janeiro) ganha o topónimo de Avenida da Indústria. Sendo que esta, devido ao seu batismo "tardio", seria conhecida como a Avenida Velha (topónimo pelo qual ainda hoje se conhece o local). Isto poderia justificar-se com o facto de esta rua ter ficado disponível à circulação antes da que ficaria conhecida como Avenida Nova. Note-se que, isto não passa de uma interpretação pessoal.

A 2 de novembro de 1910, passa então esta via a chamar-se Avenida Miguel Bombarda.

Acompanhando o que se ia passando no resto da cidade, de forma a adaptar os arruamentos ao ideais políticos em voga, a 10 de dezembro de 1943 à Avenida Miguel Bombarda dá-se o nome de Avenida D. João IV.

Atualmente, esta rua continua a homenagear o rei D. João IV, conhecido como "O Restaurador", caracterizando-se por representar a restauração da independência de Portugal e por reorganizar as tropas. Subiu ao poder em 1640.





## 50.

# Largo República do Brasil

Este local, ainda hoje conhecido como Campo da Feira, surge da ampliação da estrada para Amarante, que por ali passava. Este, era um local onde se terá formado um arrabalde, habitado já desde 1170.

Sabendo que este local constava já em documentos de 1288 com o topónimo de Campo da Feira (*Canpum de Feyra*), entende-se já a primária utilização deste local, que pela sua amplitude seria adequando à realização de feiras.

Este correspondia também a um dos locais de saída da vila, dando acesso a este terreiro a Porta do Postigo.

Por aqui passava também o rio já referenciado na descrição da Zona de Couros, conhecido como Rio “Merdeiro”, muitas vezes associado ao vocábulo de Herdeiro (talvez como uma forma de suavizar o termo). Este nome surge do estado de imundice em que se encontrava o rio, que servia praticamente de esgoto.

Por aqui terá passado a feira do gado bovino e suíno, por volta do século XIII. Ao longo dos anos, esta mesma feira vai se realizando quer no Campo da Feira, como no Largo do Toural. Por volta de 1723 aqui acontecia a feira quinzenal da vila. No século XIX aqui chegou também a acontecer o mercado da lenha, continuando a referir-se este local para a feira do gado suíno.

Maria da Conceição Falcão, na sua obra *Dois Vilas um Só Povo*, refere que aqui terá existido o hospital do concelho. Conhecendo descrições, de outros autores, que associam a possível localização do hospital do concelho adjacente à Igreja de S. Dâmaso (na sua localização primária), questiona-se se, devido à proximidade desta igreja com o Campo da Feira se, de facto, se falaria do mesmo local.

Cada vez mais se insistia no melhoramento e alargamento do Campo da Feira, por este ser um local extremamente frequentado.

A 11 de novembro de 1910, o Campo da Feira passa a denominar-se Largo República do Brasil, topónimo que mantém até hoje. Este, surge como forma de valorizar a primeira potência que distinguiu o domínio português.

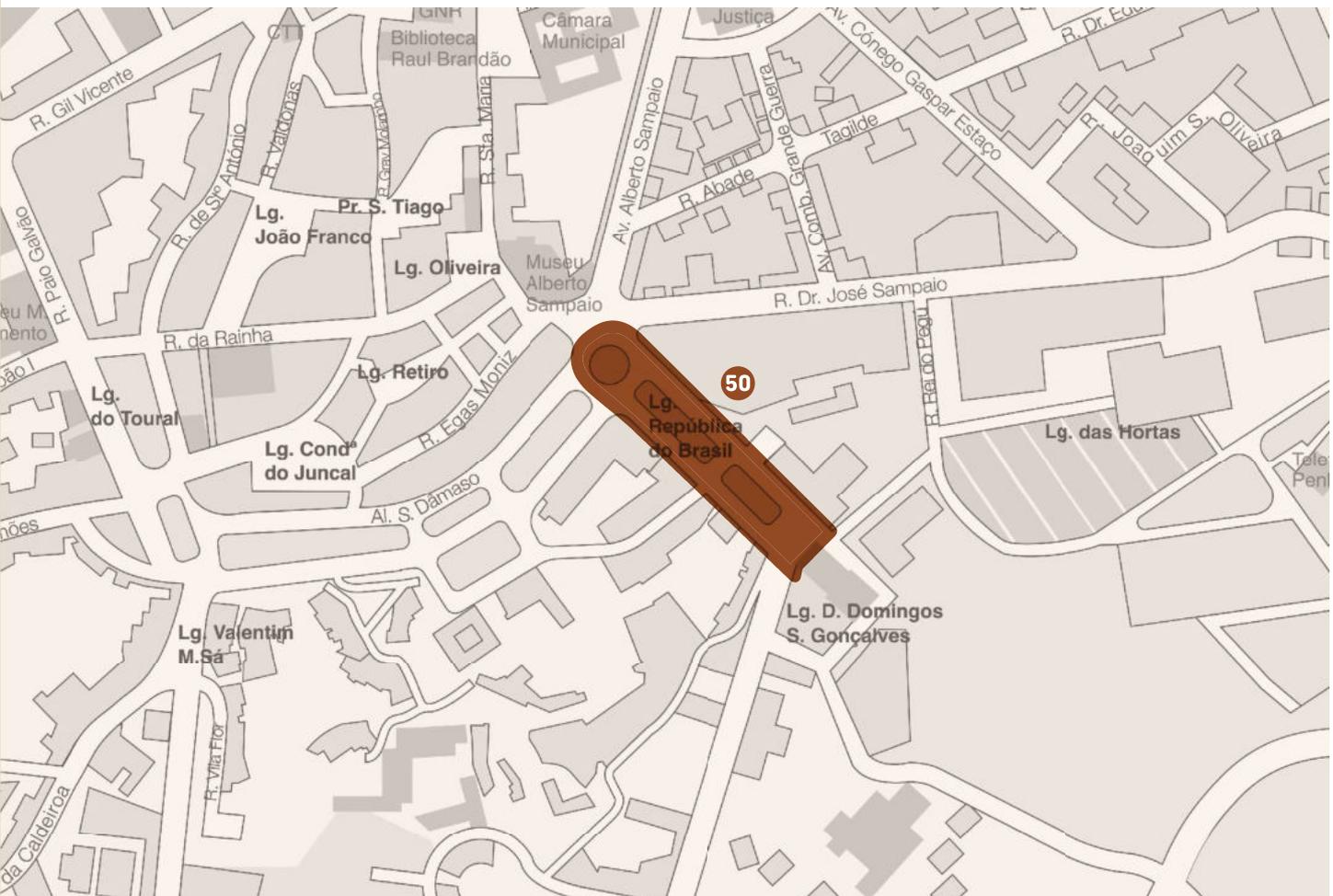
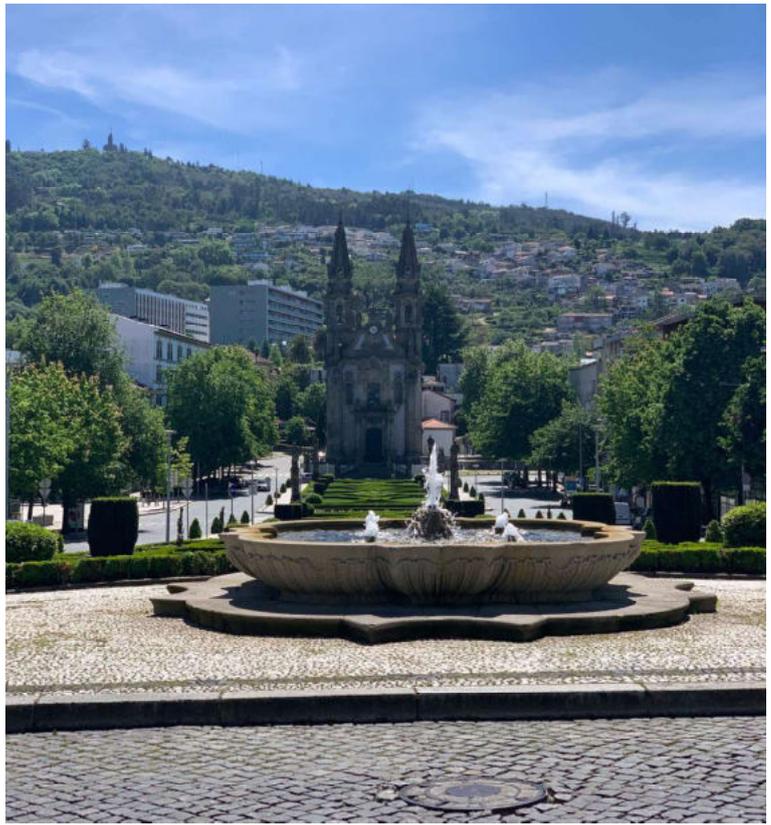
Enumeram-se críticas ao estado de degradação e abandono em que o largo se encontrava. Contudo, o largo foi sendo melhorado e começa a ser visto como um possível ponto turístico da cidade.

Atualmente, esta continua a ser uma das zonas mais movimentadas da cidade e a Igreja dos Santos Passos é uma atração para quem por aqui passa.

Neste local localizar-se-iam, até data imprecisa, os seguintes arruamentos:

Rua da Fonte do Abade: este é um arruamento que já não existe, porém, enquadrar-se-ia algures no espaço que hoje corresponde à totalidade do largo referido, sendo que, nesta existiria a respetiva Fonte do Abade. Aqui terão sido construídos lavadouros públicos. Esta rua acabou por desaparecer conforme terá proposto o Engenheiro Almeida Ribeiro.

Rua das Pretas: esta rua enquadrar-se-ia, também ela, numa configuração do Largo República do Brasil anterior à que agora se conhece. Aqui localizar-se-ia um teatro, que já funcionaria por volta de 1835. Esta casa de artes, que pertencera ao Conde de Vila Pouca, ardeu a 18 de janeiro de 1841.





## 51. Rua Padre Gaspar Roriz

Esta rua ganhou este nome em 1928 como forma de homenagear o vimaranense que fora um dos principais impulsionadores da Marcha Gualteriana.

Sabe-se que esta terá sido conhecida por Rua de Soalhães e Rua dos Terceiros, sendo que não se consegue precisar nenhuma data relativa às mudanças de topónimo que nos clarifiquem a longevidade da sua existência e que nome teria inicialmente. Ainda assim, conforme as obras e documentos analisados, conclui-se que o topónimo Rua de Soalhães surge associado a documentos anteriores àqueles em que esta é referenciada como Rua dos Terceiros.





## 52. Rua Alfredo Guimarães

Esta rua será, possivelmente, uma das mais antigas da cidade.

Era denominada Rua do Postigo e, pelo menos até à divisão da cidade em bairros, mantinha este topónimo. Desta forma, sem se conseguir precisar uma data e não podendo afirmar se este terá sido um topónimo de origem popular ou se de facto terá sido um topónimo “oficial”, sabe-se que esta fora também a Rua da Senhora da Guia, naturalmente, por aí existir uma capela e uma torre do mesmo nome.

Ambos os topónimos se associam às características do arruamento. Enquanto um surge da capela e torre aí existentes, o outro (postigo) poderá estar associado (entendendo o significado do termo) à porta para a vila que aí existiria. Atualmente, pode-se observar esta porta simbolicamente representada no piso desta artéria.

A esta rua poderia também corresponder o Largo 1º de Maio, possivelmente numa configuração ligeiramente diferente da que conhecemos atualmente. Em 1913 dá-se o nome de Largo da Senhora da Guia ao Largo 1º de Maio. Atualmente, verificando-se que, o arruamento já não apresenta qualquer configuração de largo, nele integrado, entende-se que já não se conheça o topónimo de Largo da Senhora da Guia, e se mantenha apenas o topónimo de Rua Alfredo Guimarães.

A homenagem feita a Alfredo Guimarães, surge no Estado Novo. Este vimaranense, nascido a 7 de setembro de 1882, faleceu a 29 de novembro de 1958 em sua casa, na Rua de Camões.

Foi o impulsionador da abertura do Museu Alberto Sampaio (localizado na rua em questão) e aquele que reuniu a grande maioria das coleções que hoje se podem visitar, sendo este o responsável pela salvaguarda e divulgação de um património que poderia hoje estar perdido. Consequentemente, foi também o 1º diretor deste museu, tendo-se dedicado ao mesmo, grande parte da sua vida. Foi um jornalista e escritor, que se dedicou à luta pela preservação e valorização do património.

Este homem terá pertencido à Comissão de Estética municipal, grupo que influenciou as obras e alterações que aconteciam na cidade, na época da sua existência (século XX).





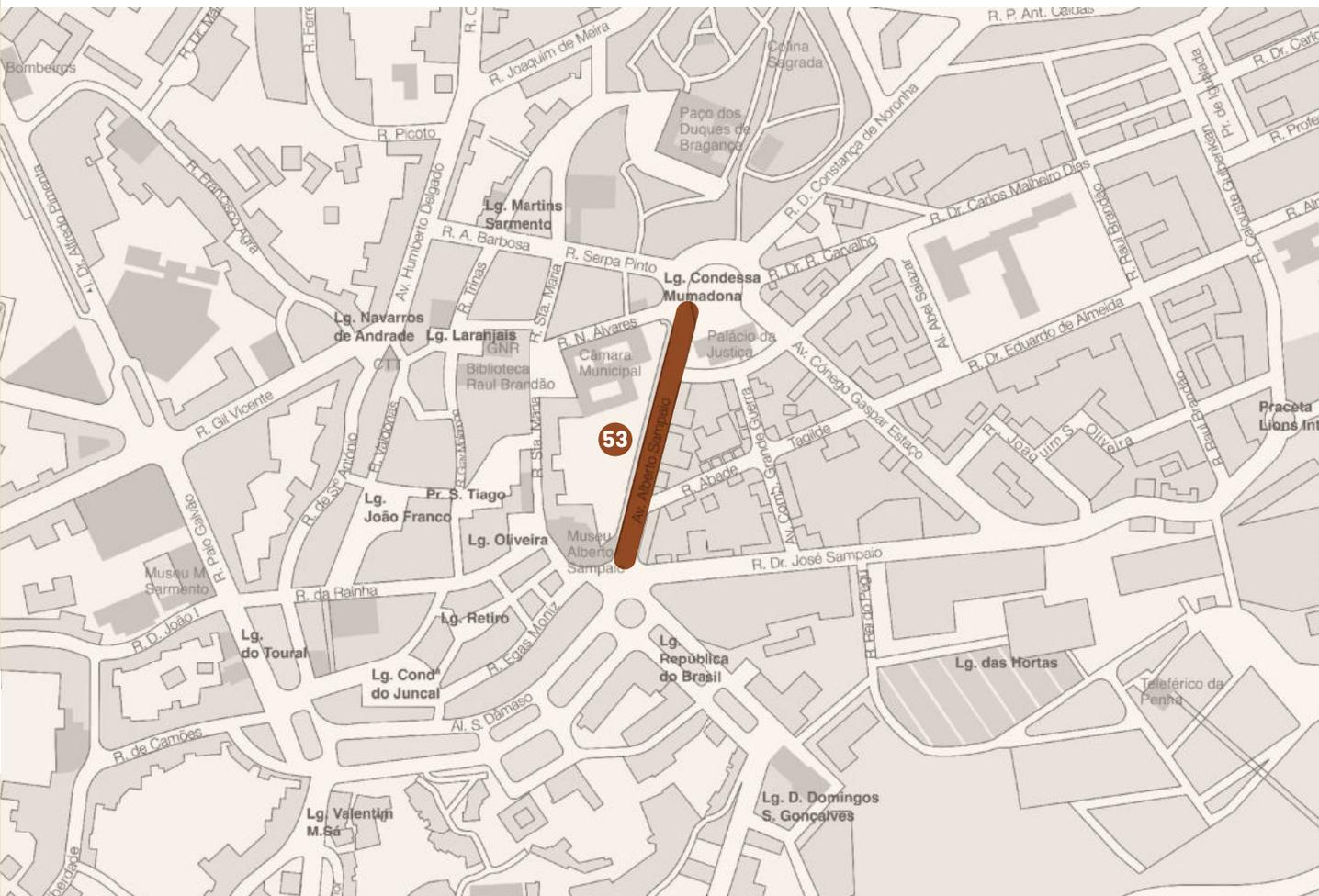
## 53. Avenida Alberto Sampaio

Esta rua, anterior Rua dos Trigais ou Trigaes, integraria também um largo do mesmo nome. Em 1910 o Largo dos Trigais passa a denominar-se Largo Dr. Alberto Sampaio.

Terá também passado por ser Avenida 31 de Janeiro, possivelmente pelo mesmo motivo que a Rua de Santo António foi outrora Rua 31 de Janeiro, de forma a representar a data que marcou a primeira tentativa de Instauração da República em Portugal.

Contudo, à data da comemoração do centenário de Alberto Sampaio (historiador vimaranense), em novembro de 1941, dá-se o nome deste homem ao arruamento.

Esta via, atualmente, preserva o maior troço de muralha ainda existente e visível na cidade.





## 54. Largo da Mumadona

A abertura deste largo surge como consequência do plano urbanístico elaborado por Luís de Pina e Marques da Silva. Desta forma, aqui se iniciou então a construção do edifício dos Paços do Concelho, na primeira metade do século XX. Esta edificação acabou por ser demolida.

Atualmente, este largo acolhe o edifício do Tribunal, uma estátua da Condessa Mumadona e um parque de estacionamento subterrâneo.

A Condessa Mumadona, que dá nome ao largo, representa a formação da cidade de Guimarães. Herdeira do Conde Hermenegildo Gonçalves, terá tomado posse de uns terrenos que este aqui possuía. Ao mudar-se para as suas terras de Vimaranes, edificou um convento, em torno do qual se desenvolveu um aglomerado populacional. Como forma de proteção desse mosteiro e respetivo aglomerado populacional, Mumadona (nome que se julga surgir de uma adaptação de Dona Muma) mandou erguer um castelo entre os anos 959 e 968. A vila de Guimarães desenvolveu-se então, em volta destes dois pontos.





## 55.

# Largo do Cónego José Maria Gomes

Este largo resultou do alargamento da Rua de Santa Maria, que surgiu com a fundação do Convento de Santa Clara em 1553, que se começou a construir em 1559.

A abertura deste largo levou ao desaparecimento da Rua de Maçoulas.

Por volta de 1830 um pintor suíço, que fora hóspede dos proprietários da casa do arco, foi contratado para uma profunda remodelação que acabou por transformar este largo.

Em 1891, com a morte da última freira, este convento é extinto.

À semelhança de outros largos desta vila, aqui se faziam feiras.

Este local era conhecido por Terreiro das Claras e em 1893 iniciam-se obras para adaptar este convento a seminário, sendo que no ano seguinte as aulas já aqui funcionavam. Com isto, a Câmara manda intitular o local de Largo do Seminário-Liceu, topónimo que se manteve até à Implantação da República.

Em 1910, dá-se a este largo o nome de Francisco Ferrer, em homenagem ao democrata catalão, um mártir da revolução. Nisto, uns dias depois de se colocar a lápide com o novo topónimo, esta aparece vandalizada.

Apesar das alterações toponímicas, este local continuava a ser conhecido entre a população por Largo do Liceu.

Em 1918, após solicitação da Sociedade Martins Sarmento, o Largo Francisco Ferrer passa a denominar-se Largo Dr. João de Meira.

Em janeiro de 1924 este largo ganha finalmente o topónimo atual, Largo Cónego José Maria Gomes, em homenagem a um antigo professor do liceu, publicista e orador.

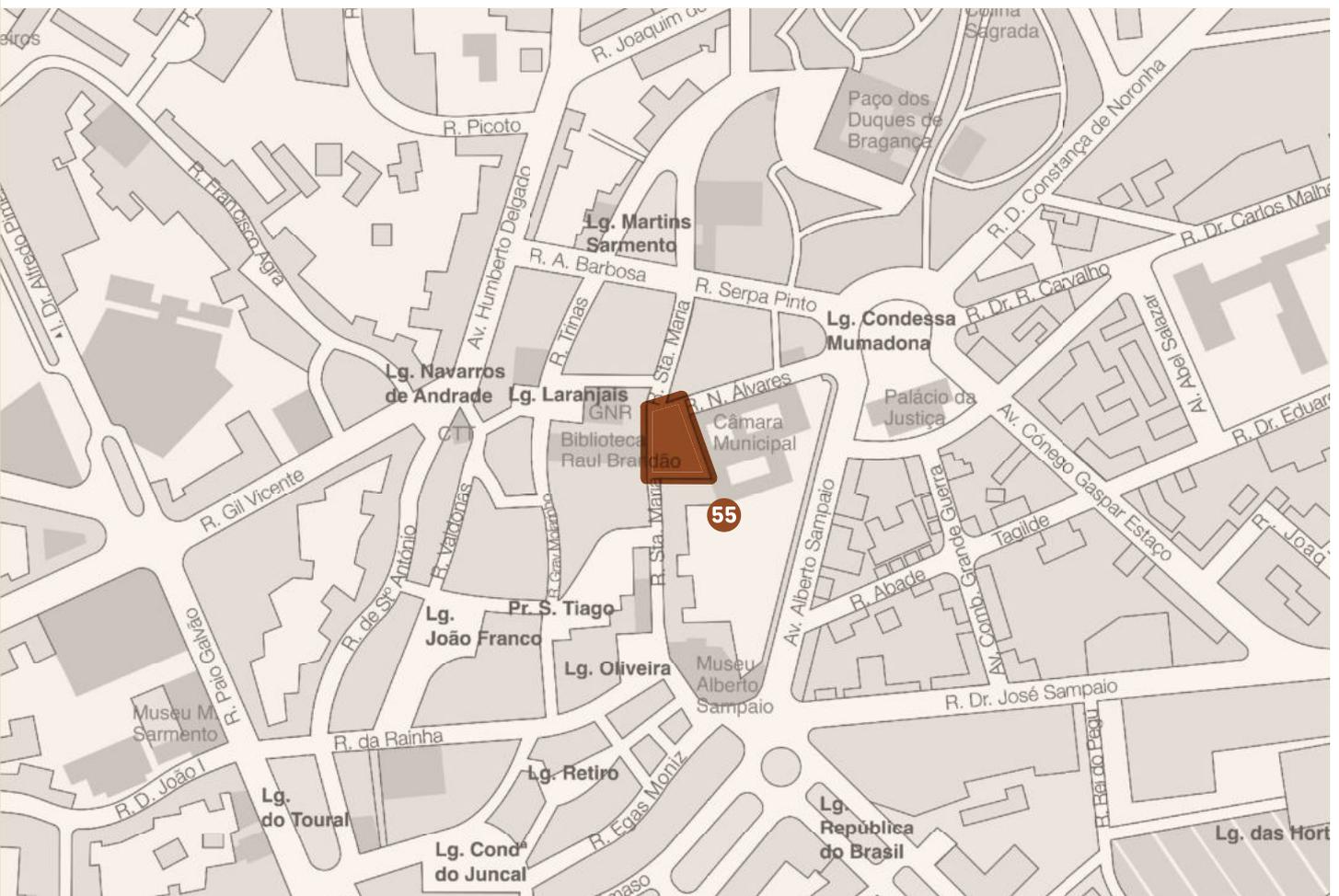
Por volta de 1932 faltava iluminação no largo e os moradores queixam-se que apesar da existência de um fontanário, faltava água.

A 8 de dezembro de 1940, aqui foi inaugurado um cruzeiro.

Aqui existia em meados do século XX (referido em 1966) um padrão em honra à Fundação e Restauração de Portugal, à volta do qual foi plantado um pequeno jardim. Este cruzeiro encontra-se atualmente na Praça Cidade de Igualada, tendo sido retirado do largo fronteiro à Câmara na década de 80.

A 28 de maio de 1968 no convento e Santa Clara passaram a funcionar os serviços da Câmara Municipal de Guimarães.

Mais recentemente, após o 25 de abril, o espaço sofre uma intervenção por parte do Arquiteto Fernando Távora.



# Bibliografia

A informação anteriormente apresentada tem por base uma pesquisa intensiva que se enquadra num relatório de estágio de mestrado, onde está enumerada toda a bibliografia e webgrafia consultada. Desta forma, apresentar-se-á unicamente a lista de fontes citadas, de forma a evitar a excessiva extensão do presente roteiro.

As imagens apresentadas são de autoria própria.

## Fontes Citadas

- Amaral, P. F. [31 de maio de 2020]. Os presos no Castelo de Guimarães, as suas condições e quem tomava conta deles. Obtido em junho de 2020, de Correio de Guimarães: <https://correiodeguimaraes.blogspot.com/2020/05/os-presos-no-castelo-de-guimaraes-as.html>
- Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, [10 de dezembro de 1943]. Ata da reunião extraordinária de Câmara. Livro de atas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães (M-1899).
- Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, [17 de julho de 1962]. Ata de reunião ordinária de Câmara. Livro de atas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães (M-1922), fl.177v.
- Azevedo, P. T. [1692]. Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães (2ª ed.). Porto: Typographia da Revista.
- Braga, A. V. [1959]. Curiosidades de Guimarães. XVIII Ruas. Casa. Muralhas. Torres. Obras. Décimas camarárias. Direitos paroquiais. Revista de Guimarães, pp. 161-302.
- Caldas, P. A. [1881]. Guimarães: Apontamentos para a sua história. Porto: Typographia de A.J. Da Silva Teixeira.
- Carvalho, A. D. [1946]. Os Mesteres de Guimarães. Ministério da Educação Nacional. VI.
- Faria, J. L. [jan-dez. de 1997]. Vereações de Guimarães de 1531. Revista de Guimarães (107), pp. 13-166. Obtido em março de 2020.
- Ferreira, D. [2012]. Toponímia Vimaranesense (1ª ed.). Guimarães: Cidade Berço.
- Ferreira, M. D. [2010]. Guimarães: "Duas vilas, um só povo". Estudo de história urbana (1250-1389). Braga: Barbosa & Xavier, LDA. - Artes Gráficas.
- Fonseca, J. [2006]. Dicionário do Nome das Terras. Barcelos: Círculo de Leitores.
- Meireles, M. J. [2000]. O Património Urbano de Guimarães no Contexto da Idade Contemporânea (Séc. XIX-XX)- Permanências e alterações. Braga: Universidade do Minho.
- Neves, A. A. [21 de abril de 2017]. Ruas antigas: Rua do Relho ou de Vila Flor. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2017/04/ruas-antigas-rua-do-relho-ou-de-vila.html>

- Pina, L. J. [1929]. Vimaranes. Porto: Araújo & Sobrinho, Suc. Res.
- Porto Editora, [2003-2020]. Arcela. Obtido em junho de 2020, de infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/arcela>
- Porto Editora, [2003-2020]. Estrebaria. Obtido em março de 2020, de Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estrebarias>
- Porto Editora, [2003-2020]. Francos. Obtido em dezembro de 2020, de Infopédia: [https://www.infopedia.pt/\\$francos](https://www.infopedia.pt/$francos)
- Porto Editora, [2003-2020]. Montepio. Obtido em abril de 2020, de infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/montepio>
- Porto Editora, [2003-2020]. Murta. Obtido em março de 2020, de Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/murta>
- Porto Editora, [2003-2020]. Pértiga. Obtido em junho de 2020, de infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/p%C3%A9rtiga>
- Priberam Dicionário, [2020]. Correeiro. Obtido em março de 2020, de priberam: <https://dicionario.priberam.org/correeiros>
- Priberam Dicionário, [2020]. Vala. Obtido em fevereiro de 2020, de priberam dicionário: <https://dicionario.priberam.org/vala>
- Reimaginar. [1903-1911]. Arquivo > Coleção de Fotografia da Muralha > 303. Obtido em março de 2020, de reimaginar: <http://reimaginar.webprodz.com/imagem/pt-rmgmr-cfm-303/>
- Rocha, C. [25 de março de 2011]. A Origem do nome da Rua Val de Donas (Guimarães). Obtido em fevereiro de 2020, de Ciberdúvidas da Língua Portuguesa: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-do-nome-da-rua-val-de-donas-guimaraes/29565>
- União de freguesias de Oliveira, São Paio e São Sebastião, [3 de dezembro de 2016]. Viela do Campo Santo. Guimarães. Obtido em dezembro de 2019.
- Vasconcelos, J. L. [1986]. Tradições Populares de Portugal. Imprensa nacional casa da moeda.

## 6. Valorização Turística

Considerando a oferta turística, divulgada (à data das consultas realizadas) na página *on-line* do Departamento de Turismo, do Município de Guimarães<sup>225</sup>, conhecem-se algumas experiências aconselhadas pela mesma a realizar no município.

Além da enumeração dos locais, infraestruturas, zonas verdes e monumentos a visitar, encontram-se algumas propostas. Desde a experiência termal, nas Caldas das Taipas, e a enumeração de variados hotéis da cidade, as rotas propostas deixam muito a desejar. Não pelo “percurso” sugerido, mas pela sua devida contextualização e explicação, que parece relativamente vaga para quem, não conhecendo a cidade, se tente guiar apenas pelo respetivo site. Como é o caso da Rota da Penha-PR3, que consiste num percurso pedestre de aproximadamente 8 quilómetros, iniciado no Largo República do Brasil, subindo a encosta da montanha da Penha. A Rota da Citânia-PR2, que remete à Citânia de Briteiros, estendendo-se pelas freguesias de Donim e S. Salvador de Briteiros, sendo também este um percurso pedestre, de aproximadamente 9,5 quilómetros. A Rota de S. Torcato-PR1, consiste num percurso de 8,5 quilómetros pela vila de S. Torcato. Propõe-se também um percurso pelo adarve da muralha da cidade e uma viagem no teleférico de ligação ao topo da montanha da Penha.

A página proporciona também um áudio-guia, para uma visita virtual, quer para adultos como para crianças, que se foca numa contextualização histórica da cidade.

Esta mesma página aconselha ainda alguns operadores turísticos, que proporcionam diversas atividades, tanto no Centro Histórico como nos arredores. Estas empresas oferecem as mais variadas experiências, desde a mais tradicional, à visita associada ao *storytelling*, as viagens no *Tuk tuk*, ou até o aluguer de bicicletas, entre outras. Como é o caso, por exemplo, da *Tours&Tales*<sup>226</sup>, que propõe uma visita associada a D. João I e os seus feitos.

No separador “Experiências”<sup>227</sup>, encontram-se também (mais uma vez, muito vagamente descrita) referências à cultura castreja e ao museu do mesmo nome. Existindo ainda uma listagem das pontes medievais do concelho.

Pode ainda encontrar-se, neste mesmo separador, um Roteiro Religioso do Centro Urbano. Os locais de carácter religioso, na zona de Guimarães, distinguem-se na sua relevância turística, sendo pontos de elevado interesse, inclusive, para os referidos operadores turísticos, sendo que, alguns deles,

---

<sup>225</sup> Disponível em: <https://www.guimaraesturismo.com/>.

<sup>226</sup> Disponível em: [http://toursandtales.pt/portfolio\\_item/nobis-eleifend-option-cong/](http://toursandtales.pt/portfolio_item/nobis-eleifend-option-cong/).

<sup>227</sup> Disponível em: <https://www.guimaraesturismo.com/pages/703>

proporcionam rotas focadas nas edificações e locais de carácter religioso. De facto, Guimarães é rica em património sacro.

Aqui são enumeradas várias experiências a realizar pelo concelho, desde atividades de aventura a jogos de carácter histórico ou não.

O município disponibiliza ainda, um passe (*Guimarães Pass*), que proporciona o acesso a vários espaços culturais de forma mais económica. Assim, incentiva-se o público a visitar mais locais do que aqueles que à partida visitaria.

Guimarães está ainda integrado num projeto nacional que, promove o turismo acessível para todos. Este projeto *TUR4ALL*, é promovido pela *Accessible Portugal*<sup>228</sup>, e enumera, em Guimarães, alguns locais de acessibilidade, a quem tenha mobilidade reduzida.

Sabe-se também que, o Museu Alberto Sampaio com uma oferta educativa variadíssima, proporciona várias atividades a realizar pelo Centro Histórico de forma didática e a atrativa para um público mais jovem.

Sendo que, muito provavelmente existirão mais ofertas, de carácter turístico, do que aquelas de que aqui se fala, nota-se uma lacuna na área da toponímia. Por isso mesmo se propôs a realização de um roteiro focado na evolução da toponímia. Uma área que, se espera, dar a conhecer outro lado da história da cidade. Fugindo ao tradicional e mais comum, dando a conhecer a cidade pela história das suas ruas. A toponímia, como se pôde verificar, acompanha a evolução de uma sociedade, segue a sua orientação política e o seu desenvolvimento urbano. É por isso, uma área que se mostrou digna de explorar, procurando criar algo inexistente. Frisando que, tal como foi sendo referido, a evolução da toponímia vimaranense foi já tema de variados autores, não tendo nunca sido utilizada como recurso turístico.

A nível nacional, a oferta turística e cultural relacionada com o conceito da toponímia é também escassa. Sabe-se que o Município do Peso da Régua disponibiliza um Roteiro Toponímico<sup>229</sup>, contudo, este trata-se apenas de um documento digital em que estão mapeadas as ruas. O Município da Marinha Grande disponibiliza, também *on-line*, algo a que chamam também de Roteiro Toponímico<sup>230</sup>. Este consiste na enumeração e contextualização dos arruamentos, referindo, em alguns casos, o topónimo anterior dos mesmos. Este documento inclui também alguns mapas. Todavia, este roteiro é praticamente focado, na sua totalidade, no carácter prático e não histórico ou turístico.

---

<sup>228</sup> Disponível em: <http://accessibleportugal.com/servicos/tur4all/> .

<sup>229</sup> Disponível em: <https://www.cm-pesoregua.pt/pages/688> .

<sup>230</sup> Disponível em: [https://www.cm-mgrande.pt/cmmgrande/uploads/writer\\_file/document/429/RoteiroToponimico.pdf](https://www.cm-mgrande.pt/cmmgrande/uploads/writer_file/document/429/RoteiroToponimico.pdf) .

A cidade de Ponta Delgada, recomenda, de facto, um Roteiro Toponímico<sup>231</sup>, sendo este, o que mais se assemelha ao conceito que aqui se propôs, por ter um carácter histórico e cultural e ao mesmo tempo didático. O município cede, gratuitamente, uma aplicação para *smartphones*, que marcando as vias da cidade (entre outros pontos de interesse), permite a sua seleção e, em alguns casos, posteriormente apresenta uma sucinta biografia do topónimo e, eventualmente, indica também o topónimo anterior.

O Município de Montemor-o-Novo, oferece também um Dicionário Toponímico<sup>232</sup>, no qual, por ordem alfabética, procura explicar quer a origem do topónimo e do arruamento, como justificar a sua denominação, fazendo também alusão a topónimos de carácter popular.

Em finais de 2019, o Município de Ílhavo, estaria também a apelar à população que participasse na recolha de informação, relativa à toponímia da cidade, de forma a materializar estes dados e tornando-os uma base cultural e turística<sup>233</sup>.

Certamente, existirão outros municípios e outras ofertas, relacionadas com a toponímia, que não se terá aqui enumerado. Ainda assim, poder-se-á considerar que, a toponímia não é ainda uma área comumente valorizada, enquanto recurso turístico e cultural, na qualidade de fator identitário de uma comunidade. Tornando-se, desta forma, o roteiro anteriormente proposto, uma abordagem da temática, relativamente vanguardista, sobretudo na cidade de Guimarães.

---

<sup>231</sup> Disponível em: <https://www.cm-pontadelgada.pt/p/toponimia> .

<sup>232</sup> Disponível em: <https://montemorbase.com/noticia/dicionario-toponimico-de-montemor-o-novo/> .

<sup>233</sup> Disponível em: [https://www.cm-ilhavo.pt/pages/388?news\\_id=3631](https://www.cm-ilhavo.pt/pages/388?news_id=3631) .

## 7. Conclusão

A análise da evolução das denominações dos locais, parece ter-se comprovado uma temática viável, enquanto recurso de aproveitamento turístico cultural. Uma análise, o mais detalha possível, sobre a evolução dos topónimos, e o motivo e contexto em que estes se alteram, providenciam um conhecimento sociológico de uma cidade, que de outra forma, ou através de outra área de investigação, possivelmente, não seria alcançável. Pelo menos, não nestes moldes, naturalmente.

Provou-se, tal como se fazia prever, que a toponímia acompanha uma sociedade e uma comunidade. Como se pôde verificar, as ruas e as suas denominações, caminham lado a lado com a história local e nacional, tendo-se ainda comprovado a utilidade que a toponímia mantém, enquanto ferramenta prática para o conhecimento de uma cidade, quer a nível histórico, cultural e social como no sentido prático e geográfico.

Ainda que, inicialmente, as ruas, de facto, tivessem nomes que as caracterizassem por particularidades quase que “orientativas” e utilitárias, para quem se deslocava entre as mesmas (refira-se o exemplo da Rua dos Fornos), simultaneamente adotando nomes de elementos práticos que as caracterizassem (como é o exemplo da Rua do Castelo), esta tendência, num sentido geral, vai deixando de se observar. Começando estes topónimos a acompanhar as mudanças políticas, económicas, culturais e religiosas, da envolvente.

Importa referir que, ainda que seja uma temática já abordada por variados autores que, lhe foram fazendo referência (uns mais detalhadamente que outros) na história da cidade de Guimarães, como é o exemplo do Padre António Caldas, o Padre Torcato de Azevedo, o A.L. de Carvalho, a Maria José Queirós Meireles ou a Maria da Conceição Falcão Ferreira, autores, cujas obras, se demonstraram uma parte essencial para este trabalho (não descurando, claro, todos os outros autores, nos quais também se baseou a pesquisa elaborada), a discordância entre alguma da bibliografia analisada (que se provou, no geral, dever-se à indefinição dos limites geográficos entre espaços adjacentes ou próximos) sobre alguns topónimos, inicialmente, quando ainda se procurava entender que espaço corresponderia a cada topónimo, ao longo do tempo, revelou-se a principal dificuldade a ultrapassar, felizmente, com sucesso.

Posto isto, confirma-se assim, a importância do estudo da toponímia e a escassa utilização desta temática, por parte dos municípios, o que torna claro e pertinente o interesse e relevância do roteiro aqui proposto.

## 8. Anexos

### 8.1. Anexo I—Lista de Topónimos: Passado e Presente

Tabela 1- Listagem de topónimos passados e o seu correspondente atual. Fonte: Elaboração Própria

Topónimo atual	Topónimo passado
Rua de Santa Maria	Rua de Santa Maria
	Rua Elias Garcia
	Rua da Virgem*
Rua Rainha D. Maria II	Rua da Sapateira
	Rua da Correaria
	Rua Peliteira
	Rua dos Mercadores
	Rua dos Clives/Ourives
	Rua da República
Rua D. João I	Rua Entre Regatos; Rua de Gatos
	Rua de S. Domingos (até à travessa)
Rua da Liberdade	Rua das Molianas
	Rua da Alegria
	Rua da Madrôa

Rua Dr. Bento Cardoso	Travessa da Parrota
	Rua Travessa
	Travessa das Oliveiras
	Rua de Santa Rosa do Lima
	Rua de S. Sebastião
Rua da Caldeirôa	Rua Trindade Coelho
Largo da Misericórdia	Rua das Flores
	Rua da Forja/Ferreiro
	Largo das Flores
	Largo Franco Castelo Branco
Rua Egas Moniz Rua Nova*	Rua Nova do Muro
	Rua Nova do Comércio
Campo de S. Mamede	Terreiro do Cano
	Campo de S. Salvador
	Campo D. Afonso Henriques
Largo Martins Sarmiento Largo do Carmo *	Rua da Infesta
	Rua do Poço
	Largo do Carmo

Rua de S. Torcato	Rua do Além
	Rua do Cano de Baixo
Vielas da Senhora Aninhas	Vielas do Pingalho
	Vielas dos Laranjais
Rua Dr. Avelino Germano Tulha *	Rua dos Ourives
	Rua da Tulha
	Rua de S. Paio
Rua de Val-de-Donas	Rua de Val-de-Donas
Largo Condessa do Juncal Feira do Pão/Leite *	Rua de Alcobaça
	Rua da Murta
	Largo de S. Paio
	Rua de Trás de S. Paio
	Rua dos Açougues
	Largo dos Açougues
	Largo do Anjo
	Rua do Anjo
	Rua das Estrebarias
Rua Dr. António Mota Prego	Quintã dos Sapateiros
	Judiaria
	Rua do Espírito Santo
Rua Gravador Molarinho	Rua Escura
	Integra a Rua das Lamelas a certo ponto.
Rua João Lopes de Faria	Rua dos Fornos

	Rua das Lamelas
Rua das Trinas	Rua do Gado
	Rua D. Luís I
	Rua 5 de Outubro
Rua Alfredo Guimarães	Rua do Postigo
	Rua da Sra. Da Guia
	Largo 1º de Maio
	Largo da Guia/Largo da Sra. Da Guia
Rua de Donães	Rua de Nonais/Donais/Donães
Rua Padre Gaspar Roriz	Rua dos Terceiros
	Rua de Soalhães
	Rua das Carvalhas de S. Francisco
Rua Capitão Alfredo Guimarães	Estrada dos Castanheiros
Rua João de Melo	Rua do Trespão/Esterpão
	Travessa do Montepio
Largo do Serralho	Rua da Cadeia
	Largo da Cadeia
Rua D. Domingos da Silva Gonçalves	Calçada das Capuchas
Largo República do Brasil Campo da Feira *	Campo da Feira
	Rua da Fonte do Abade
	Rua das Pretas

Largo do Trovador	Largo da Rua de Couros
	Largo do Pelourinho
Largo Dr. João da Mota Prego	Largo de S. Bento
	Terreiro das Lamelas
	Rossio do Mestre-Escola
Rua de Vila Verde	Rua dos 120
	Lugar da Caçoila
Largo do Cidade	Rua d'Além do Rio
Rua de Santo António	Rua da Fonte Nova
	Rua do Mata Diabos
	Rua Nova de Santo António
	Rua 31 de Janeiro
Rua de D. Mafalda	Rua das Oliveiras de Santa Cruz
Avenida General Humberto Delgado; Rua dos Palheiros*	Rua de Santo António dos Palheiros
	Rua Nova de Santo António
	Avenida Engenheiro Duarte Pacheco
Rua/Largo do Retiro	Rua do Eirado do Forno ou do Ourado
	Rua do Forno
	Rossio do Forno
Praça de S. Tiago	Rua das Tendas (impreciso)

	Rua dos Pasteleiros
	Rua das Mostardeiras
	Rua dos Açoutados
	Largo 13 de Fevereiro
Rua do Conde D. Henrique	Rua das Portas de Santo António
Rua de Vila Flor	Rua de Relho
Avenida Dr. Alberto Sampaio	Rua dos Trigais
	Avenida 31 de janeiro
Rua da Arcela	Cano das Gafas
	Rua do Cano de Cima
Rua D. Domingos Gonçalves	Rua da Barroca (impreciso)
Avenida Conde Margaride	Avenida dos Pombais
Avenida D. João IV Avenida Velha *	Avenida da Indústria
	Avenida Miguel Bombarda
Rua de Gil Vicente	Rua Nova do Mercado(impreciso)
Rua Francisco Agra	Rua de Santa Luzia
	Rua da Calçada
Avenida D. Afonso Henriques	Avenida do Comércio
	Avenida Cândido dos Reis
Vielha dos Açoutados	Rua dos Enjeitados
	Rua dos Açoutados
	Rua das Mostardeiras(impreciso)
	Travessa de S. Tiago (impreciso)

Rua de Dona Teresa	Rua do Salvador
Alameda de S. Dâmaso	Rua de S. Dâmaso
	Rua/Viela do Quinta
	Largo de S. Sebastião
	Largo D. Afonso Henriques
	Passeio da Independência
	Largo Sidónio Pais
	Largo Prior do Crato
	Largo 28 de Maio
	Largo 25 de Abril
	Alameda Salazar
	Alameda da Resistência ao Fascismo
	Travessa de Camões
Rua de S. Sebastião	
Parque do Castelo	Rua de Santa Cruz
	Largo dos Quartéis
	Largo de Santa Margarida
	Viela de Santa Margarida
	Rua de Santa Bárbara
	Rua do Castelo
	Parque da Mumadona
Localização imprecisa, seria nas imediações da Rua de Couros	Rua do Guardal
Entre o Largo A.L de Carvalho e o Largo Condessa do Juncal	Rua de Felgueiras
Viela de Val de Donas	Viela dos 4 Olhos

Viela do Campo Santo	Viela do Antigo Cemitério Municipal
	Viela do Carmo*
Rua de Camões	Rua das Lages (troço superior)
	Rua Nova das Oliveiras
Largo Cónego José Maria Gomes	Terreiro das Claras
	Largo de Santa Clara
	Largo do Seminário-Liceu
	Largo Francisco Ferrer
	Largo João de Meira
Alameda Professor Abel Salazar	Largo da Fraga
Rua Abade Tagilde	Travessa da Fraga
Viela de S. Crispim	Travessa da Rua Sapateira
	Viela do Anjo
Largo do Toural	Largo dos Barbeiros do Toural
	Largo das Lajes
	Largo dos Cestos
	Praça do Fundador de Portugal
	Praça do Libertador de Portugal
	Praça D. Afonso Henriques
Rua Dr. Joaquim de Meira	Rua do Campo Santo
Rua Dr. Avelino da Silva Guimarães	Rua Dr. Avelino da Silva Guimarães
Rua Paio Galvão	Rua de Trás do Mosteiro
	Rua Nova do Mercado (impreciso)

Largo de S. Francisco e/ou Alameda de S. Dâmaso	Carvalhas de S. Francisco
Rua Mestre Caçoila; Alameda S. Dâmaso; Rua de Couros	Rua Mosqueira
Imediações da Zona de Couros	Rua da Cancela
<p><u>Nota 1:</u> Os arruamentos que se enquadram na coluna “Topónimo Passado” (coluna da direita) apresentam-se, sempre que possível, por ordem cronológica (verticalmente), respetivamente, do mais antigo para o mais recente.</p> <p><u>Nota 2:</u> Em alguns locais, incluem-se também arruamentos que aí se enquadriam, ainda que numa configuração diferente do espaço.</p> <p>*Topónimo popular.</p>	

## 9. Referências Bibliográficas

### 9.1. Fontes

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, (1678). C-1403, fl.284 *Tombo dos Prazos da Vila*.

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, (1863). 8-3-3-1, *Planta da Cidade de Guimarães de autoria de Manoel d'Almeida Ribeiro, 1863*.

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, (1901). 10-10-6-18, *Livro de atas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães*. Ata de 9 de janeiro de 1901.

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, (1923-1925). FL 351 ALA, *Planta do Projeto Geral de Melhoramentos, 1923-1925*.

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, (1943). M-1899, *Livro de atas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães*. Ata de 10 de dezembro de 1943.

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, (1943). M-1899, *Livro de atas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães*. Ata de 14 de dezembro de 1943.

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, (1950). M-1904, fl.145 v., 146 v *Livro de atas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães*. Ata de 17 de abril de 1950.

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, (1962). M-1922, fl.177 v. *Livro de atas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães*. Ata de 17 de julho de 1962,

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, (s.d). C-932, fl.149 v. *Instrumento de outorga e consentimento*.

Câmara Municipal de Guimarães, (2006). *Planta de Guimarães Sec. XVII*. Mário Cardoso,1932.

Câmara Municipal de Guimarães, (2009). *Atas de reuniões da Câmara Municipal de Guimarães*. N° 17, Ata de 23 de julho de 2009. Obtido em novembro de 2019, de [https://www.cm-guimaraes.pt/cmguimaraes/uploads/document/file/14074/ata\\_q\\_n\\_o\\_17\\_\\_\\_de\\_23\\_de\\_julho\\_de\\_2009.pdf](https://www.cm-guimaraes.pt/cmguimaraes/uploads/document/file/14074/ata_q_n_o_17___de_23_de_julho_de_2009.pdf)

Câmara Municipal de Guimarães, (2014). *Atas de reuniões da Câmara Municipal de Guimarães*. N°8, Ata de 17 de abril de 2014. Obtido em janeiro de 2020, de [https://www.cm-guimaraes.pt/cmguimaraes/uploads/document/file/14201/ata\\_h\\_n\\_o\\_8\\_\\_\\_reuniao\\_ordinaria\\_de\\_17\\_de\\_abril\\_de\\_2014.pdf](https://www.cm-guimaraes.pt/cmguimaraes/uploads/document/file/14201/ata_h_n_o_8___reuniao_ordinaria_de_17_de_abril_de_2014.pdf)

Correios e Telecomunicações de Portugal, (s.d). *Base de dados dos CTT*. Obtido em setembro de 2020, de [https://www.ctt.pt/fecas/login?service=https%3A%2F%2Fwww.ctt.pt%2Ffeapl\\_2%2Fj\\_spring\\_cas\\_security\\_check.jspx](https://www.ctt.pt/fecas/login?service=https%3A%2F%2Fwww.ctt.pt%2Ffeapl_2%2Fj_spring_cas_security_check.jspx)

### 9.2. Bibliografia

Azevedo, P. T. (1692). *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* (2° ed.). Porto: Typographia da Revista.

Bastos, M. (outubro de 2012). Um percurso pelas muralhas de Guimarães.

Braga, A. V. (1939). Curiosidades de Guimarães. VI Feiras e Mercados. *Revista de Guimarães*(49), pp. 136-177.

- Braga, A. V. (1959). Curiosidades de Guimarães. XVIII Ruas. Casa. Muralhas. Torres. Obras. Décimas camarárias. Direitos paroquiais. . *Revista de Guimarães*, pp. 161-302.
- Caldas, P. A. (1881). *Guimarães: Apontamentos para a sua história*. Porto: Typographia de A.J. Da Silva Teixeira.
- Câmara Municipal de Guimarães, (Ed.). (1985). *Guimarães- Do Passado e do Presente*.
- Carvalho, A. D. (1946). *Os Mesteres de Guimarães*. Ministério da Educação Nacional. VI.
- Chaves, L. (1952). Estudos de Toponímia Portuguesa. Influência Militar na Formação de Topónimos. *Revista de Guimarães*(62), p. 185.
- Chaves, L. (julho-dezembro de 1957). Toponímia numérica (real e aparente) ou numeração toponímica. *Revista de Guimarães* (67), pp. 461-498.
- Conedera, M., Vassere, S., Neff, C., Meurer, M., & Krebs, P. (2007). Using Toponymy to Reconstruct Past Land Use: a Case Study of 'Brusáda' (burn) in Southern Switzerland. *Journal of Historical Geography* (33), 729-748.
- Costa, A. C. (1868). Corografia portuguesa, e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal (...). // (2). Braga.
- Costa, P. d. (s.d.). Povoamento e Colonização do Território Vimaranense nos séculos IX a XI.
- Costa, T. (jul-dez de 2016). Hereditas. (P. Pinto, Ed., & F. Araújo, Trad.) *Guimarães-Cidade Visível* (3), pp. 70-77.
- Craesbeeck, F. X. (1992). *Memórias Ressuscitadas da província de Entre Douro e Minho do ano de 1726* (1º ed.). Ponte de Lima: Edições Carvalho de Basto, Lda.
- Faria, J. L. (jan-dez. de 1997). Vereações de Guimarães de 1531. *Revista de Guimarães*(107), pp. 13-166. Obtido em março de 2020
- Ferrão, P. A., & Afonso, D. J. (s.d.). *A Evolução da Forma Urbana de Guimarães e a Criação do Seu Património Edificado*.
- Ferreira, D. (2012). *Toponímia Vimaranense* (1ª ed.). Guimarães: Cidade Berço.
- Ferreira, M. d. (1987,1988). *Uma Rua de elite na Guimarães Medieval (1376-1520)*.
- Ferreira, M. d. (2010). *Guimarães: "Duas vilas, um só povo". Estudo de história urbana (1250-1389)*. Braga: Barbosa & Xavier, LDA.-Artes Gráficas.
- Fonseca, J. (2006). *Dicionário do Nome das Terras*. Barcelos: Círculo de Leitores.
- Light, D., & Young, C. (2014). Toponymy as Commodity: Exploring the Economic Dimensions of Urban Place Names. *International Journal of Urban and Regional Research*, 435-450. doi:10.1111/1468-2427.12153
- Meyra, J. M. (1907). O Concelho de Guimarães. *Estudo de Demographia e Nosographia*. Porto.
- Moura, L. (17 de abril de 2020). Conversa informal- Rua da Ramada. (R. Pereira, Entrevistador)
- Pina, L. J. (1929). *Vimaranes*. Porto: ARAÚJO & SOBRINHO, SUC.RES.
- Vasconcelos, J. L. (1986). *Tradições Populares de Portugal*. Imprensa nacional casa da moeda.

### 9.3. Webgrafia

- Acessible Portugal, (2017). *Turismo Acessível*. Obtido em fevereiro de 2020, de accessibleportugal: <http://accessibleportugal.com/turismo-acessivel/>
- Amaral, P. F. (31 de maio de 2020). *Os presos no Castelo de Guimarães, as suas condições e quem tomava conta deles*. Obtido em junho de 2020, de Correio de Guimarães: <https://correiodeguimaraes.blogspot.com/2020/05/os-presos-no-castelo-de-guimaraes-as.html>
- Amaral, P. F. (7 de junho de 2020). *O desertor enforcado no Toural em Guimarães*. Obtido em junho de 2020, de Correio de Guimarães: <https://correiodeguimaraes.blogspot.com/2020/06/o-desertor-enforcado-no-toural-em.html>
- Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, (1988). *Teixeira Caçoila*. Obtido em abril de 2020, de archeevo: <https://archeevo.amap.pt/details?id=157518>
- Assembleia da República, (12 de setembro de 2013). Lei n.º 75/2013. *Diário da República, 1.ª série(176)*. Obtido de [http://www.cm-sesimbra.pt/ruascomhistoria/wp-content/uploads/2015/04/Lei75\\_2013.pdf](http://www.cm-sesimbra.pt/ruascomhistoria/wp-content/uploads/2015/04/Lei75_2013.pdf)
- Assembleia da República, (s.d.). *D.João IV (1604-1656)*. Obtido em fevereiro de 2020, de Assembleia da República: <https://www.parlamento.pt/VisitaParlamento/Paginas/BiogDJoaoIV.aspx>
- Basto, S. (2009). *Casa dos Navarros de Andrade/ Arquivo Municipal Alfredo Pimenta*. Obtido em fevereiro de 2020, de Sistema de Informação para o Património Arquitetónico: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=27391](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27391)
- Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, (2020). *Comissão Municipal de Toponímia*. Obtido em março de 2020, de Angra do Heroísmo | Câmara Municipal: <https://angradoheroismo.pt/comissao-municipal-de-toponimia/>
- Câmara Municipal de Guimarães, (20 de outubro de 2014). *Exposição no Arquivo Municipal recorda presidentes da Câmara de Guimarães na 1ª República*. Obtido em fevereiro de 2020, de Município de Guimarães: [https://www.cm-guimaraes.pt/pages/1449?news\\_id=1833](https://www.cm-guimaraes.pt/pages/1449?news_id=1833)
- Câmara Municipal de Guimarães-Turismo, (fevereiro de 2020). *Operador Turístico*. Obtido de Guimarães Turismo: <https://www.guimaraesturismo.com/pages/169>
- Câmara Municipal de Guimarães-Turismo, (fevereiro de 2020). *Palácio e Centro Cultural Vila Flor*. Obtido de Guimarães Turismo: [https://www.guimaraesturismo.com/pages/153?geo\\_article\\_id=115](https://www.guimaraesturismo.com/pages/153?geo_article_id=115)
- Câmara Municipal de Guimarães-Turismo, (s.d.). *"O Artefacto"-Guimarães Outdoor Mystery*. Obtido em fevereiro de 2020, de Guimarães Turismo: [https://www.guimaraesturismo.com/pages/705?geo\\_article\\_id=4463](https://www.guimaraesturismo.com/pages/705?geo_article_id=4463)
- Câmara Municipal de Guimarães-Turismo, (s.d.). *Guimarães Turismo*. Obtido em maio de 2020, de Guimarães Turismo: <https://www.guimaraesturismo.com/>
- Câmara Municipal de Guimarães-Turismo, (s.d.). *Igreja S.Francisco*. Obtido em fevereiro de 2020, de Guimarães Turismo: [https://www.guimaraesturismo.com/pages/153?geo\\_article\\_id=113](https://www.guimaraesturismo.com/pages/153?geo_article_id=113)
- Câmara Municipal de Guimarães-Turismo, (s.d.). *Rota da Citânia-pr2*. Obtido em fevereiro de 2020, de Guimarães Turismo: [https://www.guimaraesturismo.com/pages/209?geo\\_article\\_id=388](https://www.guimaraesturismo.com/pages/209?geo_article_id=388)

- Câmara Municipal de Guimarães-Turismo, (s.d.). *Rota da Penha-pr3*. Obtido em fevereiro de 2020, de Guimarães Turismo: [https://www.guimaraesturismo.com/pages/209/?geo\\_article\\_id=389](https://www.guimaraesturismo.com/pages/209/?geo_article_id=389)
- Câmara Municipal de Guimarães-Turismo, (s.d.). *Rota de São Torcato-pr1*. Obtido em fevereiro de 2020, de Guimarães Turismo: [https://www.guimaraesturismo.com/pages/209?geo\\_article\\_id=387](https://www.guimaraesturismo.com/pages/209?geo_article_id=387)
- Câmara Municipal de Guimarães-Turismo, (s.d.). *Roteiro Religioso do Centro Urbano*. Obtido em fevereiro de 2020, de Guimarães Turismo: [https://www.guimaraesturismo.com/pages/705?geo\\_article\\_id=1235](https://www.guimaraesturismo.com/pages/705?geo_article_id=1235)
- Câmara Municipal de Guimarães-Turismo, (s.d.). *Turismo Acessível*. Obtido em fevereiro de 2020, de Guimarães Turismo: <https://www.guimaraesturismo.com/pages/843>
- Câmara Municipal de Ílhavo, (20 de novembro de 2019). Ílhavo Câmara Municipal. *Projeto Municipal "Se esta rua fosse minha..." envolve a comunidade na descoberta do património toponímico*. Obtido em fevereiro de 2020, de [https://www.cm-ilhavo.pt/pages/388?news\\_id=3631](https://www.cm-ilhavo.pt/pages/388?news_id=3631)
- Câmara Municipal de Ponta Delgada, (2016). *Roteiro Toponímico*. Obtido em fevereiro de 2020, de Ponta Delgada-Câmara Municipal: <http://www.cm-pontadelgada.pt/p/toponimia>
- Câmara Municipal de Sesimbra, (s.d.). *Regulamento Municipal de Toponímia e Numeração de Polícia*. Obtido em maio de 2020, de Ruas com História: [http://www.cm-sesimbra.pt/ruascomhistoria/?page\\_id=179#natureza](http://www.cm-sesimbra.pt/ruascomhistoria/?page_id=179#natureza)
- Câmara Municipal do Peso da Régua, (s.d.). *Cartografia Digital*. Obtido em fevereiro de 2020, de Município do Peso da Régua: <https://www.cm-pesoregua.pt/pages/688>
- Centro Juvenil de São José, (2020). *100 anos de vida(s): Manuel Miranda*. Obtido em março de 2020, de Centro Juvenil de S.José: <http://www.cjsj.pt/100-anos-de-vidas-manuel-miranda/>
- Coelho, S. O. (12 de junho de 2014). Tudo o que precisa de saber sobre Santo António. *Observador*. Obtido de <https://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-santo-antonio/>
- Comemorações do 8º Centenário da Nacionalidade. (1940). Antena1. Obtido em fevereiro de 2020, de <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/comemoracoes-do-8o-centenario-da-nacionalidade/>
- Direção Geral do Património Cultural, (março de 2020). *Paços Municipais de Guimarães*. Obtido de Património Cultural- Direção Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70508>
- Fernandes, E. (2017). O Largo da Mumadona: história, desenho e evolução da sua importância na estrutura urbana de Guimarães. *2º Congresso Internacional AS CIDADES NA HISTÓRIA*. Guimarães. Obtido em julho de 2020, de [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/61002/1/EduardoF\\_Mumadona.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/61002/1/EduardoF_Mumadona.pdf)
- Fernandes, E. (s.d.). Encontrar o futuro na história. O Plano de Urbanização de Guimarães (Fernando Távora, 1982). LAB2PT, Escola de Arquitetura da Universidade do Minho. Obtido em abril de 2020, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/44243/1/EduardoF.pdf>
- Fernandes, M. G. (s.d.). Guimarães, Exemplo e Referência do Urbanismo Contemporâneo Português. GEDES e Departamento de Geografia da FLUP. Obtido em janeiro de 2020, de [http://www.apgeo.pt/files/docs/CD\\_V\\_Congresso\\_APG/web/\\_pdf/D13\\_15Out\\_Mario%20Fernandes.pdf](http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_V_Congresso_APG/web/_pdf/D13_15Out_Mario%20Fernandes.pdf)

- Fonseca, J. (s.d.). *Dicionário Toponímico de Montemor-o-Novo*. Obtido em fevereiro de 2020, de morbase: <https://montemorbase.com/noticia/dicionario-toponimico-de-montemor-o-novo/>
- Frazão, A. M. (fevereiro de 2000). O G.T.L. e o Planeamento Urbanístico do Concelho. Guimarães. Obtido em dezembro de 2020, de [https://www.cm-guimaraes.pt/uploads/writer\\_file/document/852/470423.pdf](https://www.cm-guimaraes.pt/uploads/writer_file/document/852/470423.pdf)
- Gomes, D., Carvalheiro, P., & Saraiva, S. (outubro de 2012). Roteiro Toponímico. Câmara Municipal da Marinha Grande. Obtido de [https://www.cm-mgrande.pt/cmmgrande/uploads/writer\\_file/document/429/RoteiroToponimico.pdf](https://www.cm-mgrande.pt/cmmgrande/uploads/writer_file/document/429/RoteiroToponimico.pdf)
- Gonçalves, J., & Basto, S. (2004-2010). *Oficinas e Fornos de Olaria de Cruz de Pedra*. Obtido em fevereiro de 2020, de Sistema de Informação para o Património Arquitetónico: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=21320](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21320)
- Livraria Lello, (s.d.). *Egas Moniz: Uma História de Dignidade Imortalizada em Azulejos*. Obtido em fevereiro de 2020, de Porto by Livraria Lello: <http://portoby.livrarialello.pt/egas-moniz-historia-dignidade-imortalizada-azulejos/>
- Marques, F. (24 de outubro de 2011). Projecto Urbano do Tournal: Presente, Passado e Futuro – Guimarães. Covilhã. Obtido em fevereiro de 2020, de <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2255>
- Meireles, M. J. (2000). *O Património Urbano de Guimarães no Contexto da Idade Contemporânea (Séc. XIX-XX)- Permanências e alterações*. Braga: Universidade do Minho. Obtido em novembro de 2019, de [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9012/1/Disserta%3a7%3a3o\\_Maria\\_Jos%3a9\\_Queir%3ab3s\\_Meireles.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9012/1/Disserta%3a7%3a3o_Maria_Jos%3a9_Queir%3ab3s_Meireles.pdf)
- Morais, M. A. (s.d.). Toponímia. Obtido em novembro de 2019, de [https://www.cm-guimaraes.pt/cmguimaraes/uploads/writer\\_file/document/857/470425.pdf](https://www.cm-guimaraes.pt/cmguimaraes/uploads/writer_file/document/857/470425.pdf)
- Município de Cabeceiras de Basto, (2020). *Comissão Municipal de Toponímia*. Obtido em março de 2020, de Município de Cabeceiras de Basto: <https://cabeceirasdebasto.pt/menu-municipios-conselhos-comissoes-comissao-municipal-de-toponimia>
- Município do Sabugal, (s.d.). *Alfaiates*. Obtido em junho de 2020, de Município do Sabugal: <https://www.cm-sabugal.pt/concelho-do-sabugal/turismo-cultura-lazer/o-que-fazer/patrimonio/rota-dos-5-castelos/alfaiates/>
- Museu de Lisboa, (2016). *São Crispim e São Crispiniano*. Obtido em março de 2020, de Museu de Lisboa: <http://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/sao-crispim-e-sao-crispiniano.html>
- Neto, M. J. (2011). *A Toponímia da Cidade da Guarda e a Construção da Memória Pública no Século XX*. Lisboa: Universidade Aberta. Obtido em novembro de 2019, de <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2085>
- Neves, A. A. (10 de abril de 2016). *Donães: o renascer de uma praça*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2016/04/donaes-o-renascer-de-uma-praca.html>
- Neves, A. A. (12 de maio de 2016). *Guimarães e o seu Campo da Feira em 1864*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2016/05/guimaraes-e-o-seu-campo-da-feira-em-1864.html>

- Neves, A. A. (15 de dezembro de 2007). *Do Toural: 2. Das Fontes e dos Monumentos*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2007/12/do-toural-2-das-fontes-e-dos-monumentos.html>
- Neves, A. A. (15 de julho de 2013). *Efeméride do dia: Proezas do Frade Quatro-Olhos*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2013/07/efemeride-do-dia-proezas-do-frade.html>
- Neves, A. A. (15 de outubro de 2007). *Das Ruas e Praças de Guimarães*. Obtido em novembro de 2019, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2007/10/das-ruas-e-praas-de-guimares.html>
- Neves, A. A. (16 de maio de 2016). *S.Francisco em 1866*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2016/05/s-francisco-em-1866.html>
- Neves, A. A. (2 de maio de 2017). *Ruas antigas: Rua de S.Francisco e Rua de Vila Verde ou dos 120*. Obtido em abril de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2017/05/ruas-antigas-rua-de-s-francisco-e-rua.html>
- Neves, A. A. (21 de abril de 2017). *Ruas Antigas: Rua do Relho ou de Vila Flor*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2017/04/ruas-antigas-rua-do-relho-ou-de-vila.html>
- Neves, A. A. (21 de maio de 2013). *Efeméride do dia: Afonso Henriques deixa o Toural*. Obtido em dezembro de 2019, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2013/05/efemeride-do-dia-afonso-henriques-deixa.html>
- Neves, A. A. (23 de abril de 2017). *Ruas Antigas: Couros, Guardal, Largo do Trovador*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2017/04/ruas-antigas-couros.html>
- Neves, A. A. (27 de março de 2013). *Quando Guimarães Ficou a Ver o Teatro a Arder*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2013/03/quando-guimaraes-ficou-ver-o-teatro.html>
- Neves, A. A. (3 de maio de 2017). *Ruas Antigas: a Ramada e a Carrapatoza*. Obtido em abril de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2017/05/ruas-antigas-ramada-e-carrapatoza.html>
- Neves, A. A. (3 de maio de 2017). *Ruas Antigas: A Ramada e a Carrapatoza*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2017/05/ruas-antigas-ramada-e-carrapatoza.html>
- Neves, A. A. (4 de maio de 2017). *Ruas Antigas: Rua de Soalhães*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2017/05/ruas-antigas-rua-de-soalhaes.html>
- Neves, A. A. (5 de dezembro de 2009). *A Planta de Guimarães de 1569*. Obtido em outubro de 2019, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2009/12/o-mapa-de-guimaraes-de-1569.html>
- Neves, A. A. (5 de junho de 2011). *Um largo com muitos nomes e nenhum (1)*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2011/06/um-largo-com-muitos-nomes-e-nenhum-1.html>

- Neves, A. A. (5 de maio de 2017). *Ruas Antigas: Rua dos Terceiros ou do Padre Gaspar Roriz*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2017/05/ruas-antigas-rua-dos-terceiros-ou-do.html>
- Neves, A. A. (7 de junho de 2011). *Um largo com muitos nomes e nenhum (2)*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2011/06/um-largo-com-muitos-nomes-e-nenhum-2.html>
- Neves, A. A. (7 de maio de 2017). *Ruas Antigas: Avenida Nova do Comércio, Cândido dos Reis, Afonso Henriques (1)*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2017/05/ruas-antigas-avenida-nova-do-comercio.html>
- Neves, A. A. (7 de maio de 2017). *Ruas Antigas: Avenida Nova, do Comércio, Cândido dos Reis, Afonso Henriques (1)*. Obtido em fevereiro de 2020, de memórias de araduca: <http://araduca.blogspot.com/2017/05/ruas-antigas-avenida-nova-do-comercio.html>
- Oliveira, C., & Costa, T. (2016). *Casa do Proposto e seus Jardins*. Obtido em março de 2020, de Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71068>
- Pinto, E. (8 de julho de 2015). Muralha deu a conhecer vestígios do património que protegeu Guimarães. *O Comércio de Guimarães*, 12. Obtido em janeiro de 2020, de <https://www.muralha.org/uploads/6/2/8/5/6285999/visitamurnot.pdf>
- Porto Editora, (2003-2020). *Arcela*. Obtido em junho de 2020, de infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/arcela>
- Porto Editora, (2003-2020). *Carrapato*. Obtido em abril de 2020, de infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/Carrapato>
- Porto Editora, (2003-2020). *Convento de S.Francisco (Guimarães)*. (Porto Editora) Obtido em fevereiro de 2020, de Infopédia: [https://www.infopedia.pt/\\$convento-de-s-francisco-guimaraes](https://www.infopedia.pt/$convento-de-s-francisco-guimaraes)
- Porto Editora, (2003-2020). *Egas Moniz, o Aio*. (Porto Editora) Obtido em fevereiro de 2020, de Infopédia: [https://www.infopedia.pt/\\$egas-moniz-o-aio](https://www.infopedia.pt/$egas-moniz-o-aio)
- Porto Editora, (2003-2020). *Estrebaria*. Obtido em março de 2020, de Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estrebarias>
- Porto Editora, (2003-2020). *Guardal/Toponímia*. Obtido em fevereiro de 2020, de infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/Guardal>
- Porto Editora, (2003-2020). *Montepio*. Obtido em abril de 2020, de infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/montepio>
- Porto Editora, (2003-2020). *Murta*. Obtido em março de 2020, de Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/murta>
- Porto Editora, (2003-2020). *Pértiga*. Obtido em junho de 2020, de infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/p%C3%A9rtiga>
- Porto Editora, (2003-2020). *Picoto*. Obtido em março de 2020, de Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/picoto>
- Porto Editora, (2003-2020). *Ramada*. Obtido em março de 2020, de Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ramada>

- Porto Editora, (2003-2021). *Miguel Bombarda*. Obtido em janeiro de 2021, de Infopédia: [https://www.infopedia.pt/\\$miguel-bombarda](https://www.infopedia.pt/$miguel-bombarda)
- Porto Editora, (3 de março de 2020). *Monarquia do Norte*. Obtido em março de 2020, de Infopédia: [https://www.infopedia.pt/\\$monarquia-do-norte](https://www.infopedia.pt/$monarquia-do-norte)
- Porto Editora, (s.d.). *Cândido dos Reis*. Obtido em janeiro de 2021, de Infopédia: [https://www.infopedia.pt/\\$candido-dos-reis](https://www.infopedia.pt/$candido-dos-reis)
- Priberam Dicionário, (2020). *Correio*. Obtido em março de 2020, de priberam: <https://dicionario.priberam.org/correios>
- Priberam Dicionário, (2020). *Vala*. Obtido em fevereiro de 2020, de priberam dicionário: <https://dicionario.priberam.org/vala>
- Reimaginar. (1903-1911). *Arquivo > Coleção de Fotografia da Muralha > 303*. Obtido em março de 2020, de reimaginar: <http://reimaginar.webprodz.com/imagem/pt-rmgmr-cfm-303/>
- Rocha, C. (25 de março de 2011). *A Origem do nome da Rua Val de Donas (Guimarães)*. Obtido em fevereiro de 2020, de Ciberdúvidas da Língua Portuguesa: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-do-nome-da-rua-val-de-donas-guimaraes/29565>
- Rocha, R. P. (21 de abril de 2018). De Cunhal a Salazar. Há ideologia nos nomes das ruas de Portugal (e muito mais). *Observador*. Obtido em outubro de 2020, de <https://observador.pt/especiais/de-cunhal-a-salazar-ha-ideologia-nos-nomes-das-ruas-de-portugal-e-muito-mais/>
- Santos, J., & Dinis, A. (1998). *Rua de D.João I*. Obtido em janeiro de 2020, de Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5870](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5870)
- Silva, S. (25 de fevereiro de 2010). Casa recuperada por Távora está há mais de dois anos abandonada em Guimarães. *Público*. Obtido em abril de 2020, de <https://www.publico.pt/2010/02/25/jornal/casa-recuperada-por-tavora-esta-ha-mais-de-dois-anos-abandonada-em-guimaraes-18872671>
- Silva, S. (7 de março de 2010). Daqui Nasceu a Guimarães Contemporânea Reabilitação. *Público*. Obtido em abril de 2020, de <https://www.publico.pt/2010/03/07/jornal/daqui-nasceu-a-guimaraes-contemporaneareabilitacao-18924126>
- Tours&Tales. (2018). *The Golden Chain of John I*. Obtido em maio de 2020, de Tours&Tales: [http://toursandtales.pt/portfolio\\_item/nobis-eleifend-option-cong/](http://toursandtales.pt/portfolio_item/nobis-eleifend-option-cong/)
- União de Freguesias de Oliveira, São Paio e São Sebastião, (3 de dezembro de 2016). *Viel do Campo Santo*. Câmara Municipal de Guimarães, Guimarães. Obtido em dezembro de 2019, de <http://ufcidadeguimaraes.com/wp-content/uploads/2017/06/15-VIELA-DO-CAMPO-SANTO.pdf>
- United Nations Group of Experts on Geographical Names, (2012-2017). *Toponymy Training Manual*. Department of Economic and Social Affairs. Obtido em outubro de 2020, de <https://unstats.un.org/unsd/ungegn/pubs/documents/Training%20Manual.pdf>
- Universidade do Porto. (6 de janeiro de 2016). *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Fernando Távora*. Obtido em abril de 2020, de U.Porto: [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigos%20estudantes%20ilustr es%20-%20fernando%20t%c3%a1vora](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustr es%20-%20fernando%20t%c3%a1vora)